

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

Luiza Fernandes Ferreira

**(Bem) Vindo a São Paulo: narrativas de migrantes
incluídos marginalmente e a criação de astúcias ao
enfrentar a situação de pobreza**

São Paulo

2013

Luiza Fernandes Ferreira

**(Bem) Vindo a São Paulo: narrativas de migrantes
incluídos marginalmente e a criação de astúcias ao
enfrentar a situação de pobreza**

(Versão Corrigida)

*Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo como
parte dos requisitos para obtenção do título de
mestre em Psicologia.*

Área de concentração: Psicologia Social

Orientadora: Leny Sato

São Paulo

2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Ferreira, Luiza Fernandes.

(Bem) Vindo a São Paulo: narrativas de migrantes incluídos marginalmente e a criação de astúcias ao enfrentar a situação de pobreza. / Luiza Fernandes Ferreira; orientadora Leny Sato. -- São Paulo, 2013.

200 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia Social 2. Migração 3. Direitos 4. Trabalho 5. Redes Sociais 6. Narrativa I. Título.

HM251

FOLHA DE APROVAÇÃO

Luiza Fernandes Ferreira

(Bem) Vindo a São Paulo: narrativas de migrantes incluídos marginalmente e a criação de astúcias ao enfrentar a situação de pobreza

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____



Foto: Travessias, 2011. Luiza Fernandes Ferreira.

*O correr da vida embrulha tudo. A vida é
assim: esquenta e esfria, aperta e daí
afrouxa, sossega e depois desinquieta. O
que ela quer da gente é coragem...*

Guimarães Rosa



Dedico este estudo aos meus amados avós maternos: Rafaela Menti Fernandes (Vó "Pepela") e Aristides Fernandes (Vô "Tio Arristides"), que, desde que eu era pequena, trouxeram um "gostinho de roça" para a minha vida em São Paulo. Hoje, com muita saudade, guardo todas as preciosas histórias que me contaram e que rechearam de vida a minha infância na "cidade grande".

Minha gratidão

Aos participantes deste estudo: Leandro, Maria Nascimento, Nilda, Dora e Valdívio, que abriram as portas de suas vidas e de suas casas para que eu pudesse entrar e que, agora, compartilham suas histórias nas páginas desta dissertação. Agradeço pelos preciosos momentos que passamos juntos, por todos os ensinamentos e por terem construído este estudo junto comigo. Suas histórias passaram a ser minhas histórias também. Em especial, agradeço à minha amiga Maria Nascimento, que me acompanhou de perto em tantos passos desta pesquisa, ajudando a construir suas direções e sentidos: sou muito grata por nossos caminhos terem se cruzado novamente, graças a este estudo.

À minha tão querida orientadora e "mãe acadêmica" Leny Sato, por ser um exemplo para mim, tanto profissional, como pessoal. Agradeço muito pela oportunidade de ter convivido com você, de maneira tão próxima, durante estes anos do Mestrado; por todo o carinho e paciência que sempre teve comigo; pelas reuniões de orientação tão cheias de ensinamentos, risadas e "*Chega!*"; por sempre ter respeitado o meu ritmo; por ter me dado autonomia e confiança durante a realização desta pesquisa, sempre guiando de perto os meus caminhos; por ter me ensinado as magias de ser pesquisadora: na verdade, tudo o que me ensinou durante este período não caberia em algumas linhas desta dissertação. Enfim, agradeço por ter aprendido tanto com a sua simplicidade e com o seu jeito de ver o mundo.

À professora Sylvia Leser de Mello, pelas ricas contribuições que deu a este estudo durante o Exame de Qualificação e que tanto me ajudaram a decidir por quais caminhos seguir. Agradeço também pelos seus impecáveis estudos em Psicologia Social, que serviram de base para esta pesquisa e que são grandes inspirações para mim.

Ao professor Heinz Dieter Heidemann, por toda a hospitalidade com que me recebeu em sua disciplina na Geografia, por ter aberto meus olhos para tantas questões referentes à migração, que eu nunca havia pensado antes, pelos mágicos "passeios" pelo centro de São Paulo e por ter me apresentado o CEM (Centro de Estudos Migratórios). Agradeço também pela leitura tão cuidadosa que fez do meu texto de Qualificação e pelos comentários, que foram essenciais para o desenvolvimento deste estudo.

À Tatiana Freitas Stockler das Neves, minha querida Tati, por ser uma das pessoas que mais admiro nesse mundo. Agradeço muito por todos estes anos de convivência, por todas as conversas, as risadas e por todo carinho que sempre teve comigo. Você sempre foi uma inspiração para mim e foi com você que aprendi, na graduação, alguns dos ensinamentos mais fundamentais que carrego comigo. Agradeço também por ter lido partes desta dissertação de forma tão cuidadosa e por ter me ajudado tanto no desenvolvimento dessa pesquisa, desde que ela era apenas uma idéia. Agradeço, enfim, por você ser uma das pessoas que me fazem ter mais esperança no mundo, só pelo fato de saber que você existe nele.

Aos queridos Maria Gertrudes Vasconcellos Eisenlohr (Gê) e Luis Fernando de Oliveira Saraiva (Lu), pela parceria desde 2009: vocês são as raízes deste estudo, pois possibilitaram, através do meu estágio no CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), que o tema desta pesquisa entrasse na minha vida. À Gê, agradeço por ter me deixado livre para criar um projeto que fizesse tanto sentido para mim, pelas longas e reveladoras conversas sobre o estágio no CRAS, pelas palavras de carinho e pelos afetuosos abraços nos momentos que mais precisei durante esta travessia do Mestrado e por sempre confiar em mim. Ao Luis, agradeço por ter me guiado de forma impecável durante o estágio no CRAS, pelas longas discussões que tínhamos a respeito deste serviço e pelas deliciosas risadas que sempre trocamos.

Ao grupo de orientação: Cris Andrada, Lia Vainer, Maria Coutinho, Juliana Nóbrega, Sérgio Paes, Júlia Dorigo, Maristela Pereira, Natália Alves, Beatriz Diniz, Martha Garcés, Juliana Braz e Andréia Garbin. Agradeço por todas as ricas reuniões que tivemos juntos, pelas contribuições que deram a este estudo, pelas risadas e pelo vínculo tão especial que criamos uns com os outros. Enfim,

agradeço por todas as trocas tão preciosas que tivemos durante estes dois anos e que me ensinaram muito. Sentirei muita falta destes nossos encontros.

Às tão presentes secretárias do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho (PST), Nalvinha e Rô, por todas as orientações nos momentos de desespero, pela paciência com tantas dúvidas que tive durante estes dois anos e por sempre me receberem com calorosos sorrisos e abraços.

À CAPES por ter contribuído para que eu pudesse me dedicar com exclusividade a esta pesquisa nesses últimos anos.

Às minhas amigas Kátia Yamamoto (Katinha), Aline Araújo (Lindinha) e Isabella Bertelli (Isa), por serem irmãs que a vida me deu de presente. Agradeço muito por ter conhecido todas vocês, que foram os maiores tesouros que ganhei na faculdade. A certeza de que estaremos sempre juntas é uma das grandes seguranças da minha vida. Agradeço por sempre acreditarem em mim, por me apoiarem em todos os meus projetos, por construírem eles comigo e por serem minhas companheiras de vida. Agradeço também por toda a força que me deram durante o Mestrado, principalmente neste finalzinho doloroso de escrita da dissertação. Obrigada pela paciência com os meus "altos e baixos" e também pela compreensão da minha ausência. À Katinha e à Lindinha, agradeço muito por terem feito a revisão do meu texto e por toda a ajuda que me deram na escrita. Em especial, agradeço à Katinha que foi quem me inspirou a entrar para o Mestrado e que sempre acreditou mais em mim do que eu mesma acredito: os laços que nos unem foram tecidos antes mesmo dos nossos nascimentos e você é a melhor coincidência que já aconteceu na minha vida.

Aos meus amados pais, Regina e Walter, por sempre terem apoiado todos os meus projetos desde que eu era pequena: dos meus desenhos rabiscados - que guardam até hoje - até esta dissertação de Mestrado. Sou eternamente grata por terem me ensinado tudo o que tem de mais essencial: a ter respeito pela vida, a ter encanto pelo mundo, a ver magia nas pessoas, a ter sempre esperança. À minha mãe, agradeço por toda a paciência que teve comigo durante este período de pós-graduação, por ter agüentado conviver com a minha falta de horário, com a minha ausência, com os meus altos e baixos durante a escrita e por, mesmo assim, nunca desistir de me chamar para almoçar, por escutar minhas inseguranças e por ter lido partes deste trabalho. Ao meu pai, agradeço por sempre se interessar pelo o que estou estudando, pelas longas conversas sobre os livros e textos que eu estava lendo, pela leitura cuidadosa que fez de partes deste trabalho, pelos bilhetes que me escrevia sobre o que tinha achado do meu texto, pela busca de dicas de como quebrar o meu "bloqueio criativo" durante a escrita e por sempre acreditar em mim.

À minha querida irmã, Isadora, por ser minha companheira de vida e por sempre estar por perto, mesmo a quilômetros e mais quilômetros de distância. Agradeço por compreender a minha ausência nestes últimos meses, por se preocupar comigo, por sempre acreditar em mim e pelas valiosas dicas que me deu durante o desenvolvimento desta pesquisa - nunca vou esquecer a associação que você fez entre o Picasso pintando quadros e o ato de escrever. Agradeço, enfim, por ser uma das grandes certezas da minha vida.

Aos meus amados avós maternos, Rafaela e Aristides, a quem dedico este estudo, por todo o amor que sempre me dedicaram. Agradeço todos os dias pela oportunidade que tive de conviver com vocês desde minha infância e por terem me ensinado algumas das lições mais preciosas que carrego comigo. Ao escrever este estudo, vocês estavam constantemente comigo: em meus pensamentos, no porta retrato que deixei ao lado do computador enquanto escrevia esta dissertação e também na foto do meu fundo de tela. Vocês foram a minha inspiração e a minha força quando eu mais precisei.

À minha amada avó paterna, Hilda, por ter migrado do Uruguai para o Brasil, aos 19 anos de idade, para casar com o meu avô Walter e, assim, ter possibilitado que eu existisse. Agradeço por todas as histórias que sempre me contou desde criança sobre a sua vida em Montevideú, sobre a sua mudança para o Brasil, sobre a sua vida com o Vô, que infelizmente não tive a oportunidade de conviver por muito tempo, mas que vive em mim através destas histórias. Agradeço por todo o amor e

carinho com que sempre me tratou, por sempre se preocupar comigo, por vibrar com as minhas conquistas e por me consolar quando estou triste. Agradeço também por ter rezado tanto para que eu conseguisse acabar esta dissertação.

Aos meus amados tios e tias maternos: Dinda, Dindo, Ti Nenê, Tio Fote e Tio Petito por terem me criado com tanto carinho desde que eu era pequena e por terem me ensinado a beleza da simplicidade. Foram vocês que, junto com a Vó e com o Vô, trouxeram um "gostinho de roça" para a minha vida em São Paulo e que estão em quase todas as lembranças que tenho da minha infância. Vocês todos são exemplos para mim! Agradeço também por terem compreendido a minha ausência nestes momentos finais de escrita da dissertação. Agradeço, em especial, à minha Dinda, minha segunda mãe, por todo o carinho e amor que sempre teve por mim, por tudo que me ensinou e por fazer meus olhos brilharem, desde que eu era criança, quando te vejo.

Aos meus amados tios paternos, Tia Rê e Tio Caco, por sempre terem apoiado todos os meus projetos, por acreditarem tanto em mim, por todo o amor e carinho que sempre tiveram comigo, por serem exemplos na minha vida, por serem como pais para mim. Agradeço também por terem trazido a minha prima, irmã e amiga, Jac, ao mundo, sem a qual eu não seria quem eu sou hoje. À Jac agradeço pelo amor incondicional que nos liga desde que você nasceu e por sempre estar ao meu lado quando eu mais preciso. Agradeço também por ter compreendido a minha ausência nestes últimos momentos de escrita desta dissertação.

À minha querida sogra, Conceição, por ter acompanhado de perto o desenvolvimento desta pesquisa e por ser quem possibilitou que ela existisse através das indicações dos dois primeiros participantes. Agradeço também por todo o carinho que sempre tem comigo, por sempre me apoiar e me dar conforto quando eu mais preciso e por todas as histórias que já me contou sobre a sua vida na "roça".

Ao meu noivo, Daniel, meu grande companheiro de vida, que me acompanhou de perto na realização desta pesquisa, sempre me apoiando e me fazendo acreditar que tudo daria certo. Não sei como te agradecer por toda a paciência que teve comigo, por ter me levado para trabalhar com você nos hospitais de manhãzinha pra eu ficar escrevendo na lanchonete, por ter me escutado falar sobre este estudo por vários meses, por ter aceitado que eu te "trocasse" pelo computador em alguns momentos, por ter acolhido todas as minhas tristezas e falta de esperança durante este percurso e por ter vibrado com as minhas conquistas. Agradeço também por existir alguém tão especial como você neste mundo e por você ter surgido na minha vida há tantos anos atrás e estar até hoje ao meu lado, compartilhando uma história comigo.

RESUMO

Ferreira, L. F. (Bem) Vindo a São Paulo: narrativas de migrantes incluídos marginalmente e a criação de astúcias ao enfrentar a situação de pobreza, 200p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Palavras chaves: Psicologia Social; Migração; Direitos; Trabalho; Redes Sociais; Narrativa.

Sob a ótica da Psicologia Social, esta pesquisa de mestrado compreende a migração como um fenômeno social, com fatores históricos e políticos a serem analisados. Assim, o estudo de alguns aspectos da formação social do Brasil e as transformações do mercado de trabalho desde o período colonial é central para se compreender os deslocamentos de parte da população. A busca por sobrevivência e melhores condições de vida levam contingentes populacionais a migrarem, o que, tantas vezes, culmina em mais pobreza, processos de desenraizamento, discriminações e à uma vida também precária na "*cidade grande*". Deste modo, aos migrantes "pobres", marginalizados socialmente, desprotegidos pelo Estado e privados de seus direitos, resta a luta pela sobrevivência e a criação de mecanismos de enfrentamento próprios. Partindo destas questões, o presente estudo tem como objetivo: descrever as razões atribuídas por migrantes incluídos marginalmente na cidade de São Paulo ao seu processo de migração e suas impressões acerca da vida nesta cidade; identificar as táticas cotidianas utilizadas por estes migrantes ao enfrentar a situação de pobreza; as redes sociais que procuram neste enfrentamento; e como os equipamentos públicos comparecem nessa busca. A pesquisa foi realizada a partir de *narrativas* sobre a história de vida de cinco migrantes que vivem em uma região periférica da Zona Sul da cidade de São Paulo. Estas narrativas foram analisadas como testemunhos de sujeitos que contam, além de sua própria história e de outros, aspectos da formação da cidade de São Paulo e da história social do nosso país. Todos os participantes nasceram em zonas rurais do Nordeste, onde viviam em situação de extrema pobreza, com falta de recursos, exploração de trabalho e privação de direitos. A vinda para São Paulo é vista, antes de migrarem, como um progresso, como uma chance de ascensão social por meio do trabalho e de poder conduzir a própria vida sem ser conduzido por ela. Porém, quando chegam, a realidade na nova cidade é outra e a situação de pobreza continua. Não há espaço nas casas, não há espaço para eles. Trabalhos, quando surgem, são, na maioria das vezes, em situação de precariedade, com salários insuficientes para viver na cidade, com dificuldades até de garantir os mínimos da sobrevivência. Há ausência do Estado na garantia mínima de direitos a essas pessoas tanto na "*roça*", quanto na "*cidade grande*". Nas narrativas, muitas vezes, a pobreza aparece como um "fracasso pessoal", como um "defeito" do indivíduo, neutralizando, assim, os contextos históricos, sociais, políticos e econômicos de construção desta pobreza no Brasil. Sem ter seus direitos assegurados, estes migrantes precisam encontrar maneiras de "*se virar*" na cidade para tentar garantir algumas condições básicas de vida e, quem sabe, alguns destes direitos. Assim, inventam táticas astuciosas para enfrentar a situação de pobreza, sendo uma delas a busca por redes sociais de apoio. Os equipamentos públicos quase não aparecem nestas procuras por redes sociais. As rendas oriundas de alguns programas governamentais, quando existem, são pouco divulgadas, exigindo que enfrentem grandes adversidades para conseguí-las. A visão imbuída de preconceitos sobre o migrante aponta uma passividade, que não foi possível observar no presente estudo: estão em luta constante, em um contexto de privação de condições mínimas de sobrevivência. Como, enfim, trazer estas "*lutas*" para a linguagem dos direitos? Como transformá-las em atos políticos?

ABSTRACT

Ferreira, L. F. (W)elcome to São Paulo: narratives of marginally included migrants and the creation of astuteness to face poverty, 200p. Master Thesis. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Palavras chaves: Social Psychology; Migration; Work; Rights; Social Networks; Narrative.

From the perspective of Social Psychology, this research comprises the migration as a social phenomenon, with historical and political factors to be analyzed. Thus, the study of some aspects of the social formation of Brazil and the transformations in the labour market since the colonial period is central to understanding the movements of part of the population. The quest for survival and better living conditions lead population quotas to migrate, often culminating in more poverty, processes of roots loss, discrimination and to an also precarious life in the “*big city*”. In this way, to the poor, socially marginalized migrants, unprotected by the State and deprived of their rights, remains the struggle for survival and the creation of self defense mechanisms. Based on these questions, the present study has as objective: to describe the reasons assigned for migrants marginally included in the city of São Paulo to their migration process and their impressions of life in this city; to identify the everyday tactics used by these migrants to address the situation of poverty; social networks to which they resort for this fight; and how the public facilities contribute in this quest. The survey was conducted from *narratives* about the life story of five migrants living in a peripheral region in the South Zone of the São Paulo city. These narratives were analyzed as testimonies of subjects that describe, in addition to its own history and of others, aspects of the formation of the city of São Paulo and the social history of our country. All participants were born in rural areas of the Northeast, where they lived in a situation of extreme poverty, with lack of resources, work exploitation and deprivation of rights. Coming to São Paulo is seen, before migrating, as progress, as a chance to social ascending through their work and the possibility of leading their lives without being driven by it. However, when they arrive, the reality in the new town is another and the situation of poverty continues. There is no space in the houses, there is no room for them. Jobs, whenever they come up, are, for the most part, precarious, with wages insufficient to live in the city, with difficulties to ensure the minimum of survival. There is absence of the State in a minimum of guarantees to the rights of these people both on the “*farm*” and in the “*big city*”. Quite often, in their narratives, poverty appears as a “personal failure”, as a “defect” of the individual, thus neutralizing the historical, social, political and economical contexts of the construction of this poverty in Brazil. Without having their rights assured, these migrants must find ways to “*get along*” in the city trying to ensure some basic living conditions and, who knows, some of these rights. Thus, they invent cunning tactics to address the situation of poverty, one being the search for social support networks. The public facilities almost do not appear in their description of their search for social support networks. Revenues from some government programs, when available, are poorly advertised, requiring them to face great adversity to attain those. The vision imbued with prejudices about the migrant indicates a passive attitude, that has not been possible to observe in this study: they are in a constant struggle, in a context of deprivation of minimum conditions for survival. How to bring these “struggles” to the language of rights? How to turn them into political acts?

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
-------------------	----

Capítulo I. COSTURANDO O TEMA

1.1 Lentes sobre o fenômeno: a <i>questão migratória</i> e a perspectiva da Psicologia Social.....	15
1.2 As <i>políticas migratórias</i> e a mobilização de trabalhadores na história do Brasil: alguns aspectos.	18
1.3 O "pobre" incivil: aspectos sobre pobreza, direitos e propriedade social no Brasil.....	27
1.3.1 Sobre direitos e propriedade social.....	31
1.3.2 A incivilidade instituída pelas leis.....	34
1.4 Apontamentos sobre as configurações atuais do mercado de trabalho e sobre inclusão marginal...	38
1.5 Entre a " <i>roça</i> " e a " <i>cidade grande</i> ": considerações sobre migrantes vivendo em São Paulo.....	42
1.6 Redes sociais: alguns aspectos.....	49
1.7 Apontamentos sobre a capacidade de começar e a <i>astúcia</i> para continuar.....	52

Capítulo II. O TRABALHO DE CAMPO

2.1 Por que <i>narrativas</i> ?.....	56
2.1.1 A arte de narrar: contando histórias no mundo da informação.....	56
2.1.2 O <i>quem</i> a partir das histórias e feitos.....	58
2.1.3 A narrativa para além do indivíduo: revelando coletividades.....	59
2.1.4 A utilização de narrativas no presente estudo.....	59
2.2 Posicionamento no campo.....	61
2.3 O caminho percorrido.....	63
2.3.1 A escolha da região periférica: Cidade Ademar.....	64
2.3.2 Preparando-se para o inesperado: com os pés na rua.....	65
2.3.3 Rede de indicações: ganhando novos parceiros de pesquisa.....	67
2.3.4 Busca pelas redes sociais de apoio: dando contorno à pesquisa.....	67
2.4 Encontros, narrativas e transcrições.....	68

Capítulo III. AS NARRATIVAS E SEUS NARRADORES

3.1 Novos amigos de viagem: as narrativas e seus narradores.....	74
3.2 Narrando as narrativas.....	76
3.3 Leandro.....	79
3.3.1 Entre Mata Grande (AL) e São Paulo: histórias de Leandro.....	81
3.4 Maria Nascimento.....	88
3.4.1 Entre Esperança (PB) e São Paulo: histórias de Maria.....	91

3.5 Nilda.....	106
3.5.1 Entre Crateús (CE) e São Paulo: histórias de Nilda.....	108
3.6 Dora.....	124
3.6.1 Entre Ibitiara (BA) e São Paulo: histórias de Dora.....	127
3.7 Valdívio.....	149
3.7.1 Entre Vitória da Conquista (BA) e São Paulo: histórias de Valdívio.....	151

Capítulo IV. O QUE SALTA AOS OLHOS

4.1 Entre a "roça" e a "cidade grande": diferentes imagens e vivências.....	163
4.1.1 "É Nordeste mesmo! Situação feia lá!".....	163
4.1.2 "Nossa, eu achava que era um paraíso!".....	166
4.1.3 "São Paulo é ilusão: você sofre demais!".....	169
4.1.4 Entre a "roça" e a "cidade grande": nem lá, nem cá.....	173
4.2 "Então, a minha vida foi só trabalhar!": a questão do trabalho.....	173
4.3 "Eu vou ter que me virar!": táticas e redes sociais.....	177

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	188
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	191
---------------------------------	-----

APÊNDICES

I. Roteiro de conversa.....	199
II. Carta de Apresentação.....	200
III. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	201

APRESENTAÇÃO

Durante meu último ano de graduação¹, em 2009, estagiei em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Taboão da Serra, município da Grande São Paulo. Foram os questionamentos produzidos por este estágio que levaram à construção do presente estudo.

Os CRAS são unidades públicas responsáveis pela oferta de serviços da Proteção Social Básica de Assistência Social e estão localizados em áreas de maior índice de vulnerabilidade social. Destinam-se às famílias, grupos e indivíduos em situação de vulnerabilidade, decorrente da pobreza, privação e/ou fragilização de vínculos relacionais e de pertencimento social e têm como objetivo:

[...] a prevenção de situações de risco social, através do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. (BRASIL, 2006, p. 5)

Acompanhando a rotina do CRAS, percebi que questões referentes ao trabalho e à sobrevivência estavam sempre presentes: era recorrente a preocupação, entre os usuários, com o que tinham no presente para se sustentar, pois só dessa maneira poderiam sobreviver, o que é algo esperado de se encontrar quando as necessidades de sobrevivência são tão urgentes. Pessoas lidando com imprevistos, com trajetórias passadas parecendo muito distantes, tendo o futuro como muito incerto. Estas questões apareciam, no CRAS, como demandas no plano individual, mas denunciavam um problema público, social.

Nesse contato com as pessoas que procuram este serviço, deparei-me também com o seguinte fato: a maior parte era composta por migrantes de segmentos pobres da população, vindos, principalmente, de zonas rurais do Nordeste e do Estado de Minas Gerais. Em busca da história de Taboão da Serra, descobro que, antes, este município se configurava como uma “cidade dormitório”, servindo de moradia para muitos migrantes que buscavam trabalhos em São Paulo.

Por quais razões aquelas pessoas haviam migrado para aquele município? O que esperavam encontrar em São Paulo e o que realmente encontraram? Tais questionamentos me levaram a pensar sobre o desenraizamento experienciado pelos migrantes, sobre suas formas de pertencimento social à cidade de São Paulo e sobre como o CRAS poderia ser um espaço para agir nessas questões. Tendo isto em vista, propus um grupo de conversa sobre migração com os usuários do CRAS.

¹ Graduação em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP/USP).

Durante tais atividades, foi possível perceber que havia algo em comum nas trajetórias de vida dos participantes, que ia de acordo com o que era esperado de se encontrar: a maioria havia se mudado para São Paulo em busca de trabalho, querendo “*melhorar de vida*”². Em determinada época, até conseguiram se empregar e sobreviver à “*cidade grande*”, mas com as mudanças no mercado de trabalho, São Paulo passou a ser uma “*ilusão*” para eles, pois acharam a vida aqui muito difícil. Migrantes que não foram incluídos integralmente pela “*cidade grande*”, tendo que se instalar em bairros periféricos.

Eram pessoas que tinham que inventar táticas³ diárias para garantir sua sobrevivência e de sua família. Nas histórias que contavam sobre sua mudança da “*roça*” para a “*cidade grande*”, ficava clara a luta cotidiana dessa população que tem seus direitos básicos negados e que, tantas vezes, é tida, socialmente, como acomodada, que não luta, que não quer trabalhar. E é somente participando do cotidiano dessas pessoas, conversando e convivendo com elas, que é possível comprovar a batalha que têm que travar diariamente para sobreviver, burlando regras impostas pelo lugar, pela cultura dominante.

A partir deste estágio, novos questionamentos surgiram: Como foi o processo de migração destes migrantes incluídos marginalmente na cidade de São Paulo? Quais as táticas cotidianas e as redes sociais que utilizaram e que utilizam para sobreviver e garantir alguns de seus direitos básicos? Como os equipamentos públicos, como por exemplo o CRAS, comparecem nessa busca pelo enfrentamento da situação de pobreza? E permanece o desafio: como fazer com que estas táticas utilizadas por estas pessoas na luta pela sobrevivência sejam reconhecidas como uma potência? Como estas lutas podem ser transformadas em lutas por direitos?

² As palavras entre aspas e em itálico são expressões utilizadas pelos participantes durante nossas conversas.

³ O conceito de “tática”, aqui utilizado, baseia-se no que foi desenvolvido por Certeau (2008) e que será apresentado mais adiante.

Capítulo I. COSTURANDO O TEMA

O presente estudo tem como objetivos principais:

- Descrever as razões atribuídas por migrantes incluídos marginalmente na cidade de São Paulo ao seu processo de migração e suas impressões acerca da vida nesta cidade;
- Identificar as táticas cotidianas por estes migrantes utilizadas no enfrentamento da situação de pobreza e as redes sociais que eles procuram neste enfrentamento e como os equipamentos públicos comparecem nessa busca.

Ao escrever este capítulo inicial, sentia constantemente que estava costurando pequenos retalhos que iam formando o pano de fundo do presente estudo: o pano, no caso, sendo uma colcha de retalhos. Retalhos, estes, que poderiam ter sido costurados de outras maneiras, em outras ordens, unindo-se também a outros retalhos, formando, assim, diferentes pontos de vista a respeito do tema deste estudo. Os retalhos aqui costurados são apontamentos sobre temas, conceitos e contextos amplos e complexos que são centrais na compreensão do fenômeno das migrações para São Paulo. Eles servem também como pano de fundo para a leitura das narrativas dos participantes desta pesquisa e como base para a análise destas narrativas.

1.1 Lentes sobre o fenômeno: a *questão migratória* e a Psicologia Social

As migrações são estudadas por muitas áreas do conhecimento, que partem de - e produzem - diferentes definições e discursos a respeito deste fenômeno, gerando formas distintas de analisá-lo, com diversas concepções, muitas vezes contraditórias, em relação aos problemas a serem enfrentados (VAINER, 1984; PÓVOA NETO, 1997). Segundo Póvoa Neto (1997), há, portanto, um campo de debate político e metodológico a respeito deste fenômeno, constituindo o que o autor nomeia de *questão migratória*. Assim, as migrações vão além do que simples deslocamentos de pessoas no espaço: há mais nestes movimentos do que o que conseguimos captar somente pelas informações vistas a "olho nu" (MELLO, 1994). Deste modo, diante da diversidade de perspectivas sobre este fenômeno, primeiramente, serão apresentadas algumas destas perspectivas, que constituem discursos sobre o migrante, para então apresentar a perspectiva da Psicologia Social, que será utilizada para embasar o presente estudo.

Em muitos discursos existentes sobre os processos migratórios, há uma naturalização destes deslocamentos. Em alguns deles, o ato de migrar é compreendido como algo pertencente à "essência" dos homens, como ocorre, por exemplo, na teoria das migrações desenvolvida por Sorre (1984). Para este autor, o homem seria o mais dotado de mobilidade entre os seres vivos e a causa da migração estaria na interação entre ele e a natureza. Assim, a "causa" dos deslocamentos estaria na "natureza" humana: "[...] *para o indivíduo e para o grupo, a permanência no habitat é a negação mesma de sua mobilidade.*" (SORRE, 1984, p. 130).

Em outros destes discursos, as condições ambientais é que são vistas como "causadoras" das migrações, como tantas explicações dadas às migrações internas no Brasil, que associam estes deslocamentos à seca nos locais de origem dos migrantes, em especial dos nordestinos (CAVALCANTI; GUILLEN, 2001). Estes indivíduos são vistos, nestas explicações, como "destinados" a migrar por conta de um ambiente que naturalmente os priva de possíveis formas de sobreviver: "[...] *a construção imaginária do tripé Nordeste/ seca/ migração [...] 'destina' ao homem nordestino a condição de migrante, pobre e flagelado.*" (GUILLEN, 2001, s.p.).

A associação entre a seca e as migrações não está presente somente em estudos acadêmicos, mas também em muitas produções da literatura regionalista e em canções e contos populares (GUILLEN, 2001), como pode ser visto na música "*Asa Branca*", de Luís Gonzaga e Humberto Teixeira. De acordo com Guillen (2001), algumas destas produções foram muito importantes, pois deram maior visibilidade ao migrante e às migrações, mas, muitas vezes, colocaram estes indivíduos como vítimas das condições ambientais, neutralizando tantos outros aspectos sociais e destituindo-os da condição de sujeito, também capaz de fazer escolhas: "*Migrar, portanto, tem sempre um sentido ambíguo – como uma imposição das condições econômicas e sociais ou ambientais – [...], mas também como uma escolha contra a miséria e a pobreza da vida no sertão.*" (GUILLEN, 2001, s.p.).

Já em outros discursos, somente estas escolhas são colocadas como o foco das migrações, partindo do princípio de que o migrante seria um portador de trabalho que escolhe migrar em busca de maior "investimento". Em termos gerais, o discurso ideológico propagado é o de que os indivíduos, atualmente, têm liberdade de escolher seu destino, uma vez que é dada a mesma oportunidade para todos. Assim, diferente de outras épocas, os indivíduos poderiam transitar entre as diferentes estratificações sociais. Sendo assim, tudo dependeria e seria responsabilidade dos indivíduos, que são, nessa perspectiva, colocados como idênticos,

sem pensar nos diferentes contextos sociais nos quais estão inseridos. Estes contextos são naturalizados, vistos como dados *a priori*. (PÓVOA NETO, 1997)

Desta forma, todos estes discursos apresentados anteriormente acabam neutralizando os importantes contextos históricos, sociais, econômicos e políticos por trás do fenômeno das migrações, colocando-o como algo "natural". Para Kurz (2005), a migração não é um processo capaz de ser explicado a partir de si mesmo: "*A migração, como a guerra, apenas pode ser explicada como fenômeno de um desenvolvimento social concreto.*" (KURZ, 2005, p. 25). Assim como o autor, no presente estudo, a migração será compreendida como um fenômeno social, como uma questão política, que parte de situações complexas da nossa sociedade.

A "lente" a partir da qual estudaremos este fenômeno é a da Psicologia Social, que seria, segundo Arackey Martins Rodrigues, a "psicologia do hífen", que se debruça sobre a ponte indivíduo-sociedade, compreendendo que não há um sem o outro (ANDRADA, 2011). Assim, nesta área de saber, não haveria como dedicar-se somente ao estudo do indivíduo isolado do meio, nem somente ao estudo dos processos sociais, sem os indivíduos que os fazem no dia-a-dia: ela vai encontrar o homem em situação, na cidade, no meio de outros homens, em sua situação intersubjetiva e histórico-cultural (GONÇALVES FILHO, 2004).

Partindo, então, da Psicologia Social, o fenômeno das migrações será aqui compreendido e estudado a partir de seu contexto macro-social – social, histórico, econômico, político e cultural - em intersecção com seu contexto micro-social – a partir das pessoas que vivem e constroem os processos macro-sociais no dia-a-dia, não sendo somente um produto destes processos, mas também produtoras. A migração foi estudada, portanto, a partir dos sujeitos em situação, vivendo na cidade de São Paulo.

Porém, compreender o contexto macro-social a partir da Psicologia Social e seu entrelaçamento com o contexto micro-social, evidenciado neste estudo por meio das narrativas dos participantes da pesquisa, implica em compreender o fenômeno em foco de modo amplo e complexo. A "situação" vivida pelos narradores não é estanque, é fruto de um processo de produção histórica, atravessado por questões sociais, econômicas, políticas. Há visões hegemônicas sobre o trabalho e o trabalhador, sobre o migrante, sobre a pobreza que afetam a noção de cidadania e, conseqüentemente, afetam a criação de modos de sobrevivência, de ações do Estado, entre outros aspectos, que passarão a ser apresentados de agora em diante.

1.2 As *políticas migratórias* e a mobilização de trabalhadores na história do Brasil: alguns aspectos

Para compreender as migrações para São Paulo e as origens das condições de existência nesta cidade, faz-se necessária, primeiramente, uma viagem pelo tempo para analisar como a "massa" de trabalhadores brasileiros foi se constituindo em partes da história do país. Desde o período colonial, os movimentos migratórios foram controlados pela mobilização (ou não) destes trabalhadores de acordo com os interesses do Estado e das classes dominantes, que ora os consideravam como dispensáveis e inúteis, ora como indispensáveis para o crescimento econômico brasileiro (KOWARICK, 1994; PÓVOA NETO, 1997). Segundo Vainer (2000), basta um olhar atento para a história do Brasil para evidenciar a constante intervenção estatal no processo de mobilização e localização territoriais do trabalho. Este controle sobre o trabalho e sobre os trabalhadores configura o campo das chamadas *políticas migratórias*⁴ (VAINER, 1984).

Neste sentido, Vainer (1984) discute a criação de políticas num modo de produção capitalista, que exige que os indivíduos sejam transformados em trabalhadores livres e expropriados, ou seja, que sejam livres de tudo, possuindo apenas sua força de trabalho para vender como uma mercadoria. Somente assim, os indivíduos, sem meios de manter sua subsistência, ficariam constrangidos a trabalhar para os outros e não para si mesmos, a serem disciplinados nas leis dos trabalhos assalariados: "*A formação de um mercado de mão-de-obra livre foi um longo e tortuoso percurso histórico, marcado, na maioria das vezes, por intensa coerção e violência.*" (KOWARICK, 1994, p. 12). No Brasil, que se configurou como uma "colônia de exploração", a constituição de um mercado de trabalhadores "livres" apresentou algumas peculiaridades, que foram analisadas por Lúcio Kowarick (1994).

Segundo Kowarick (1994), dentro da dinâmica do empreendimento colonial existente no país, que se estruturava na superexploração do trabalho, a tentativa de submeter a "massa" de indivíduos livres ao trabalho disciplinado era algo inviável, já que seria necessário oferecer muitas vantagens para que se afastassem da economia de subsistência na qual viviam. Assim, a utilização da mão-de-obra escrava, com a submissão forçada ao trabalho, era considerada mais vantajosa, criando uma rígida e dicotomizada ordem escravocrata:

⁴ "[...] constitui política migratória toda política que, de forma explícita e direta, gera avaliações, objetivos e práticas relativas à contenção, geração, estímulo, direcionamento, ordenamento e acompanhamento de deslocamentos espaciais de população." (VAINER, 2000, p. 30)

Isso fez com que, no percorrer dos séculos, se avolumasse uma massa de indivíduos de várias origens e matizes sociais que não se transformaram em força de trabalho, já que a produção disciplinada e regular era levada adiante por escravos. [...] No final do século XVIII, a população residente no Brasil atingia quase 3 milhões de habitantes, dos quais quase a metade era formada por livres e libertos: indivíduos de várias origens sociais, cujo traço comum residia na sua desclassificação em relação às necessidades da grande propriedade agroexportadora. Desclassificados porque a ordem escravocrata, concentrando e monopolizando os recursos econômicos, impediu o surgimento de alternativas que fixassem produtivamente essa crescente massa de desenraizados. [...] Tal era a situação dos negros libertos, brancos e índios, bem como dos grupos produzidos pela miscigenação dessas três raças, mulatos, cafuzos e mamelucos. (KOWARICK, 1994, p. 12-27)

Dessa maneira, o sistema agroexportador e escravocrata brasileiro impediu a formação de uma produção voltada para o mercado interno, impulsionando o crescimento econômico e capitalista das metrópoles européias. É um sistema: *"duplamente excludente, pois a um só tempo cria a senzala e gera um crescente número de livres e libertos, que se transforma nos desclassificados da sociedade."* (KOWARICK, 1994, p. 58). E para esta crescente população só restavam trabalhos ocasionais, à margem dos processos produtivos essenciais da sociedade, e as atividades de subsistência ou *"o perambular pelos campos e cidades sem destino certo"* (KOWARICK, 1994, p. 28). Uma população que se deslocava constantemente pelo país e que, eventualmente, prestava serviços às grandes propriedades.

Esta "massa" de homens e mulheres, sem lugar na excludente dicotomia senhor-escravo, era vista como desclassificada, dispensável para o funcionamento da sociedade da época e imprestável para o trabalho disciplinado e regular, sendo conhecidos sob a designação de "vadios" (KOWARICK, 1994). Mesmo com o fim do Pacto Colonial e com a Proclamação da Independência, o sistema senhorial-escravocrata continuou a vigorar e apenas uma parte desta população excedente passou a ter participação na economia do país, que estava um pouco mais dinâmica e diversificada. Porém, mesmo este contingente "privilegiado" não possuía nenhuma função econômica estável e continuava sob a imagem da "ralé" brasileira, impossível de ser "domesticada" (KOWARICK, 1994).

As relações degradantes de trabalho baseadas no cativeiro e a maneira como os senhores tratavam e superexploravam seus escravos também influenciavam a visão que os livres e libertos possuíam acerca do trabalho sistematizado, que não dignificava quem o executava, beneficiando unilateralmente seus senhores. Assim, de acordo com Kowarick (1994), o "desamor" ao trabalho disciplinado serviu como fundamento para a "ideologia da vadiagem" e esse segmento da população simultaneamente rejeitou e foi rejeitado pelos grandes proprietários de terras:

O ponto central era que as relações de produção baseadas no trabalho livre só poderiam ter se desenvolvido se ocorressem transformações no modo senhorial-escravista de dominação, cujas raízes culturais e políticas caracterizavam-se pela intolerância, em face da própria condição de liberdade de todos aqueles que não eram escravos nem senhores. [...] Os livres, na medida em que o cativo fosse o referencial do processo produtivo, só poderiam conceber o trabalhador organizado como a forma mais degradada de existência. [...] Marginalizados desde os tempos coloniais, os livres e libertos tendem a não passar pela "escola do trabalho", sendo freqüentemente transformados em itinerantes que vagueiam pelos campos e cidades, vistos pelos senhores como a encarnação de uma corja inútil que prefere a vagabundagem, o vício ou o crime à disciplina do trabalho. (KOWARICK, 1994, p. 42-43)

Com a introdução do café na economia brasileira, o centro dinâmico deixa de ser a economia açucareira do Nordeste e se desloca para o Centro-Sul, o que levou muitos dos livres e libertos a migrarem para esta região do país, assim como para São Paulo e para o Rio de Janeiro. Mas a expansão da economia do café acabou encontrando tantas vantagens no Brasil, que não exigiu uma modificação imediata das relações produtivas para se manter lucrativa e, assim, não houve a necessidade de mobilizar esta população livre ao trabalho disciplinado nas grandes fazendas, fazendo com que continuassem a viver à margem dos processos de produção. Mesmo com a proibição do tráfico negreiro, a região Centro-Sul continuou a aumentar seu estoque de escravos, comprando-os da região Nordeste. Com a migração interna de cativos para o Centro-Sul do país, a partir de 1850, os livres passaram a ser incorporados aos poucos à economia nordestina. (KOWARICK, 1994)

Em 1888, com a Abolição⁵, o Estado e os senhores de escravos das grandes propriedades, que a partir daquele momento foram transformados em "patrões", precisariam encontrar uma nova estratégia que substitua o trabalho cativo, sem que fosse necessário depender da tão desacreditada mão-de-obra dos livres e libertos, do chamado "elemento nacional" (KOWARICK, 1994; CAVALCANTI; GUILLEN, 2001). A questão central, como aponta Vainer (2000), era: como induzir o ex-escravo, agora liberto, a continuar trabalhando para seu antigo senhor? Como garantir braços para a lavoura? Para que isto fosse possível, de acordo com o autor, o Estado passa a criar leis aos recém-libertos: algumas exigindo que eles continuassem a trabalhar para seus antigos "donos" por mais algum tempo, outras não permitindo que eles saíssem da cidade durante alguns anos e outras não deixando que eles ficassem sem trabalhar, podendo ser considerados como "vadios" e, por isso, também

⁵ Lei n. 3353 - de 13 de maio de 1888, conhecida como Lei Áurea, declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/66274.html> >. Acesso em: 13 abr. 2013

podendo ser apreendidos pela polícia: "*O fato é que a abolição pretendia libertar os escravos da escravidão, mas não do trabalho para outrem.*" (VAINER, 2000, p. 16).

Mas a substituição do trabalho escravo não seria feita, principalmente, pelo trabalho dos libertos, e sim por um contingente de trabalhadores que o Estado brasileiro começava, então, a recrutar, transportar e selecionar: os trabalhadores livres e brancos da Europa (VAINER, 2000), que se encontravam empobrecidos em seus países de origem. Estes foram mobilizados para as regiões mais dinâmicas da economia cafeeira no país, como o estado São Paulo, onde a população livre e liberta continuava a desempenhar as atividades mais degradadas e mal remuneradas e ainda era vista como uma carga inútil para o trabalho disciplinado:

Por que, então, tentar subjugar o contingente livre e liberto, se era mais viável importar trabalhadores que já chegariam material e culturalmente expropriados, isto é, destituídos de recursos, instrumentos produtivos, sem acesso à terra e almejando "fazer a América"? [...] Não é difícil entender também porque os fazendeiros procuraram encontrar a solução para o problema da mão-de-obra por intermédio do colono europeu. Este, desconhecendo as condições de trabalho que iria enfrentar, fechado no grande latifúndio, onde a lei é a vontade do senhor, poderia ser submetido às formas de violências das quais o braço nacional procurava de todas as formas escapar. (KOWARICK, 1994, p. 65-67)

Os colonos eram extremamente explorados nas fazendas e, como não havia nenhuma legislação que os protegessem ou alguma organização da qual participassem, as regras de domínio dos potentados rurais eram as que prevaleciam e os trabalhadores não podiam fazer valer os seus direitos. Assim, a "mentalidade senhorial" do sistema escravocrata permanecia na sociedade brasileira, configurando-se um regime de "escravidão disfarçada", que às vezes gerava revoltas dos colonos e fugas, motivando também a pressão dos governos estrangeiros para melhorar a condição de vida de seus súditos. (KOWARICK, 1994)

A grande quantidade de trabalhadores vindos da Europa criava as condições para deteriorar os salários e para desarticular a resistência da mão-de-obra, acirrando a concorrência entre eles, que se viam obrigados a vender sua força de trabalho por baixos preços. Essa era, então, uma das estratégias utilizadas para "baratear" os custos destes trabalhadores livres europeus: "*A superexploração do trabalho esteve exemplarmente presente no processo de constituição do mercado de trabalho livre no Brasil.*" (KOWARICK, 1994, p. 82).

Assim, com a Abolição e com a abundância de mão-de-obra estrangeira, os livres e libertos, que continuavam excluídos e relegados para segundo plano nas regiões mais dinâmicas da economia, só foram absorvidos nas regiões mais estagnadas, onde o trabalhador

estrangeiro não chegava, e onde passaram a trabalhar para os grandes proprietários de terra, sempre realizando as tarefas mais árduas e de menor remuneração (KOWARICK, 1994). Esta população continuava a ser depreciada pelo Estado e pelas classes dominantes, não sendo, até o referido momento histórico, mobilizada pelas *políticas migratórias* (VAINER, 2000), carregando o estigma de indisciplina, imoralidade e de vadiagem, que recriava as condições materiais de sua marginalização. Para ilustrar a imagem que se tinha desta população, Kowarick (1994) seleciona um trecho de uma das reportagens da grande imprensa da época, que afirmava que:

[...] os ex-cativos, como a maior parte dos caipiras, fogem ao trabalho. Se vão para as fazendas como camaradas, poucos dias param. São excessivamente exigentes, morosos no trabalho, param a cada momento para fazer cigarro e fumar; nas horas de refeições demoram-se indefinidamente, bebem, poucos se sujeitam a fazer um feixe de lenha etc. [...] Qualquer observação que se lhes faça recebem como ofensa e formalizando-se dizem que são livres, largam a ferramenta e se vão. (*A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO*, SÃO PAULO, 8.4.1888, citado por KOWARICK, 1994, p. 103)

Enquanto houvessem pequenos pedaços de terra em que pudesse manter sua sobrevivência, mesmo que miserável, mas independente, esta vasta população "pobre", de livres e libertos, vivia de forma dispersa e móvel, em bairros pouco sedimentados, desenvolvendo rústicas atividades de subsistência, repudiando, dessa forma, a violenta submissão à disciplina produtiva. Trabalhavam nos grandes latifúndios somente quando muito necessitavam. Mas o acesso às terras para manter a subsistência foi sendo cada vez mais dificultado pelo Estado brasileiro, desde o início do declínio da escravidão, para que os trabalhadores, agora, "livres", não tivessem acesso à propriedade. (KOWARICK, 1994)

Em 1898, a superprodução leva à grande queda nos preços do café, baixando ainda mais os salários dos trabalhadores agrícolas e fazendo com que boa parte destes excedentes de mão-de-obra estrangeira se dirigisse para as zonas urbanas, principalmente para São Paulo, em que estava começando o processo de industrialização brasileiro:

É das sobras desse vasto processo de importação de estrangeiros que a indústria nascente arregimentaria a mão-de-obra para levar adiante a expansão do capital fabril. [...] Muitos estrangeiros, após permanecerem certo período trabalhando no café, em face da deterioração salarial e da dificuldade de acesso a uma gleba de terra na condição de proprietário, tomariam o rumo das cidades. (KOWARICK, 1994, p. 91)

Com a crise cafeeira, tem início, então, um êxodo rural, tanto dos trabalhadores estrangeiros, quanto de parte da população livre e liberta, para as cidades. O excedente da força de trabalho nas zonas urbanas contribuiu para diminuir os salários e para reduzir o

alcance das lutas operárias por melhores condições de vida (KOWARICK, 1994). Em São Paulo, devido à grande quantidade de mão-de-obra estrangeira, os livres e libertos demoraram ainda mais para serem absorvidos pelo trabalho das fábricas. Durante este período, como apontado por Kowarick (1994, p. 108):

[...] couberam ao trabalhador nacional das zonas urbanas de São Paulo os serviços mais aviltados, como o emprego doméstico e outras atividades classificadas como "mal definidas" e "não declaradas", nas quais, certamente, estavam incluídos o trabalho pesado e ocasional, que tarefeiros de todo o tipo praticavam na cidade dos primórdios da industrialização. (KOWARICK, 1994, p. 108)

Segundo o autor, em 1914, com a Primeira Grande Guerra, a entrada de estrangeiros no Brasil tem uma queda drástica, tornando-se necessária a mobilização da mão-de-obra brasileira, que havia sido tão relegada até então. Além disso, os estrangeiros, com a "importação" de ideários anarquistas, começam a ser vistos como uma ameaça à "ordem" do país. Tem início, então, um esforço dos grupos dominantes e do Estado para "revalorizar" esta tão desacreditada mão-de-obra, por conta de seus próprios interesses. Tentavam recriar a imagem que se tinha dos livres e libertos, antes vistos como inaptos ao trabalho organizado e "vadios" (CAVALCANTI; GUILLEN, 2001). Para isso, o discurso dominante começa a realçar que esta mão-de-obra é subaproveitada no Norte do país, que o "trabalhador nacional" sempre foi deixado de lado durante a história brasileira e que era preciso "salvá-lo" da seca do Nordeste, trazendo-o para São Paulo:

Privado do abastecimento de imigrantes, solidifica-se o projeto do grande cafeicultor de buscar braços no Nordeste. As regiões mais aventadas são as assoladas pela seca, onde se encontra grande número de retirantes. As publicações oficiais, ao contrastar o progresso de São Paulo com a população que lá se "estiola na miséria", apontam para a necessidade de retirá-las dessa "atrofia", propiciando-lhes vida digna e trabalho regular. Apenam, por outro lado, para o espírito de "comunhão brasileira" que deve estar acima dos regionalismos antinacionais. A experiência, pela primeira vez, se concretizou em 1915, por ocasião da grande "seca", quando "milhares e milhares dos nossos infelizes patrícios" foram vitimados nessa "vasta e infeliz zona do nosso país"; nesse ano, alguns grandes fazendeiros, por meio do fornecimento de passagens gratuitas pelo governo federal, recebem 5 mil cearenses para trabalhar de modo permanente em suas lavouras. (KOWARICK, 1994, p. 110-111)

Os trabalhadores brasileiros passam a ser vistos, então, como nos mostra Kowarick (1994), como indivíduos capazes de suportar a penúria e a dor, que se contentam com pouco, que não buscam o lucro fácil e que, sobretudo, não reivindicam. Ganham uma outra humanidade: a "humanidade do trabalho". Agora, segundo os discursos propagados nesta época, a "indolência" destes trabalhadores não vinha mais da "preguiça" ou da "vadiagem",

mas sim de uma "falta de oportunidade para trabalhar". Sua "imoralidade" e seus "vícios" passam a ser vistos como advindos da miséria em que viveram por tanto tempo e da qual precisavam ser "resgatados", como ilustra um dos escritos da época:

Habitados a uma vida sem aspirações e uma incerteza absoluta do dia de amanhã, quando chegam à São Paulo, mostram, na sua maior parte, pouca ambição e daí uma natural indolência. Verdade é que esta indolência [...] é também em grande parte devido ao seu estado de fraqueza. [...] Homens como estes, está claro, precisam de ser tratados, e uma vez livres da infecção que os abate e tonificado seu organismo [...] em pouco tempo tornam-se elementos de trabalho se não melhores pelo menos iguais aos estrangeiros. (LEME, 1919, p. 139 citado por KOWARICK, 1994, p. 111)

A intenção desta "revalorização" do trabalhador brasileiro era a de reativar o mercado de trabalho com vasta oferta de mão-de-obra, o que era a garantia para manter as condições de superexploração dos trabalhadores. Inicia-se, assim, pela primeira vez na história do Brasil, uma mudança radical, com a substituição do trabalho estrangeiro e com a mobilização do: *"[...] enorme contingente que historicamente esteve à margem dos processos produtivos essenciais a uma sociedade onde sempre imperou acentuada exclusão sócio-econômica e formas de domínio de feições nitidamente autoritárias."* (KOWARICK, 1994, p. 116).

O processo de substituição do trabalho estrangeiro pelo trabalho brasileiro foi ocorrendo aos poucos, convivendo ainda por um bom tempo com a estratégia "imigrantista-agrarista", que era considerada como central pelas classes dominantes e pelo Estado. Com a Segunda Grande Guerra, a entrada de estrangeiros no país diminui ainda mais, aumentando drasticamente este processo de substituição de mão-de-obra e os fluxos internos de migração no país. Nos anos de 1950, estas migrações internas de trabalhadores brasileiros provocam um intenso êxodo rural, nunca antes visto na história do país (VAINER, 2000). São Paulo, principalmente, recebe diversos trabalhadores rurais do Nordeste e do Estado de Minas Gerais: *"São Paulo, que não pode parar, já havia descoberto [...] que os nordestinos e mineiros, os trabalhadores nacionais, podem ser educados/disciplinados para o trabalho...no próprio trabalho."* (VAINER, 2000, p. 24).

Estas migrações foram compreendidas, na época, como fundadoras do intenso processo de urbanização brasileiro e foram saudadas como um sinal de progresso civilizatório: a ideologia oficial afirmava que a ida para os centros urbanos vinha de um reconhecimento desta população de que poderiam "se dar melhor" nas cidades, não revelando, assim, as origens sociais destes deslocamentos (KURZ, 2005). O enxugamento nos campos era visto como um indicativo de crescimento e desenvolvimento do país, já que, com o aprimoramento das técnicas na lavoura, não era preciso tantos trabalhadores na zona rural,

gerando um excedente populacional que podia ser absorvido pelas indústrias da zona urbana. Isto era entendido como um progresso, pois aumentaria a produtividade no campo e nas cidades, acolhendo os excedentes populacionais. (VAINER, 2000)

Além disso, era de interesse do Estado e das classes dominantes o "esvaziamento" do Nordeste, em que o excedente populacional pressionava cada vez mais fortemente a estrutura latifundiária. Assim, as *políticas migratórias* da época contribuíram também para "amenizar" a crise agrária e manter os grandes latifúndios. Nesse contexto, as migrações internas apareciam mais como solução do que como um problema: "*Ora, as migrações internas constituiriam, neste novo país, o mecanismo natural para o equacionamento harmonioso tanto dos problemas das regiões superpovoadas quanto das regiões carentes de braços.*" (VAINER, 2000, p. 24).

Começa, então, um processo de "macrocefalia" das zonas urbanas e o Estado, durante o período da ditadura militar, passa a se preocupar com a necessidade de distribuir de maneira equilibrada a população no território, desenvolvendo as chamadas cidades médias (VAINER, 2000). Assim, segundo Vainer (2000), durante este período, o Estado brasileiro reforçou seu compromisso com uma *política migratória* ativa e fortemente dirigista, centralizada, em busca de um projeto global de território e nação. Em texto datado de 1974, do Programa Nacional de Apoio às Migrações Internas, projeta-se um modelo ideal de *política migratória* a ser buscada:

[...] poder-se-ia afirmar que uma política migratória bem sucedida seria aquela que conseguisse racionalizar os movimentos populacionais de acordo com as diferenças espaciais de oportunidades de trabalho, e que capacitasse os migrantes para assumir os empregos disponíveis e que, portanto, os fixasse no mercado de trabalho. (MINTER, 1974, p. 5 citado por VAINER, 2000, p. 27)

A partir dos anos de 1970 e, principalmente, dos anos de 1980, o Brasil começa a ser pensado, como apontado por Vainer (2000), como um país submetido a "pressões demográficas" e não mais como cheio de "espaços vazios" que precisavam ser povoados. Assim, a população excedente passa a ser percebida como um obstáculo à valorização do território. Agora, segundo o autor, não se trata mais de levá-las ao trabalho: trata-se sim de liberar espaço de uma população que o ocupa improdutivamente, que o imobiliza e bloqueia. Tem início, então, uma nova etapa das *políticas migratórias* no Brasil e também em outras partes do mundo, que perdura até os dias de hoje.

Extrapolando essa discussão para além do contexto local, Kurz (2005) coloca que o pano de fundo não é mais a mobilização da força de trabalho para o capitalismo, mas sim a

desmobilização mundial desta força de trabalho na Terceira Revolução Industrial⁶ (MATTOSO, 1994), que "estragou o apetite" do capital por mão-de-obra. Assim, cada vez mais pessoas se tornavam "supérfluas", porque não poderiam mais vender a sua força de trabalho, fazendo com que, de acordo com o autor, a migração moderna se torne uma migração da miséria em massa não controlada:

[...] grande parte dessa migração da miséria de força de trabalho desmobilizada também não encontra mais nos "oásis" da rentabilidade nenhuma ocupação regular. Em consequência, formaram-se, em menos de duas décadas – desde o início da terceira revolução industrial, não só no Brasil, mas também em muitos países da periferia do mercado mundial –, verdadeiras aglomerações humanas monstruosas de uma população que não mais é integrável ao sistema de produção de mercadorias. (KURZ, 2005, p. 30)

Nos anos de 1980 e 1990, iniciam-se, então, no Brasil, novas formas de lidar com estes "excedentes populacionais estruturais", tendo como característica, de acordo com Vainer (2000), a fragmentação das ações, com a renúncia do Estado central em estabelecer estratégias e políticas territoriais em escala nacional, fazendo com que esta população excedente passe a ser "gerenciada" através das políticas sociais. Neste contexto, segundo Póvoa Neto (1997), generaliza-se uma "política de fossos" contra aqueles que buscam trabalho, agora visto como escasso. Conseqüentemente, houve aumento das ações sociais, da atuação da Assistência Social e da entrega de passagens de graça àqueles vistos como "indesejáveis":

As políticas sociais aparecem, então, como o equivalente universal da incapacidade de formular qualquer perspectiva nacional, assim como da ausência de um projeto histórico capaz de tirar da miséria, senão todos, pelo menos parcela expressiva daqueles que hoje tornados improdutivos e excedentários, durante um século foram mobilizados com a promessa de integração e desenvolvimento. (VAINER, 2000, p. 29)

Há também, segundo Vainer (2000), o aumento do uso da violência como mecanismo para mobilizar ou imobilizar estas populações, com o controle cada vez mais estrito à livre circulação, em uma sociedade em que se permite "eliminar" estes "indivíduos indesejáveis":

[...] aqueles que não têm lugar e que, tal como uma figura moderna do bárbaro, ameaçam a vida em sociedade. [...] Nas dimensões mais prosaicas da vida social, é essa a lógica inscrita na intolerância contra negros, nordestinos, favelados, desempregados e subempregados, associados no imaginário coletivo às desventuras de uma cidade que cresceu demais, que tem gente em excesso, multiplicando miséria e violência pela sua própria incapacidade, despreparo e fraqueza de caráter. (TELLES, 2001, p. 71)

⁶ A chamada Terceira Revolução Industrial seriam as inovações tecnológicas inseridas nos locais de trabalho, como a informática e a robótica (MATTOSO, 1994).

Assim, diversos municípios começam a instalar barreiras para não permitir a entrada de novos migrantes em busca de trabalho, colocando como justificativa a inexistência local de emprego (VAINER, 2000). Para Póvoa Neto (1997), este é apenas um dos lados de um conjunto de *políticas migratórias* que, em outros momentos, estimularam, direcionaram e atraíram trabalhadores então vistos como indispensáveis. Para o autor, tanto ontem como hoje, a dimensão do trabalho está presente a indicar que, em seu nome, o migrante possa ser visto tanto como elemento produtivo quanto como excedente inútil ou, até mesmo, perigoso para a "ordem social".

Através desta retomada histórica, foi possível visualizar com mais clareza a construção do trabalhador brasileiro e as estratégias que o Estado e as classes dominantes utilizaram para mobilizá-lo (ou não) durante a história de nosso país. Como foi anteriormente apresentado, o trabalhador brasileiro ou, como denominado, o "elemento nacional" foi, por muito tempo, colocado à margem do sistema produtivo no Brasil, sendo tardiamente mobilizado pelas *políticas migratórias*. Durante muito tempo, viveu sem nenhuma "existência política", em uma situação de extrema miséria, ocupando papéis secundários na dinâmica econômica brasileira, o que, muitas vezes, era considerada como uma melhor forma de existência do que ter que se submeter às violentas relações de trabalho.

Nele ficaram cravadas as imagens de "vadio", imoral, ignorante, violento, cheio de vícios e doenças, impossibilitado de viver em sociedade e de realizar trabalhos disciplinados. Estas imagens começam a ser alteradas somente quando sua força de trabalho é requerida e novas imagens surgem, como a do bom e humilde trabalhador, que se contenta com pouco, que não reclama, que suporta duras adversidades, enfim, o "perfeito servo". Imagens, estas, que ainda permanecem em tantos discursos que escutamos, hoje em dia, sobre a pobreza, sobre quem é o "pobre", como será discutido a seguir.

1.3 O "pobre" incivil: aspectos sobre pobreza, direitos e propriedade social no Brasil

Como apontado anteriormente, estas concepções associadas a quem era o "trabalhador nacional" ficam impregnadas na imagem do "pobre", como se estas características, historicamente e socialmente construídas, fizessem parte de sua "natureza". O "pobre" é aquele que é visto como "naturalmente" imoral, ignorante, que tem famílias "desestruturadas", que não possui qualificação para o trabalho e que carrega o atraso como um fardo que o

passado do país legou a um presente que se quer "moderno" (TELLES, 2001). Assim, a pobreza no Brasil sempre foi vista como paisagem, como natureza:

Visível por todos os lados, nas suas evidências a pobreza é percebida como efeito indesejado de uma história sem autores e responsabilidades. [...] a pobreza é encenada como algo externo a um mundo propriamente social. [...] Nessas formas de encenação pública, a pobreza é transformada em paisagem que lembra a todos o atraso do país, atraso que haverá de ser, algum dia, absorvido pelas forças civilizatórias do progresso. [...] Como paisagem, essa pobreza pode provocar a compaixão, mas não a indignação moral diante de uma regra de justiça que tenha sido violada. [...] Nas imagens que transformam a pobreza em natureza, a própria história é neutralizada. (TELLES, 2001, p. 31-33)

Inseridos nessa "paisagem social", os "pobres" são os "azarados da vida", que sofrem adversidades vindas desta natureza e não da história social do país e de uma estrutura excludente que mantém para fora da lógica da cidadania e dos direitos a maioria da população. Quando permanecem em seu "devido lugar", são vistos como pessoas humildes, pacíficas, obedientes, que nada reivindicam, mas que são "bestializadas". E, quando protestam e lutam por melhores condições de vida, são vistos como rebeldes, arruaceiros, vagabundos, perigosos e movidos pela "desrazão", o que torna suas lutas invisíveis, já que são configuradas como "desordem". Assim, no mundo público, os "pobres" são identificados como uma "massa homogênea" e estigmatizadora da carência, sem identidade: não são sujeitos, não são cidadãos. É a figura do "pobre" incivil. (TELLES, 2001)

De acordo com Telles (2001), durante a história do Brasil, sempre houve uma convivência simultânea entre uma realidade de extrema pobreza de grande parte da população e um projeto de modernização e progresso do país. A questão social da pobreza sempre foi alvo dos discursos oficiais, aparecendo no centro da dinâmica política brasileira como um problema que envergonha o "país do futuro" e que precisa ser capturado e eliminado pelo crescente progresso. Mas, mesmo nos anos de maior crescimento econômico e com os discursos de luta por melhores condições de vida da população, o país não conseguiu atingir sequer alguns padrões mínimos para que seja chamado de civilizado:

É, portanto, no horizonte de uma sociedade que se fez moderna e promete a modernidade, que a pobreza inquieta. Nas suas múltiplas evidências, evoca o enigma de uma sociedade que não consegue traduzir direitos proclamados em parâmetros mais igualitários de ação. Sinal de uma população na prática destituída de seus direitos. [...] Entre as imagens do atraso e do progresso, a pobreza desaparece como atualidade, como problema que diz respeito aos parâmetros que regem as relações sociais e às regras da reciprocidade através das quais a sociabilidade se efetiva. (TELLES, 2001, p. 15-20)

Mesmo com os direitos proclamados na Constituição brasileira de 1988, eles não fizeram parte da dinâmica das relações sociais do país: *"a incivilidade cotidiana opera como uma espécie de curto-circuito ente a igualdade prometida pela lei e os códigos que ordenam a experiência que os indivíduos fazem da sociedade."* (TELLES, 2001, p. 79). Estas relações sociais acabam repondo, através de um jogo político muito excludente, antigos privilégios e criando tantos outros, que excluem a maioria da população, seguindo uma tradição conservadora e autoritária. Assim, para Telles (2001), apesar da pobreza ser amplamente notada e registrada, ela não pôde ser nomeada, pois isso exigiria que se questionasse esta forte estrutura de privilégios que caracteriza a nossa sociedade. Uma sociedade sem alteridade, com a exclusão do outro como igual e em que as leis não tiveram um efeito universalizante:

[...] convivendo com éticas particularistas do mundo privado das relações pessoais que, ao serem projetadas na esfera pública, repõem a hierarquia entre *peçoas* no lugar em que deveria existir a igualdade entre *indivíduos*. E essa é a matriz da incivilidade que atravessa de ponta a ponta a vida social brasileira. [...] Incivilidade que se ancora num imaginário persistente que fixa a pobreza como marca da inferioridade, modo de ser que descredencia indivíduos para o exercício de seus direitos, já que percebidos numa diferença incomensurável, aquém das regras da equivalência que a formalidade da lei supõe e o exercício dos direitos deveria concretizar. (TELLES, 2001, p. 20-21, grifos do original)

Portanto, no Brasil, as relações sociais funcionam a partir de hierarquias autoritárias que dividem as pessoas em "superiores" e "inferiores", descredenciando o outro como sujeito capaz de fazer valer e exigir seus direitos. Coadunando com Chauí, Telles (2001) aponta que o "inferior" é aquele que teria o dever de obedecer e merece favor e proteção, mas nunca direitos. Assim, no Brasil, de acordo com a autora (TELLES, 2001), não se construiu a figura moderna do cidadão, baseada nos ideários de justiça social e igualdade para todos os indivíduos.

A privação de direitos se inscreve, então, na própria trama das relações sociais (TELLES, 2001), afetando as formas de sociabilidade e os modos de existência dos indivíduos que têm sua cidadania negada: *"[...] o seqüestro dos direitos atinge o cerne das pessoas, causa sofrimento, requer grande investimento psíquico e pode dificultar o próprio entendimento dos determinantes reais da situação em que se encontram."* (PATTO, 2010, p. 22). Dessa maneira, segundo Telles (2001), a questão da pobreza precisa ser enfrentada no horizonte da cidadania:

[...] na ótica da cidadania, pobre e pobreza não existem. O que existe, isso sim, são indivíduos e grupos sociais em situações particulares de denegação de direitos. [...] Ao invés do "pobre" atado pelo destino ao mundo das

privações, o cidadão que reivindica e luta por seus direitos: duas figurações opostas e excludentes da questão social. A indiferenciação do pobre remete a uma esfera homogênea das necessidades na qual o indivíduo desaparece como identidade, vontade e ação, pois é plenamente dominado pelas circunstâncias que o determinam na sua impotência. [...] É essa homogeneização carregada de conseqüências, inscrita na figura do pobre, que a prática da cidadania dissolve. E é contra a desrealização da questão da pobreza que a prática da cidadania se põe, na medida em que torna presentes necessidades sociais e coletivas no interior de uma linguagem - a linguagem dos direitos - que as coloca no centro das relações sociais e da dinâmica política da sociedade. (TELLES, 2001, p. 51-52)

Para a autora, a pobreza é, portanto, uma questão de direitos e de conquista de cidadania. E a ausência da lei, dos direitos e da justiça como referências que ordenam a vida social se traduz na dificuldade de formular os sofrimentos cotidianos, tanto individuais como coletivos, na "linguagem pública da igualdade e da justiça", a única que possibilita que: *"[...] necessidades e interesses possam ser formulados nos termos de direitos legítimos, tornando factível a representação, negociação e interlocução em espaços legitimados de conflito."* (TELLES, 2001, p. 95). Dessa forma, desigualdades sociais são privatizadas, transformadas em "desigualdades individuais", impedindo que injustiças sejam reconhecidas, nomeadas e, enfim, que se possa lutar contra elas.

Assim como Telles (2001), o presente estudo compreende a situação de pobreza como uma situação de denegação de direitos, pensando a questão das migrações no âmbito da cidadania. Os participantes da presente pesquisa são migrantes vivendo "situações particulares de denegação de direitos" em São Paulo e que carregam, como estigma, estas tantas concepções associadas historicamente ao "trabalhador nacional", ao "pobre", ao "carente", imagens de:

[...] uma gente que trazia na própria natureza, como vício de caráter, um passado que se queria superado. [...] O legado do passado que se queria esconjurar aparecia transfigurado no caráter de uma gente que não podia se constituir num povo de verdade, porque minada na sua constituição física e moral pelos efeitos de uma mistura perversa de raças e tradições; uma gente sem vocação para a vida disciplinada do trabalho e da família, que fazia do ócio e da vadiagem um estilo de vida, que levava uma vida alheia à regras morais e aos códigos da vida civilizada, que resistia às luzes da razão em seu apego irracional a costumes, crenças e credices de tempos passados; uma gente, enfim, que vegetava numa existência degradada, feita de ignorância, promiscuidade e desordem moral. (TELLES, 2001, p. 35)

No Brasil, os caminhos mesmos da cidadania bloquearam os efeitos igualitários que as leis e os direitos deveriam produzir e a lógica da discriminação e da destituição de direitos não opera somente aonde as relações hierárquicas "subtraem o império da lei", mas também no próprio modo como a legalidade se instituiu na sociedade brasileira, em que as leis não

universalizam direitos: "[...] é na própria experiência do mundo público da lei que o 'pobre' é jogado para a esfera da natureza, mundo das hierarquias naturais através das quais discriminações e exclusões se processam." (TELLES, 2001, p. 79).

Segundo Telles (2001), são as regras que organizam o mercado de trabalho brasileiro que explicitam o contrato social excludente vigente no país, que acaba jogando “as maiorias” para fora da proteção social, fazendo uma fratura entre a figura civil do trabalhador, "protegido" pela lei através de seu contrato formal de trabalho, e a do "pobre" incivil, que por não possuir um vínculo formal de trabalho, não possui proteção social, sendo jogado para fora do âmbito da cidadania:

Sem garantias que os constituam como trabalhadores, fora ou no limiar da trama representativa que constrói identidades reconhecíveis, ficam, a rigor, sem lugar na sociedade: não se constituem plenamente como trabalhadores, não são cidadãos e não se singularizam como sujeitos de direitos. (TELLES, 2001, p. 106)

Antes de iniciar esta discussão sobre a incivilidade instituída até pelas próprias leis trabalhistas brasileiras, vale conformar alguns conceitos que servirão de base para uma melhor compreensão desta realidade, como o que se entende por cidadania e proteção social, que, no presente estudo, será chamada de propriedade social, utilizando o mesmo termo empregado por Castel (1998).

1.3.1 Sobre direitos e propriedade social

Segundo Lafer (1997), a autora Hannah Arendt define cidadania como o *direito a ter direitos*, já que a igualdade em dignidade e direito dos seres humanos não é um dado, mas sim uma construção que advém da convivência coletiva e que exige o acesso a um espaço público comum, compartilhado, no qual as pessoas tenham igual liberdade de expressão: "[...] é esse acesso ao espaço público – o direito de pertencer a uma comunidade política – que permite a construção de um mundo comum através do processo de asserção dos direitos humanos." (LAFER, 1997, p. 58).

Para Arendt, de acordo com Lafer (1997), os direitos são reguladores e constitutivos da ação política e são capazes de aprimorar a convivência coletiva entre cidadãos que se reconhecem no mesmo direito de falar e agir. Eles se fundamentam dentro daquilo que ela definiu como *promessa*, que seria uma garantia estabilizadora de futuro, tão necessária à imprevisibilidade da ação. Assim, como não é possível prever quais são os alcances da ação humana, a promessa seria uma segurança: os Direitos Humanos como expressão jurídica,

positivados em diversas declarações constitucionais pelo mundo, seriam uma promessa de garantia de igualdade e justiça a todos, gerando segurança em um futuro imprevisível. (LAFER, 1997)

É a existência de uma cultura pública igualitária que permite que os indivíduos possam problematizar suas condições de vida, reivindicando seus direitos em torno da medida do "justo" e do "injusto", exigindo, assim, sua condição de cidadão. Dessa forma, os direitos podem ser compreendidos como regras de convivência, construídas intersubjetivamente na vida social, na interação entre indivíduos que se reconhecem como civicamente iguais e que compartilham a "linguagem dos direitos". (TELLES, 2001)

Com a Revolução Francesa e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, formula-se, pela primeira vez, uma sociedade baseada nos ideais de igualdade, fraternidade e liberdade, que concede direitos políticos iguais a seus cidadãos, mas que, por outro lado, não consolida a possibilidade do exercício destes direitos na prática, devido às condições de trabalho da época:

[...] a Revolução Francesa foi uma revolução burguesa baseada em princípios liberais e, portanto, era impossível pensar o Estado como regulador das relações de trabalho. O imperativo da sobrevivência obrigava os então cidadãos trabalhadores franceses “livres e iguais” a aceitarem relações de trabalho absolutamente perversas. (NARDI, 2003, p. 41)

Assim, os trabalhadores, então considerados como indivíduos "livres e iguais", não viviam uma igualdade de fato, pois não eram "proprietários" de nada, nem de si mesmos, tendo, sob o "imperativo da sobrevivência", que vender a sua força de trabalho a qualquer preço: *"O tempo de governar a própria vida, de fato, não lhes pertencia. Esse tempo era do outro que lhe comprava a força de trabalho."* (NARDI, 2003, p. 41). A regulamentação das relações de trabalho como solução para esta condição só surgiu depois de muito tempo, após diversas lutas dos trabalhadores em busca de proteção social e contra a hiperexploração que viviam. A regulação destas relações pela lei garantia a proteção dos trabalhadores por meio de suportes sociais. (NARDI, 2003)

Castel (1998), ao fazer uma genealogia da sociedade salarial, aponta que a “superação” desta condição só foi possível no século XX, com a consolidação da *propriedade social*, que seria uma garantia, através do Estado, de direitos e segurança a todos os indivíduos, dando um suporte à sua existência e aos seus projetos de vida:

É a propriedade social que torna possível aos indivíduos gozarem de forma igualitária os direitos de cidadão. O surgimento desta propriedade “pública” permitiu a superação da propriedade privada como suporte do indivíduo para que ele pudesse tornar-se proprietário de si mesmo. (NARDI, 2003, p. 42)

Assim, a propriedade social foi construída como análoga da propriedade privada, como uma propriedade que gera segurança. Mas, diferentemente da propriedade privada, ela seria "pública": algo que não se pode comprar no mercado e que depende de um sistema de direitos e obrigações. A aposentadoria seria um exemplo dessa "propriedade pública": "[...] não se pode vender o direito à aposentadoria; uma vez conquistada, cabe ao Estado garanti-la. A aposentadoria funciona como um mínimo de propriedade que gera segurança." (NARDI, 2003, p. 42). A propriedade social seria, portanto, capaz de prover segurança aos trabalhadores diante de imprevistos que inviabilizariam a atividade produtiva, como por exemplo, doenças, acidentes ou a velhice (ACKERMANN, 2007).

Dessa forma, tendo garantidas, por direito, as suas condições "básicas" de existência, os indivíduos poderiam se afirmar para além de suas necessidades de sobrevivência, participando ativamente da vida pública, tendo maior poder de escolha e controle sobre suas vidas, sendo, enfim, "proprietários de si mesmos":

Acreditamos que a liberdade necessária para a construção de uma ética que se formula, de fato, a partir de uma prática reflexiva baseada no respeito à diferença e aberta à alteridade é parcialmente dependente de suportes materiais que permitam ao indivíduo se afirmar para além do mundo da necessidade, ou seja, para além da luta cotidiana pela sobrevivência. Não se trata de afirmar que a inexistência da propriedade social destrói as possibilidades de resistir às formas de dominação opressoras, mas sim de enfatizar que a segurança é uma conquista e um avanço no sentido das possibilidades de construção de uma sociedade justa, constituindo-se em um fator importante para viabilizar e qualificar a participação da população trabalhadora na discussão em torno de alternativas políticas de organização da sociedade num contexto democrático. (NARDI, 2003, p. 43)

Para Castel (1998), é na sociedade salarial - que só foi consolidada na Europa do pós-guerra, com a construção do Estado Social - que se pode encontrar uma distribuição praticamente universal da propriedade social e que permite, de fato, o exercício de direitos iguais aos seus cidadãos, através do emprego estável, que possibilitou a filiação de grande parte dos indivíduos a esta sociedade e ao regime de proteções que lhe é próprio⁷: "*A filiação a essa sociedade [...] deve ser entendida como fruto do pacto social garantido pelo Estado que permite aos assalariados um status relativamente protegido nas suas relações contratuais com os empregadores.*" (NARDI, 2003, p. 42).

Esta posição de Castel, segundo Nardi (2003), é alvo de algumas críticas, pois parece que ele não dá a devida importância às próprias questões e desigualdades existentes dentro

⁷ É importante ressaltar que os estudos de Robert Castel foram desenvolvidos na França, país que conviveu, durante muito tempo, com uma realidade de "pleno emprego" para grande parte de sua população, com a consolidação de um Estado Social (NARDI, 2003).

mesmo da sociedade salarial, dentro da realidade do emprego estável. Mas, mesmo identificando e reconhecendo estas desigualdades, para este autor, nesta forma societária, mesmo de maneira desigual, a condição de assalariado foi um dos dispositivos centrais de integração social, de acesso à proteção social e do reconhecimento público dos indivíduos (NARDI, 2003; ACKERMANN, 2007):

Os suportes sociais permitiram aos indivíduos se apropriarem das próprias vidas, uma vez que elas se encontravam relativamente protegidas pelas instituições do Estado Social. Afastado o imperativo da sobrevivência, aumentou o grau de liberdade dos indivíduos para questionar a forma de dominação existente e propor alternativas para a própria existência. (NARDI, 2003, p. 44)

Assim, no contexto do capitalismo, o conceito de propriedade social, portanto, é fundamental para se pensar na importância dos suportes sociais da existência para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, em que as relações sociais se estruturam enquanto relações entre cidadão, entre sujeitos de direito (TELLES, 2001; NARDI, 2003).

1.3.2 A incivilidade instituída pelas leis

No Brasil, como apontado por Nardi (2003), houve um desenvolvimento incompleto da sociedade salarial (CASTEL, 1998), já que nunca existiu uma sociedade de "pleno emprego" e com generalização da propriedade social através da consolidação de um Estado Social, como o que foi implantado na Europa do pós-guerra. Na história do nosso país, o mínimo de propriedade social foi alcançado através da legislação trabalhista de cunho autoritário, implantada no Governo Vargas, na década de 30, e da seguridade social, restrita aos trabalhadores inseridos no mercado formal de trabalho, que possuem "carteira assinada". (NARDI, 2003)

Assim, em um país com imensas desigualdades sociais, em que grande parte da população sempre esteve fora dos vínculos formais de trabalho, vivendo na chamada "informalidade", as leis só oferecem proteções e seguridade àqueles que estão empregados formalmente (ACKERMANN, 2007). Segundo Telles (2001), as próprias leis brasileiras, portanto, não universalizam direitos e o indivíduo só se torna "cidadão" e tem garantias do mínimo de propriedade social, quando está incluído em contratos formais de trabalho:

Daí Santos dizer que a carteira de trabalho, mais do que uma evidência trabalhista, é uma certidão de nascimento cívico. Fora dessa condição, vigora o estado de natureza no qual são submergidos todos os que têm uma existência percebida como impermeável à regulamentação estatal e que, por isso mesmo, não existem para efeito legal. Desempregados, desocupados,

subempregados, trabalhadores sem emprego fixo ou ocupação definida são na prática transformados em pré-cidadãos. [...] Pois o que chama a atenção é a constituição de um lugar em que a igualdade prometida pela lei reproduz e legitima desigualdades; um lugar que constrói os signos do pertencimento cívico, mas que contém dentro dele próprio o princípio que exclui as maiorias; um lugar que proclama a realização da justiça social, mas bloqueia os efeitos igualitários dos direitos na trama das relações sociais. (TELLES, 2001, p. 23-24)

Na sociedade brasileira, o Estado retribui conforme a contribuição de cada um e, assim, os direitos sociais ficam sob a forma de um tipo de contrato de serviços que o contribuinte – o "proprietário-cidadão" – faz com o Estado: *"as garantias contra a doença, a invalidez, a velhice, a orfandade dependem inteiramente da capacidade - e da possibilidade, diríamos nós - de cada um em conquistar o seu lugar no mercado de trabalho."* (TELLES, 2001, p. 25).

Os que escapam às regras deste contrato são transformados em "não-cidadãos", em "não-iguais": são os "outros", os "azarados da vida", os "pobres", aqueles que estão fora, que não são considerados como trabalhadores, por mais que exerçam alguma atividade produtiva e que por não "conseguirem" inserção no mercado formal de trabalho, devido às suas próprias "incapacidades pessoais", não possuem e não "merecem" o "privilégio" de serem protegidos pelo Estado. É, portanto, uma lógica clientelista e individualista, que privilegia poucos, excluindo a maioria e que culpabiliza aqueles que são jogados para fora das leis, pela situação em que se encontram, destituindo-os ainda mais de seus direitos e da possibilidade de reivindicá-los através da "linguagem pública da justiça e da igualdade":

Quanto aos dramas da sobrevivência, são desvinculados das relações de classe e submergidos na figuração desidentificadora da pobreza: tornam-se "dado da realidade" nomeado apenas para lembrar as responsabilidades do Estado em aparar e proteger aqueles que não conseguem, com seu próprio trabalho, garantir um lugar ao sol numa sociedade generosa em possibilidades de ascensão e mobilidade social. (TELLES, 2001, p. 50)

Estas pessoas são colocadas no mundo "natural" da pobreza, regido por "hierarquias naturais" e pelo "imperativo da sobrevivência", sendo reservada a elas o espaço da Assistência Social, em que o Estado só precisa garantir que tenham acesso aos "mínimos vitais da sobrevivência": *"[...] pra ser assistido, é necessário manifestar os sinais de incapacidade, uma deficiência em relação ao regime comum de trabalho."* (CASTEL, 1998, p. 608). Cria-se, então, a figura do "necessitado", do "carente", transformando a justiça em caridade e os direitos em favores prestados por um Estado "benevolente" a estes indivíduos considerados como "incapazes" de ascensão social, que "fracassaram" em lidar com os "azares naturais da vida" (TELLES, 2001; DRAIBE, 1995).

E, por não existirem juridicamente, já que não são protegidos pelas leis trabalhistas, estas pessoas não podem nem reivindicar e recorrer como os outros trabalhadores quando percebem que seus direitos foram violados (SPOSATI, 1988, citada por TELLES, 2001). Se lutam, resistem e protestam, se têm vontades, sonhos e constroem suas próprias razões, tudo isto fica silenciado e não interessa ao mundo público, à vida em sociedade, na qual são somente os "pobres", os "não-sujeitos": *"que só podem esperar a proteção benevolente dos superiores ou então a caridade da filantropia privada."* (TELLES, 2001, p. 42-43).

Desprotegidos pelo Estado, precisam encontrar formas de garantir suas condições básicas de existência, um "se virar" que é visto como característica do "pobre" e não do trabalhador (TELLES, 2001). Assim, como apontado por Sato (2010), a falta de propriedade social acaba abandonando os indivíduos à própria sorte, fazendo com que tenham que buscar apoio em redes sociais, como a Igreja, a família, a vizinhança, os amigos, o que será discutido mais adiante no presente estudo:

[...] nos termos desse contrato social excludente, que, a rigor, não se constitui plenamente, a sobrevivência cotidiana depende inteiramente dos recursos materiais, das energias morais e das solidariedades que cada um é capaz de mobilizar e que se organizam em torno de princípios inteiramente projetados da vida privada, com suas lealdades e fidelidades pessoais, com seus vínculos afetivos e sua teia multifacetada de identificações e sociabilidade. (TELLES, 2001, p. 107)

Então, como apontado anteriormente, são as próprias leis, no Brasil, que colocam o trabalho e a pobreza como antagônicos (TELLES, 2001), fazendo do trabalho formal um poder e, ao mesmo tempo, um privilégio. O trabalhador seria aquele que consegue provar sua capacidade de viver em sociedade e que, por isso, é protegido pelo Estado e o "pobre" seria o "incapaz" e "impotente", que só encontra na ajuda e nos favores sua forma possível de sobrevivência:

[...] para ter direitos e acesso a uma existência legítima, o indivíduo tem que provar ser um trabalhador responsável com uma trajetória ocupacional identificável em seus registros, persistente na vida laboriosa e cumpridor de seus deveres. [...] Numa forma lapidar, o pobre é aquele que tem que provar o tempo todo, se fazer ver e reconhecer a si próprio e à sociedade a sua própria respeitabilidade num mundo em que os salários insuficientes, a moradia precária, o subemprego e o desemprego periódico solapam suas condições de possibilidades. (TELLES, 2001, p. 81-82)

É construída, desta forma, a figura do "trabalhador honesto", que é aquele que se salva dos estigmas da pobreza através do trabalho: *"[...] o desvio histórico ensina que, até hoje, sempre existiram 'pobres bons' e 'pobres maus', e que tal distinção é baseada em critérios morais e psicológicos."* (CASTEL, 1998, p. 607). O trabalhador "pobre" precisa, então, ficar

provando a toda hora que é um "trabalhador honesto", que difere dos "pobres" que decidiram superar as adversidades de suas vidas através do "trabalho sujo", do crime:

Ser pobre é sempre estar sob suspeita, não apenas de ser ladrão e vagabundo, mas de ser indigno. A suspeita sugerida e introjetada exige a reafirmação contínua da honra e integridade pessoais embora deteriore a identidade social dos que têm que conviver com ela. (MELLO, 1988, p. 189).

Desta maneira, apesar da condição de assalariado nunca ter se estendido a todos no Brasil, de acordo com Ackermann (2007), esta foi a forma em torno da qual os significados do trabalho se organizaram em nossa sociedade, impondo-se como provedora de identidade, reconhecimento social e significado para a vida dos indivíduos, criando a chamada "cultura do emprego", baseada nas seguranças e direitos sociais advindos da condição de emprego formal (JARDIM, 2004).

Mesmo que mínimos, estes suportes sociais, durante algum tempo na história do país, permitiram que os trabalhadores com "carteira assinada" tivessem certo controle sobre seus projetos de vida (NARDI, 2003) e, assim, o emprego formal se configurou, no imaginário social, como a forma "ideal" de trabalho, capaz de prover alguma segurança e possibilidade de planejamento do futuro em uma vida cheia de instabilidade.

Já hoje em dia, outra realidade se apresenta com mais força, com a crescente desregulamentação e precarização das próprias relações formais de trabalho, que joga ainda mais pessoas para o mundo da "informalidade", sem nenhuma proteção social, tornando muitas delas dispensáveis para o mercado de trabalho, aumentando ainda mais a insegurança em suas vidas:

É a re-mercadorização das relações de trabalho dos últimos 30 anos (pela qual o trabalho deixa de ser regulamentado e é re-transformado numa simples relação de compra e venda com um mínimo de proteções contratuais) que enfraquece o laço social construído em torno do trabalho assalariado e torna inválida uma expressiva parte da população ativa. (NARDI, 2003, p. 39)

Assim, para melhor compreender as condições de trabalho dos migrantes "pobres" que vivem hoje na cidade de São Paulo, torna-se necessário discutir algumas destas mudanças que ocorreram no mercado de trabalho mundial nos últimos anos, concentrando-se no caso brasileiro, o que será feito a seguir. Mudanças, estas, que já foram inicialmente discutidas no início deste capítulo, ao apontar a atual desmobilização mundial da força de trabalho, tornando "supérfluas" um número cada vez maior de pessoas que não são mais integráveis ao mercado de trabalho (KURZ, 2005).

1.4 Apontamentos sobre as configurações atuais do mercado de trabalho e sobre inclusão marginal

Como apontado anteriormente, no Brasil, mesmo não ocorrendo a construção de uma sociedade de "pleno emprego", durante um bom tempo, o trabalho com "carteira assinada" era uma realidade plausível para parcela significativa da população, especialmente no Sudeste, sendo um meio de assegurar um pouco de estabilidade para a vida destes trabalhadores (SATO, 2010). Assim, no país, sempre houve uma convivência do mercado formal, com o informal, mas, no contexto atual, há um processo de intensificação da precariedade nas relações de trabalho e de desestabilização de parte dos trabalhadores antes inseridos em empregos estáveis, fazendo com que a inclusão em trabalhos precários faça parte da vida de cada vez mais indivíduos.

A partir, principalmente, dos anos 1990, com a reestruturação produtiva e econômica na chamada Terceira Revolução Industrial (MATTOSO, 1994; KURZ, 2005), há a diminuição dos postos formais de trabalho, com até mesmo a extinção de algumas ocupações, que se tornam dispensáveis devido aos avanços tecnológicos; há também uma crescente flexibilização e desregulamentação dentro do próprio mercado formal de trabalho, que colocam cada vez mais em risco o mínimo de suportes sociais dos trabalhadores; há, enfim, a constante precarização das condições de trabalho, o grande aumento do desemprego, da inclusão de cada vez mais trabalhadores no mercado informal de trabalho e da dificuldade de inserção no mercado formal dos trabalhadores que já se encontravam anteriormente na "informalidade" (ACKERMANN, 2007; NARDI, 2003; TELLES 2001; FARINA; NEVES, 2007; CAVALCANTI; GUILLEN, 2001).

No Brasil, estas mudanças no mercado de trabalho começaram a surgir a partir da década de 80 e se intensificaram, especialmente, na década de 90. Em São Paulo, principalmente, uniu-se a esta nova realidade uma intensificação das políticas sociais neoliberais, caracterizadas por Höfling (2001) como políticas compensatórias:

Em um Estado de inspiração neoliberal as ações e estratégias sociais governamentais incidem essencialmente em políticas compensatórias, em programas focalizados, voltados àqueles que, em função de sua "capacidade e escolhas individuais", não usufruem do progresso social. Tais ações não têm o poder – e freqüentemente, não se propõem a – de alterar as relações estabelecidas na sociedade. (HÖFLING, 2001, p. 39)

Há, então, o aumento dos processos de privatização de empresas públicas e das terceirizações, diminuindo as contratações e descartando ainda mais a proposta de universalização dos direitos sociais no país (FARINA; NEVES, 2007; NARDI, 2003):

[...] a promessa constitucional da construção da "propriedade social", que seria garantida pelo Estado e que daria sustentação e segurança às pessoas, foi abortada, dando lugar a políticas públicas de bem-estar orientadas pela privatização e pela seletividade. (SATO, 2010, p. 27)

Nesse contexto, de acordo com Telles (2001), nem mesmo os direitos proclamados constitucionalmente são garantia de condições adequadas de trabalho e até as próprias empresas sabem como se "ajustar" às condições adversas, já que a legislação brasileira nunca se colocou como um obstáculo para estes "ajustes" que tanto precarizam as relações de trabalho:

Com isso, o que chama a atenção aqui é uma precariedade (e vulnerabilidade social) que se instala no interior mesmo do mercado formal de trabalho. [...] São esses os termos pelos quais vem sendo aplicada a chamada flexibilização do trabalho, modo de escapar da pressão sindical, de se liberar de custos trabalhistas e ampliar ainda mais a autonomia nas práticas de demissão. (TELLES, 2001, p. 97-98)

Para Castel (1998), diante destas mudanças, a nova questão social seria a crescente desregulamentação das relações de trabalho e a existência de, mais uma vez na história, "inúteis para o mundo", de "supranumerários", não integráveis ao mercado de trabalho atual, vivendo uma situação de constante instabilidade e incerteza sobre o futuro: "*[...] os supranumerários de hoje, ou seja, indivíduos que sobrevivem abandonados à própria sorte, sem a possibilidade de exercício da cidadania, por não estarem inseridos em nenhuma estrutura coletiva que os integre na dinâmica social.*" (NARDI, 2003, p. 41).

Assim, em meio a estas circunstâncias atuais, a instabilidade e a insegurança passam a ser constantes no cotidiano da vida de cada vez mais indivíduos, principalmente daqueles que, mesmo no "auge" da sociedade salarial brasileira, já viviam fora das proteções sociais asseguradas aos trabalhadores do mercado formal. Com a diminuição das possibilidades de trabalho e sem a propriedade social assegurada pelo Estado, estes indivíduos acabam se submetendo a condições precárias e injustas de trabalho, na tentativa de garantir pelo menos sua sobrevivência (DUARTE; FUSCO, 2008), aumentando então as: "*[...] numerosas situações de insegurança e de precariedade que se traduzem através das trajetórias estremecidas, feitas de buscas inquietas para se virar no dia-a-dia.*" (CASTEL, 1998, p. 603).

Como apontado por Telles (2001), a precarização do mercado de trabalho acarreta fragmentações de identidades e perda de referências coletivas, devido à ausência de direitos

como medida de equivalência. Os trabalhadores que possuem vínculos instáveis com o mercado acabam perdendo até mesmo o estatuto de trabalhadores, privando-os ainda mais de seus direitos e da possibilidade de reivindicá-los no espaço público. Assim, de acordo com Sennett (1998, citado por NARDI, 2003), a insegurança permanente e a impossibilidade de planejar o futuro acabam corroendo até mesmo o "caráter" dos trabalhadores:

A questão do desemprego é, nesse sentido, paradigmática. Sem direitos que garantam a identidade e o estatuto de trabalhador, o rompimento do vínculo do trabalho pode significar uma situação que joga o trabalhador na condição genérica e indiferenciada do não-trabalho, na qual se confundem as figuras do pobre, do desocupado, da delinquência ou simplesmente da ociosidade e vadiagem. (TELLES, 2001, p. 101)

Estas mudanças atuais no mundo do trabalho produzem um novo tipo de exclusão social, em que à integração precária no mercado se acrescentam o bloqueio de perspectivas de futuro e a perda de uma sensação de pertencimento à vida social (LECHNER, 1990, citado por TELLES, 2001). Trata-se do que Martins (1997, 1998) conceituou como *inclusão marginal* e não como exclusão, que, para ele, é um termo que acaba sendo aplicado a qualquer âmbito da vida e a qualquer tipo de problema social, perdendo-se de vista a especificidade de cada de um deles e o modo de enfrentá-los.

Para Martins (1997, 1998), o problema da exclusão não existe em si, mas seria, na sociedade capitalista, um momento da dinâmica de um processo mais amplo, que tem como lógica o desenraizamento e a exclusão de todos os seus membros, para que sejam incluídos nas leis do mercado, transformando-se em vendedores e/ou compradores de força de trabalho e também em consumidores. Então, por muito tempo, a sociedade capitalista reincluiu de forma mais rápida os trabalhadores desenraizados, como por exemplo: um camponês expulso de sua terra, desenraizado acabava sendo absorvido rapidamente como mão-de-obra das indústrias da cidade grande. Assim, os migrantes que vinham para São Paulo, antes especialmente dos anos 90, acabavam sendo incluídos com mais rapidez no mercado de trabalho (CAVALCANTI; GUILLEN, 2001).

Mas, com o fenômeno do desemprego maciço e da precarização das relações de trabalho, este tempo de reinclusão do trabalhador se tornou mais demorado, constituindo-se em uma nova forma de vida na fronteira do processo de exclusão-inclusão. O problema social, portanto, não está na exclusão, mas sim nesta inclusão "perversa e marginal" que se instala como solução para parte significativa da população, havendo cada vez mais um estreitamento das possibilidades de ascensão e das oportunidades de vida:

Nós estamos em face de uma nova desigualdade social. [...] A desigualdade entre os plenamente incluídos (com acesso às oportunidades que a sociedade pode oferecer na economia, nas relações sociais, na cultura) em relação àqueles cuja inclusão se situa à margem dessa mesma sociedade, submetidos a permanentes insuficiências, carências e privações, não só materiais. Aqueles que se defrontam, de fato, com coisas, espaços e situações que lhes são vedados nas próprias relações cotidianas. (MARTINS, 1998, p. 28)

Dentro deste contexto de exclusão-inclusão capitalista, o comum, de acordo com Martins (1998), seria migrar para procurar trabalho e se "reajustar" às leis do mercado. O problema social das migrações está, portanto, na demora na reinclusão dos migrantes na sociedade, sendo que muitos acabam vivendo nesta fronteira da exclusão-inclusão, incluídos marginalmente na cidade. Assim, é preciso pensar nos deslocamentos sociais presentes nos deslocamentos espaciais: pensar nos fatores sociais, culturais e políticos embutidos no processo de migração.

Frente a estas mudanças no mundo do trabalho atual, há também mudanças nos fluxos migratórios, havendo, por exemplo, aumento das migrações de retorno, que são inclusive incentivadas pelo Estado (CAVALCANTI; GUILLEN, 2001; PÓVOA NETO, 1997). Assim, aqueles que, outrora, foram mobilizados com a promessa de integração e desenvolvimento, hoje, como já foi dito, tornam-se improdutivos e "excedentários", sem espaço nas grandes cidades, como São Paulo (PÓVOA NETO, 1997). Pessoas, estas, incluídas marginalmente na cidade, lidando em seu cotidiano com a pobreza, o desemprego e a privação de direitos:

Desnecessários como força de trabalho, para que garantir-lhes direitos? Está preparado o terreno para o aprofundamento do descaso pelo direito ao trabalho, à escola, à saúde, à habitação, aos bens culturais, ao respeito social e à segurança pessoal. (PATTO, 2010, p. 12)

Com a crescente perda das proteções e seguridades sociais, estas pessoas buscam novas formas de lidar com as privações em que vivem, utilizando "táticas astuciosas" - conceito que será discutido mais adiante - para assegurar, de alguma maneira, alguns de seus direitos (SATO, 2010). Segundo Farina e Neves (2007), há diversidades de ações de enfrentamento para lidar com a situação de desemprego, como a busca por novas formas de geração de renda, a construção e o uso de redes sociais, a busca por políticas públicas de geração de renda e trabalho e também por políticas de assistência social.

Assim, dentro destas novas configurações da nossa sociedade, é preciso pensar quais seriam as formas possíveis de assegurar direitos, de garantir propriedade social: *"Para tal, é necessário esforçar-se por pensar em que podem consistir as proteções numa sociedade que se torna cada vez mais uma sociedade de indivíduos. [...] O que quer dizer e o que pode significar hoje 'estar protegido'?"* (CASTEL, 1998, p. 595).

Além disso, também é preciso pensar nas formas possíveis de inclusão que podem ser construídas hoje em dia, já que há, cada vez mais, uma precarização das relações formais de trabalho, antes consideradas como a "inclusão ideal":

Certamente esta noção de inserção é fundamentalmente ambígua. A inserção "ideal" que seria a integração num emprego estável é geralmente impossível. [...] Nessas situações (falamos então de inserção social e não de inserção profissional), a inserção corre o risco de ser um arremedo de certa forma improvisado, um simples ocupacionismo que consistiria, no limite, em fazer qualquer coisa em lugar de não fazer nada. [...] Inserir é geralmente menos que integrar, pois o vínculo social que se procura reconstituir é mais frouxo, correndo o risco de ser mais frágil que as interdependências que incluem um indivíduo num emprego estável e numa rede inter-relacional forte. (CASTEL, 1997, p. 37)

Quais seriam, então, as inclusões possíveis que permitiriam, como aponta Nardi (2003), a (re)construção de suportes sociais que possibilitem a existência de indivíduos com direitos iguais? E será que estas inclusões só podem ser feitas através do trabalho? Perguntas, estas, para as quais ainda não possuímos respostas, mas que não podem deixar de ser questionadas, de serem discutidas como um desafio na construção de uma sociedade mais democrática. São perguntas que acompanham constantemente o caminhar do presente estudo.

1.5 Entre a "roça" e a "cidade grande": considerações sobre migrantes vivendo em São Paulo

Vimos, então, até agora, como há muitos outros aspectos nas migrações do que apenas o deslocamento de pessoas de um ponto ao outro: há contextos históricos, sociais, econômicos, políticos que preenchem estes deslocamentos, além, é claro, das singularidades das pessoas que os realizam e que, dentro destes contextos, dão sentido a eles, construindo formas de existir, de sobreviver e também de resistir às condições sociais impostas. Estes migrantes "pobres", vindos de zonas rurais do país, chegam em São Paulo "empurrados" por estas condições e contextos, mas também em busca de sonhos, de melhores condições de vida. Em São Paulo, continuam desprotegidos socialmente, tendo sua cidadania negada e precisando inventar, cotidianamente, maneiras diversas de pertencer à cidade, de sobreviver e de resistir a ela. Cabe, agora, portanto, discutir a relação destas pessoas com a cidade e como são recebidas por ela.

As diferenças entre a "roça" e a "cidade" já aparecem até nas origens destas palavras. Besselaar (1994) procura recuperar estas origens, contribuindo, assim, para uma melhor

compreensão dos sentidos que são atribuídos a estes dois "lugares" no presente. Segundo o autor, em muitas origens da palavra "cidade", ela surge ativamente conectada com a noção de cidadão, que é aquele que pertence a um grupo, ligado aos outros do mesmo grupo por laços de solidariedade e afeição. Assim, viver na cidade seria conviver ao lado de outros cidadãos por laços afetivos, construindo uma sociedade junto com eles. Besselaar (1994) também afirma que, em muitas línguas, a palavra "cidade" surgiu com um sentido de algo cercado, fechado, como uma fortaleza.

Já as origens da palavra "roça", como apontado pelo autor, estão muitas vezes ligadas a um tipo de atividade do homem com a natureza, a um tipo de trabalho no campo, a uma aldeia rural. Também designa aqueles que não pertencem à cidade, como o "pagão", que significava rústico, aldeão e, depois, com o Cristianismo que se expandiu pelas cidades, passou a designar aqueles que não eram cristãos e que, por isso, permaneciam excluídos, fora dos centros urbanos. Besselaar (1994) aponta, então, como é antigo o preconceito dos habitantes das cidades em relação aos trabalhadores do campo, já que não faziam parte da "civilização", sendo vistos como atrasados e ignorantes, como "não-civilizados".

Os cidadãos seriam, então, nas origens das palavras, os habitantes da cidade, que convivem entre si. A cidade seria a marca maior do progresso civilizatório (TELLES, 2001), aonde as relações de cidadania, enfim, poderiam se desenvolver: "*Cidade precisa de cidadãos [...]. Cidadãos não é coisa que se fabrica: cidadãos, reúnem-se. Reúnem-se na igualdade, na palavra, no poder repartido.*" (GOLÇALVES FILHO, 1998, p. 12). Mas a realidade atual das cidades está bem distante destas origens. E, nas grandes cidades capitalistas, como São Paulo, o fenômeno da dominação⁸ está presente até no próprio desenho da cidade, mostrando como o espaço não é neutro, sendo determinado politicamente e economicamente. Nestes contextos, como já foi visto, "restam" espaços marginais àqueles que não tiveram seus direitos básicos garantidos pelo Estado, vistos como "não-cidadãos": como os migrantes "pobres" que vieram para São Paulo.

Richard Sennett (2010), sociólogo e historiador norte-americano, com a intenção de fazer uma história da cidade contada a partir da experiência corporal de um povo, estudou diversas delas, desde a antiga Atenas à atual Nova York, tentando compreender essa relação entre o homem e a cidade. Para o autor, o atual ambiente urbano é formado pela tríade

⁸ A dominação seria o impedimento da palavra e da ação humana, do direito de agir, de falar e de tomar parte nas iniciativas e decisões. A dominação destrói a atividade política, que só pode ser exercida entre iguais, e que respeita a pluralidade e a singularidade. Na dominação, a diversidade se torna pretexto para a desigualdade. (GONÇALVES FILHO, 2007)

velocidade, fuga e passividade. Com a velocidade de locomoção moderna, o espaço urbano foi transformado em um simples corredor, em um lugar de passagem, medido pela facilidade com que se dirige por ele ou com que se afasta dele. Locomover-se na "geografia da sociedade moderna" requer quase nenhum esforço físico e, portanto, quase nenhum vínculo com o que está ao redor. Assim, segundo Sennett (2010), a "geografia urbana" é fragmentada e descontínua, tornando o corpo das pessoas que a atravessam passivos e anestesiados diante do espaço e das pessoas ao seu redor.

Para o autor, hoje em dia, a ordem significa, justamente, essa falta de contato, essa separação entre pessoas: *"Os espaços e caminhos públicos, na sociedade de classes, são imantados pelo poder de segregar, pelo poder de sempre atualizar a desigualdade."* (GONÇALVES FILHO, 2007, p. 10). Os corpos, que antes se aglomeravam nos centros urbanos, hoje estão dispersos, mais preocupados em consumir do que em qualquer outro propósito mais complexo, político e comunitário. De acordo com Sennett (2010), a presença de outros seres humanos em meio à multidão passou a ser vista como ameaçadora. Assim, cada corpo se move à vontade, mas sem perceber a presença dos demais.

Desta maneira, para Sennett (2010), nas cidades modernas, o individualismo sedimentou o silêncio dos cidadãos: os locais, antes considerados de convivência, destinados a conversações, tornam-se locais de passagem. Segundo o autor, nesse ambiente, as pessoas não acolhem as diferenças e a dessemelhança cria hostilidade, sendo que o máximo que pode haver é a tolerância. Citando Lewis Mumford, Sennett (2010) coloca que o capitalismo tratou terrenos, quarteirões, ruas e avenidas como unidades abstratas destinadas somente à compra e venda, desconsiderando os usos históricos, as condições topográficas ou as necessidades sociais. Sobre isso, Gonçalves Filho (1998) nos dá uma clara descrição:

O cimento é lançado por motivos funcionais: regula o limite entre calçada e rua, disciplinando os pedestres — estes, justamente, são tidos como homens em marcha, marcha para o trabalho, marcha para as compras. Na cidade, o excesso de pavimentação, a sobrecarga do concreto, dos asfaltos, é sempre índice de que não se pensa nos cidadãos como seres que se detêm, que se demoram ou sossegam. (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 2)

Segundo Seabra (2000), estas características configuram a metrópole: *"[...] uma superfície de urbanização contínua, domínio do quantitativo porque regido pelo princípio: 'tempo é dinheiro'."* (SEABRA, 2000, p. 17). Para a autora, a constante e crescente urbanização, regida por uma lógica de sistema, com o sentido da funcionalidade técnica e da rentabilidade econômica, foi rompendo e dilacerando a estrutura funcional da cidade, dificultando cada vez mais a possibilidade de enraizamento de seus cidadãos:

[...] a urbanização carrega a luta de sujeitos sociais fragmentados nos seus pertencimentos, desterritorializados e sempre em vias de o serem que, não obstante, têm que resolver problemas de sobrevivência, aqueles da existência concreta e cotidiana. [...] Estas lutas no plano da existência de homens concretos situa-os entre o ser e não ser: ser cidadãos ou não ser nada. E não sendo cidadão vivem os impasses que a democracia formal parece não poder resolver. (SEABRA, 2000, p. 12)

Há, nesses ambientes urbanos, uma desconsideração pelo passado, pela história, o que deixa as pessoas cada vez mais aprisionadas ao imediatismo do presente. Essa "perda" do passado ocorre de forma muito mais radical nos migrantes "pobres" vindos de zonas rurais, que foram desapropriados de suas tradições, de sua memória. Esse processo de desapropriação do passado, das tradições, da história é o processo de desenraizamento. O enraizamento é definido por Simone Weil (2001) como:

[...] talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. (WEIL, 2001, p. 43)

De acordo com Bosi (2003), quando culturas se defrontam como diferentes formas de existir, uma se mostra para a outra como uma revelação, mas esta troca entre culturas raramente acontece fora dos pólos submissão-domínio. Assim, a cultura dominada perde os meios de expressar sua originalidade, sofrendo um processo de desenraizamento. Há, portanto, uma privação do direito de ter um passado, que não permaneça somente sob o formato de memórias individuais, mas sim fazendo parte da História (CAVALCANTI; GUILLEN, 2001). Mas se há dominação e desenraizamento, há também as formas de resistência dessa população ao colonialismo imposto pelo mundo moderno e pela cultura de massas:

Apesar do surgimento dessa nova desigualdade, o que se observa aqui na cidade de São Paulo, aqui na região metropolitana, é uma curiosa migração de ritos, de componentes culturais, sons, ritmos, sabores, etc. das culturas de origem de que as pessoas foram desenraizadas. [...] Há aí seguramente um componente de resistência. (MARTINS, 1998, p. 32-33)

Segundo Mello (1992, 1994), estes migrantes provocaram mudanças fundamentais na cidade de São Paulo, assim como foram modificados por ela. São pessoas que conseguiram urbanizar-se a custo de um forte processo de desenraizamento, carregado de desvalorização e preconceitos. Na cidade, o migrante tem que abrir mão de certas referências culturais: há uma ruptura do conhecimento das coisas do campo, consideradas por vezes inúteis no meio

urbano. E é preciso se readaptar a uma vida que não é mais regida pelo tempo da "roça" e organizada pelas tradições, reorganizando sua família e suas relações sociais:

Vêm para São Paulo. Jampruca fica para trás. Mas não só Jampruca. O trato com a terra, com o plantio e a colheita, o cheiro do campo e dos animais, o horizonte amplo, só cortado pelos morros; os rios de lavar roupa e tomar banho, as palavras e as coisas da roça também ficam para trás, de tal maneira que, ao virem para São Paulo, dão um salto não só espacial como um salto no tempo. Jampruca, porém, fica na memória das mulheres, que dela recordam, como se recordassem a infância, o pior e o melhor, o sabor da fadiga e o sabor da festa. (MELLO, 1988, p. 53)

Na "roça", também possuíam condições difíceis de vida; havia o "trabalho pesado", explorações dos proprietários rurais, falta de proteções sociais, de serviços, de comida e isto é algo a ser destacado aqui: *"A experiência da escassez não nasce na cidade. Pelo contrário, ela é constitutiva da experiência original de vida rural e responsável, em grande parte, pelo movimento migratório."* (MELLO, 1994, p. 5). Assim, as situações de pobreza, de denegação de direitos, de convivência cotidiana com os "imperativos da sobrevivência" já estavam presentes antes mesmo da vinda para a São Paulo: *"O trabalhador abandona a zona rural quando percebe que 'não pode melhorar de vida', isto é, que a sua miséria é uma condição permanente."* (DURHAN, 1973, p. 113 citado por MELLO, 1988, p. 49).

Vêm para São Paulo, a "capital do trabalho", em busca de algo melhor, do "progresso" que ela promete, e de uma vida com menos privações do que a que levavam em suas terras de origem (CAVALCANTI; GUILLEN, 2001). Com a migração, perseguem-se sonhos, mas também a elementar sobrevivência: *"Migrar é exercer o desejo de mudar, de não se conformar."* (CAVALCANTI; GUILLEN, 2001, p. 49). Mas a cidade grande acaba expondo brutalmente as diferenças de classe e de renda, criando mais claramente as estratificações sociais, até mesmo em termos de espaço, restando a estes migrantes espaços "marginais", em bairros periféricos (MELLO, 1994).

Estes espaços periféricos acabam distanciando seus moradores das questões mais próprias do âmbito público, como a política⁹, já que ficam isolados dos centros urbanos (MELLO, 1992), destituindo-os ainda mais de suas possibilidades de reivindicar seus direitos. A relação de comunidade que, antes, era fortemente sentida em suas terras-natais, é também interrompida por esta organização capitalista do espaço: *"[...] trabalhadores isolados;*

⁹ Segundo Hannah Arendt (2010), a política é uma relação entre iguais que se dá no mundo público, permitindo que as pessoas possam agir sobre ele, que possam transformá-lo. A sociedade moderna e capitalista, que tem a desigualdade e a dominação como intrínsecas, acaba destruindo o mundo público, que se torna cada vez mais privatizado: limita-se o poder das pessoas de agir, de transformar, de aparecer como um ser humano.

cidadãos isolados; casas isoladas, sem horizonte; praças isoladas, sem companheiros." (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 4).

Restam também, a estes migrantes, "trabalhos periféricos", precários, na maioria das vezes, sem acesso aos mínimos suportes sociais, fazendo com que tenham que inventar táticas astuciosas para conseguirem garantir, pelo menos, a sobrevivência e, quem sabe, alguns de seus direitos: *"Viver é trabalhar. As coisas, para elas, se confundem, são uma só. Viver o dia de amanhã depende da labuta do dia de hoje, verdade tão profundamente introjetada que elas não elaboram nem mesmo fantasias a esse respeito."* (MELLO, 1988, p. 168). Como colocado por Mello (1988), o mínimo vital só é conseguido com um máximo de trabalho: *"O tecido de suas vidas tece-se com o fio do trabalho."* (MELLO, 1988, p. 157).

Assim, tanto na "roça", quanto na cidade, continuam, então, a ser os "pobres", sem nomes, sem rostos e sem vozes no espaço público, privados de seus direitos e carregando tantos estigmas, que já foram anteriormente discutidos neste estudo. Na cidade, estes estigmas aparecem ainda com mais força e a vinda destas pessoas era (e ainda é) vista como uma invasão de um povo potencialmente perigoso, como um atraso no lugar em que deveria ser o mais "moderno", de maior "progresso":

A imagem de uma cidade insalubre, insegura e perigosa, habitada por uma população rude, estranha, que nem mesmo falava a mesma língua, muito menos compartilhava dos mesmos costumes e que ameaçava a vida civilizada com o crime, a doença, a depravação moral e o motim, traduzia a consciência do divórcio entre dois mundos sem equivalência possível entre si, pois regidos por temporalidades distintas por onde se dava o choque entre as forças do atraso e as forças do progresso. É nessa espécie de confronto entre natureza e cultura que se ancorava a ordem de razões que dava sentido à intolerância social e justificava a repressão e perseguição às manifestações da cultura popular, suas práticas religiosas, seus espaços de sociabilidade, seus usos da cidade e, é claro, a toda forma de aglomeração que pudesse prefigurar a ameaça do motim e da ação desatinada das massas incultas. (TELLES, 2001, p. 37)

Em depoimento prestado à Flávio Pierucci (1985, citado por TELLES, 2001), uma dona de um instituto de beleza, residente do bairro do Belenzinho, em São Paulo, deixa visível os preconceitos que estes migrantes vivenciavam (e ainda vivenciam), mostrando como são recebidos por esta cidade:

O Jânio está tirando as malocas? É assim mesmo. Tira, ele é o dono da casa, manda embora, não presta! Pra que maloca? Volta para tua terra, porque lá você tem um governo que pode construir casa, não constrói porque não quer. Eu já te falei e vou repetir: eles têm fome, eles vêm aqui, coitados, crentes que vão comer, chega aqui não comem, eles têm que matar e roubar. Visto isto, se eu fosse o governo federal, eu ia chamar o governo de Alagoas, 'seu fulano, é o seguinte lá em São Paulo tem muito alagoano'. Chamar o sicrano,

vamos supor, do Ceará e: 'seu Pinto, lá tem muito cearense, toma conta porque se não te tiramos as verbas'. Ou estou errada? Sabe, se o dono da porcada não faz nada, quem vai fazer? [...] Vai trabalhar lá na tua terra, vai criar galinha, pinto e porco. Vai prá lá! [...] Você já reparou que bandido paulista é muito difícil? Paulista não tem tempo de roubar, paulista quer trabalhar. Você não vê um homem caído no chão que seja paulista, você não vê um paulista metido em confusão. É que a gente não pode falar porque senão vão pensar que a gente é subversiva. (Depoimento prestado à PIERUCCI, 1985, s.p. citado por TELLES, 2010, p. 71-72)

E estas são as "boas-vindas" que São Paulo dá a estes migrantes, que, em determinada época, foram mobilizados como força de trabalho para esta cidade, mas nunca com um projeto que os integrassem a ela, que os reconhecessem como cidadãos no sentido da origem do termo, pertencentes à cidade, vivendo em relações de cidadania. Assim, tanto ontem, quanto hoje, estes migrantes precisam lutar por espaços na capital paulista, na qual vivem em condições precárias de moradia. Estas "malocas", como nomeadas no depoimento acima, as "favelas", os "cortiços", enfim, os bairros periféricos, apesar de isolar seus moradores do espaço público da política, são a representação material de um imenso esforço destes trabalhadores de baixa renda na busca por um ajustamento à cidade (MELLO, 1992).

Bairros, estes, que são oficialmente nomeados como "bairros dormitórios", como se a humanidade de seus moradores se esgotasse na figura do trabalhador. O trabalho é central e ocupa, sim, a maior parte do tempo de suas vidas e até se confunde com elas, já que é através dele que mantêm a sobrevivência na cidade, mas suas vidas, sua sociabilidade e, principalmente, sua humanidade não se encerram no trabalho: não são somente trabalhadores, são seres humanos que vão muito além do cargo ou da atividade que ocupam na sociedade. (MELLO, 1992, 1994)

Os migrantes, longe de grande parte da família e de suas tradições, recompõem-se nesses bairros, procurando manter o mesmo estilo de vida dos pequenos lugares de onde vieram. São neles que descansam, que têm momentos de lazer, que constroem sua família e que formam laços de amizade. Há uma relação afetiva com o bairro, que se torna uma grande família que depende, em tempos difíceis, da solidariedade dos vizinhos para sobreviver. Assim, por trás da precária aparência das casas, há relações humanas densas entre moradores que construíram em conjunto a história do bairro. (MELLO, 1988, 1992, 1994)

A estrutura física destes bairros, de acordo com Mello (1992), tem uma maneira peculiar de aproximar as famílias, que nunca ficam isoladas, devido às proximidades das casas, sendo constantes as trocas entre vizinhos. Esta estrutura acaba favorecendo a criação de uma rede de apoios mútuos para os momentos de necessidade e os moradores aprendem, ao

enfrentar suas dificuldades cotidianas, que não conseguiriam sobreviver sem essa ajuda mútua:

A consciência da pobreza comum a todos, e de uma fronteira muito tênue entre a segurança e a insegurança, gera a solidariedade. Ela não é isenta de conflitos e falatórios. Toda a complexidade das relações humanas dentro de uma pequena comunidade estão presentes ali. Assim como há ajuda, há brigas. Mas a prática de compartilhar os problemas alheios, o poder de identificação com a miséria do outro, cria laços fortes de solidariedade. (MELLO, 1992, p. 126)

Há, portanto, nestes lugares, a possibilidade da formação de comunidades, de relações comunitárias, em que as pessoas são vistas sem mediações, em sua totalidade, e não como quem ocupa um cargo ou como alguém fragmentado (GONÇALVES FILHO, 2007). Em comunidade, há a presença da humildade, que permite a aparição do "pobre" como alguém e não como coisa. Como colocado por Gonçalves Filho (1998, p. 10):

O humilhado, como um barraco caindo aos pedaços, surpreende: não ostenta sua humanidade; sua aparência chega a contradizê-lo e, no entanto — aí reside seu impacto sobre outros homens, sobre nós — sua humanidade manifesta-se através de sinais mínimos, agonísticos mas essenciais. (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 10)

De acordo com o autor, a precariedade das condições de moradia destes migrantes e moradores de bairros periféricos acaba deixando mais claro que o que há de mais sólido ali é a companhia dos outros homens e não os bens materiais, o que traz possibilidades de enraizamento: *"A vida comunitária — altamente politizadora sob este aspecto — é o que ao mesmo tempo, pode manter nossa dependência inter-humana e recusar toda servidão."* (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 12).

Estas organizações comunitárias que criam enraizamento fazem com que haja esperança de que outras formas de relação, livres da dominação, são possíveis e de que o homem, mesmo em situações extremas, continua com a capacidade de começar, de quebrar com o esperado, de agir. Mas estes começos precisam ser reconhecidos como ações de mudança, inseridos dentro das lutas por direitos e cidadania, através da "linguagem pública da igualdade e da justiça", retirando o estigma de passividade e incapacidade com o qual os "pobres" são revestidos em nossa sociedade: *"O começo é disparado por um iniciador, mas o poder de uma iniciativa depende sempre da adesão de outros."* (GONÇALVES FILHO, 2004, p. 19).

1.6 Redes sociais: alguns aspectos

Com um Estado incapaz de dar proteção a esta população, novas formas de se integrar à cidade são acionadas, como as redes sociais de apoio. Estas redes são basicamente formadas por pessoas que criam laços de confiança e solidariedade entre si, podendo contar umas com as outras nos momentos de maior dificuldade. Há também as redes sociais formadas por instituições, serviços, locais de convivência, entre outras. As relações entre os moradores dos bairros periféricos, que foram discutidas anteriormente, constituem algumas das importantes redes que estes migrantes participam em São Paulo: *"Sabe-se que o bairro popular serviu freqüentemente de rede de proteção, tanto do ponto de vista econômico quanto em relação aos riscos de dessocialização determinados pela pobreza."* (CASTEL, 1997, p. 32).

Castel (1997), ao falar sobre o processo de desfiliação, coloca a inserção relacional como um aspecto muito importante para situar os indivíduos no mundo, além da integração no trabalho. A desfiliação seria, então, um duplo processo de desligamento: a ausência de trabalho e o isolamento relacional. Segundo o autor, a precariedade do trabalho e a fragilidade das redes relacionais estão freqüentemente associadas e aumentam os riscos de desfiliação dos indivíduos que se encontram nessa situação. Na situação de desemprego, por exemplo, a ausência de integração ao trabalho gera também uma fragilidade na inserção relacional destes indivíduos, que já não possuem as mesmas seguranças de quando estavam vinculados ao trabalho.

Estas redes relacionais não se formam somente a partir do trabalho, elas existem também no bairro, nas relações de vizinhança, na família e em outras situações de sociabilidade dos indivíduos, que muitas vezes podem trazer proteções que compensem a precariedade no trabalho: *"Esse modelo evidencia que o trabalho não é o único responsável pela promoção da proteção social e pela segurança diante dos acasos da existência; a inserção relacional também tem um importante papel nesse sentido."* (ACKERMANN, 2007, p. 45). Assim, as redes sociais podem ser compreendidas como estas relações que se estabelecem entre pessoas, que criam a possibilidade de garantir certa proteção nos momentos de grandes privações.

Para Ávila-Toscano (2009), a troca emocional e material entre indivíduos é a base constituinte destas redes sociais. O apoio social, afetivo, moral e econômico, juntamente com a proteção recebidos pelo contato com o outro traz satisfação de necessidades e se apresentam como mecanismos de sobrevivência, que contribuem para o desenvolvimento social de todo o grupo. Muitas vezes, estas relações acabam cobrindo lacunas deixadas pelo Estado, que não

garante propriedade social a todos os indivíduos, fazendo com que tenham que procurar alguma segurança através destas redes.

Uma pesquisa etnográfica realizada por Almeida e D'Andrea (2004), na favela de Paraisópolis, em São Paulo, revelou que os vínculos criados por meio das redes sociais são essenciais para diminuir a situação de vulnerabilidade, aumentando a circulação de "benefícios materiais e afetivos" na comunidade. Mas nem sempre estas redes são suficientes: *"Ainda que na favela de Paraisópolis se verifique uma significativa e variada circulação de benefícios, essa oferta não dá conta das crescentes demandas dos seus moradores, que em boa parte se vêem excluídos do mercado de trabalho formal e da rede de serviços públicos."* (ALMEIDA; D'ANDREA, 2004, p. 105).

Segundo Dornelas (2001), o estudo das redes sociais se mostra essencial para se entender a migração, tanto seus motivos e planejamento, como seus desdobramentos. É por meio das redes sociais que o migrante adquire recursos e planeja seu deslocamento. São também as redes que irão proporcionar a inserção do migrante na nova realidade, por meio do acesso ao mercado de trabalho (MARQUES, 2007), da transferência das novas "regras culturais", e do contato com as instituições da região: *"As redes são a mediação da relação do migrante com a sociedade de adoção"* (DORNELAS, 2001, p. 6).

Estas redes sociais se configuram, fundamentalmente, pela família, o que, no caso dos migrantes, acaba tendo seus laços alargados para outros locais, aumentando as alternativas de sobrevivência: *"Tais redes se tornam forças sociais vivas, a estabelecer "pontes" entre lugares e a permitir o fluxo de informações e pessoas que fizeram da mobilidade geográfica a sua principal estratégia de sobrevivência."* (PÓVOA NETO, 1997, p. 22 citado por GOMES, 2001, p. 35).

Para Dornelas (2001), compreender mais claramente estas redes permitiria aumentar a consciência de todas as possibilidades trazidas por elas com relação às lutas por cidadania. Há, portanto, segundo o autor, a necessidade de se criar novas formas de interação com as diferentes redes acessadas pelos migrantes na cidade:

É dessa interação renovada, permitindo uma "abertura" alternativa da rede dos migrantes em direção à sociedade abrangente, à consciência de direitos, tornando o migrante sujeito de sua história, que poderão surgir outras modalidades de organização popular que aproveitem as potencialidades criativas das redes originárias dos migrantes. (DORNELAS, 2001, p. 10)

Assim, identificar quais redes são acessadas por estes migrantes vivendo em situação de denegação de direitos pode ser uma forma de pensar em possíveis políticas públicas que garantam, de fato, alguma segurança social em suas vidas. As buscas por estas redes sociais

são feitas através de táticas astuciosas que precisam inventar no dia-a-dia para "juntar pedaços" (SATO, 2010) e, assim, tentar assegurar alguns de seus direitos.

1.7 Apontamentos sobre a capacidade de começar e a *astúcia* para continuar

Segundo Hannah Arendt (2010), os homens não nascem para morrer, mas sim para começar. A autora coloca, então, que uma capacidade de realizar *milagres* deve ser incluída na gama das habilidades humanas, e é o exercício dessa capacidade que confere às atividades humanas duas das características mais essenciais de nossa existência, que correspondem à fé e à esperança.

O fato de o homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isso, mais uma vez, só é possível porque cada homem é único, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo. Desse alguém que é singular pode-se dizer, com certeza, que antes dele não havia ninguém. (ARENDRT, 2010, p. 223)

De acordo com Martins (1998a), as pessoas, mesmo nas situações mais extremas, têm capacidade de dar sentido à realidade, de compartilhar significados. Por isso, os significados são reinventados continuamente pelos sujeitos ao invés de serem copiados. O homem, portanto, é também sujeito de ação e criação e não só de repetição e é a partir de cenas cotidianas, de acontecimentos cotidianos que podemos vê-lo em ação, tentando dar sentido à realidade em que vive.

Gonçalves Filho (2007) também fala sobre esse poder de ressignificar situações, rompendo com o entendimento inercial, ao que dá o nome de *resignação*. Para ele, só é possível compreender a resignação das pessoas "pobres" como um poder a partir de conversas com elas, verificando, assim, que abominam o rebaixamento, a situação em que se encontram e que lutam diariamente para sobreviver e resistir a ela:

As massas são constituídas por homens, mulheres, crianças. As massas são pessoas embrutecidas e aviltadas pela servidão, mas nem por isso menos capazes de raciocinar, de aprender, de amar e de agir, nos estreitos limites de liberdade que não lhes puderam ser roubados. (MELLO, 1989, p. 15)

Michel de Certeau (2008), ao estudar como os consumidores fazem uso, no dia-a-dia, dos produtos culturais que não foram fabricados por eles, refuta a idéia predominante de que eles recebem os bens culturais de maneira passiva. Coloca que há, então, uma pluralidade da cultura, já que, a partir da análise das práticas cotidianas, é possível perceber que não há

somente uma cultura passada linearmente por quem produz para quem consome, não há somente uniformização e obediência, há também inventividade, criação. As pessoas inventam "maneiras de fazer" diferentes das que foram passadas para que elas seguissem. Assim, para o autor, há, no cotidiano, espaço para a disciplina, mas também para a antidisiplina, para a subversão. Os chamados "dominados", os mais "fracos", os "carentes", portanto, não podem ser tidos como passivos.

Como ilustração disto, Certeau (2008) dá o exemplo dos indígenas da América do Sul que foram cristianizados à força pelos espanhóis. De fora, os índios pareciam se submeter totalmente e se conformar com as expectativas do conquistador, mas, na verdade, faziam, nas palavras do autor, uma "bricolagem" com e na economia cultural dominante, fazendo funcionar as suas leis e suas representações, mas em um outro registro, dentro de suas próprias tradições. Para o autor, esta "maneira de fazer", esta "bricolagem" consiste no que ele denominou de a "arte do fraco", a que corresponde a "politização das práticas", quando se aproveitam as oportunidades que as circunstâncias oferecem, dando-se golpes em território alheio (SATO; OLIVEIRA, 2008). São as táticas, conceito desenvolvido por Certeau (2008) em contraposição às estratégias.

As táticas são "maneiras de fazer" daqueles que, em situações de desigualdade de poder, de desigualdade política, têm que ter *astúcia* para sobreviver, fazendo o que é possível naquele momento. A *astúcia*, aqui, não é compreendida como "esperteza" e "malícia", como comumente empregada em nosso vocabulário: ela corresponde a estas criações, a estas "maneiras de fazer" dos "fracos", a estas "táticas". Nestas táticas, não há um lugar próprio para o planejamento das ações, sendo preciso "se virar" no espaço que é do outro, tentando criar caminhos possíveis. Já nas estratégias, há um lugar próprio, no qual a pessoa pode planejar suas ações.

Segundo Certeau (2008), as táticas operam golpe por golpe, lance por lance, aproveitando as "ocasiões" e delas dependendo. São determinadas pela ausência de poder, enquanto as estratégias são organizadas pelo postulado de um poder. As táticas apontam para uma habilidosa utilização do tempo, das ocasiões. A tática é a *astúcia* dos mais fracos. Mas, apesar disso, como nos alerta Sato e Oliveira (2008), é preciso reconhecer que há limites nessas formas astuciosas de lidar com um ambiente sobre o qual se tem muito pouco poder e ínfima margem de controle para interferir.

A passividade atribuída às pessoas "pobres", ou melhor, às pessoas em situação de denegação de direitos, e a visão de que são totalmente submissas, alienadas e sem a

capacidade de "aproveitar" as oportunidades que lhes são dadas fazem parte, como já foi visto anteriormente, das estratégias de dominação utilizadas pelos discursos ideológicos correntes em nossa sociedade. Carregando diariamente o peso destes estigmas, estas pessoas têm suas vozes interrompidas na cidade, sendo negado a elas o direito de agir e o reconhecimento da capacidade humana de começar.

Assim, suas lutas cotidianas são vistas como destituídas de poder. Mas, estando perto destas pessoas, escutando suas histórias e suas reflexões, fica visível que não há passividade: há inquietação, indignação, superação de imprevistos, luta e esperança. Mello (1988), em seu estudo com mulheres migrantes vivendo em São Paulo, coloca:

Porque nenhuma das mulheres, que me ajudaram a alinhar esta narrativa das suas narrativas, permitir-me-ia supor que elas são cegas ou surdas aos conflitos que dilaceram suas vidas, nem mesmo supor que apenas vivam os conflitos e não reflitam sobre eles, que não saibam onde localizá-los. [...] A leitura atenta dos depoimentos permite entrever o trabalho da reflexão e a recusa do papel passivo de simples reagente ao destino ou à fatalidade. [...] Essa forma de calar-se frente à autoridade, já é, embora não o saibam, um modo político de atuação, a defesa do grupo social ao qual todos pertencem, para o pior e para o melhor. Que outras ocultas reservas de rebeldia, é lícito perguntar, não estarão prontas a procurar modos políticos mais evidentes de expressão? (MELLO, 1988, p. 187-189)

Assim, ninguém é totalmente passivo diante dos acontecimentos diários, ninguém se submete sem fazer algum ajuste, alguma criação. Segundo Gonçalves Filho (2007), as pessoas politicamente feridas reagem sempre, a não ser quando mortas, sendo, portanto, indevido tratá-las como "dominadas", "humilhadas", entre outras nomenclaturas que as destituam ainda mais de poder: os protestos variam em "eficácia e lucidez", mas as pessoas reagem sempre. Como, então, tornar estes começos em atos políticos de luta por direitos? Que esta inquietação acompanhe o decorrer da leitura deste estudo.

Capítulo II. O TRABALHO DE CAMPO

2.1 Por que *narrativas*?

Los científicos dicen que estamos hechos de átomos pero a mí un pajarito me contó que estamos hechos de historias.

Eduardo Galeano

O presente estudo foi realizado a partir de *narrativas* sobre a história de vida de migrantes que moram em comunidades¹⁰ da Cidade Ademar, uma das regiões periféricas da Zona Sul da cidade de São Paulo. O conceito de *narrativa*, aqui adotado, parte dos escritos de Walter Benjamin (1985) sobre a arte de narrar e de Hannah Arendt (2010) sobre o discurso e a ação humana.

2.1.1 A arte de narrar: contando histórias no mundo da informação

Desde pequenos estamos habituados a ouvir e criar histórias a respeito de tudo ao nosso redor. Começamos a conhecer melhor o mundo e seus habitantes a partir destas narrativas e somos formados por elas. Aprendemos, assim, que todos têm histórias para contar. E o que nos acontece, quando adultos, nos dias de hoje, que contribuí para a perda dessa “espontaneidade infantil” de ouvir e contar histórias? De acordo com Benjamin (1985), a arte de narrar está ameaçada de extinção: parece que estamos cada vez mais privados da capacidade de trocar experiências, que são o alimento de qualquer narrativa.

O narrador retira o que conta de suas próprias experiências ou das relatadas por outros e as transforma em experiências para seus ouvintes. Portanto, ele nunca está sozinho, necessita de pessoas que o escutem: a *arte de narrar* caminha junto com a *arte de ouvir*. Um ouvir que depende do verdadeiro interesse em conservar a história contada, capaz de esquecer-se de si mesmo para mergulhar na narrativa e, assim, ser capaz de recontá-la depois.

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos. (BOSI, 1994, p. 90)

Mas para contar e para ouvir é preciso *tempo e paciência*, o que é raro de se encontrar, hoje em dia, em nossas relações cotidianas. Ou, como apontado por Benjamin (1985), é

¹⁰ A expressão "comunidade" foi utilizada pelos participantes da pesquisa ao se referirem ao local onde moram em São Paulo. Em muitos momentos, utilizavam o termo "favela", mas diziam que, hoje em dia, chamam de "comunidade". Assim, no presente estudo, optou-se pela utilização deste último termo.

preciso o ponto mais alto da "distensão psíquica": o *tédio*. Para o autor, as atividades relacionadas ao tédio já haviam sido extintas há muito tempo nas cidades e estavam em vias de extinção nos campos.

Antigamente, no sistema corporativo, as atividades manuais, como fiar e tecer, eram regadas por histórias. Assim, de acordo com Benjamin (1985), durante muito tempo, a narrativa floresceu em meios artesãos e ela mesma pode ser considerada como uma forma artesanal de comunicação, já que há, no narrador, assim como no artesão, uma coordenação entre alma, olho e mão: é assim que ele transforma, em narrativas, a vida humana e as oferece para o mundo como um presente, que poderá ser passado de geração a geração, atingindo, assim, a eternidade.

Estas narrativas possuem, como apontado pelo autor, uma dimensão utilitária: são recheadas de conselhos. O narrador é alguém que sabe dar conselhos: não só para alguns casos, como no provérbio, mas para vários casos, já que os retira da substância viva de sua existência, de suas experiências e das experiências dos outros, cujas histórias assimilou para si. E este acervo de histórias constitui sua *sabedoria*. Para Benjamin (1985), se, hoje em dia, "dar conselhos" soa como algo antiquado, é porque diminuiu a comunicabilidade da experiência. Assim como colocado por Bosi (1994, p.85):

Hoje não há mais conselhos, nem para nós nem para os outros. Na época da informação, a busca da sabedoria perde as forças, foi substituída pela opinião. Por que desprezar com esforço a verdade das coisas, se tudo é relativo e cada um fica com a sua opinião? Isto também deriva das relações de produção que expulsaram o conselho do âmbito do falar vivo. (BOSI, 1994, p. 85)

Com o avanço do mundo urbano-industrial, o ritmo do trabalho é acelerado e o tempo que, antes, permitia o tédio, agora passa a ser contado, racionalizado, sem permitir qualquer domínio sobre ele (BOSI, 1993, 2003). O relógio passa a controlar as relações cotidianas entre as pessoas, diminuindo o tempo e os lugares de trocas de experiências. Segundo Benjamin (1985), com a consolidação da burguesia, ganha força um novo tipo de comunicação, muito diferente da narrativa e uma das grandes responsáveis pelo declínio da arte de narrar: a informação.

Vivemos em um mundo bombardeado por informações: basta ligarmos a televisão ou a internet para nos deparar com um misto delas, vindas de diferentes cantos do país e do mundo. Como colocado por Benjamin (1985, p. 202): "*Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes.*". As informações são diárias, mudam a cada hora e só possuem valor enquanto constituem uma novidade: por

isso, são facilmente esquecidas. Elas precisam ser plausíveis, capazes de serem verificadas de imediato. A informação, diferente da narrativa, é breve, rápida, passageira, efêmera. Já as narrativas são atemporais, conservam-se no tempo e são sempre capazes de se desenvolverem:

O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado. Com efeito, o homem conseguiu abreviar até a narrativa [...] e não mais permite essa lenta superposição de camadas finas e translúcidas, que representa a melhor imagem do processo pelo qual a narrativa perfeita vem à luz do dia, como coroamento das várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas. (BENJAMIN, 1985, p. 206)

2.1.2 O *quem* a partir das histórias e feitos

Segundo Arendt (2008), o mundo contemporâneo estaria ameaçado não só pelo *nada*, mas também pelo *ninguém*, havendo a progressiva destruição de tudo que há *entre* as pessoas. Nas informações que recebemos diariamente, pessoas são abreviadas em números: "*10 pessoas foram mortas na noite de ontem em São Paulo*", "*50 pessoas perderam suas casas em incêndio em uma favela da cidade de São Paulo*", mas *quem* são estas pessoas? As informações são impessoais, diferentes das narrativas, que têm a capacidade de mostrar *quem* alguém é: "*Alguém é quem só podemos suficientemente apontar por meio de histórias. Uma pessoa é alguém de quem contamos histórias.*" (GONÇALVES FILHO, 2004, p. 7).

O homem é o único ser capaz de comunicar a si próprio e não somente comunicar alguma coisa, como fome, sede, medo, etc. Para Arendt (2010), é somente através do discurso e da ação que os homens revelam *quem* são e se apresentam ao mundo como alguém único, com a capacidade de começar algo novo:

A ação e o discurso são tão intimamente relacionados porque o ato primordial e especificamente humano deve conter, ao mesmo tempo, resposta à pergunta que se faz a todo recém-chegado: "Quem és?". Essa revelação de quem alguém é está implícita tanto em suas palavras quanto em seus feitos. (ARENDDT, 2010, p. 223)

De acordo com a autora, só podemos saber realmente *quem* alguém é ou foi a partir de suas histórias e não a partir de suas qualidades, defeitos e talentos, pois isso apenas revela *o que* alguém é, descreve um "tipo humano". Somente as narrativas, como aponta Gonçalves Filho (2004), deixam fluir o gesto e a voz de alguém: evocam "gente viva". *Quem* alguém é está presente, então, em tudo que esse alguém conta ou faz: somente no profundo silêncio e na total passividade poderíamos ocultar quem somos (ARENDDT, 2010).

Essa qualidade reveladora do discurso e da ação passa a um primeiro plano quando as pessoas estão com as outras, nem 'pró' nem 'contra' elas – isto é, no puro estar junto dos homens. [...] O que está em jogo é o caráter de

revelação, sem o qual a ação e o discurso perderiam toda relevância humana. (ARENDDT, 2010, p. 225-228)

Assim, as pessoas só podem se revelar como alguém singular, narradores de sua própria história, em relações entre iguais, em que os interlocutores se reconheçam enquanto sujeitos e não objetos, em conversas que tenham como foco o respeito e a relação de *amizade*, que, segundo Arendt (citado por GONÇALVES FILHO, 2004), é uma das maiores virtudes humanas, que não depende necessariamente de intimidade, mas que traz conversa e respeito pela opinião alheia. E para que uma relação como esta possa existir, é preciso *tempo*: as narrativas são sempre uma luta contra o tempo organizado pelo sistema.

Vivemos numa sociedade a quem foi roubado o domínio do tempo, marcada pela descontinuidade. A narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema. Esse tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos. (BOSI, 2003, p. 66)

2.1.3 A narrativa para além do indivíduo: revelando coletividades

A narrativa, apesar de ser uma "escavação" individual, capaz de revelar o *quem* do narrador, vai além do indivíduo: ela faz parte de uma história maior (GUSMÃO; JOBIM E SOUZA, 2010), que diz respeito a mais indivíduos do que somente o narrador. Hannah Arendt (citado por LAFER, 2007) buscava estudar a história da humanidade a partir das narrativas das experiências de um povo para dar sentido às experiências do presente:

Que toda vida individual entre o nascimento e a morte possa afinal ser narrada como uma estória com começo e fim é a condição pré-política e pré-histórica da história [*history*], a grande estória sem começo nem fim. Mas a razão pela qual cada vida humana conta sua estória e pela qual a história se torna finalmente o livro de estórias [*storybook*] da humanidade, com muitos atores e oradores e ainda assim sem quaisquer autores tangíveis, é que ambas resultam da ação. (ARENDDT, 2010, p. 230-231)

Para Bosi (1993), somente através das *narrativas* sobre sua história de vida poderíamos perceber a pessoa historicamente, já que estas, além de serem um testemunho histórico, mostram a "evolução" do indivíduo no tempo. Uma história individual é, então, capaz de revelar o grupo, a sociedade da qual a pessoa faz parte: permite encontrar a coletividade a partir do indivíduo (QUEIROZ, 1988). Neste sentido, assim como compreende o presente estudo, as narrativas devem ser analisadas como reveladoras tanto da unicidade, quanto da generalidade de cada experiência individual (BOURDIEU, 1999).

2.1.4 A utilização de narrativas no presente estudo

Baseando-se, então, no conceito de *narrativa* anteriormente apresentado, o presente estudo foi feito a partir de *narrativas* sobre a história de vida de migrantes incluídos marginalmente na cidade de São Paulo, vivendo em comunidades da região periférica da Cidade Ademar. A pesquisa foi realizada com cinco participantes.

Nas conversas com os participantes do estudo, era pedido para que contassem *sua história*, desde a vida em sua cidade natal, até a vinda para São Paulo e sua vida depois da mudança para cá. Foi elaborado um roteiro de conversa¹¹, abordando os seguintes temas: os motivos que levaram essas pessoas a migrarem para São Paulo; as expectativas que tinham em relação a essa cidade e o que realmente encontraram; como era a vida em suas cidades de origem; quais relações ainda mantêm com sua terra natal; como se deu sua inserção à zona urbana; e como é a vida em uma cidade grande como São Paulo.

Este roteiro foi utilizado como um guia durante as conversas, sempre respeitando a maneira singular de cada narrador contar sua própria história. Como nos alerta Bosi (1993), as perguntas exploratórias são importantes para a obtenção de depoimentos sobre histórias de vida, mas desde que deixem os "recordadores" livres para encadear e compor, à sua maneira, os momentos do passado: "*É importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação, porque são o mapa afetivo e intelectual da sua experiência e da experiência do seu grupo.*" (BOSI, 1993, p. 283).

Cada participante ficou livre para contar sua história no tempo que fosse necessário, sem pressa, nem horário para terminar e também no local e dia que fossem de sua preferência. Também eram oferecidos outros encontros, caso não conseguissem contar tudo o que queriam em um só dia. Assim, foi possível estabelecer laços de *amizade* com os participantes, que ficaram mais à vontade para contar sua própria vida.

Oferecendo-lhe uma situação de comunicação completamente excepcional, livre dos constrangimentos, principalmente temporais, que pesam sobre a maior parte das trocas cotidianas e abrindo-lhe alternativas que o incitam ou o autorizam a exprimir mal-estares, faltas ou necessidades que ele descobre exprimindo-os, o pesquisador contribui para criar as condições de aparecimento de um discurso extraordinário, que poderia nunca ter tido e que, todavia, já estava lá, esperando suas condições de atualização. (BOURDIEU, 1999, p. 704)

As narrativas colhidas foram analisadas como testemunhos de sujeitos que contam, além de sua própria história e de outros, aspectos da formação da cidade de São Paulo e da história social de nosso país. A partir delas, procurou-se identificar quais táticas cotidianas

¹¹ O roteiro de conversa pode ser conferido no Apêndice I.

utilizaram e utilizam para sobreviver à situação de pobreza e ir em busca de seus direitos; quais redes sociais procuram neste enfrentamento e como os equipamentos públicos comparecem nessa busca, como já foi anteriormente apresentado como objetivos deste estudo.

Partindo, então, destas narrativas, o presente trabalho pretende re-narrar o já narrado pelos participantes, levando em conta que, como apontado por Spink (2003), o re-narrar acadêmico é uma forma escrita do narrar oral, das conversas, das visitas, dos achados e dos perdidos.

2.2 Posicionamento no campo

Não consigo dizer ao certo quando meu trabalho de campo teve início, mas posso dizer com segurança que não começou somente no momento em que conversei com a primeira pessoa que aceitou participar da pesquisa. Já havia me vinculado ao tema do presente estudo desde o meu último ano de graduação, em 2009, como apresentado no início desta dissertação. Torna-se difícil, portanto, criar uma fronteira entre a “Luiza que vive seu dia-a-dia como qualquer outra pessoa” e a “Luiza pesquisadora”: somos a mesma pessoa! Atentando para isto, Peter Kevin Spink (2003, 2008) desenvolveu a noção de *campo-tema*.

O autor alerta para o fato de que estamos sempre em campo, no *campo-tema*, que se mantém, segundo ele, socialmente presente na nossa agenda das questões diárias, assim como na agenda de outras pessoas da situação social, não necessariamente pesquisadores acadêmicos. O campo de pesquisa seria, então, o argumento no qual estamos inseridos e que começa quando nos vinculamos a alguma temática. Assim, para ele, declarar-se parte de um *campo-tema* é demonstrar que, como psicólogos sociais, pensamos que podemos contribuir e que estamos dispostos a discutir a relevância de nossa contribuição com qualquer um, horizontalmente e não verticalmente.

Só podemos argüir e discutir, tal como os demais. Temos algo a contribuir porque temos um mínimo de disciplinabilidade que inclui a vontade de discutir entre nós a validade daquilo que fazemos – como também fazem entre si os especialistas em transplantes de coração, os cozinheiros, os jardineiros, os pedreiros e os presidentes. (SPINK, 2008, p. 76)

Assim, para Spink (2003, 2008), a pesquisa em Psicologia Social também deve ser compreendida como um processo social e coletivo, no qual somos considerados "membros competentes", assim como somos considerados "membros competentes" de outros processos e outros saberes. Colocar a Psicologia Social e, mais ainda, a Ciência ao lado de diferentes saberes, é reposicioná-las ao local a que pertencem: o mundo.

Outras pessoas também estão produzindo conhecimento sobre a realidade ao seu redor, sem necessariamente serem cientistas e acadêmicos. Com a ciência sendo compreendida como um dos saberes entre outros, em uma posição horizontal com eles, é possível recuperar, como aponta Spink (2008), a noção de pesquisa social como uma *prática social*, de conversa e de debate, de uma inserção horizontal do pesquisador nos encontros diários. O pesquisador é, então, um entre muitos membros de uma comunidade, que busca melhorias, assim como fazem muitos outros. Ele é, antes de tudo, uma pessoa e a pesquisa é uma *relação social*, que traz efeitos para os resultados obtidos (BOURDIEU, 1999).

Para que a pesquisa possa ser desenvolvida como uma prática social, é preciso que o pesquisador conheça a realidade daqueles que pretende estudar para que possa haver troca e diálogo, tendo em conta que, como já foi dito, a relação de pesquisa também é uma relação entre pessoas. Segundo Geertz (1989), é preciso conhecer o contexto em que vivem as pessoas a quem nosso estudo se dirige para poder conversar *com* elas e não só *sobre* elas: "*O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com elas, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente.*" (GEERTZ, 1989, p. 24).

Somente conversando *com* eles é que podemos nos colocar em uma relação menos assimétrica com os chamados "pesquisados", estabelecendo uma relação de *amizade* (BOSI, 2003), que possibilita conversa entre iguais. De acordo com Spink (2003), não há dados de pesquisa, mas sim pedaços ou fragmentos dessas conversas:

[...] conversas no presente, conversas no passado; conversas presentes nas materialidades; conversas que já viraram eventos, artefatos e instituições; conversas ainda em formação; e, mais importante ainda, conversas sobre conversas. (SPINK, 2003, p. 37)

É esta aproximação entre pesquisador e pesquisado que faz compreender que, na verdade, não há só pesquisadores ou só pesquisados: todos são pesquisadores, pois todos são curiosos a respeito do mundo e constroem saberes sobre ele. Durante uma pesquisa, nós também somos *objeto de estudo* para os participantes, que formulam saberes a nosso respeito: somos sempre pesquisados também, o que diminui a assimetria tradicionalmente atribuída à relação de pesquisa e a transforma em uma relação de convivência entre pessoas (SATO; SOUZA, 2001).

Então, considerando que estamos sempre em campo e que, enquanto pesquisadores, somos, antes de tudo, pessoas como outras interessadas em assuntos, há eventos presentes no cotidiano que trazem ricas contribuições para o desenvolvimento de uma pesquisa social: são

conversas informais, notícias de jornal, blogs na internet, músicas, poesias e muitos outros exemplos. Tendo isto em vista, iniciei um Diário de Campo com anotações sobre o dia-a-dia, referentes à minha temática de pesquisa, desde meu ingresso no Mestrado, no começo de 2011. Conto, nele, alguns eventos que presenciei e que chamaram minha atenção, conversas que tive e pensamentos acerca da minha pesquisa. Assim, o material de campo do presente estudo vai além das narrativas recolhidas: há encontros, conversas informais, gestos, olhares, etc.

As conversas informais com amigos, familiares e conhecidos estão presentes, embora tantas vezes de forma não-explicita, na história de construção do meu estudo. Conversar com qualquer pessoa sobre migração em São Paulo sempre traz muitas histórias. As pessoas com quem conversei tinham sempre algo para contar e contribuições para o meu trabalho:

“Ah, minha mãe veio de Minas Gerais e...”; “Quando eu vim para São Paulo...”; “Assisti este documentário sobre São Paulo e lembrei de você, acho que vai te ajudar!”; “Você já viu este blog contra a presença de nordestinos em São Paulo? Um absurdo!”; “Li esta reportagem sobre os trabalhadores nordestinos em São Paulo e recortei para te mostrar.”; “Você conhece aquela poesia do Carlos Drummond de Andrade ‘A ilusão do migrante?’”; “Li este artigo para uma disciplina e acho que vai contribuir muito para a sua pesquisa.”.

Estas trocas ocorreram não só no ambiente acadêmico da Universidade, mas também em outros ambientes que frequento no meu dia-a-dia. E foi a partir delas, das conversas sobre minha pesquisa, que percebi mais claramente que ela não é “minha”: pertence ao mundo. As pessoas têm algo a dizer, têm histórias para contar, comentários para fazer. Portanto, devo muitas das reflexões que tive acerca da temática deste estudo às pessoas com quem conversei e conversei no meu cotidiano.

2.3 O caminho percorrido

O real não está nem na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.
Guimarães Rosa

Muitos foram os caminhos percorridos no trabalho de campo da presente pesquisa: caminhos do pensamento, caminhos do corpo, caminhos da escrita. E foi durante este percurso que os objetivos do estudo foram se tornando cada vez mais claros e que a pesquisa foi ganhando forma, saindo do papel, com a ajuda das pessoas que fui encontrando nesta trajetória. Foi a partir do trabalho de campo que fui percebendo o quanto a pesquisa se concretiza no caminhar, durante a travessia, a partir de cada escolha tomada durante o

percurso. Por isso, pretendo, aqui, contar como foi esse "caminhar", construído por muitas pernas.

2.3.1 A escolha da região periférica: Cidade Ademar

A região escolhida para a realização da presente pesquisa foi a da Cidade Ademar, que fica na Zona Sul da cidade de São Paulo, e é formada por pequenos bairros, com grandes contrastes sócio-econômicos entre eles, apesar de ser considerada, como um todo, uma região de periferia. Vila Joaniza, Jardim Miriam, Vila Inglesa e Coréia são alguns exemplos de bairros mais pobres pertencentes a esta região, fronteira ao município de Diadema.

Segundo informações presentes no site da Subprefeitura da Cidade Ademar¹², a região¹³ começou a ser ocupada na década de 1960, por migrantes vindos de outros Estados brasileiros para trabalhar, principalmente, nas indústrias. Somente em 1997, a região passou a ser administrada por uma subprefeitura própria, sendo que, antes, pertencia à região administrativa de Santo Amaro. De acordo com o site, este é um dos motivos da falta de recursos para investimentos públicos em saúde, educação, transporte e moradia na região.

Esta região é conhecida, em São Paulo, por seus altos índices de violência¹⁴ e há uma divisão informal feita por alguns moradores: Cidade Ademar Alta e Cidade Ademar Baixa. Nunca vi nenhum registro oficial sobre esta divisão que, na verdade, separa os bairros das classes mais abastadas, dos bairros que vivem uma situação de alta vulnerabilidade social, havendo uma segregação dos moradores de baixa-renda. É comum ver pessoas que moram nestes bairros, trabalhando nas casas dos moradores dos outros bairros mais abastados da região.

Escolhi realizar meu trabalho de campo nesta região, pois moro em um de seus pequenos bairros, perto destes outros com condições mais precárias e sempre tive interesse em conhecer melhor a situação de vida destes moradores, com os quais tive muito contato durante minha vida. Mesmo assim, apesar da proximidade da minha casa, nunca havia entrado em nenhuma das comunidades. A escolha pela região também surgiu pelo fato de que eu já

¹² Informações retiradas do tópico "Histórico" no site da Subprefeitura da Cidade Ademar. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_ademar/>. Acesso em: 10.jan.2012

¹³ O termo "região" é utilizado pelas informações oficiais presentes no site da subprefeitura citado acima. Em algumas informações, há também a utilização do termo "distrito". No presente estudo, optou-se pelo uso do primeiro termo, "região".

¹⁴ A partir de dados divulgados pela segurança pública em 2011o jornal Estado de São Paulo do dia 26 de julho de 2011 divulgou pesquisa baseada em ocorrências registradas nos departamentos policiais (DP) nos bairros paulistanos. No 2º trimestre desse ano o DP do Jardim Miriam foi o sexto em números de homicídios dolosos na cidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/especiais/geografia-do-crime-em-sao-paulo,143380.htm>>. Acesso em: 28. fev. 2013

sabia que, antes, ela era considerada como um "bairro dormitório", formado por migrantes. Enfim, o desejo por realizar a pesquisa no local onde moro também vem de uma curiosidade de conhecer mais sua história, como foi formado, e as pessoas que fizeram parte de sua construção.



Mapa 1: Localização da região administrativa Cidade Ademar na cidade de São Paulo.¹⁵

2.3.2 Preparando-se para o inesperado: com os pés na rua

Apesar de considerar que o trabalho de campo já se iniciou mesmo sem “ir a campo”, colocar os pés na rua e decidir por onde começar é sempre uma difícil tarefa. Já havia, pelo menos, algumas direções: sabia em qual região periférica da cidade de São Paulo iria desenvolver minha pesquisa e que ela seria feita a partir de narrativas de migrantes, moradores de comunidades desta região, vivendo em situação de pobreza. Também imaginava formas de encontrá-los: iria a serviços públicos no bairro, como o CRAS (Centro de

¹⁵ Mapa retirado do site da Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/mapa/index.php?p=14894>>. Acesso em: 10.mar.2013

Referência de Assistência Social) e outros serviços de Assistência Social; bares; Igrejas; entre outras redes sociais presentes no local e que se configuram como espaços de convívio ou serviços geralmente procurados por estas pessoas. Às pessoas que aceitassem participar da pesquisa, também pediria indicações de outros possíveis participantes.

Estes eram os planos e, como ocorre em trabalhos qualitativos, os planos nos orientam e o previsível é que haverá imprevistos. Assim, os preparos para colocar os pés na rua foram muitos e também muitas foram as inseguranças: não saber se o trabalho vai dar “certo”; se as pessoas aceitarão conversar comigo ou não; se eu iria “atrapalhar” as pessoas e as instituições com a minha pesquisa; e se a pesquisa faria sentido para as pessoas com quem conversaria.

Começo por um local que sentia como mais familiar, apesar de ainda não o conhecer, para tentar realizar uma parte do meu trabalho de campo: o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) de referência para a região, que também fica perto da minha casa. Era um começo menos desconhecido para mim, por conta do estágio que já havia realizado em um CRAS de um município da Grande São Paulo, no qual desenvolvi um grupo de conversa sobre migração junto com os usuários e que, como já apresentei no início deste texto, contribuiu muito para a construção da minha temática de pesquisa. Sabia que, no CRAS, poderia encontrar migrantes vivendo em situação de pobreza, já que ele é um serviço destinado a "pessoas em situação de vulnerabilidade social" (BRASIL, 2006).

Fui, então, ao CRAS, levando comigo a carta de apresentação da pesquisa, um resumo do meu projeto, o roteiro de conversas com os participantes e minhas conversas imaginárias de apresentação do meu estudo para os funcionários do local. Fiz duas visitas ao CRAS para apresentar o meu estudo e para pedir permissão para realizar parte do meu trabalho de campo com os usuários deste serviço.

Na primeira visita, conversei com uma assistente social que se interessou pelo tema, mas pediu para que eu voltasse outro dia para conversar com a coordenadora responsável pelo local. Na segunda visita, a coordenadora estava ocupada e conversei com outra assistente social, que disse que seria difícil conseguir permissão para realizar minha pesquisa naquele CRAS, pois receberam instruções da coordenação dos CRAS da Zona Sul, para não aceitarem pesquisas dentro do serviço e nem conversas com seus usuários. Assim, não foi possível realizar parte do meu estudo no CRAS, mas estas duas pequenas visitas já suscitaram algumas reflexões a respeito do meu tema de pesquisa.

E o desafio continuava: como encontrar pessoas para participar do estudo?

2.3.3 Rede de indicações: ganhando novos parceiros de pesquisa

Depois da ida ao CRAS, enfim, consegui entrar em contato com pessoas para participar do estudo, a partir de indicações feitas por uma conhecida, que mora na mesma região. Através de suas indicações, consegui conversar com os dois primeiros participantes do presente estudo: Leandro¹⁶, que é o guarda que trabalha em sua rua, que ela sabia que tinha vindo de algum lugar do Nordeste, e com quem eu já tinha um pouco de contato; e Maria Nascimento, que já havia trabalhado como empregada doméstica em sua casa há algum tempo atrás e com quem eu tive muito contato e relação de amizade. Os outros três participantes - Nilda, Valdívio e Dora - foram indicados por Maria, que acabou se tornando minha "co-pesquisadora", sempre procurando pessoas que poderiam se interessar em participar da pesquisa e me ajudando a dar os próximos passos, dando sugestões e muitos conselhos.

Assim, a pesquisa foi realizada com cinco participantes, no formato de conversas, sendo que uma delas ocorreu no local de trabalho do participante e as outras quatro foram feitas nas casas dos participantes. Todos moram na região da Cidade Ademar, em comunidades e nasceram em cidades do Nordeste, em que moravam na zona rural. As conversas foram gravadas, com a devida permissão dos narradores, que leram a Carta de Apresentação¹⁷ da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁸. Foram realizadas as transcrições das narrativas, que foram entregues aos participantes, junto com um CD com a conversa gravada.

Quando percebi, graças às pessoas com quem entrei em contato, a pesquisa já deixava de engatinhar, começando a caminhar com suas próprias pernas, espalhando-se para fora do papel. A partir desta rede de indicações, o trabalho de campo ganhou fluidez e, agora, eu não estava só fazendo “entrevistas”, estava fazendo visitas a novos amigos que fui conhecendo pelo caminho.

2.3.4 Busca pelas redes sociais de apoio: dando contorno à pesquisa

Durante o caminhar da pesquisa, com a intenção de conhecer melhor as redes sociais de apoio apontadas pelos participantes em suas narrativas, acabei indo conhecer o Centro Social Dr. Bezerra de Menezes, ligado a um centro espírita da região e que foi citado por

¹⁶ Foram utilizados os nomes reais dos participantes, com a devida permissão de cada um deles, que escolheram como deveriam ser identificados no presente estudo: alguns preferiram utilizar seus apelidos, outros seus nomes completos.

¹⁷ A Carta de Apresentação pode ser conferida no Apêndice II.

¹⁸ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pode ser conferido no Apêndice III.

Maria e Nilda. Pensei que esta também poderia ser uma maneira de conversar com mais pessoas para a pesquisa. Fui muito bem recebida pelos funcionários da instituição, que me explicaram como ela funcionava, oferecendo atendimentos médicos, odontológicos, cestas básicas e remédios para moradores de algumas das comunidades da região. Apesar da hospitalidade, mais uma vez, assim como ocorreu no CRAS, não consegui permissão para realizar parte do estudo neste serviço, pois eles estavam com dificuldade para administrar estágios e pesquisas ali realizados, devido à falta de funcionários e excesso de trabalho.

À princípio, eu também havia planejado, junto com a Maria, acompanhar o Valdívio, seu marido, a um dos bares que ele frequenta na região, para conversar sobre minha pesquisa com mais pessoas, mas depois de algum tempo, Maria achou melhor que eu não fosse, pois não achava que seria um ambiente bom para realizar a pesquisa. Acabei seguindo seu conselho e não fui ao bar com o Valdívio.

Após estas tentativas de conhecer algumas redes sociais de apoio indicadas pelos participantes, em reuniões de orientação, revendo os objetivos do presente estudo, ficou claro que eu não precisava ir até as redes apontadas para conhecê-las melhor, já que o objetivo era identificar quais são estas redes a partir das narrativas dos participantes da pesquisa. Além disso, como já foi discutido anteriormente, as redes não se configuram, necessariamente, como lugares físicos, como instituições ou locais de convivência, elas são, antes de tudo, formadas por pessoas.

Assim, foi no caminhar do trabalho de campo que os objetivos da presente pesquisa foram ficando cada vez mais claros e que ela foi se concretizando, levada adiante não apenas por mim, mas pelas pessoas que fui encontrando no meio do caminho e que me ajudaram a fazer os contornos de meu estudo, que já não era mais meu, mas de todos que contribuíram nesta trajetória.

2.4 Encontros, narrativas e transcrições

Durante o percurso do trabalho de campo, ocorreram mais encontros com os participantes do que somente aqueles em que suas narrativas de vida foram gravadas e mesmo nestes encontros, havia muito mais do que o gravador é capaz de captar. Como já foi dito anteriormente, a maioria dos encontros ocorreram nas casas dos participantes, sendo que, somente a conversa com Leandro foi realizada em seu local de trabalho, em uma das ruas da região, na qual trabalha como guarda. Assim, os outros encontros se configuraram muito mais

como visitas e pude experimentar toda a hospitalidade dos participantes, que me receberam de portas abertas em suas casas e em suas vidas.

A casa de Maria Nascimento e seu marido, Valdívio, foi a que mais frequentei durante o percurso do trabalho de campo, devido à minha maior proximidade com Maria, que foi quem me ajudou a encontrar quase todos os participantes para a pesquisa e que também foi desenhando os contornos do estudo comigo. Todos os encontros com os participantes proporcionaram muito mais vivências do que somente o que é "visível" nas gravações das narrativas.

Assim, durante todo o caminho, fui registrando estes encontros no Diário de Campo: conversas que tive com os participantes; descrições e impressões dos bairros e das casas em que moram; descrição dos encontros; sons vindos da rua durante as conversas; os sucos, bolos, refeições que tive a oportunidade de receber durante estas visitas; os gestos enquanto contavam suas vidas; enfim, tudo aquilo que fica invisível ao fazer a transcrição de uma narrativa e que merece visibilidade.

Os encontros, como já foi dito, não tinham hora para acabar, com o intuito de deixar o participante mais livre para contar sua própria história, obedecendo muito mais o seu tempo interior, do que o tempo marcado nos relógios. Por isso, eles duraram de uma hora e meia a quatro horas. O gravador só foi utilizado enquanto a pessoa narrava sua vida e, em outras conversas que ocorriam durante as visitas, ele não foi ligado.

Durante estas conversas, combinei com cada participante que entregaria uma cópia da transcrição de sua narrativa, caso fosse de seu interesse. Muitos gostaram da idéia, pois sonhavam em ter suas vidas escritas. Senti, então, a importância de registrar suas narrativas e devolvê-las para eles, que ficavam impressionados com o tanto de "páginas" de suas vidas. Maria, por exemplo, ficou surpresa quando falei que a transcrição de sua narrativa havia gerado 41 páginas e comentou: "*Nossa, a minha história é grande mesmo!*" (Maria Nascimento).

As transcrições foram como um segundo encontro com cada participante, com muitas horas despendidas neste trabalho para que nada do que foi falado se perdesse. Escutei cada história várias vezes e cada uma delas ficou "presa" em minha memória, como se fossem situações vividas por mim. Durante o trabalho de transcrição, mesmo com os devidos cuidados, sentia que muito se perdia, como os gestos, sotaques, olhares, lágrimas. A transcrição em si já faz com que mesmo alguns aspectos da fala sejam perdidos: a passagem

do oral para o escrito já traz perdas. A transcrição, como colocado por Bourdieu (1999), é uma verdadeira tradução e até uma interpretação.

[...] tudo o que foi perdido na passagem do oral para o escrito, isto é, a voz, a pronúncia (principalmente em suas variações socialmente significativas), a entonação, o ritmo (cada entrevista tem seu tempo). [...] Assim, transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever: como a passagem do escrito para o oral que o teatro faz, a passagem do oral para o escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade. [...] Existem as demoras, as repetições, as frases interrompidas e prolongadas por gestos, olhares, suspiros ou exclamações, há as digressões laboriosas, as ambigüidades que a transcrição desfaz inevitavelmente, as referências a situações concretas, acontecimentos ligados à história singular de uma cidade, de uma fábrica ou de uma família, etc. (BOURDIEU, 1999, p. 709-710)

Foram feitas duas versões das transcrições: uma literal com tudo o que foi falado por mim e pelos participantes, mesmo com os vícios de linguagem, erros de colocação, gírias, entre outros aspectos da linguagem oral; e outra revisada, adaptada, diminuindo os vícios de linguagem, corrigindo os erros de colocação, tornando a leitura da narrativa mais fácil de acompanhar e também como uma forma de respeito por cada participante. Foram entregues as duas versões para eles, que poderiam escolher quais delas eu deveria utilizar em meu estudo. Eles acabaram deixando a escolha em minhas mãos, dizendo que não se importavam e optei por utilizar a versão adaptada.

Além das duas versões das narrativas transcritas, também entreguei um CD com a gravação das conversas, que foi recebido com surpresa e alegria por alguns participantes, como Maria, que assim que recebeu o CD, já colocou no rádio para escutar:

Deu risada ao ouvir sua voz no rádio e depois ficou alguns minutos quieta escutando a gravação. Ficava com um sorriso no rosto escutando sua voz, escutando sua própria história. Então, seus olhos começaram a se encher de lágrimas e ela disse que escutaria um pouco a cada dia. Deixou o rádio tocando sua história mesmo enquanto conversávamos, ficando como "trilha sonora" do nosso encontro. (Trecho retirado do Diário de Campo)

A narrativa gravada parecia algo mais acessível aos participantes do que a narrativa transcrita. Era algo que eles poderiam escutar enquanto estivessem fazendo suas atividades diárias e que poderiam mostrar para os outros também. Uma lembrança concreta, com sua história gravada para sempre.

A devolução das conversas transcritas e gravadas se configurou como um rico momento de "revelação" para os próprios participantes, que tinham, agora, suas histórias concretas em suas mãos: tanto para ler, como para escutar, podendo compartilhá-las com quem quisessem. "Revelação" também para mim, que tinha as histórias gravadas não só no

papel, ou no CD, mas também em minha memória. E, agora, meu papel é re-narrá-las, na tentativa de que se tornem também uma "revelação" para quem as ler neste estudo.

[...] as entrevistas transcritas estão à altura de exercer um efeito de revelação, particularmente sobre os que compartilham tal ou qual de suas propriedades genéricas com o locutor. [...] Capazes de tocar e de comover, de falar à sensibilidade, sem sacrificar ao gosto do sensacional, podem levar junto as conversões do pensamento e do olhar, que são frequentemente a condição prévia da compreensão. (BOURDIEU, 1999, p. 711)

Capítulo III. AS NARRATIVAS E SEUS NARRADORES

Seu Dotô me conhece?

Patativa do Assaré

Seu dotô, só me parece
Que o sinhô não me conhece
Nunca sôbe quem sou eu
Nunca viu minha paioça,
Minha muié, minha roça,
E os fio que Deus me deu.

Se não sabe, escute agora,
Que eu vô contá minha história,
Tenha a bondade de ouvi:
Eu sou da crasse matuta,
Da crasse que não desfruta
Das riqueza do Brasil.

Sou aquele que conhece
As privação que padece
O mais pobre camponês;
Tenho passado na vida
De cinco mês em seguida
Sem comê carne uma vez.

Sou o que durante a semana,
Cumprindo a sina tirana,
Na grande labutação
Pra sustentá a famia
Só tem direito a dois dia
O resto é pra o patrão

Sou o sertanejo que cansa
De votá, com esperança
Do Brasil ficá mió;
Mas o Brasil continua
Na cantiga da perua
Que é: pió, pió, pió... [...]

Senhô dotô, não se enfade
Vá guardando essa verdade
Na memória, pode crê
Que sou aquele operário
Que ganha um nobre salário
Que não dá nem pra comê. [...]

Há mais de cem ano eu vivo
Nesta vida de cativo
E a potreção não chegou;
Sofro munto e corro estreito,
Inda tou do mermo jeito
Que Juvená me deixou.

Sofrendo a mesma sentença
Tou quase perdendo a crença,
E pra ninguém se enganá
Vou deixá o meu nome aqui:
Eu sou fio do Brasil,
E o meu nome é Ceará.

3.1 Novos amigos de viagem: as narrativas e seus narradores

Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado.
Guimarães Rosa

Durante as conversas que tive com os cinco participantes do estudo, sentia que estava viajando com eles: uma viagem pela memória e pelo Brasil, cheia de cenas de suas vidas, de palavras que eu não conhecia, de experiências que eu nunca tive. Fui levada para um novo mundo: eu era a migrante e eles eram quem me acolhiam e me levavam para viajar. Neste capítulo, irei re-narrar o que os participantes me contaram sobre suas vidas e proponho que ele seja encarado como uma viagem, tanto por estas histórias de vida, quanto pela história do Brasil, sempre em companhia destes narradores.

As narrativas tinham a magia de fazer parar o tempo ao redor e de te transportar para fora de ti mesmo: nas conversas, as horas passavam como minutos e a sensação era de estar como um observador das cenas que contavam. Estas cenas eram relatadas com muitos detalhes: cheias de gestos, de diferentes entonações de voz, de diálogos entre os personagens da história e do narrador consigo mesmo, criando imagens nítidas de cada vivência. Imagens, estas, que permaneceram em minha memória como se tivesse presenciado cada cena: imagino Leandro nadando na cachoeira, Maria brincando com bonecas de milho, Nilda fazendo pamonha com seu pai, Dora conversando com a vaca mansa de seu tio, Valdívio escutando estórias em volta da fogueira nas noites de São João. Agora, suas experiências passavam a ser minhas também.

Cada um possuía sua própria maneira de contar sua história: alguns já começavam pela mudança para São Paulo e só depois contavam sobre a vida em suas cidades de origem, outros começavam contando sobre alguma experiência que tiveram há pouco tempo e depois voltavam para o passado, outros iam fazendo comparações entre São Paulo e a roça enquanto narravam sua vida. Nas narrativas, o passado, o presente e o futuro se entrelaçavam, caminhavam lado a lado, mostrando o quanto uma vida não é linear, mas sim uma intersecção entre os diferentes tempos da existência: *"Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens."* (BENJAMIN, 1985, p. 214).

As narrativas eram recheadas de ensinamentos, através dos quais os participantes tentavam me familiarizar com o que estavam contando, principalmente sobre suas vidas na

roça: aprendi a plantar feijão, colher algodão, fazer farinha de mandioca, preparar comidas típicas do Nordeste, como o baião de dois, contar "*causos*" da roça, como as estórias de Pedro Malazarte, entre tantos outros aprendizados. Contavam tudo isso passo a passo, com a ajuda de gestos que me aproximavam das experiências relatadas. Os participantes também iam fazendo "traduções" de algumas palavras que utilizavam, para que eu entendesse o que estavam contando, sempre fazendo comparações entre as "palavras da roça" e as "palavras de São Paulo": jerimum é abóbora, macaxeira é mandioca, pista é estrada e muitas outras palavras e expressões que fui aprendendo durante as conversas.

Eles contavam suas histórias em uma linguagem coloquial, embalada pelos diferentes sotaques trazidos de suas cidades de origem e que davam ritmos peculiares a suas falas. Alguns participantes, sabendo que suas narrativas seriam gravadas, mostravam certa preocupação com seu "modo de falar", como Dora: "*Eu não falo bem, falo muito errado, [...] porque eu só estudei até a terceira série.*" (Dora). Quando disse a ela que somente eu escutaria àquela gravação para transcrevê-la depois, Dora ficou mais à vontade. A preocupação com o gravador parecia desaparecer rapidamente durante as conversas, permitindo uma fala mais livre e espontânea: falavam da mesma forma que se expressavam em seu dia-a-dia com qualquer pessoa, o que permitia uma relação mais próxima entre eu, a "*moça com faculdade*", e os participantes. Por conta desta proximidade, parecia que conhecia cada um deles há muito mais tempo do que realmente conhecia: um dia com sensação de muitos anos.

Mas, apesar da proximidade alcançada, muitas ainda eram as distâncias entre a "*moça da faculdade*" e os participantes e que não podem passar despercebidas, pois, em cada encontro, elas surgiam e tínhamos que lidar com isto. Como apontado por Mello (1988, p. 41): "*Há distância e afastamento nos ritmos de vida, de pensamento e de ação. Há distância no nível científico e tecnológico que costumamos identificar como 'nosso' tempo. Há distâncias culturais e nos sistemas de crenças e valores.*" (MELLO, 1988, p. 41). Havia, enfim, distância entre nossas realidades de vida, que exigiam um constante reposicionamento e luta contra os estereótipos que poderiam interferir na relação de pesquisa, assim como em qualquer outro tipo de *relação social* (BOURDIEU, 1999):

Com o Valdívio, sempre sentia que ele achava muito interessante que uma "menina como eu", com mais dinheiro, fosse na casa dele fazer visitas para sua mulher (Maria). Sentia que só por isso, ele já achava que eu era mais "legal" que as outras pessoas e isso me deixava preocupada, pois eu não estava sendo "legal": eram eles quem me recebiam, que aceitaram participar do meu estudo. Com o Valdívio, a diferença de classe parecia ainda maior,

pois ele me colocava no "topo" e eu ficava o tempo todo tentando me reposicionar. (Trecho retirado do Diário de Campo)

Ao contar suas experiências, os participantes também iam fazendo reflexões sobre suas vidas, que davam orientação às narrativas. Algumas reflexões vinham acompanhadas de conselhos, baseados no que aprenderam com suas vivências. Entre relatos muito concretos de experiências que tiveram, algumas frases vinham quebrar com esta concretude, criando verdadeiras epifanias, revelando pequenos tesouros de sabedoria, que pareciam já estarem prontos, na "ponta da língua", só esperando o momento propício para serem libertados. Tesouros, estes, lapidados com sofrimento e luta, em meio a difíceis condições de vida, com privações e injustiças de tantos tipos, que ainda assim não conseguiram tirar a capacidade de começar de cada um deles, de quebrar com o esperado, de realizar *milagres* (ARENDDT, 2010). A "pobreza" lhes tirou muitas coisas, menos suas histórias: *"Como disse Pascal, ninguém morre tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si. Em todo caso, ele deixa reminiscência, embora nem sempre elas encontrem um herdeiro."* (BENJAMIN, 1985, p. 212).

Segundo Telles (2001), como já apontado anteriormente, esta "pobreza" naturalizada, que homogeneíza quem é o "pobre", não permite que suas lutas e esperanças apareçam publicamente, que seus "começos" sejam reconhecidos enquanto tais: *"No mundo público, são apenas os 'pobres', [...] são aqueles que não têm nome, não têm rosto, não têm identidade, não têm interioridade, não têm vontade e são desprovidos da razão."* (TELLES, 2001, p. 42). Aqui, no presente estudo, como já foi dito, os participantes não são "pobres", são pessoas em "situações particulares de denegação de direitos". Aqui, eles têm nome, têm rosto, têm identidade, têm vontades, têm sonhos, têm palavras, têm história.

E passo, agora, a (re)contar estas histórias, que foram confiadas a mim em conversas entre *amigos* e que têm a capacidade de revelar tantos aspectos das vidas dos participantes, com suas lutas e suas esperanças, assim como as estruturas invisíveis que organizam a sociedade em que estão inseridos. Estas histórias constituem a essência deste estudo.

3.2 Narrando as narrativas

*Mesmo o que estou contando, depois é que
eu pude reunir lembrado e
verdadeiramente entendido - porque,
enquanto coisa assim se ata, a gente sente
mais é o que o corpo a próprio é: coração
bem batendo.*

Guimarães Rosa

Mas como (re)contar estas histórias sendo fiel ao que foi narrado por cada participante? Como transformar encontros e várias páginas de transcrições em histórias escritas? Como decidir quais falas devem ser exibidas, quais recortes devem ser feitos, sem perder a riqueza de detalhes de cada narrativa? E como torná-las completas e compreensíveis a partir destes recortes, respeitando o narrar de cada um? Estes foram uns dos grandes desafios do presente estudo e resumir vidas foi uma das tarefas mais difíceis que já encontrei: *"Quando se trata das vidas humanas, a pesquisa é um recorte penoso na matéria viva, porque a vida [...] não está contida nas fitas do gravador, nem aprisionada nas palavras escuras e secas que compõem o livro."* (MELLO, 1989, p. 24).

As soluções foram surgindo aos poucos, durante o caminhar da pesquisa, e tudo começou com a vontade de (re)contar estas histórias, que surgiu desde que conversei com o primeiro participante do estudo: vontade de (re)contá-las, de conservá-las e, também, de devolvê-las aos seus narradores. Depois, vieram as escolhas de quais falas seriam exibidas, quais acontecimentos seriam (re)contados, tendo como base um dos objetivos do presente estudo, anteriormente apresentado, de descrever as razões atribuídas por migrantes incluídos marginalmente na cidade de São Paulo ao seu processo de migração e suas impressões acerca da vida nesta cidade.

Feitos, então, estes recortes, sempre com o cuidado de não perder a riqueza de cada narrativa, o novo desafio era decidir como tais histórias seriam escritas e a ordem em que seriam apresentadas. Para facilitar a leitura, escolhi (re)contá-las seguindo uma ordem cronológica, que tive que reconstituir a partir das narrativas, pois cada participante tinha uma ordem para contar sua própria história, como já foi apontado anteriormente. Em alguns momentos, foi difícil determinar a ordem dos acontecimentos relatados, já que as histórias não eram lineares.

Seguindo o conselho de Benjamin (1985), de que as melhores narrativas escritas são aquelas que menos se distinguem das narrativas orais originais, procurei (re)contar cada história o mais próximo possível de como os participantes me contaram, utilizando suas próprias palavras, suas reflexões e recheando de falas. Procurei, assim, reduzir ao máximo as minhas explicações sobre o que contavam, deixando que o leitor tenha a oportunidade de conhecer as histórias "originais" e para que possa fazer suas próprias interpretações:

Metade da arte narrativa está em evitar explicações. [...] O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. [...] Quanto maior a naturalidade com que o narrador

renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (BENJAMIN, 1985, 202-204)

Mas, apesar do esforço para re-narrar as narrativas da maneira mais próxima das histórias originais, como bem lembra Bosi (2003, p. 62): "[...] *recontar é sempre um ato de criação*". Assim, no modo como fui re-narrando cada história já está presente, mesmo que implicitamente, minhas interpretações e compreensões sobre as narrativas dos participantes deste estudo: minha relação com cada um deles está presente nas narrativas das suas narrativas, criando algo novo, para além das originais. Deixo, agora, o leitor na companhia destes narradores, na ordem em que fui encontrando cada um deles no caminho da pesquisa, e também em minha companhia, a (re)narradora destas histórias.

3.3 LEANDRO

Leandro tem 23 anos, nasceu em Mata Grande, no Estado de Alagoas e, hoje, mora em uma comunidade na Vila Constância, na região da Cidade Ademar, Zona Sul de São Paulo.



Mapa 2: Localização da cidade de Mata Grande (AL).¹⁹

Conheço Leandro já há uns dois anos, pois ele trabalha como guarda na rua de um bairro mais abastado da região, onde mora uma conhecida, que foi quem teve a idéia de chamá-lo para participar da presente pesquisa. Eu nunca havia conversado muito com ele, mas sempre o cumprimentava e tinha algumas pequenas trocas. Ele sempre respondia com um sorriso tímido no rosto e continuava a cuidar da rua em cima da sua bicicleta. Quando fui perguntar se ele poderia participar deste estudo, Leandro, bem timidamente, falou que iria pensar, mas que achava que gostaria de participar sim.

Depois de alguns dias, perguntei se ele já tinha uma resposta e, para minha alegria, ele disse que participaria da pesquisa e marcou o dia para ficarmos conversando enquanto ele trabalhava. No dia combinado, fiquei conversando com Leandro em uma das calçadas da rua em que trabalha, por uma hora e meia. Ficamos em pé o tempo todo e eu estava tão mergulhada em sua história, que só lembrava que estávamos na rua, quando passavam pessoas cumprimentando Leandro. Eram mulheres que trabalhavam como empregadas domésticas nas casas da região e que o conheciam.

¹⁹ Mapa retirado do site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Cidades, Alagoas, Mata Grande. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 10.mar.2013

Ficamos conversando perto da sua guarita e, apesar de estar com o roteiro de conversas em mãos, realmente, foi bem mais uma conversa do que uma “entrevista” mais fechada. Eu estava muito interessada na história de Leandro e fazia muitos comentários. Depois, até me arrependi de fazer tantos comentários, pois não sei se exagerei um pouco, sem deixar que ele seguisse a linha de raciocínio dele, mas acho que fiz isso naturalmente, como uma conversa entre amigos. Ele também parecia que estava gostando de contar sua história e o tempo passou muito rápido. (Trecho retirado do Diário de Campo)

Como Leandro foi a primeira pessoa com quem conversei para o presente estudo, ainda estava construindo como seriam estas conversas e percebo, depois deste primeiro contato, que o excesso de comentários não deixam a narrativa fluir tão livremente. Mesmo assim, ele pôde narrar sua história e foi uma conversa cheia de trocas de experiências.

Depois que conversamos, fui até a casa desta minha conhecida e conseguia enxergá-lo pela janela e ele já não era mais o guarda da rua, ele era alguém de quem eu conhecia a história, ele era Leandro. Em uma cidade grande como São Paulo, parece que todos se esquecem que as pessoas têm história, têm coisas para contar, para lembrar, para compartilhar. E Leandro me fez lembrar disso!

3.3.1 Entre Mata Grande (AL) e São Paulo: histórias de Leandro

Saudade da minha terra

Goiá

De que me adianta viver na cidade
 Se a felicidade não me acompanhar
 Adeus, paulistinha do meu coração
 Lá pro meu sertão, eu quero voltar
 Ver a madrugada, quando a passarada
 Fazendo alvorada, começa a cantar
 Com satisfação, arreio o burrão
 Cortando estradão, saio a galopar
 E vou escutando o gado berrando
 Sabía cantando no jequitibá

Por nossa senhora,
 Meu sertão querido
 Vivo arrependido por ter te deixado
 Esta nova vida, aqui na cidade
 De tanta saudade, eu tenho chorado
 [...]

Que saudade imensa do
 Campo e do mato
 Do manso regato que

Corta as Campinas
 Aos domingos ia passear de canoa
 Nas lindas lagoas de águas cristalinas
 Que doce lembrança
 daquelas festanças
 Onde tinham danças e lindas meninas
 Eu vivo hoje em dia sem ter alegria
 O mundo judia, mas também ensina
 Estou contrariado, mas não derrotado
 Eu sou bem guiado pelas
 mãos divinas

Pra minha mãezinha já telegrafei
 E já me cansei de tanto sofrer
 Nesta madrugada estarei de partida
 Pra terra querida que me viu nascer
 Já ouço sonhando o galo cantando
 O nhambu piando no escurecer
 A lua prateada clareando as estradas
 A relva molhada desde o anoitecer
 Eu preciso ir pra ver tudo ali
 Foi lá que nasci, lá quero morrer.

* * * *

"Vixe, lá era bom demais! Sítio, Ave Maria, muito sossegado! Oxe, era bom demais de morar! Não tem lugar melhor do que aquele não!" (Leandro). É com saudades que Leandro lembra da terra em que nasceu e que deixou há poucos anos atrás: Mata Grande, no Estado de Alagoas. Em Mata Grande, morava, desde que nasceu, no sítio de sua família, que fica mais afastado da cidade. No sítio, vivem até hoje a mãe e mais cinco irmãos de Leandro, que vem de uma família de muitos irmãos: *"Tudo mesmo parece que é 20!"* (Leandro). A maioria mora em São Paulo e só os mais novos e dois irmãos casados continuam morando em Mata Grande.

Leandro começou a trabalhar na roça da família aos sete anos de idade, plantando feijão, milho, mandioca e tendo que carregar sacos de feijão, de até 60 kg, nas costas: *"Ave Maria, Deus me livre! Lá a gente carregava o feijão, não tinha carro de boi. Tinha que carregar nas costas pra casa, porque era meio longe, carregava na trouxa pra casa! Mas era sofrido, viu? Lá o cabra sofre mesmo!"* (Leandro). O trabalho diário era pesado e Leandro precisou, desde cedo, aprender muitas coisas para conseguir sobreviver, pois o trabalho era a única garantia de que teriam alguma coisa para comer:

Porque, quando a gente é pequeno, a gente sofre mesmo um pouco. Também, oxe, eu comecei a trabalhar na roça tinha sete anos! E é sofrido! Oxe, amanhecia o dia, vai pra roça! E é puxado, o dia todinho com enxada

ou na foice, qualquer coisa...e tem que aprender tudo! Pra comer tem que saber fazer as coisas. Ficar parado não dá não! (Leandro)

E para conseguir o sustento da família, todos tinham que trabalhar: "*Oxe, tinha que trabalhar! Todo dia tinha que trabalhar! [...] Todo mundo! Não tinha um que não trabalhava!*" (Leandro). Em alguns anos, quando a colheita era boa, ainda conseguiam vender alguns sacos de feijão, ficando com um pouco de dinheiro no bolso. Mas havia anos que o que colhiam não dava pra vender e, às vezes, ficava complicado até para comer: "*É, mas o cara tem que superar. Por Deus, né? [...] O ano que tirava pouquinho, tinha que segurar mesmo!*" (Leandro).

Não havia muitas opções de trabalhos sem ser na roça, pois a cidade era muito pequena e não conseguia oferecer serviço pra todo mundo. As pessoas que moram na cidade acabam sendo até mais pobres do que quem mora na roça:

Se tivesse algum serviço, ficava por lá mesmo! [...] Porque lá, tem que ter serviço na cidade. [...] Ninguém chama pra gente trabalhar na cidade, porque lá não tem nada pra gente fazer! Vixe, é ruim demais isso! Porque lá, você trabalha de roça só, porque outro serviço sem ser a roça, você não tem não! Não consegue! (Leandro)

Com a falta de serviços na cidade, muitos falam sobre São Paulo, dizendo que era um lugar mais fácil de se conseguir as coisas, que dava para ganhar muito dinheiro e também juntar para poder voltar com "*alguma coisinha*": "*São Paulo que é mais falado. Mas só a gente vindo pra cá pra ver como é que é!*" (Leandro). Alguns também falam que São Paulo já foi bom e que, agora, não era mais a mesma coisa, que não "*presta*" mais pra conseguir nada, mas são poucos. E, assim, muitos deixam Mata Grande para tentar conseguir algum emprego em São Paulo: Leandro foi um deles!

Em 2007, um pouco antes de completar 18 anos, ele decide que era hora de sair de casa para "*tentar a vida*" na tão falada São Paulo, onde suas irmãs já moravam há bastante tempo: "*Tem que sair pra conhecer outras coisas. O cara fica em casa, nunca sabe como é cidade grande assim. Tem que sair pra ver como é que é fora, né?*" (Leandro). Já veio com trabalho certo, que o marido de uma prima havia conseguido, para trabalhar em uma obra, na construção de um prédio, registrado e tudo.

A viagem até São Paulo foi longa: três dias de ônibus! Veio desanimado por deixar sua terra e o "*povo do Norte*²⁰", mas com muitas expectativas: "*Opa, ai vai ser bom demais aqui, oh! Essa cidadona ai!*" (Leandro). Chegando aqui, foi morar com as irmãs na Zona

²⁰ Todos os participantes do presente estudo, ao se referirem à sua região de origem, na maioria das vezes, utilizavam a expressão "Norte" ao invés de "Nordeste".

Norte de São Paulo e estranhou que havia um pouco de "mata" no bairro em que moravam: "Oh, São Paulo me diziam que era uma cidade que não tinha mata assim, mas lá é mais de..." (Leandro).

E foi só começar a trabalhar para perceber que o que falavam sobre São Paulo não era a realidade:

O cara...fala que São Paulo é isso, que São Paulo é bom, que vai ganhar muito dinheiro aqui. (risos) Que vai ganhar muito dinheiro...paga nada aqui! Um cabra...o salário da gente é tudo mixaria aqui. Aqui, tem vezes que o cara ganha só pra comer mesmo. Esse pessoal aí fica lá no Norte dizendo que: "Ah, o cara lá tá no São Paulo, tá bem de vida lá!". Não sabe o que é vida aqui! (Leandro)

Então, logo no primeiro mês, a decepção chegou, pois achava que conseguiria juntar algum dinheiro, mas seus "patrões" não pagaram o salário prometido: "Peguei uns caras pra trabalhar que os caras não pagavam direito, nem nada. Pagavam num mês e outro não. Pagavam tudo enrolado!" (Leandro). E o trabalho na obra era pesado, mas este não era o problema principal: "O problema não é que é pesado, que a gente que é acostumado a trabalhar em roça lá, sabe o que é peso mesmo! Mas o negócio de trabalhar de graça também não dá, né?" (Leandro).

Passado este primeiro mês em São Paulo, Leandro já sonhava em voltar para sua terra: "Já vi que São Paulo não dá não! [...] Homem, eu vou voltar pra casa." (Leandro). Mas como não queria voltar de "mãos vazias", agüentou ficar por cinco meses, só para ver se conseguia juntar alguma coisa para levar pro "Norte", mas não conseguiu: "Porque vim pra cá pra chegar lá com a mão limpa também, né? Aí vão dizer: 'Oxe, o cara tava fazendo o que em São Paulo que não arrumou nada?'. Mas também, em cinco meses, você não arruma nada não. Só uma mixaria mesmo!" (Leandro).

Voltou para Mata Grande com pensamentos de nunca mais voltar pra São Paulo e a viagem de volta foi uma alegria: "Quando a gente tá indo embora de novo, vixe, é bom demais, viu? Pra voltar, é bom! Quando a gente vai embora mesmo pra terra da gente, né?" (Leandro). Mas, em 2009, quando estava com 20 anos, a vontade de "tentar a vida pra cá" bateu de novo, pois um primo ofereceu seu emprego para ele, que era de "guardinha" de uma rua na Zona Sul de São Paulo, onde Leandro trabalha até hoje.

É, então, voltei pra mais uma vez, pra ver se dá certo! Por enquanto tá indo bem, vamos ver daqui pra frente mesmo! Quando eu vim da outra vez pra cá, que eu fui pro Norte de novo, eu falei: "Oxe, nunca mais vou no São Paulo mais, viu?". O pessoal me perguntava como era São Paulo e eu falava: "Oh meu Deus, não vai pra São Paulo não, que fecha não!". Quando foi agora,

resolvi vir pra cá de novo, eu falei: "*Vou tentar mais uma vez, eu! Ficar só na terra da gente não dá não!*". (Leandro)

Leandro foi morar de aluguel, sozinho, na Vila Constância, uma das comunidades da região da Cidade Ademar e começou o trabalho de guarda em uma das ruas da região, perto dos bairros mais abastados. Em seu bairro, não conhece quase ninguém, só três primos e um colega. Só consegue visitar as irmãs de vez em quando, aos Domingos, pois trabalha de segunda à Sábado, das 6h às 18h e, por isso, não tem muito tempo de sair para outros bairros da cidade: "*Eu mesmo não saio muito! Tem bairro que eu não saio também. Eu fico mais aqui nesse bairro. Quando eu saio, é ao redor mesmo do bairro.*" (Leandro). É também pela falta de tempo que Leandro só consegue frequentar a Igreja de vez em quando e, às vezes, vai em algum bar no bairro, mas não gosta muito.

O trabalho de guarda ocupa a maior parte de seus dias e, apesar de muitos falarem que é um serviço fácil, porque fica "*sentado o dia inteiro*", muitas são as inseguranças que Leandro vive em seu dia-a-dia:

É complicado esse serviço aqui, viu? É complicado, tem muita responsabilidade! Preocupação demais! [...] O cara no meio da rua, protegendo os outros, vendo a hora da gente levar algum tiro ai, oh. Você tem umas preocupações. Tem um assalto, você vai dar uma de valentão? Você, e ai? Acaba morrendo e o homem que fica de boa. E ainda tem morador que não dá valor ao guarda, né? Tem morador que não dá! Tem uns que pagam e uns que não pagam! Ainda, quando tem roubo, ainda vem pra cima do guarda. Nem fala com o guarda, ainda vem dizer que o guarda viu e que não sei o que. Vem perguntar se a gente não viu. Eu chego a falar: "*Você não paga pra mim e eu tô olhando a sua casa!*". Vai falar pra polícia: "*O guarda viu ai!*". Ai vem pra cima da gente! (Leandro)

Além da insegurança e do medo constante que o trabalho na rua traz, há também, mensalmente, as inseguranças do salário, que não é algo fixo, já que cada morador paga quando e quanto quer, sendo que outros nem pagam e ainda exigem segurança: "*Acho que o complicado é isso: quando você for terminar de receber tudo, você já vai ter gastado quase tudo já!*" (Leandro). Muitas vezes, Leandro já foi parar na delegacia, pois os moradores exigem que ele vá para contar o que viu: "*Quando assalta as casas do pessoal aqui no bairro, só cai pra cima de mim!*" (Leandro). E ele não pode reclamar, não pode falar nada, senão as pessoas param de pagar pelo seu serviço.

Foi através do trabalho na rua, que Leandro acabou conhecendo muita gente, como os guardas que trabalham nas ruas próximas e também as mulheres que trabalham como domésticas nas casas do bairro: "*Porque, se não estivesse aqui, não conhecia ninguém aqui! Trabalho na rua...o cara conhece um monte de gente.*" (Leandro). Em muitas tardes, fica conversando com os outros "*guardinhas*", que, em sua maioria, também vieram do "*Norte*".

Apesar das dificuldades de seu trabalho, Leandro acha que qualquer serviço é bom para quem tem "*coragem de trabalhar*", "*de pegar no pesado*", mas a maioria das pessoas não quer esse tipo de serviço, querem algo mais fácil e, por isso, os serviços pesados acabam "*sobrando*" para quem vem da roça:

Esse pessoal que tá morando em casona, em prediã, vai dizer: eles mesmo não fizeram isso! O pessoal da roça que fez isso, porque se não fosse o pessoal da roça pra ter coragem de fazer isso, eles não iam fazer não! Porque aqui ninguém tem coragem de trabalhar assim não, no pesado! Eles não sabem quem faz, né? Porque se soubessem como a gente sofre pra fazer isso, pra ganhar alguma coisa...Eles nunca pegaram no pesado pra saber como é que é! Só a gente que já pegou no pesado pra ver como é que é mesmo! Carregar saco de feijão na cabeça como eu já carreguei, não é brincadeira não! (Leandro)

E Leandro continua sonhando em voltar para sua terra, sente saudades do trabalho na roça, mesmo sendo puxado. Só continua em São Paulo para ver se junta algum dinheiro para levar para lá, mas seu plano mesmo é "*agüentar*" mais um pouco aqui e depois voltar para sua terra. Fala com sua mãe todos os Domingos: "*Ela quer que eu vá embora pra lá de novo! O pessoal de lá liga direto pra eu ir pra lá.*" (Leandro). E a saudade acompanha Leandro todos os dias:

Eu prefiro mais a roça do que trabalhar assim em cidade grande. Porque a roça é...foi o meu primeiro serviço, meu primeiro trabalho! E acho que eu sou mais minha terra, mesmo mais trabalhosa, do que trabalhar em cidade grande assim! [...] É, eu tenho vontade de trabalhar de roça. Eu sinto saudade de trabalho de roça! [...] Eu nunca troco a minha terrinha por cidade grande assim não, porque eu tô aqui, mas tô doido pra ir pra casa! (Leandro)

Na roça, havia o trabalho pesado, a falta de dinheiro, o sofrimento, mas é onde também há sua família, casa sem aluguel, conhecidos por toda parte, "*ar fresco da terra*", cachoeira aos Domingos, terra pra plantar a própria comida, "*liberdade para ir pra qualquer canto*", ajuda entre os vizinhos: "*Acho que lá tem tudo que a gente quer. Quem mora na sua cidade é quem sabe o que é, né? Quem nasceu lá.*" (Leandro).

Já, em São Paulo, tudo é mais "*separado*", não conhece quase ninguém: "*Ninguém conhece ninguém, ninguém fala com ninguém!*" (Leandro). O ar é abafado, por conta do "*encalçamento*": vem do cimento e não da terra. Não há liberdade para ir aonde quiser: se sente "*preso*". Aqui, é preciso pagar pra morar, o que dificulta juntar dinheiro: "*Lá o cabra mesmo constrói. E aqui não! Aqui você acha que vai ficar numa boa e vai ficar mais apertado ainda!*" (Leandro). As pessoas não se ajudam como na roça e o preconceito é grande com quem vem de fora:

Aqui, ninguém divide com ninguém não! Se você bater na porta de um pra pedir um copo d'água, ninguém quer dar não! [...] Porque você vai na casa de uma pessoa, se você vai pedir, daí fala que o cara é...ladrão, é mesmo, vamos falar mesmo! Eu tô indo pra casa, se eu passar assim em alguma rua e um morador tiver saindo, já fica pensando que a gente é algum ladrão. O pessoal pensa mesmo! Muitas vezes, eu já passei em rua assim e vi o pessoal saindo e fica olhando pra mim. [...] Ah, sei lá, esse pessoal que tem dinheiro quer...é muito orgulhoso! Tem medo da gente que vem do mato! [...] Pensam que a gente é algum bicho. (Leandro)

Mas, apesar de todos estes problemas, São Paulo também tem suas "*partes boas*", porque aqui é mais fácil conseguir algum serviço e ter algum dinheiro no bolso, porque você trabalha para os outros e recebe um salário, já na roça, eles trabalhavam para si e se não vendessem nada ficavam "*sem nenhum centavo no bolso!*". Agora, se fossem perguntar para ele como é São Paulo, Leandro daria o seguinte conselho: "*Não vá pra São Paulo não, que se não arrumar alguma coisa, é melhor voltar mesmo. Porque se você não arrumar alguma coisa, você rala muito aqui em São Paulo, viu?!*" (Leandro).

E, assim, Leandro continua sua luta com o corpo em São Paulo e o coração em Mata Grande, tendo como companheira as suas lembranças: "*Não, pra lembrar, a gente lembra, né? O que o cara viveu...Todo mundo tem sua história pra contar! A gente nunca esquece o que viveu mesmo! Nunca esquece não!*" (Leandro).

3.4 MARIA NASCIMENTO

Maria Nascimento tem 48 anos, nasceu em Esperança, no Estado da Paraíba e, hoje, mora na comunidade Coréia, na região da Cidade Ademar, Zona Sul de São Paulo.



Mapa 3: Localização da cidade de Esperança (PB).²¹

Conheço a Maria já há dez anos, mas ficamos sem contato por bastante tempo. Ela trabalhava como diarista na casa de uma conhecida. Suas filhas ainda eram pequenas e eu vivia brincando com elas, quase todos os dias da semana, depois que voltavam da creche. Tinha um contato tão próximo com Maria e com suas filhas, que foi muito difícil o dia que soube que ela não continuaria trabalhando na casa desta minha conhecida, depois de anos de convivência.

O tempo passou e eu tinha notícias dela, porque, às vezes, ela ainda ligava para esta pessoa para quem trabalhou, mas não a via há muito tempo. Até que, como a Maria mesmo disse: *"Essa sua pesquisa surgiu pra gente se aproximar de novo!"* (Maria Nascimento). Foi uma alegria muito grande quando ela me ligou para dizer que aceitava participar da pesquisa, porque havia encontrado com esta nossa conhecida em comum na feira e ela já tinha explicado um pouco o que eu estava estudando. Alegria maior ainda quando a reencontrei e ela estava a mesma Maria de sempre: pequena, risonha e muito engraçada! Eu só vi o tempo passar ao ver as meninas, suas filhas, que estavam muito grandes, já com mais de 15 anos, bem diferentes daquelas que eu pegava no colo pra brincar de girar no quintal.

²¹ Mapa retirado do site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Cidades, Paraíba, Esperança. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 10.mar.2013

E a pesquisa, realmente, surgiu para nos unir de novo, para trazer de volta uma antiga amizade, que não havia envelhecido um só dia. E foi graças a Maria que a pesquisa se espalhou para fora do papel: foi ela quem indicou os outros três participantes; que conversava com as amigas sobre a minha pesquisa; que me animava quando eu achava que a pesquisa não daria certo; que me dava idéias para continuar com o estudo e que me recebeu em sua casa por mais de uma vez para conversar e me ajudar com o andamento do Mestrado.

Todos os nossos encontros ocorreram em sua casa, na comunidade Coréia. A princípio, Maria estava com vergonha que eu conhecesse sua casa e ficou me dizendo que era muito pequena, que o bairro não era bom e estava preocupada que eu fosse sozinha até lá, que não conseguisse encontrar sua casa. Por isso, na primeira vez que fui, ela pediu para que uma de suas filhas me encontrasse para ensinar o caminho. Fui sozinha nas outras vezes.

A casa da Maria fica logo no começo da Coréia, em um de seus primeiros becos. Há três andares na casa: na parte de baixo mora a irmã do ex-marido de Maria; no segundo andar mora a Maria, com suas duas filhas e seu atual marido, Valdívio; e no terceiro andar fica uma laje grande, da onde é possível enxergar toda a Coréia. Segue registro do Diário de Campo:

A casa tem dois cômodos com quase o mesmo tamanho: em um deles, o que entramos primeiro, é a cozinha; o segundo é o quarto que, desde que Maria casou de novo (faz 6 anos que está com seu atual companheiro: Valdívio. Quando a conheci, ela não estava casada.), está dividido em dois por um armário que fica no meio do quarto separando a beliche das meninas da cama de casal deles. Ao lado da cozinha, perto das escadas, há um cômodo menor, parecendo um quintal e é onde fica o banheiro. Há também uma escada de madeira, que dá acesso à laje, que é bem grande e dá para enxergar grande parte da favela. (Trecho retirado do Diário de Campo)

Logo que cheguei, já me senti à vontade e, aos poucos, Maria foi se acostumando com a minha presença ali e a vergonha foi diminuindo. Em todos os nossos encontros, sempre havia algo me esperando: bolo que as meninas fizeram, refrigerante que Valdívio, seu marido, comprou pra me esperar, doces comprados de uma vizinha, lanches.

No primeiro encontro, ficamos conversando por muito tempo em cima da laje, no terceiro andar, onde Maria me contou sobre como era viver naquela comunidade, as mudanças que pôde acompanhar em todos estes anos que mora ali e me mostrou as casas de suas amigas:

Da laje, era possível enxergar quase toda a Coréia: casas de alvenaria, de diferentes tamanhos, algumas com lajes, outras com telhas improvisadas e muitos fios elétricos saindo de pequenos postes. Só não se via as ruas, ou melhor, os becos, que ficavam escondidos pelas casas tão grudadas umas nas outras. Da laje, era possível escutar quase toda a Coréia: sons de crianças brincando, de diferentes músicas, de programas de televisão, de conversas nas casas e entre as casas, de bebês chorando, de mulheres rindo, de algumas

brigas entre mãe e filho. Foi em meio a estas paisagens e estes sons que Maria começou a me contar um pouco mais sobre o bairro, em que já vive há muitos anos. (Trecho retirado do Diário de Campo)

Marcamos, então, um próximo encontro para Maria me contar sua história e ela disse que era pra eu me preparar pois tinha muitas coisas para contar. Tivemos outros encontros além destes dois, em que ficávamos conversando sobre o presente estudo e até suas filhas queriam me ajudar: a mais velha me deu um trabalho que ela havia feito sobre a comunidade Coréia para um curso que fez no SENAC, a mais nova dizia que procuraria amigas que tinham vindo de outros Estados para participar da minha pesquisa, as duas sempre muito atenciosas.

Mas foi no segundo encontro com Maria que tive a oportunidade de conhecer sua história de vida. Ficamos conversando, durante um pouco mais de duas horas, sentadas na cozinha de sua casa, mas sempre me pergunto se estávamos lá mesmo: quando Maria começou a me contar sobre sua vida, sentia que estava viajando com ela e imaginava, com extrema nitidez, cada cena que ela me contava. Tudo era narrado com muita vivacidade, com ricos detalhes e uma fala cheia de diálogos que faziam com que eu me sentisse dentro das cenas que ela relatava. Algumas destas cenas eram acompanhadas de lágrimas de choro, outras de lágrimas de riso.

Muitos eram os gestos que acompanhavam a sua fala: às vezes, Maria se levantava para me ensinar como ela e os irmãos plantavam feijão, ou para me mostrar como era a divisão que faziam da batata doce, mostrando as fileiras da plantação que ficavam para a sua família, e as que ficavam para o dono da fazenda em que moravam. Ela também trouxe as poucas fotos que tem das irmãs para me mostrar.

Foi nesse dia que conheci as histórias de Maria: mesmo já a conhecendo por dez anos, não sabia quase nada sobre seu passado, sobre seus sofrimentos, sobre suas lutas, sobre seus sonhos. Passo, agora, a re-narrar o que ela me contou, para que suas histórias fiquem conservadas neste estudo, assim como ficaram em minha memória.

3.4.1 Entre Esperança (PB) e São Paulo: histórias de Maria

Maria, Maria

Milton Nascimento

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece

Viver e amar
 Como outra qualquer
 Do planeta

Maria, Maria
 É o som, é a cor, é o suor
 É a dose mais forte e lenta
 De uma gente que ri
 Quando deve chorar
 E não vive, apenas agüenta

Mas é preciso ter força
 É preciso ter raça
 É preciso ter gana sempre
 Quem traz no corpo a marca
 Maria, Maria
 Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha
 É preciso ter graça
 É preciso ter sonho sempre
 Quem traz na pele essa marca
 Possui a estranha mania
 De ter fé na vida...

* * * *

Em 8 de Abril de 1965, nasce, numa cidadezinha chamada Esperança, no Estado da Paraíba, mais uma Maria, como tantas outras neste Brasil: Maria Nascimento, que já nasceu "morta" e precisou de promessas e alguns "tapas" a mais para sobreviver:

[...] eu já nasci morta, né? (risos) Pra sobreviver foi promessa! Ainda levei um bruta...não sei quantos tapas, porque tapa é normal dar quando nasce, pra ver se chora, mas eu levei vários e vários e não chorava, então, a minha mãe socorreu a essa santa (Nossa Senhora do Desterro). E teve uma época que eu andei revoltada, falei um monte. [...] E, depois, eu falei: "*Eu tô viva por causa da santa! Da fé, né? A fé!*". (Maria Nascimento)

Em Esperança, Maria, seus pais e mais oito irmãos, sempre moraram em fazendas mais afastadas da cidade, com distância de "uma hora a pé", onde trabalhavam em troca de um teto para morar e de algumas "sacas" de alimento para sobreviver. Muitas outras famílias trabalhavam e moravam nestas fazendas, sob as mesmas condições.

As casas dos trabalhadores ficavam bem afastadas das dos "patrões" e muitas eram as diferenças entre elas: "*Você olhava assim parecia um mundo que era dele, que a fazenda era enorme.*" (Maria Nascimento). Enquanto a casa do dono parecia um "mundo", nas casas dos trabalhadores, não havia luz, a única luz era a do lampião a gás; as paredes não eram pintadas;

o colchão era de palha, que esquentava muito e fazia surgir muitas pulgas, que não os deixavam dormir à noite. E, apesar dos poucos móveis e confortos, as casas eram grandes.

A rotina de trabalho nas fazendas era puxada: "*Era trabalhando, arrancando feijão, batata doce, jerimum, pra sobreviver.*" (Maria Nascimento). Durante a semana, após tomarem o café com farinha de toda manhã, iam para a roça trabalhar, de enxada nas mãos, embaixo do Sol quente da Paraíba. Enquanto isso, a irmã mais velha ficava em casa cozinhando e, ao meio dia, de panela na cabeça, ia levar o almoço: batata doce. À tarde, faziam uma pequena pausa para o lanche: "*Você pegava, quebrava o coco e você não ralava, você comia os pedaços com pedaços de rapadura. Meu pai falava que você ia ficar forte pra você trabalhar.*" (Maria Nascimento). Na volta pra casa, após um dia pesado de labuta, enfim, a janta: jerimum (abóbora). Em algumas madrugadas, ainda iam trabalhar na Casa de Farinha, para fazer o processamento da mandioca.

Além de todo trabalho nas fazendas em que moravam, às vezes, o pai aceitava alguns contratos temporários de trabalho, que eles chamavam de "*empeleitada*". Tinham um tempo certo para entregar o serviço, como por exemplo, a colheita do algodão, e recebiam por este período de trabalho: "*Tal dia era pra entregar o serviço, então, a gente tinha que correr, não tinha que dormir no ponto.*" (Maria Nascimento).

Aos finais de semana, a rotina continuava. Às sextas-feiras, o pai fazia uma "*feirinha*" para a semana inteira e de vez em quando conseguia comprar alguma "*mistura*" para as refeições: "*Aquele pedacinho de carne assada divide pra poder misturar com aquela batata.*" (Maria Nascimento). Aos Sábados, iam "*caçar*" lenha para a irmã cozinhar durante a semana. E, aos Domingos, todo mundo se arrumava para ir à missa: "*Hora e meia até chegar à Igreja na cidade.*" (Maria Nascimento). Maria e os irmãos não entendiam por que o pai os levava à Igreja, porque queriam ficar descansando e Maria era quem mais reclamava:

Meu pai elogiava o meu serviço, mas eu não admitia que ele reclamasse uma coisinha comigo, que eu era resmungona. Ele reclamava, eu respondia. E eu respondia, ele me batia. Eu era a que mais apanhava. Porque eu era revoltada, não queria ficar lá, eu queria sair, queria uma vida melhor, sabe? [...] Eu era revoltada! Eu não aceitava aquilo! [...] É, porque os...ninguém da minha casa, meus irmãos, minhas irmãs, não reclamavam! Era aquela vida normal. Eles pensavam que não existia outra coisa fora, que você pudesse correr atrás. É aquilo e pronto! (Maria Nascimento)

Mesmo com tanto trabalho árduo, a recompensa era pouca: na maioria das fazendas em que trabalhou, a divisão das "*sacas*" era injusta. Se colhiam, por exemplo, cinco "*sacas*" de batata doce, só duas ficavam para Maria e sua família, o resto ia para o "*patrão*" vender. "*Patrões*" que só mandavam e fiscalizavam o serviço feito e "*tinham de tudo*": carro, casas

enormes, muita comida. E Maria sempre foi revoltada com isso. Mas se desobedecessem os "patrões":

Ele mandava embora e contratava outras pessoas! *"Ah, então desocupa a casa, que já tem outra gente que vem aqui querer morar!"*. É assim a vida! O meu pai e todo mundo fazia aquelas farinhas. Dez sacas de farinha, davam dois sacos pro meu pai. Ai ficavam dez sacões cheios de farinha e ele levava pra vender. E a gente levava, colocava no silo, porque a gente comia: a gente não vendia, a gente comia! Tomava café com farinha. [...] Então, a gente tomava café e isso e a gente sobreviveu, entendeu? Mas é luta! (Maria Nascimento)

As injustiças aumentavam ou diminuíaam dependendo da fazenda em que moravam e algumas destas fazendas aparecem com mais intensidade nas lembranças de Maria. Uma delas, em que sua família trabalhou e morou por bastante tempo, foi a chamada Riacho Amarelo, que era de um homem que *"parecia descendente de italianos"*, com filhos e filhas sempre *"bem vestidos"*, brancos, de olhos azuis: *"Era tudo branco, não era gente morena, sabe? Eram tudo aquelas mulherzonas branconas, bonitas e a gente tudo lá ferrada."* (Maria Nascimento).

Nessa fazenda, a divisão das "sacas" era bem injusta e, às vezes, a batata doce acabava antes do tempo, fazendo com que eles passassem necessidade. O "patrão" não dava além do que eles já tinham, porque dizia que, se tinha faltado, era porque eles já comeram tudo antes da hora. E não era possível pedir ajuda dos vizinhos também, pois eles já tinham pouco para eles mesmos, como poderiam dividir com os outros? Uma vez, sem mais batatas para comer, tiveram que recorrer a algo que nunca fizeram antes:

Ainda não contei esse, mas por incrível que pareça, aconteceu! E você vai falar agora assim: *"Por isso que o seu primo roubava galinha!"* (risos). Porque, uma vez, a gente não tinha mais batata, a nossa batata tinha acabado. A gente tinha só farinha no silo e o meu pai falou: *"O que a gente vai comer no dia seguinte?"*. Ai a gente deixou anoitecer - olha só! - a Lua sair pra clarear, e fomos no vizinho, do outro fazendeiro. E cavamos a batata e catamos e levamos pra comer no dia seguinte, você entendeu? Então, era assim! [...] O meu pai falou: *"Se eles vierem falar, eu vou falar que não foram vocês, fui eu, porque eu precisava, não tinha. Qualquer coisa, eu pago pra ele depois, trabalhando."* (Maria Nascimento)

Também trabalharam na fazenda de um homem, que era conhecido por abusar das filhas dos trabalhadores que moravam com ele. Sabendo disso, o pai de Maria não quis morar em sua fazenda, e levou sua família para morar em uma fazenda menor, na qual também trabalhavam. Quando o "velho" chamava seu pai para conversar, ele nunca levava suas filhas junto: *"A gente vinha pra casa, a gente não ficava, porque ele falava que queria pegar as 'santinhas do véinho'". O meu pai, o nome dele era Severino, mas o apelido era véinho."*

(Maria Nascimento). Atualmente, Maria ficou sabendo que a Prefeitura de Esperança descobriu todas as explorações que este fazendeiro fazia aos seus trabalhadores, além dos abusos às filhas deles, e ele teve sua fazenda retirada pela justiça, só ficando com a casa em que morava. Os trabalhadores ganharam o direito de ficar com suas casas nesta fazenda.

Após trabalharem para este fazendeiro, Maria e sua família se mudaram para uma fazenda menor, chamada Cambucá, que era do Seu Cordeiro, o único fazendeiro de quem ela lembra o nome e não à toa:

Engraçado, Lu, que a batata doce lá, nesse homem, ele deu um pedaço de terra pro meu pai plantar batata doce só pra gente, porque ele falou assim *"Eu sei que, na seca, vocês vivem disso! Então, você pode plantar batata que é a sobrevivência de vocês quando entra a seca!"*. [...] Quando chega a seca, Lu, seca as barragens, seca as lavouras, seca tudo. [...] E a rama, que é a rama da batata, o Sol queimava, parecia que não tinha nada, mas quando você ia cavar o chão, a batata tava lá. E a batata doce, ela ficava docinha e a gente não enjoava! (Maria Nascimento)

Na fazenda do Seu Cordeiro, a divisão das *"sacas"* já era melhor e as casas dos trabalhadores tinham melhores condições: *"Era a única que a gente morou que parecia uma casa de cidade, porque era uma casa bonita, já tinha luz."* (Maria Nascimento). Seu Cordeiro era *"uma pessoa que não precisava tanto"*, ele só comprou a fazenda, porque achava bonito ter uma *"casa na roça"*, criar gado, ter plantação, ter pátio com cana. E ele ficava feliz que o pai de Maria cuidava de tudo aquilo para ele.

Moraram também, durante um tempo, em um sítio do irmão de seu pai: Riacho Fundo, que era muito grande, com várias casas, uma Igreja, *"até parecia uma cidadezinha"*. Em troca da moradia, seu pai trabalhava para seu tio, mas possuía um pedaço de terra, no qual podia plantar o que quisesse: *"Era do meu pai. Não era pra dividir, que nem dos patrões."* (Maria Nascimento). Maria gostava de morar nesse sítio, mas o sonho não durou muito: *"Meu tio vendeu, ai desmoronou tudo. Meu pai teve que voltar pra trabalhar com os fazendeiros."* (Maria Nascimento).

Em meio a uma infância cheia de trabalho pesado, Maria teve que presenciar muitas situações difíceis que não gosta de lembrar até hoje:

Muita gente fala: *"Ah, voltar a infância!"*, isso eu não queria voltar nunca. Não queria voltar nunca, porque, nossa, quando eu me lembro daquela roça, catando jerimum, milho, cortando cana, já criei muita cabra, já tirei leite de cabra, sabe? Muitos filhos da minha mãe morreram, foram plan...foram enterrados no meio das canas. Tudo isso vem na sua mente. [...] Eu vim dum lugar que eu sofri, eu pastei, eu trabalhei, eu chorei, eu brinquei muito... (Maria Nascimento)

Apesar do sofrimento da vida na roça, algumas brincadeiras vinham colorir os dias intensos de trabalho de Maria e seus irmãos, como contar carros na estrada de diferentes cores, enquanto descansavam à tarde. As bonecas eram sabugos de milho, com "cabelos" de diferentes cores: *"o milho, na planta, tem uns que têm o cabelo vermelho, é igual essas loiras que pintam o cabelo de caju, outro de cabelo loiro, outro cabelo preto."* (Maria Nascimento). Seus braços e pernas eram *"pauzinhos"*. As mamadeiras eram frascos vazios de dipirona. E o leite vinha do tronco de uma árvore chamada *"avelói"*. Os castelos e as casas eram de terra:

A gente fazia aquelas casinhas de terra, sabe? Aqueles castelinhos! Fazia uns sofazinhos de terra, sentava os milhos, sabe? Era a nossa brincadeira, só que eu era frustrada! Eu creio que as minhas irmãs eram felizes, porque até hoje continuam lá. Eu não! Eu não gostava. (Maria Nascimento)

E a revolta com a vida que levava continuou a impulsionar Maria a sonhar com mudanças, que sempre sonhou em mudar de vida, em sair da roça, em ser feliz: *"Eu não era feliz! E o pior que você, às vezes, você tem que ser feliz com o que você tem do que você sonhar."* (Maria Nascimento). Então, aos 14 anos, no final da década de 70, quando sua mãe ainda era viva, fez sua primeira pequena travessia: como não queria mais ficar no sítio trabalhando na roça com sua família, a mãe conseguiu um serviço para Maria na Casa Paroquial. *"Eu fui trabalhar na casa dum padre."* (Maria Nascimento).

Lá, ficou ajudando na cozinha por, mais ou menos, um ano. Resolveu sair, porque, um dia, estava contando moedas da Igreja com outras meninas e meninos e menstruou pela primeira vez. Como a mãe não havia explicado para ela que isso acontecia com as mulheres, Maria pensou que estava morrendo e os meninos começaram a rir dela. Depois de saber o que estava acontecendo, pediu para chamar sua mãe, pois não queria mais trabalhar lá, com vergonha do ocorrido. Então, Maria volta para a roça e os sonhos continuam!

Aprender a ler era um dos grandes sonhos: seu pai não queria que as filhas estudassem, pois tinha medo que elas o deixassem, mas sua mãe queria que elas aprendessem, pelo menos, a assinar o próprio nome e as levava escondidas para *"três moças velhas"*, que começaram a ensiná-las a ler com um livro grande, que Maria acha que era a Bíblia: *"Elas foram ensinando, muito tempo, muito tempo, aí a gente começou a fazer o nome Maria, né?"* (Maria Nascimento). Depois, a mãe matriculou Maria e suas irmãs no Mobral (educação para adultos), à noite, e ela ficou muito feliz com os livros grandes que tinha recebido da escola, mas a alegria durou pouco: seu pai descobriu e logo as tirou da escola. Mas Maria não desistiu de aprender e pegava alguns livros de histórias emprestados do vizinho e ficava juntando palavra com palavra:

E a gente foi tentando, tentando, até a gente conseguir. Ai, pronto! A partir do momento que eu consegui escrever pra uma tia minha que morava no Rio [Rio de Janeiro]...Nossa! Pronto! Que ela respondeu a carta, eu falei: "*Pronto! Agora não me perco em lugar nenhum!*", porque qualquer placa eu tava lendo, né? [...] "*Não vou me perder! E, se eu parar em qualquer rua, eu sei ler! Eu vou saber...eu sei onde que tá escrito o nome de uma placa, de uma rua...*". (Maria Nascimento)

Quando Maria tinha um pouco mais de 14 anos, sua mãe faleceu de câncer e ela e seus irmãos continuaram morando e trabalhando com o pai nas fazendas durante um bom tempo, até que, na década de 80, Maria faz sua segunda travessia: vai para Esperança, morar na cidade mesmo. Após uma discussão com o pai, em que levou uma "*surra muito feia*" de cipó: "*Eu peguei, cortei o meu cabelo, pus minhas roupas na sacola e me mandei pra cidade.*" (Maria Nascimento). Foi para a casa de um tio e seu pai ficou chorando, pedindo para ela voltar, mas Maria não "*abriu mão*". O tio conseguiu um trabalho para ela, como faxineira na casa de um médico: foi seu primeiro trabalho em "*casa de família*".

Depois de um bom tempo, o pai adoeceu, também com câncer, e precisou ficar internado no hospital da cidade. Maria, então, teve que voltar para a roça para cuidar de sua irmã mais nova, que estava com dez anos. O pai teve alta e, como foi operado, ficou um mês na casa deste tio de Maria que morava na cidade, até retirar todos os pontos. Quando ele voltou para a roça, ainda estava muito doente e Maria e seus irmãos ficaram cuidando do pai durante os últimos meses de sua vida.

Quando o meu pai ficou doente, ele falou dos feijões, do cílio de fava, do cílio de feijão marcassa, que aqui é feijão de corda, da batata, da maniva, que sai a mandioca, que lá é macaxeira. [...] Então, tudo isso...eu falei, eu na minha cabeça: "*Imagina, eu não vou ficar nada aqui! Cai fora!*". Quando ele faleceu, ai shu...cada um foi se espalhando. (Maria Nascimento)

Após o falecimento de "*véinho*", cada irmão foi para um canto, já que não puderam continuar na casa em que moravam, pois era do fazendeiro: alguns continuaram morando em Esperança e outros foram para cidades maiores que ficavam nas redondezas. Maria ficou responsável pela irmã mais nova, que cuidou "*como uma filha*". Todas as outras irmãs já estavam casadas e não queriam cuidar da caçula, dizendo que o pai havia dado muito "*mimo*" a ela. Foi então que Maria fez sua terceira travessia: saiu de Esperança com esperança de que uma vida melhor a aguardava.

Maria e sua irmã foram para Campina Grande, uma cidade maior, também no Estado da Paraíba. Decidiu ir para esta cidade, pois uma irmã havia se casado com um homem de lá e estava morando no sítio dele. Maria, então, pediu para o cunhado ver se conhecia alguém que estava precisando de empregada doméstica e ele já informou uma menina que morava em

outro sítio e que trabalhava em Campina Grande. Uma amiga da "patroa" desta menina estava precisando: *"Me levou pra casa da patroa dela, eu dormi lá, e no dia seguinte, eu fui pra casa da outra mulher trabalhar."* (Maria Nascimento).

Maria passou a morar na casa desta mulher e, passado alguns dias, perguntou se poderia levar sua irmã caçula para morar com ela, pois ninguém queria ficar com a menina. A "patroa" aceitou e até ajudou a criá-la. Em Campina Grande, Maria trabalhou em várias "casas de família", acompanhada desta irmã. Sempre morava nas casas em que trabalhava, mas os sonhos de melhorar de vida ainda continuavam:

Morava, lavava, passava, cozinhava, mas eu ia levando, ia levando, não tinha outro jeito. E eu, na minha cabeça, eu ia sair disso um dia: *"Deus é justo, e eu vou sair!"*, sabe? [...] Eu sonhava sair, eu sonhava crescer, eu sonhava... [...] Eu pensava em Brasília. Eu não sabia que a cidade de São Paulo existia. Meu irmão foi pro Rio de Janeiro, mas na minha cabeça eu queria ir pra Brasília. [...] Eu tenho um tio, irmão do meu pai lá, que já tinha viajado pra lá. E ele falou que lá era uma cidade que a pessoa ia, arrumava trabalho e crescia. Ai eu falei, na minha cabeça...eu não comentei...eu falava: *"Eu tenho que ir! Se eu conseguir entrar em contato com o meu tio, eu vou pra lá! Se ele conseguiu, eu também tenho...Como eu trabalho aqui, também eu posso trabalhar lá."*, entendeu? Mas eu não sabia que pra você conseguir um trabalho pra ganhar bem, tinha que ter estudo e eu não estudei. (Maria Nascimento)

A oportunidade de mudar de vida surge mais concretamente quando começa a namorar um primo que já morava e trabalhava em São Paulo: *"Ele trabalhou na roça junto com a gente, só que ele tinha o mesmo objetivo que eu: sair pra tentar a vida, uma vida melhor."* (Maria Nascimento). Ficaram namorando por um tempo e o primo ficava indo e voltando, de São Paulo para Campina Grande, para vê-la, até que quis que ela fosse morar com ele em São Paulo, mas Maria disse que só iria se eles casassem: *"Então, eu sonhava, Lu, sabe? Eu queria uma vida melhor, eu queria casar."* (Maria Nascimento).

Enfim, Maria se casou, com 28 anos de idade, no início da década de 90, e as expectativas com a vida em São Paulo eram grandes! Deixou sua irmã caçula morando na casa de sua última "patroa", que "dava de tudo" para ela e se mudou com o primo, agora, também marido, para a tão esperada São Paulo:

Eu falei pra ele assim uma vez: *"É igual Brasília?"*. Eu não conhecia, mas no meu pensamento Brasília era aquela cidade de cinema, entendeu? Eu falei: *"É igual Brasília?"*, ele falou *"É melhor!"*, entendeu? Quando eu chego, atravessei São Paulo inteira: cidades bonitas, prédios bonitos, tal, blá, blá, blá. Ai, quando cheguei no Jabaquara, pegamos ônibus pra descer até a Vila Clara. E foi entrando nas quebradas, entrando nas quebradas. Quando entrou numas quebradas, ele foi descendo escada, descendo escada, descendo escada...ele morava assim, lá no fim do buraco, no último barraco, onde eu morava. (Maria Nascimento)

O marido havia vindo antes para alugar "um canto" e Maria sonhava em ter, finalmente, uma casa só dela, mas, quando chegou, veio a decepção: "*Porque, lá no Norte, por mais que você paste, mas as casas são grandes. [...] Ai, quando chego aqui, um cômodo só. [...] E eu já tinha a ilusão na cabeça de viver bem.*" (Maria Nascimento). Maria não conhecia o que era uma favela, nunca tinha visto nenhuma e, quando chegou nas "quebradas", achou que era como um "cabaré" que tinha na sua cidade e ficou assustada: "*Nossa! Vim morar num cabaré!*" (Maria Nascimento). Apesar do susto, pensava que era só o marido começar a trabalhar que as coisas ficariam melhores, mas a decepção com o lugar não foi a única: logo na primeira semana, o marido ficou "louco" e ela ficou sabendo que ele tinha alguns surtos de vez em quando e ficava estranho por um tempo e a maltratava muito. Maria não sabia de nada disso:

Lu, eu fiquei tão desesperada, que eu falei: "*Gente, eu já sei que a minha vida é essa! Eu nasci sentada em cima da 'mé' e vou morrer nela. Porque como que eu joguei minha vida? Trabalhava em casa de família, eu vivia, vamos dizer, bem, ganhava o meu dinheiro, comprava minha roupinha, sabe? Tal, tudo. E eu vim praqui, meu Deus, não tô trabalhando, não conheço nada aqui, casei com um homem que tem problema e o homem ganha uma mixaria e paga aluguel, e não tem nem móvel em casa, não tem nada.*". (Maria Nascimento)

Maria se sentia deslocada e sozinha, pois não tinha muito quem a ajudasse, já que todos eram amigos do seu marido: "*Porque eu não fazia parte daquilo. Eu queria...eu tava vendo outro mundo.*" (Maria Nascimento). No começo, sentiu saudades da vida na roça, mas não queria voltar para sua terra: "*Pra que eu voltar atrás? Não! Aqui, depois do que eu passei, porque quando eu cheguei aqui, foi uma decepção, mas eu não queria voltar.*" (Maria Nascimento). E Brasília continuava em seus sonhos!

Em São Paulo, os cunhados a ajudavam de vez em quando, mesmo nas pequenas coisas, como ensinar a fazer arroz temperado, que era diferente do "*arroz de água e sal*" que comiam no "*Norte*". Por conta deste problema do marido, já teve que morar diversas vezes nas casas de alguns destes cunhados:

Casei com ele, vim pra cá, pastei com esse problema dele. Já morei em não sei quantas casas, quantos barracos, quantas favelas, já dormi em não sei quantas camas. E como...quando a minha primeira filha nasceu, como eu te falei, nasceu, dormia dentro de uma banheira, no meio dos ratos. Porque isso é a verdade, eu não posso falar: "*Eu tive...*", eu não tive, eu pastei! Vim pra cá pra conquistar uma coisa melhor e não consegui. (Maria Nascimento)

Maria e seu marido moraram em diversos lugares na Zona Sul de São Paulo: Vila Clara, Vila Joaniza, Santa Catarina, Grajaú. Moravam em "*barracos*", cortiços, pensões. Quando sua filha mais velha era pequena, em 1994, moraram na casa da cunhada, que fica

embaixo da casa onde Maria mora atualmente, na Coréia. Hoje em dia, a casa da cunhada, que continua morando no mesmo lugar, é de alvenaria, bem trabalhada, mas antes: *"Era tudo madeira, o chão não tinha piso. O esgoto, que fica, hoje, fora, porque o irmão dela construiu mais pra cá, era dentro da casa dela. Construíram o barraco no esgoto mesmo, porque eles queriam aproveitar todo o bequinho."* (Maria Nascimento). E foi nessa casa que tinham que dormir junto com os ratos, que vinham do esgoto.

Os maus tratos do marido continuavam: ele batia muito nela, mas Maria não sabia se era por conta do problema dele ou se era por causa do *"machismo do homem da Paraíba"*. Ela ficava em casa para cuidar da filha mais velha, pois ele não queria que ela trabalhasse, para viver *"embaixo do cabresto dele"*. Mas o salário do marido era pequeno e, quando ela estava grávida de sua segunda filha: *"Eu fiquei magrinha, magrinha, só puro osso, porque o que ele ganhava só dava pra pagar o aluguel. [...] E aquela fome, aquela fome, Lu, sem ter nada pra comer, te juro por Deus!"* (Maria Nascimento). Só conseguiam comprar fubá, para fazer o cuscuz, que comiam a semana inteira e o leite em pó para a filha mais velha, a quem Maria ainda amamentava, mas que também tomava um *"leite fraquinho"*, para sobrar pro resto da semana.

A gravidez e o estômago vazio faziam com que Maria sentisse muito enjoô e ela ia na feira que passava na porta da sua casa e pedia um limão, para ver se parava de enjoar, pois não tinha dinheiro para comprar sequer um limão. Quando seu marido descobriu que ela estava grávida, desconfiou que o filho não era dele e a mandou de volta para Esperança. Maria voltou, então, para sua terra, carregando uma filha pequena, outra filha na barriga e um fogão que o marido havia dado para ela levar.

Em Esperança, morou com o sogro e também com uma irmã, mas não dava muito certo, pois tinha criança pequena e sentia que os incomodava. O marido foi diversas vezes para lá, visitá-la: arrumava algum serviço em São Paulo para conseguir o dinheiro da passagem e *"se mandava"* para Esperança. Quando o dinheiro acabava, voltava de novo e assim por diante: fez isto pelo menos umas quatro vezes enquanto Maria estava no *"Norte"*.

Mas, quando sua segunda filha nasceu, em 1996, após um mês, Maria já não agüentava mais ficar *"pulando de casa em casa"* e disse ao marido que iria voltar para São Paulo: *"Eu falei: 'Eu já tô com duas filhas, se ele não quiser viver comigo, ele não vive! Eu vou ter que me virar!'. Vendi as coisas e falei: 'Já tô indo, tô viajando!', com uma passagem só."* (Maria Nascimento). E voltou para São Paulo com as duas filhas e uma passagem de ônibus: a viagem foi um *"inferno"*.

De volta à São Paulo, vai morar com os cunhados de novo. Sempre que "*dava a louca*" no marido, ele as mandava de volta para Esperança e Maria até achava bom, pois gostava de viajar. Fez isso, mais ou menos, umas quatro vezes enquanto morou com o marido. Na época, Maria até sentia vontade de voltar para sua terra, mas só se tivesse uma casa só dela para morar com as crianças, pois não queria ficar sempre morando na casa dos outros. E ela sempre voltava para São Paulo! Depois destas quatro vezes, nunca mais voltou para sua terra, mas ainda mantém bastante contato com algumas de suas irmãs, principalmente com a caçula.

Quando as meninas eram pequenas, o marido desaparece: em meio a uma de suas crises, ele foi para a casa de um tio no Rio de Janeiro, contando que já tinham assassinado sua mulher e suas filhas e que, naquela noite, iriam atrás dele para matá-lo. Ele foi para o meio dos matos de madrugada, perto da casa do tio e simplesmente desapareceu e não foi encontrado até hoje: "*Meu, quando ele desapareceu, eu ganhava 150 e pagava 250 de aluguel com uma menina de dois anos e uma de um ano, o que eu ia fazer? Eu só chorava, chorava e chorava.*" (Maria Nascimento).

E começa a luta para encontrar o marido! Maria deixa as filhas sob os cuidados da cunhada e vai para o Rio de Janeiro, em busca do marido, em todos os lugares possíveis: delegacias, cadeias, hospitais, hospícios, clínicas, falou ao vivo em uma emissora de rádio, procurava o marido entre os mendigos na rua, tentou de tudo e não o encontrou. Resultado: "*Eu entrei em uma depressão, que eu chegava no serviço, eu não trabalhava, eu só chorava.*" (Maria Nascimento). Maria não conseguia fazer nada, porque achava que iria morrer. Perdeu sua fé e esperança:

Que nem, quando ele, quando aconteceu isso comigo, eu falei: "*Deus não existe! Deus não existe, porque, oh, Deus foi cruel comigo!*" (começou a chorar), sabe? Eu tentei conseguir uma vida boa pra mim, só aconteceu desgraça, aí eu falei: "*Não pode existir, porque se ele existisse, eu não taria sofrendo tanto.*". (Maria Nascimento)

Maria foi em vários lugares em busca de uma resposta: Igrejas, Centros Espíritas, leitura de cartas, búzios e até em programas de TV, como o do Ratinho e da Ana Maria Braga, para deixar uma carta com a foto do marido para ver se eles passavam ao vivo, na tentativa de encontrá-lo. Não tinha respostas e ela só ficava mais descrente e deprimida. Decide, então, procurar uma psicóloga no Centro Social Bezerra de Menezes, ligado a um Centro Espírita, que fica perto de sua casa e que oferece atendimentos gratuitos em diversas áreas para moradores de comunidades da região.

Quando eu passei na psicóloga, você vai acordando pra vida, você vai vendo a realidade e, às vezes, você passa por isso, não é por acaso não, você

merece. [...] Mas conforme o tempo, que você vai dando a volta por cima (vai parando um pouco de chorar), que você vai tentando, e você consegue criar seus filhos, né? [...] Criar seus filhos, batalhar, correr atrás das creches como eu corri, trabalhar... não ganho bem, mas não passei fome igual eu passei fome com o pai delas. [...] Então, assim, hoje, eu agradeço a Deus, porque eu tenho saúde, as minhas filhas têm saúde, moro aqui e não tô na rua, pelo tempo de aluguel [...] que eu paguei, isso aqui já é meu. Então, eu... numa forma, eu dei a volta por cima, entendeu? Minha casa é pequena, mas não falta o que comer. (Maria Nascimento)

Aos poucos, conseguiu construir seu "*cantinho*", em cima da casa da cunhada com quem morava, com a ajuda do padre da Igreja que fica na comunidade e que ajudava todo mundo a construir um "*barraquinho*": "*Vou pedir pro senhor me ajudar a construir umas quatro paredes lá em cima pra eu morar com as minhas filhas. O senhor falou que se eu comprasse os blocos, daí o senhor me ajudaria na mão de obra.*" (Maria Nascimento). É nessa casa que Maria vive com as filhas até hoje e paga aluguel para a cunhada, que continua morando na parte de baixo.

Foi "*lutando*" que Maria conseguiu correr atrás de melhores condições de vida para ela e suas filhas: "*Fui lutando, fui lutando, quase caindo e levantando.*" (Maria Nascimento). Maria não queria ter que depender de nenhum vizinho e parentes para cuidar de suas filhas, para não ter que "*escutar algumas coisas depois*": "*Muitos ajudam, mas não pise na bola. [...] Porque os vizinhos são assim, se te ajudam em um quilo de açúcar, depois se falam alguma coisa e você fala 'não', eles te jogam na cara!*" (Maria Nascimento).

Apesar da ajuda entre os vizinhos, Maria diz que é preciso saber viver em um "*lugar como a favela*", pois há muita fofoca e não é para qualquer um que você pode comentar sobre tudo, sobre sua vida, por isso sempre preferiu não se envolver muito: "*Eu sou assim: poucas pessoas sabem da minha história! Sabem da minha vida, [...] mas não sabem o que eu passei. A pessoa que sabe da minha verdade, da minha vida, é como você que vem e eu conto.*" (Maria Nascimento).

Então, para não ter que depender de ninguém, a primeira coisa que fez foi ir em busca de creche para as crianças, na batalha por vagas: "*Quando eu vi que aquela creche ficava só até quatro anos, rápido, eu fui ver prézinho antes de chegar o dia de sair. Depois, surgiu a creche do Lar da Benção, eu corri e fiz inscrição lá. Então, aonde eu sabia, eu fazia o cadastro delas.*" (Maria Nascimento). Com as filhas na creche, Maria conseguia trabalhar e continuava trabalhando em "*casas de família*". E foi através das creches que Maria conseguiu muito suporte para criar as filhas nos momentos de maior necessidade:

Chegava fim de semana, Lu, eu pegava elas na creche e a Diretora falava: "*Olha, tem um carro de legumes, bolacha, leite, pras suas filhas comerem*

Sábado e Domingo.” e eu trazia. Quando eu chegava na creche, que a creche já tava fechada, elas levavam as minhas filhas, deixavam na Dona Helena, que é a mãe da Silvana, que trabalhou na creche e que me ajudou muito. Elas tavam com o carrinho lá, com legumes, com salada, com macarrão, com bolacha, com leite, ai eu trazia. (Maria Nascimento)

Foi também a partir da creche, que recebeu um cadastro para o programa municipal Renda Mínima²², do qual Maria nunca havia escutado falar antes. Com o cadastro em mãos, Maria foi atrás desta renda para as meninas. Foi então que conheceu Dora, sua amiga até hoje e uma das participantes da presente pesquisa, que também tinha dois filhos matriculados na mesma creche. Enfrentaram filas e mais filas para conseguir esta renda, mas não desistiram e, enfim, depois de muito correrem atrás, passaram a receber o Renda Mínima mensalmente e também o Bolsa Família²³, que são programas de transferência de renda do governo para famílias em "situação de vulnerabilidade social".

A renda vinda dos programas não era alta, mas sempre ajudou a comprar algumas coisas que o salário de Maria não cobria. O Renda Mínima ajudou muito quando Maria se viu desempregada por um tempo, mesmo não sendo possível viver somente com tal renda. O dinheiro do Bolsa Família ajudava a comprar material escolar para as crianças e também era uma "*mesada*" que Maria dava para as filhas, para que pudessem ter um dinheiro próprio. Hoje em dia, como a filha mais velha já terminou o Ensino Médio, só a filha mais nova recebe esta renda, que é de 30 reais.

Quando Maria ficava desempregada, logo corria para arranjar um trabalho e ia para a porta de um colégio, onde trabalhava uma conhecida, para saber se alguma mãe estava precisando de faxineira. A conhecida, então, ia em busca das mães que ofereciam um salário melhor e logo indicava Maria. Foi assim que ela conseguiu seu trabalho atual, de empregada doméstica em uma das casas da região, na qual trabalha todos os dias da semana e meio período durante o Sábado.

Era difícil ficar sem trabalho por muito tempo, mas, uma vez, por volta do ano de 2004, ficou desempregada e começou a se sentir "*apertada*", pois as coisas começaram a faltar em sua casa. Foi então que buscou ajuda no Centro Social Esperança, que fica no seu bairro e que foi criado em parceria com a Igreja que fica perto da sua casa, com a comunidade

²² O Programa de Garantia de Renda Familiar Mínima Municipal (PGRFMM) foi criado pelo município de São Paulo em 1998 e visa o atendimento integral à família, criança e adolescente, com o intuito de garantir a permanência dos filhos de 6 a 16 anos na escola. Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/gestao_de_beneficios/renda_minima/index.php?p=2010>. Acesso em: 04 mar. 2013

²³ O Programa Bolsa Família (PBF) foi criado pelo governo federal em 2003 e visa atuar junto a pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza via transferência de recursos. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>>. Acesso em: 04 mar. 2013

e com a ajuda da Prefeitura²⁴. Funciona como uma creche para as crianças da comunidade, que ficam lá nos horários que não estão na escola, para que suas mães possam trabalhar: *"Então, eu fui lá, conversei com a assistente social, conversei com a diretora e falei a minha situação."* (Maria Nascimento). E foi neste lugar que conheceu a Nilda, também participante do presente estudo, amiga de Maria, que mora na mesma comunidade e que, na época, trabalhava como cozinheira neste Centro Social.

Foi ela que fez a cesta pra mim. Mas eu tava indo num lugar que a Prefeitura ajuda. Até então, coisa que vem da Prefeitura também é dos impostos que a gente tá pagando, entendeu? É uma coisa que tá sendo ali doada pras pessoas carentes, que não têm condições. Até então, mesmo que você trabalhasse, tendo um salário pouco, que não dá pra você comprar de tudo, se você for lá, eles te ajudam. Eu fui lá! Fui, peguei, trouxe, não tava roubando, nem...e fui lá e contei a minha situação. [...] [Nilda] Fez a minha cestinha e eu trouxe, pronto! A única vez! Que depois, já no dia seguinte, eu já arrumei serviço, sabe? (Maria Nascimento)

Em São Paulo sentiu, com maior intensidade, como não era possível arranjar bons trabalhos, que ganham um pouco melhor, sem ter estudo e, por isso, só conseguia serviços em *"casas de família"*: *"Eu só queria ter estudado, nem que seja o primeiro ano. Só isso! Que eu entrava numa creche pra trabalhar. Não me pegaram pra fazer faxina na creche, porque eu não tenho estudo!"* (Maria Nascimento). Sentindo a importância do estudo em sua vida, Maria sempre incentivou suas duas filhas a estudarem e fica triste por não poder pagar faculdade para elas, mas acredita que elas irão trabalhar para pagar seu próprio estudo e que vão trabalhar na área que se formarem.

"Você sabe que eu tô trabalhando nisso, porque eu não tenho estudo! Pra você querer ser alguém na vida, você tem que ter boas notas, estudar bem e ser inteligente." É todo santo dia! Todo santo dia, eu falo a mesma coisa. [...] Eu falo: *"Eu quero ver vocês trabalhando num serviço decente. Eu não posso pagar faculdade."* É uma pena que eu não posso pagar faculdade pra ela (a mais velha). Então, ela tá pensando em trabalhar, juntar, pra pagar a faculdade dela. (Maria Nascimento)

Por suas condições de vida e de trabalho, Maria já sentiu muito preconceito em São Paulo. Pessoas que a olham *"de baixo pra cima"*, mesmo pegando o mesmo ônibus que ela: *"Somos todos iguais! Falamos diferente, não temos a mesma oportunidade pra estudar e saber ler o correto, mas falamos. Eu ponho letra maiúscula, minúscula, eu não sei qual que é, [...] mas eu deixo escrito um bilhete pros patrões, eles entendem."* (Maria Nascimento). Para ela, a doença e a morte estão aí para mostrar que todos são iguais: uma pessoa rica e uma pessoa pobre sofrem com o câncer, não há distinção.

²⁴ Maria aponta que há parceria da Prefeitura na construção do Centro Social Esperança, mas, como será visto mais adiante, quando Nilda fala sobre este Centro Social, não menciona a participação da Prefeitura.

Mas apesar de todas as dificuldades que passou em São Paulo, continuou na cidade: *"Porque aqui, Lu, por mais que eu já pastei, você, aqui, consegue as coisas mais fácil e você, aqui, você encontra muito gente boa, sabe? De bom coração!"* (Maria Nascimento). Maria considera que não conseguiu crescer nesta cidade, mas que muitos vêm para cá e conseguem seus objetivos e voltam com dinheiro, carro para suas terras e é isso que faz com que os outros se *"iludam"* de que a vida em São Paulo é fácil. E foi para cá que Maria veio, cheia de sonhos, *"tentar a vida"*:

Então, pastei, sonhei em crescer e chegar lá em cima...não crescer no alto, mas ter uma casa, sabe? Meu sonho era esse: ter uma casa, ter um dinheiro que eu pudesse sair e falar: *"Hoje eu quero comer esse prato que eu nunca comi!"*, sabe? O meu sonho era esse, não era ficar rico! Meu sonho era esse: ter a minha casinha! [...] Eu tentei a vida e a vida me deu duas filhas. (Maria Nascimento).

Reverendo sua história, Maria considera que deu a *"volta por cima"*, apesar de todo sofrimento e de não ter conseguido o que quis, porque tem saúde, suas filhas estão *"gordas"*, seu atual marido, Valdívio, é *"meio torto"*, porque gosta de beber, mas a ajuda muito, tem seu *"cantinho"*, que pelo tempo que paga aluguel, já é dela:

Agora, a gente sente, pastei muito, dei a volta por cima, e creio que vou ver neto ainda (risos). Vou ver neto e vou ver minhas filhas crescerem, sabe? Conseguirem o objetivo delas, sei lá, ter uma casa...Eu creio que as minhas filhas, um dia, através do trabalho delas, elas vão conseguir ter a casinha delas, entendeu? Eu tenho isso! [...] Sabe, eu nunca falei isso pra elas, que sabe, disso, de ir visitar elas na casa delas, vendo os meus netos, vendo que elas tão bem. Sabe, você sonha o que você sonhava pra você? (começa a chorar) (Maria Nascimento)

Hoje, Maria sonha para as filhas o que sonhou um dia para si! E essa é Maria, que como a da música de Milton Nascimento, viveu sua história mostrando que é preciso ter força, ter gana, ter sonho sempre!

3.5 NILDA

Nilda tem 49 anos, nasceu em Crateús, no Estado do Ceará e, hoje, mora na comunidade Coréia, na região da Cidade Ademar, Zona Sul de São Paulo.



Mapa 4: Localização da cidade de Crateús (CE).²⁵

Conheci Nilda através de Maria, que foi quem a indicou para participar do presente estudo. As duas já se conhecem há muito tempo e moram no mesmo beco, no início da Coréia. No segundo encontro que tive com Maria, em que ela me contou sua história, ela quis me levar até a porta da casa de Nilda para nos apresentar. Ela mesma foi quem explicou o que eu estava estudando para a Nilda, que se interessou muito em participar da pesquisa e logo marcamos um encontro para ela contar sua história.

Então, em um Sábado, Nilda estava me esperando em sua casa, com um suco de maracujá que havia feito especialmente para aquela ocasião. Pediu para que eu ficasse bem à vontade em sua casa e para me sentar em um dos sofás de sua sala, que é o primeiro cômodo da casa. Ela ficou sentada no sofá da frente, bem próxima a mim. Não conheci os outros cômodos, mas sinto como se tivesse conhecido pelas histórias que ela me contou, em que sua casa aparece muitas vezes como protagonista.

A casa possui dois andares e a porta de entrada abre diretamente para o beco. Era muito aconchegante, cheia de pequenos detalhes. Da onde estava, conseguia ver a cozinha, que tinha alguns quadros e uma penca de alho pendurada na parede, fazendo lembrar uma

²⁵ Mapa retirado do site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Cidades, Ceará, Crateús. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 10.mar.2013

casa de fazenda. A sensação de estar em uma fazenda aumentava ainda mais com o canto do passarinho de Nilda, que fica em uma gaiola na sala. Durante toda nossa conversa, Nilda deixou a porta da sala semi aberta, que permitia o contato direto com a rua:

Enquanto conversávamos, algo que chamava muito a atenção era o barulho constante vindo da rua: crianças brincando, vizinhos conversando, algumas pequenas brigas, passarinhos cantando. [...] Sua filha ficou bastante tempo sentada na porta de entrada, virada para a rua, vendo o movimento. Pessoas passavam e cumprimentavam a Nilda e sua filha. Nilda dava "oi" e continuava a conversar normalmente, sem esquecer qual parte da história estava contando. (Trecho retirado do Diário de Campo)

Nilda falava delicadamente, em um ritmo calmo, que embalava quem estava ouvindo. As palavras saíam em meio a sorrisos, mesmo enquanto contava os momentos mais difíceis de sua vida, em que se via o esforço que ela estava fazendo para contar todo sofrimento que passou. Esses momentos eram mais acompanhados de pausas e alguns vinham acompanhados de pequenos choros e pedidos de "desculpas" por ter chorado.

A cada cena que Nilda me contava de maneira tão detalhada, eu sentia que estava mesmo em outro lugar, em outra cidade, em outro tempo. Nesse dia, aprendi a fazer "*baião de dois*", pamonha, tapioca e tantas outras coisas que ela ia me ensinando passo a passo. Ficamos conversando por mais de duas horas e o tempo passou voando. Ao final de nossa conversa, sentia como se já a conhecesse há muito tempo: foi um dia de convivência, com 49 anos de história.

3.5.1 Entre Crateús (CE) e São Paulo: histórias de Nilda

Um cinturão

Graciliano Ramos

As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural.

[...] Meu pai dormia na rede, armada na sala enorme. Tudo é nebuloso. Paredes extraordinariamente afastadas, rede infinita, os armadores longe, e meu pai acordando, levantando-se de mau humor, batendo com os chinelos no chão, a cara enferrujada. Naturalmente não me lembro da ferrugem, das rugas, da voz áspera, do tempo que ele consumiu rosnando uma exigência. Sei que estava bastante zangado, e isto me trouxe a covardia habitual. Desejei vê-lo dirigir-se a minha mãe e a José Baía, pessoas grandes, que não levavam pancada. Tentei ansiosamente fixar-me nessa esperança frágil. A força de meu pai encontraria resistência e gastar-se-ia em palavras.

[...] Ninguém veio, meu pai me descobriu acorocado e sem fôlego, colado ao muro, e arrancou-me dali violentamente, reclamando um cinturão. Onde estava o cinturão? Eu não sabia, mas era difícil explicar-me: atrapalhava-me, gaguejava, embrutecido, sem atinar com o

motivo da raiva. Os modos brutais, coléricos, atavam-me; os sons duros morriam, desprovidos de significação.

[...] Onde estava o cinturão? Impossível responder. Ainda que tivesse escondido o infame objeto, emudeceria, tão apavorado me achava. Situações deste gênero constituíram as maiores torturas da minha infância, e as conseqüências delas me acompanharam.

[...] Onde estava o cinturão? Hoje não posso ouvir uma pessoa falar alto. O coração bate-me forte, desanima, como se fosse parar, a voz emperra, a vista escurece, uma cólera doida agita coisas adormecidas cá dentro. A horrível sensação de que me furam os tímpanos com pontas de ferro.

Onde estava o cinturão? A pergunta repisada ficou-me na lembrança: parece que foi pregada a martelo.

[...] Havia uma neblina, e não percebi direito os movimentos de meu pai. Não o vi aproximar-se do torno e pegar o chicote. A mão cabeluda prendeu-me, arrastou-me para o meio da sala, a folha de couro fustigou-me as costas. Uivos, alarido inútil, estertor. Já então eu devia saber que rogos e adulações exasperavam o algoz. Nenhum socorro.

[...] Penso com horror nesse ermo, recordo-me de cemitérios e de ruínas mal-assombradas.

[...] Se meu pai se tivesse chegado a mim, eu o teria recebido sem o arrepio que a presença dele sempre me deu. Não se aproximou: conservou-se longe, rondando, inquieto. Depois se afastou.

Sozinho, vi-o de novo cruel e forte, soprando, espumando. E ali permaneci, miúdo, insignificante, tão insignificante e miúdo como as aranhas que trabalhavam na telha negra.

Foi esse o primeiro contato que tive com a justiça.

* * * *

E foi este também o primeiro contato de Nilda com a justiça. Em Crateús, no Estado do Ceará, onde morava com os pais e com seus dez irmãos: *"Era uma vila também bem, bem sofrida. Mais sofrida... não tanto pelas dificuldades da vila, porque meu pai sempre judiou muito da minha mãe, e judiava da gente também."* (Nilda). Desde muito pequena, Nilda teve que conviver com os constantes maus tratos do pai, que *"gostava de bater"* em sua mãe, em seus irmãos e nela. Batia na mãe na frente dos filhos: *"Se tornava uma coisa bem... pra mim, como criança, era muito sacrificado ver aquilo e não poder fazer nada, né? E realmente não tinha o que fazer, ele era mesmo assim, bravo mesmo, gostava de bater mesmo."* (Nilda).

O pai era do *"tipo"* que, se um de seus filhos ficasse olhando ele comer e pedissem alguma coisa, ele logo fazia sua mulher cozinhar uma dúzia de ovos e forçava o filho a comer, para aprender a não pedir nada: *"Essas coisas brutas que aconteciam, que até hoje eu não entendo por que."* (Nilda). E Nilda era a mais *"judiada"* de todos. Ela nunca esquece uma *"surra"* que levou do pai, quando era criança, com um cipó que ele havia feito para bater em animais: *"Nem em animal não se batia com aquilo, e ele me bateu, um dia, com aquilo lá. Então, minhas costas ficaram tudo cortada, tudo cortada. No dia, escorria sangue mesmo, das pessoas não acreditarem no que viam."* (Nilda).

A mãe também não conseguia defender os filhos, pois se o fizesse, apanhava assim como eles: *"Ela não tinha nem argumento, nem força pra defender a gente. [...] E ela tinha que concordar com tudo."* (Nilda). Na "vila" em que moravam, também havia outros casos de pais que batiam nos filhos e nas mulheres, mas seu pai era "destacado" e conhecido por ser o mais violento. Mas só era assim com sua família, já com os outros, de fora da sua casa, era "um amor". As pessoas só sabiam o que ele fazia, pois viam as marcas físicas dos maus tratos.

A vontade de sair de casa, de mudar de vida e de fugir da violência do pai veio logo cedo, desde os seus cinco anos de idade (ano de 1968), quando Nilda começou a "entender melhor" as coisas que aconteciam com ela:

Quando eu comecei a perguntar pra mim mesma: *"Por que eu apanho?"*, se não fazia nada. [...] E eu já fui obrigada a crescer, a virar adulto, tudo ali, de cinco pra seis anos. Então, quando eu comecei a me fazer esse tipo de pergunta: *"Por que será que eu apanho tanto?"*. Não sabia nenhum motivo e foi esse por que, que me fazia sentir mágoa, entendeu? (começa a chorar) (Nilda)

E esta foi a mágoa que acompanhou a vida de Nilda por muitos e muitos anos:

Ferida profunda que eu carreguei por muito tempo. [...] Porque a minha vida sempre foi assim, saindo duma coisa e caindo em outra. Quando eu comecei a ter responsabilidade com seis anos de idade, até hoje, 48, é assim! Era sempre aquele fardo muito pesado! (Nilda).

Assim, desde muito nova, Nilda teve que carregar este "peso" de ter muitas responsabilidades para si, mais do que as que podia suportar. Em Crateús, sempre ajudava a cuidar dos irmãos, a limpar a casa, a lavar roupa e a fazer comida.

Quando Nilda tinha seis anos, seu pai foi transferido de cidade pelo serviço. Ele trabalhava como guarda para o Serviço de Estrada e Rodagem (DER), no qual permaneceu até se aposentar. Com a transferência, a família inteira se mudou para a cidade de Floresta, também no Ceará: *"É tipo um interiorzinho assim, uma cidadezinha pacata."* (Nilda). Moravam na fazenda do chefe do serviço em que seu pai trabalhava - DER -, que "cedia" um terreno para eles plantarem. Nilda ajudava os pais na roça, colhendo algodão, feijão, milho, entre outros. Trabalhavam embaixo de Sol quente, sem nenhuma proteção na cabeça, que chegava a doer por causa do calor: *"Quando não tava trabalhando, tava fazendo o almoço em casa pra levar até o pessoal que tava na 'lida' mesmo, como eles falam, né?"* (Nilda).

No trabalho da roça, as crianças só podiam ajudar com a colheita, pois quem plantava eram os adultos: *"O adulto que sabe a distância pra poder nascer direitinho, sem problema e tal."* (Nilda). Era um trabalho bem pesado para ela, como criança, mas ela tinha que achar

forças para fazer, pois se não o fizesse, a mãe achava que estava com preguiça e batia nela: *"Então, eu tinha que achar força de algum lugar! E eu conseguia fazer!"* (Nilda).

O pai ajudava na roça quando voltava do trabalho, em seus dias de folga e também em algumas noites, quando a família ia trabalhar na Casa de Farinha, para fazer farinha de mandioca, tapioca, biju, polvilho:

A gente raspava a mandioca, aquele monte de mulher fazia aquela roda assim, descascando. O pessoal fazia a segunda parte, então, tudo parecia uma produção! Um descascava, o outro ia e triturava, o outro já ia pondo ela de molho, pra colher a goma, pôr pra secar. (Nilda)

Em Floresta, apesar das dificuldades que encontravam, nunca chegaram a passar fome. A comida era bem simples, mas eles *"valorizavam"* o pouco que tinham: *"E a gente comia com o maior carinho, porque não tinha outra coisa."* (Nilda). O pai, apesar de violento, *"nunca gostou de miséria"* e, por isso, não deixava faltar nada em casa. A dificuldade maior vinha com o inverno, que trazia com ele as secas, fazendo com que a família de Nilda tivesse que armazenar comida, aguardando a próxima chuva chegar: *"A gente aproveitava, quando Deus mandava, a gente aproveitava bem, e guardava pra ter o que comer amanhã."* (Nilda).

Mesmo com todo sofrimento, Nilda aprendeu muitas coisas na roça, porque tudo tinha uma *"ciência"*, um modo de fazer. Aprendeu, por exemplo, a fazer vários tipos de alimento com suas próprias mãos, entre tantas outras coisas, que ela considera como tesouros que carrega consigo até hoje:

Minha mãe que ensinava tudo! Tinha esse lado bom, que me ensinou muita coisa, tudo que eu sei, hoje, assim, de cuidar de casa, de família, de tudo, tudo a minha mãe. Isso é a riqueza que ela me deixou. [...] Então, tudo isso eu aprendi! Fazer pamonha! Que pamonha aqui são contadas as pessoas que sabem fazer, né? A não ser o nortista mesmo. Ele sabe fazer a verdadeira pamonha. [...] Então, é assim: tinha o lado difícil, que era esse sofrido, mas em compensação, aprendi o que um ser humano acho que precisa pra enfrentar a vida e cuidar da família! (Nilda)

Em Floresta, os maus tratos do pai continuaram. Eles não podiam nem sair de casa, nem pra ir na missa ou no vizinho, porque se saíssem sem permissão, o pai batia: *"Se saísse sem ordem, apanhava, se olhasse pro meu irmão de cara feia, apanhava. [...] Enfim, essas coisas assim que, quando a gente lembra, dá tristeza."* (Nilda). O pai também não queria que os filhos estudassem e, por isso, Nilda só conseguiu estudar até a quarta série, de forma muito precária e debaixo de muitas pancadas: *"Eu apanhei, porque eu me esforçava. Eu fugia de casa pra correr atrás de aprender alguma coisa."* (Nilda). Mesmo assim, Nilda conseguiu aprender a ler, que era um sonho dela, e lembra exatamente a sensação que sentiu quando leu pela primeira vez:

Quando eu aprendi a ler, eu fiquei muito feliz, eu aprendi lá no Norte mesmo. Porque eu tinha muita vontade, era um desejo no meu coração. No dia que eu aprendi a ler, que eu coloquei na minha cabeça que juntando letra por letra dava uma palavra. [...] E depois juntando palavra com palavra dava uma frase. Juntando frase por frase dava uma história. [...] Nossa, foi uma descoberta fantástica pra mim, quando eu consegui fazer isso. Porque cedo, eu tive muita vontade, muita inteligência, eu consegui falar: "*Nossa, tô lendo!*", que eu dava pulo, gente, "*Eu consegui! Eu sei ler, eu sei ler!*". (risos) Foi muito bom! (Nilda)

E Nilda foi crescendo, continuando a se perguntar por que estes maus tratos aconteciam e sempre com o desejo de mudar de vida, de sair daquele sofrimento. Então, quando estava com 13 anos, em 1976, surge uma esperança em sua vida para tirá-la daquele sofrimento: conhece Luís, seu atual marido, que, na época, estava noivo de uma moça, prestes a casar. Mas os dois começaram a se gostar e ele terminou seu noivado para ficar namorando com Nilda. Ela se apegou muito a ele, pelo fato dele ser uma "*pessoa boa*" e que a tratava muito bem: "*Ele começou a me tratar de uma maneira diferente, a ter carinho, me tratar como gente. Apesar dos homens serem machistas lá, nunca senti isso nele, sabe?*" (Nilda). E foi esta relação com Luís que despertou ainda mais a vontade de sair de casa:

Eu comecei a sentir desejo de sair de casa. Eu falei: "*Um dia eu ainda vou sair dessa vida!*", falava pra mim mesma. [...] Quando eu conheci o Luís, que as coisas começaram a mudar e ele falava pra mim...ele via também os maus tratos, tudo, me via machucada, ele falava assim pra mim: "*Um dia eu vou te tirar dessa vida, quando você ficar maior. Agora eu não posso, porque você é menor. [...] Quando você ficar maior, se você quiser, eu te tiro dessa vida. E eu juro pra você que eu nunca vou te maltratar, eu nunca vou te maltratar!*". (Nilda)

O tempo foi passando, os maus tratos continuando e sua relação com Luís foi crescendo. Na época, Luís já vinha para São Paulo, onde sempre trabalhou como ajudante geral em firmas: "*Porque ele também não tinha estudo para exercer uma profissão, mas sempre foi trabalhador.*" (Nilda). Ele, então, ficava indo e voltando, de São Paulo para Floresta, para visitá-la, só esperando ela completar mais idade para poder trazê-la com ele. E Nilda não via a hora desse dia chegar: "*Eu já não agüentava mais nesse sofrimento, eu queria mudar de vida de qualquer jeito.*" (Nilda).

Então, quando Nilda completou 19 anos, em 1982, Luís perguntou se ela aceitava se mudar para São Paulo com ele e ela aceitou na hora. Como achava que o pai não a deixaria ir, pensava em vir "*fugida*" mesmo para cá, mas Luís quis "*fazer a coisa certa*" e disse que avisaria para seu pai que estava trazendo a filha dele para São Paulo: "*Eu decidi que eu vinha de qualquer jeito, fugida ou ele conversando e pedindo, já tava decidida da minha viagem.*" (Nilda). Ela ficou com medo da reação do pai, dele querer fazer alguma coisa com Luís, pois

era muito "*machão*" e "*turrão*", mas a conversa foi muito mais tranqüila do que imaginava. O pai simplesmente perguntou se era isso mesmo que ela queria: "*E ele, pra filha não sair fugida, ele achou melhor deixar, pros outros não ficarem falando mal nem dele nem de mim.*" (Nilda).

No outro dia, quando estava arrumando sua mala para vir embora, Nilda sentiu um "*alívio*" muito grande: "*Parecia que eu tava saindo dum, pra falar o português correto, tava saindo do Inferno pra ir pro Céu.*" (Nilda). Em sua cidade, muitas pessoas costumavam ir para São Paulo, como Luís, em busca de uma vida melhor, pra ganhar dinheiro e poder ajudar a família que ficou para trás. Mas Nilda nem conseguia decifrar direito o que era São Paulo, não conseguia imaginar se era uma cidade comum ou não: não sabia com o que iria se deparar.

Ela sentia muito medo, porque escutava várias coisas assustadoras sobre a cidade: "*As pessoas falavam assim: 'Oh, lá em São Paulo tem um negócio que engole pé!', que era a escada rolante. (risos) Essas coisas assim: que achava móveis no lixo, que aqui era muito perigoso, que as pessoas matavam.*" (Nilda). Mas Luís dizia que São Paulo tinha seu lado negativo, só que era um lugar muito bom para conseguir dinheiro e ajudar a família.

Então, no dia 14 de Janeiro de 1982, Nilda consegue a tão desejada "*liberdade*" e sai de casa em direção a uma nova vida com Luís, em São Paulo. Esta data ficou marcada em sua lembrança, pois achava que seria o começo de uma vida livre dos maus tratos que sofria do pai. Mas, mesmo em São Paulo, Nilda não conseguia esquecê-los e sempre pedia a Deus para libertá-la da enorme mágoa que sentia em relação ao pai: "*Porque enquanto essa mágoa existia, era difícil até pra mim, pra ter alguma coisa na vida mesmo, nada ia. Nada, nada, nada tinha progresso na minha vida, porque isso não deixava, isso atrapalhava tudo!*" (Nilda).

Aqui, chegou a ir em uma cartomante, que falou para Nilda que se ela não conseguisse perdoar, esquecer esta mágoa, que sua vida seria sempre assim: "*Você não vai dar um passo pra frente, e ficar ali. Você vai dez pra trás.*" (Nilda). E foi uma luta muito grande conviver tantos anos com esta mágoa, com este sofrimento, que também a ensinou muito e fez com que ela se transformasse na mulher que é hoje:

E hoje, se eu sou essa pessoa que eu sou, essa mulher de cabeça firme, que tem uma família estruturada, graças a Deus, eu acho que a metade disso eu devo ao que eu passei em relação ao meu pai, porque isso também faz com que a pessoa cresça, amadureça. No sofrimento, você também cresce. (Nilda)

Nilda lembra até hoje de sua chegada em São Paulo: vindo de uma cidade "pacata" para o reboliço da cidade grande, logo percebeu que tudo era muito diferente aqui. Quando chegou na rodoviária, que viu tanto ônibus, tanta gente, ficou até meio "*paralisada*", sem saber pra onde ir, sem saber aonde estava: "*Que mundo é esse? Aquele monte de gente pra lá e pra cá, aquela correria, aquela loucura. (risos) Tudo correndo, aquela agitação, eu já senti de cara a diferença de um lugar agitado.*" (Nilda). Ela também achou as pessoas muito "*mal educadas*", porque muitas esbarravam e nem pediam desculpas, muito diferente de sua cidade. Nilda perguntou para o marido se São Paulo era sempre daquele jeito e ele disse para ela ir se acostumando: "*E eu fui acostumando...*" (Nilda).

Os primeiros meses foram bem difíceis: Nilda sentia muito medo e nem saía de casa sozinha. Sentia muito medo de atravessar as ruas, da quantidade de carros que via: "*Era muito perigoso pra mim, que tinha acabado de chegar do Norte, que lá não tem esse tipo de coisa, então, pra mim, eu me sentia como um bichinho do mato, ali, dependendo de alguém pra me levar em algum lugar pra comprar.*" (Nilda). Mas Luís dizia que ela tinha que aprender a andar sozinha e como era amigo do filho do vizinho, que era apenas um menino, Luís pedia para ele acompanhá-la até alguns lugares no começo, como no "*mercadinho*", na feira, para ela ir se acostumando. Nilda lembra como foi a primeira vez que saiu sozinha:

Falei: "*Meu Deus, hoje eu vou sozinha!*". Sai de casa e um medo quando ia atravessar aquelas ruazinhas que cortavam assim. Eu olhava, nossa, menina, eu olhava, olhava tanto, que um ia assim, outro vinha, um monte de carro. Era difícil, no começo foi muito difícil pra me acostumar. Meu coração acelerava, meu Deus, ai eu passava, e a outra rua, eu falei: "*Ai, ainda tem mais uma! Daqui até lá tem três ruínas pra eu atravessar.*", eu ia contando, e conseguia na outra. Tá! Até chegar na calçada do mercadinho, entrar, tudo, fazer a minha comprinha. Na volta era o mesmo drama, até acostumar. (Nilda)

Assim, Nilda foi se soltando aos poucos, mas foi uma "*luta diária*"! Logo no comecinho, com 22 anos, em 1985, foi fazer um curso de cabeleireira e, um dia, ocorreu um assalto no caminho do curso para sua casa e ela escutou os tiros de longe. Ficou com muito medo de voltar sozinha e teve que esperar alguém ir com ela: "*Foi um sufoco!*" (Nilda). Com o passar do tempo, foi saindo mais, freqüentando outros bairros, pegando ônibus sozinha. Também lembra exatamente como foi a primeira vez que pegou um ônibus: ficava com muito medo de perder e de pegar o errado. Mas Nilda foi se "*acostumando*":

Apesar de ter vindo lá do Norte, ser bobinha e tudo mais, mas eu sempre fui ativa, eu perguntava. Me considero uma pessoa inteligente, né? Então, eu sempre: "*Não sei, eu vou perguntar, vou me informar, vou prestar atenção!*". Eu fui acostumando, fui acostumando...me dava o endereço, eu ia em tal lugar, me perdia, me achava e ia. (Nilda)

E muitas foram as diferenças sentidas por Nilda em São Paulo, como, por exemplo, o clima mais frio, que foi uma *"mudança radical"*, com a qual teve que se acostumar. Sentiu diferenças até para cozinhar, pois o marido comprava comidas congeladas e ela não sabia como temperá-las, como *"lidar com elas"*. Em São Paulo, também precisou começar a fazer salada, que era algo que não existia no *"Norte"*: *"Lá era arroz, feijão, farinha, batata doce, né?"* (Nilda). E, no começo, precisou se *"virar"* para aprender, porque não tinha ninguém para orientá-la: *"Ai tudo tinha que aprender assim, também, sozinha, na marra."* (Nilda). Depois, foi aprendendo um pouco mais observando a cunhada, mulher do irmão de Luís, cozinhando: *"Tive a ajudinha dela, graças a Deus, ela tava por perto, ela me dava umas dicas."* (Nilda).

Nilda também sentiu muita diferença no tratamento entre as pessoas: ninguém conhecia ninguém, as pessoas não se cumprimentavam, não davam *"bom dia"*, não sorriam e nem sequer olhavam para as outras na rua. Só havia cumprimentos quando as pessoas tinham um pouco mais de intimidade entre elas. E tudo isso era muito diferente de sua cidade, em que todos se conheciam, se cumprimentavam e davam *"bom dia com um sorriso aberto no rosto"*:

Mas eu acho que essa simpatia minha, apesar do sofrimento de lá, eu trouxe de lá pra cá. [...] Eu trouxe de lá pra cá, não consegui...isso eu não consegui aqui, já é de mim mesmo, isso. E essas coisas, esse sorriso, esse *"bom dia"*, é difícil, tem pessoas que aqui é difícil fazer isso. [...] Foi difícil, a chegada foi bem difícil! Mudada...uma menina bobona (risos), digamos assim, né? Chegada com dezenove anos, até você acostumar, foi bem terrível. (Nilda)

E foi devido ao tratamento das pessoas em São Paulo, que Nilda acabou *"rejeitando"* suas *"origens"* e chegou até a perder seu sotaque. O pouco sotaque que ainda carrega foi (re)adquirido recentemente, em uma viagem para o Ceará. No começo da vida em São Paulo, parou de *"falar puxado"* por vergonha, porque havia muita *"discriminação"*. As pessoas xingavam bastante quem vinha do *"Norte"* e Nilda sentiu fortemente os efeitos do preconceito que sofria:

Porque quando eu cheguei aqui em São Paulo, a gente tinha, de uma certa maneira, tinha vergonha, porque era discriminado. Existia uma discriminação, né? Então, a gente se sentia constrangido com aquilo. [...] As pessoas falavam, chamavam de *"cabeça chata"*, *"terra seca"*, pessoas ignorantes, pessoas que não sabem se comunicar, se expressar, enfim, *"abestalhado"*...ah, todas essas besteiras assim, que hoje eu acho, eu falo que é isso, porque é. Porque nós somos pessoas dignas, né? Mas também depois de muita rejeição, de muito sofrimento, a pessoa chega a essa conclusão de si próprio. [...] Sentia vergonha de falar puxado e acho que é por isso que eu deixei...eu rejeitei, de uma certa maneira, devido ao tratamento das pessoas aqui, da recepção das pessoas. Então, eu, de uma certa maneira, eu rejeitei as minhas origens. (Nilda)

Nilda ficava preocupada com o que os "paulistas" iriam pensar de uma "moça humilde e simples" como ela e tinha medo de "falar puxado", de "falar errado" e as pessoas "debocharem". Então, ela procurava ficar mais "reservada". Mas de uns dez anos para cá, depois de muita "rejeição" e sofrimento, hoje, ela sente "orgulho" de ter vindo do "Norte": "Eu tenho orgulho disso, muito orgulho de ter vindo de lá, de ter vencido, ter aprendido muito com o sofrimento, essas coisas todas que, pra mim, foram uma lição. Uma lição boa! [...] E isso é um troféu, um troféu!" (Nilda). E muitas foram as pessoas que contribuíram com essa sua "lição" e que nem sabem o sofrimento que causaram: "Se tivessem também a oportunidade de saber, talvez mudassem um pouco a maneira de pensar, de agir." (Nilda). Hoje, Nilda percebeu a importância de falar a própria "língua", o "idioma" da terra em que nasceu: "Tenho orgulho de ser cearense!" (Nilda).

Em São Paulo, outra grande diferença sentida por Nilda foi no tamanho das casas, porque, lá no "Norte", apesar de tanta dificuldade que passavam, as casas eram grandes, espaçosas e, quando chegou aqui, foi difícil se acostumar com o pouco espaço que tinham: "Aquela coisa limitada...você não ter condições de ter uma coisa pra você ficar mais à vontade. E você acaba acostumando com o tamanho da casa, com as condições que o lugar te oferece." (Nilda). Mas foi uma adaptação difícil: "não é assim de um dia pro outro".

Antes de vir para São Paulo, Nilda também não sabia que existiam favelas: ela ouvia falar, mas não conseguia entender direito o que eram e só foi descobrir quando chegaram aqui e foram morar em um "quartinho" no Jardim Cupecê, que fica na Zona Sul da cidade. Ficou pouco tempo por lá e logo se mudou para uma casa no município de Diadema, onde morou por oito anos. Depois deste período, por volta do final da década de 80, Nilda e o marido não estavam mais conseguindo pagar o aluguel e se mudaram para outro bairro, também em Diadema, para uma casa com aluguel mais barato.

Continuaram na vida de pagar aluguel por mais dois, três anos, até que seu marido fez um "acordo na firma" em que trabalhava e conseguiram comprar um terreno com um "barracinho", também em Diadema: "Nós compramos um barraco lá, um terreno, construímos uma casa, com banheiro e três cômodos." (Nilda). E foi nesta casa que tiveram suas primeiras filhas: duas de quatro filhos, sendo que, hoje em dia, só possuem três - duas mulheres e um menino, pois uma das mais velhas faleceu em 2005.

Quando suas filhas nasceram, Nilda prometeu que nunca faria com elas o que seu pai havia feito com sua família e, até hoje, ela conseguiu cumprir isso, sempre tendo muito apoio do marido, principalmente nos "momentos de crise". Sempre houveram brigas, discussões,

mas ela nunca bateu em seus filhos: *"Machucar igual eu fui machucada, tanto por fora quanto por dentro, eu acredito que nenhum deles."* (Nilda).

E as grandes responsabilidades de Nilda continuavam a acompanhá-la: agora, tinha que cuidar da casa e dos filhos. Em Diadema, não teve oportunidade de trabalhar, porque não havia creche para deixar suas filhas, já que todas eram particulares e eles não tinham condições de pagar. Assim, precisou ficar em casa, cuidando delas. Ficaram nesta casa por mais cinco anos, mas depois *"não deu mais certo"* e eles sentiram vontade de mudar e foi aí que compraram a casa que estão até hoje, na comunidade Coréia, que fica na região da Cidade Ademar, Zona Sul de São Paulo.

Nilda mora há muitos anos nesta mesma casa e, por isso, pôde acompanhar de perto muitas mudanças que ocorreram no bairro, que foi crescendo aos poucos, construindo faculdade por perto, hospitais, prédios, condomínios de casas, centro social, entre tantas outras coisas que ela viu crescer. A Coréia também mudou. Antes, todos os *"barracos"* eram de madeira e só depois foram construindo de alvenaria: *"Inclusive a minha casa. [...] Eu fui construindo de alvenaria, né? Construí pra cima também."* (Nilda).

A casa de Nilda passou por muitas mudanças durante todos estes anos. Já foi bem menor, sem o segundo andar que tem hoje e só tinha poucos cômodos. Havia um pé de abacate em seu quintal da frente e, um dia, aconteceu uma tragédia: Nilda foi buscar a filha, a que faleceu, na creche do Emilie, que é um colégio particular da região, e estava chovendo muito. Na época, um de seus irmãos estava morando com ela e ficou, junto com as outras duas filhas de Nilda - o filho ainda não era nascido - em casa, esperando ela voltar. A chuva foi tão forte, que derrubou o pé de abacate:

Caiu em cima da minha casa, quebrou o telhado e o telhado fez isso, oh...eu lembro como hoje, quando eu cheguei, o telhado tava assim (quebrado no meio). Quando eu tô chegando ali, em frente à Igreja, que eu olhei pra cá e eu vi a metade do pé de abacate em cima da minha casa, paralisei, as minhas pernas endureceram...e eu olhei...eu pegava na mão dela (da filha), eu lembro que eu falei assim: *"Meu Deus do céu, cadê as minhas filhas?"*. (Nilda)

Por sorte, quando a chuva começou, o irmão de Nilda correu com as crianças para o cômodo dos fundos e, felizmente, não ficaram embaixo da parte em que a árvore caiu. Nilda só sossegou quando uma vizinha avisou que suas filhas já estavam com ela e que não haviam se machucado. Depois do alívio de ver suas filhas bem, veio novo desespero: *"Menina, quando eu entrei dentro dessa casa! Gente, desespero que bate, você vê tudo molhado, tudo sujo, você não sabia o que fazer. Eu falei: 'Meu Deus, que eu vou fazer com essas crianças?'"* (Nilda).

Naquela noite, tiveram que dormir *"embaixo de goteiras"* e logo no dia seguinte começou o *"mutirão"*, para ajudar a arrumar pelo menos o telhado para ficarem embaixo. Vieram alguns vizinhos e alguns amigos do serviço do marido. Eram comuns os mutirões na comunidade, a ajuda entre os vizinhos nos momentos mais difíceis: *"A gente sempre se comove com a necessidade do outro, sempre se comove!"* (Nilda). E, assim, com muita ajuda e muita luta, foram se *"reerguendo aos poucos"*. Até que, hoje, têm a *"casa gostosa"* em que moram, que foram montando aos poucos.

Em São Paulo, diferente de Diadema, encontrou maior facilidade para trabalhar, pois havia creche para deixar as crianças e as pessoas ajudavam mais, o que foi abrindo caminhos e as coisas começaram a *"fluir"* um pouco melhor. Começou, então, a trabalhar como empregada doméstica e trabalhou em diversas casas da região: *"O trabalho em casa de família não é fácil! [...] Porque existe patrão de tudo quanto é jeito!"* (Nilda). Alguns *"patrões"* eram *"muito bons"* e valorizavam seu trabalho, enquanto outros só davam valor se ela concordasse com tudo e fizesse tudo que pediam.

Em uma época, com as crianças ainda pequenas, na década de 90, Nilda ficou desempregada e foi pedir ajuda no Centro Social Dr. Bezerra de Menezes, que é ligado a um Centro Espírita da região. Eles a receberam *"muito bem"* e a ajudaram, com cesta básica, enquanto ela estava precisando. As crianças também ganhavam *"sacolinha de Natal"*, com alguns presentes. Quando ela não estava mais precisando, avisou o Centro para eles passarem o benefício para outra pessoa que estaria passando por um *"momento de mais necessidade"* do que ela. Os vizinhos também ajudaram bastante na época: *"Eles procuram saber...vê que tão os dois desempregados, então vem muita ajuda assim, né?"* (Nilda).

Nilda conheceu este Centro Social através das indicações de Dona Maria, moradora da Coréia e que, na época, era a *"presidente do bairro"*, responsável por saber o que os outros moradores estavam precisando e por indicar os lugares para eles irem em busca de suas necessidades: *"Então, ela ia me dando as dicas, vinha na minha porta: 'Nilda, você tá precisando de alguma coisa? Vamos em tal lugar.'. Que a função dela era isso: procurar saber das pessoas pra tentar ajudar."* (Nilda). Foi Dona Maria quem também indicou a creche de seus filhos.

Tudo isto só foi possível, porque, na época, existia um projeto no bairro para formar um grupo de Associação de Moradores, de Amigos do Bairro. Havia algumas reuniões e Nilda participou de algumas delas, mas o projeto dispersou, porque os moradores foram desistindo: *"Porque as pessoas não querem ter muito trabalho, não querem dar a cara a tapa. E pra ter isso, a pessoa que assumir ter um cargo, sabe que vai encontrar muita dificuldade"*

pela frente. Ai, aqui, acabou...morreu isso daí." (Nilda). Era um *"trabalho muito bom"*, que, infelizmente, não teve continuidade.

Passado o momento de maior dificuldade, Nilda ainda trabalhou em outras *"casas de família"* e, depois, por volta de 1997, conseguiu um emprego, com registro, no Centro Social Esperança, como faxineira. Este Centro foi fundado pelo Padre Constâncio, que era um padre italiano da Igreja que fica na comunidade. A idéia do Centro surgiu pela necessidade de ter um lugar, além da creche e da escola, para as mães deixarem seus filhos enquanto trabalhavam. No começo, havia o projeto das *"mães leiteiras"*, que eram mulheres que cuidavam de crianças da comunidade para as mães poderem trabalhar. Depois, decidiram comprar uma casa e montar esse centro para as crianças ficarem no contra-turno da escola, enquanto as mães trabalhavam: uma esperança na vida de tantas mulheres da comunidade. O nome do Centro foi dado por uma das mães:

Fizeram uma reunião, ele e as irmãs azuis da creche e algumas mães aqui da comunidade, pra também arrumar um nome pra dar pro projeto. [...] E nasceu esse nome! Surgiram vários nomes e teve uma que falou: *"Que tal Esperança?"*. O padre aceitou. [...] Centro Social Esperança. [...] E foi assim que surgiu. (Nilda)

O padre também ajudava com o *"apadrinhamento à distância"* das crianças, que recebiam doações de vários lugares do mundo, como Alemanha e Itália. E foi o pessoal desta entidade que *"ajudou muito"* Nilda quando ela mais precisou! Ela ficou trabalhando como faxineira por três anos e, depois, a cozinheira saiu e a diretora ficou desesperada, pois tinha que arranjar alguém rapidamente para alimentar 110 crianças todos os dias. Então, logo pensou na Nilda, pois ela já estava acostumada com a rotina de trabalho do centro e também já ajudava a cozinheira anterior: *"Eu fiquei assim meio receosa, porque cozinha é fogo, mas também não desisti, porque eu não desisto, eu não falo 'não' antes de tentar, entendeu? [...]* *Eu falei pra ela: 'Eu enfrento!'."* (Nilda).

No começo, foi muito difícil para se acostumar com a quantidade de comida, com os horários, mas depois foi se acostumando. Em reunião de equipe, decidiram que a professora de artesanato iria ajudar um pouco na cozinha, pelo menos para lavar uma salada e isso já dava uma *"boa mãozinha"*. Ficou cinco anos e meio trabalhando como cozinheira e, apesar de ser um trabalho pesado, ela gostava muito de trabalhar no Centro Social. Ela se dava muito bem com a equipe e gostava muito das crianças, que amavam o *"caldinho da Tia Nilda"*: *"Até hoje, já vai pra seis anos que eu sai de lá, até hoje: 'Tia, quando é que você vai voltar?' (risos) Então, fica aquele carinho, aquela coisa."* (Nilda).

Continuou trabalhando no Centro, até que, em 2005, Nilda sofre uma grande perda: uma de suas filhas mais velhas falece. Ela tinha um problema grave nos rins e vivia sendo internada. Tomava remédios muito caros e tinha uma dieta toda especial, porque não era tudo que podia comer. A doença foi se agravando e comprometendo os outros órgãos. Ela precisou ser internada em um dia que Nilda estava trabalhando e, quando foi de madrugada, as enfermeiras, que já conheciam sua filha muito bem de outras internações, ligaram dizendo que ela não estava bem, mas que era pra Nilda não se preocupar em ir até o hospital naquela hora, porque elas estavam controlando. Nilda também não tinha como ir: naquele horário, já não passava mais ônibus e nem tinha como ligar para o hospital, porque seu telefone só estava recebendo ligações. No outro dia de manhãzinha, Nilda foi para o hospital e, infelizmente, a filha tinha acabado de falecer.

Nilda, então, ficou com "*depressão*" e não conseguia mais trabalhar: "*Fiquei muito doente, com depressão.*" (Nilda). Pegava atestados de 15 em 15 dias, até que entrou para o INSS. Ficou um ano afastada e depois, em 2006, pediu para eles a demitirem:

Porque também não é viável pra eles, porque você sabe que, nessa hora, eles pensam mais na firma que no funcionário, por mais difícil que seja a situação que você esteja passando, né? Então, pra eles foi até bom eu ter pedido demissão, porque eu fiquei um ano afastada. E eu também, eu preferia no momento, eu precisava no momento, não tava mais conseguindo trabalhar. (Nilda)

Depois do falecimento da filha, Nilda chegou a fazer tratamento psicológico na ABPS (Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama), que fica na Vila Mariana, Zona Sul de São Paulo. É um serviço que oferece tratamento gratuito, que é feito pelos alunos, supervisionado pelos professores, como um estágio. Lá, fez atendimento em grupo e individual e gostou muito da experiência. Em grupo, percebeu que seus problemas não eram só dela e que sempre existe alguém para ajudar, com problemas maiores do que o seu: "*A experiência foi boa, porque, assim como você descobre que tem problemas maiores que o teu, você também descobre que existem coisas mínimas que atrapalham a vida de algumas pessoas e a tua história serve pra orientar essas pessoas.*" (Nilda).

Após sair do Centro Social Esperança, Nilda ainda tentou trabalhar em algumas "*casas de família*", mas já não tinha a mesma "*paciência para escutar certas coisas das patroas*": "*Eu não agüento mais muito essas patroas nos meus ouvidos, sabe? Ai! 'É isso, é aquilo!'. Por mais que você limpe, sempre elas tão achando.*" (Nilda). Percebeu que, antes, ela falava "*sim*" só para "*agradar*" os outros e que não pensava nela mesma, no que ela estava querendo.

E o sofrimento a ensinou que ela não precisava fazer isso e, assim, ficava difícil *"agüentar"* algumas situações no trabalho.

Nilda fez alguns *"treinamentos"* que a filha mais velha pagou para ela aprender a falar *"não"*, para se conhecer melhor, para *"pôr pra fora"* o que existia dentro dela e para aprender a lidar com suas *"frustrações"*. Mesmo antes destes *"treinamentos"*, Nilda já estava fazendo *"treinos"* com ela mesma: *"Você não tem que ficar mostrando pros outros que você é uma pessoa disposta e trabalhadeira, não tem que tá mostrando isso, você é e ponto e acabou. Não tem que tá toda hora, a cada segundo, provando aquilo."* (Nilda).

E as *"patroas"* acabavam explorando, como a última para quem trabalhou e que, quando ela falou *"não"* pela primeira vez, ela *"fechou a cara"* para Nilda: *"Peraí, então eu só sou boa quando eu falo 'sim'? Na hora que eu falo o que eu sinto, o que eu quero, que eu não sou obrigada, eu não presto?"* (Nilda). Nilda, então, pediu para sua *"patroa"* arrumar outra faxineira, porque ela iria sair e a mulher não acreditava, pois achava que Nilda não teria *"coragem"* de deixá-la, porque estava precisando do serviço. A *"patroa"* se considerava muito boa para ela: *"Eu falei pra ela: 'Oh, e outra coisa, você me paga aquilo que eu mereço. [...] Você não tá me fazendo favor nenhum!'"* (Nilda).

Depois que Nilda saiu, essa mulher ainda a chamou para trabalhar em alguns dias e Nilda cobrou 90 pelo dia de serviço, pois queria *"valorizar"* seu trabalho, não aceitando mais exploração: *"Você encontra muito patrão bom ainda, mas a maioria só pra sugar, te humilhar, essas coisas que eu não tenho mais paciência. Eu procuro só fazer o que tá dentro de casa mesmo e lutar dia a dia."* (Nilda). Então, depois disso, ela fica mais em casa mesmo, fazendo o trabalho de casa, cuidando da família, que já é bastante coisa. Às vezes, frequenta a Igreja, porque é muito católica, mas não é de ficar indo sempre, porque sabe que *"placa de Igreja não salva ninguém"* e que o que importa é a fé que tem no coração e que pratica no seu dia-a-dia.

Nilda ainda sente muita vontade de voltar a estudar e tem pensado mais constantemente nisso durante os últimos dois anos. Em São Paulo, ela até conseguiu voltar a estudar antes da filha ficar doente, em 2000/2001. Estudava à noite, no colégio Santa Maria, que é um dos colégios particulares da região e que possui um projeto social de educação de jovens e adultos. A turma em que estudou era mista, mas eles davam prioridade para os alunos mais velhos. Fez o supletivo da quarta e quinta série e quando chegou na sexta série, teve que largar para cuidar da filha.

Adorava estudar: *"A gente conhece muitas pessoas, troca muita experiência."* (Nilda). Uma vez, teve um projeto no colégio para eles contarem sua história de vida para alunos da

quinta série regular e foi uma "*experiência maravilhosa*", porque os alunos ficavam "*paralisados*", sem acreditar que existiam histórias tão difíceis assim: "*Eles não tinham noção que pudesse existir tanta coisa, tanta dificuldade.*" (Nilda). Foi um ótimo trabalho com os jovens, para aprenderem a "*dar mais valor*" para as coisas que têm e acha que poderia ter mais trabalhos como esse.

Durante todo este tempo em que viveu em São Paulo, Nilda só havia voltado para Floresta uma vez, dois anos depois que se mudou para cá, quando Luís a levou para visitar seus pais. Mas ela não sentia vontade de ir, porque ainda não tinha conseguido esquecer todas as coisas que o pai fez. Ficou, então, 24 anos sem retornar para Floresta e não conseguiu ir nem quando sua mãe faleceu. Depois da morte da mãe, ficou "*desorientada*" e sentia que ainda tinha algo para "*realizar*" com sua família, mas com o adoecimento da filha e, depois, com sua "*depressão*", Nilda nem conseguia pensar em voltar para uma visita.

Até que, em 2009, seu marido falou que faria de tudo para ela ir ver o pai, que já estava com 80 e poucos anos e um pouco adoentado, e pagou para ela e o filho mais novo irem de avião para o Ceará. Nilda estava ansiosa para ver o pai, para saber se ela ainda guardava aquela "*mágoa no coração*", para ver qual seria sua reação ao vê-lo. Quando estava chegando na sua cidade, reconheceu o seu "*pedacinho*", mas achou que estava tudo muito mudado, com a cidade mais "*plana*", com máquinas. Mal chegou na casa da cunhada, irmã do Luís, já quis ir visitar o pai.

Ele falou: "*Quem é?*". E eu falei: "*É uma surpresa pra você, Seu Edmilson!*". Na hora que ele me viu, ele tava meio adoentado também, quando ele me olhou, que ele percebeu que era eu, que ele me reconheceu, ele falou: "*Meu Deus, eu não acredito que é a minha filha, que o Senhor deixou a minha filha vir me ver antes de eu morrer.*". E tirava o chapéu. [...] E começou a chorar. Ele falava assim pra mim, me abraçou, eu falei: "*Vem cá, Seu Edmilson, me dá um abraço aqui!*", chamando ele de Seu Edmilson. Ele me abraçou e chorava e chorava e chorava: chorava que nem uma criança. Ele falava assim pra mim: "*Ô minha filha, me perdoa por tudo que eu...por todo mal que eu te fiz!*". Eu peguei e falei pra ele: "*Oh pai, esquece, eu não sou Deus pra perdoar ninguém, esquece o que passou e de hoje pra frente é só vida nova, né? Não lembro de mais nada.*". E eu pude abraçar, apertar ele, sabe? E sentir mesmo que eu não tinha mais raiva dele, mágoa. (Nilda)

Ficou muito feliz por ter conseguido chamá-lo de pai novamente. Hoje, Nilda agradece a Deus pela oportunidade de o ter encontrado vivo, pelo pai ter "*acordado a tempo*" e por ela ter conseguido perdoá-lo, o que só foi possível depois de muita luta e de muito sofrimento:

Você aprende a conviver com o que aconteceu e também buscar argumentos para perdoar mesmo. O negócio acho que é o perdão mesmo, e trabalhar isso

dia-a-dia. Foram vinte e quatro anos, eu diria hoje, perdidos da minha vida, porque eu não tinha como enxergar isso. (Nilda)

E foi lutando que Nilda conseguiu trazer um pouco de justiça para sua vida!

3.6 DORA

Dora tem 46 anos, nasceu em Ibitiara, no Estado da Bahia e, hoje, mora em uma comunidade na Vila Inglesa, na região da Cidade Ademar, Zona Sul de São Paulo.



Mapa 5: Localização da cidade de Ibitiara (BA).²⁶

Conheci Dora através de Maria, que foi quem a indicou para participar do presente estudo. A amizade começou há muitos anos, mas já fazia algum tempo que elas não se viam. Maria foi quem ligou para Dora para contar o que eu estava estudando e perguntar se ela gostaria de participar: Dora aceitou rapidamente o convite, dizendo que tinha "*muitas histórias para contar*". Era também uma oportunidade de rever Maria, que disse que me levaria até a casa da amiga, que ficava em outro bairro da região. Maria marcou de me levar até lá em um final de semana.

No dia marcado, fui me encontrar com Maria que disse que só iria me acompanhar até a casa de Dora, mas que não poderia ficar junto com a gente, porque sua gatinha estava passando muito mal. Maria estava chateada com isso. Chegamos, então, na rua de Dora, que era uma rua mais larga, com alguns sobrados e um bar. Como Maria não sabia ao certo qual era a casa da amiga, fomos perguntar para o dono do bar e ele indicou certinho onde era a casa dela, que ficava na esquina:

A casa era grande e a entrada era por um pequeno portão. Havia algumas pessoas na garagem da casa e as portas estavam todas abertas. Era um

²⁶ Mapa retirado do site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Cidades, Bahia, Ibitiara. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 10.mar.2013

sobrado. Eu pensei que aquela casa fosse só de uma pessoa e depois percebi que muitos a dividiam, como se fossem diferentes casas dentro de uma. Maria perguntou onde era a casa de Dora e eles disseram que ela morava nos fundos. Maria lembrou, então, que ela já havia morado naquele lugar antes e comentou: "*Coitada da Dora, voltou pra essa casinha!*". (Trecho retirado do Diário de Campo)

Quando chegamos, Dora ficou muito feliz em rever Maria e abriu um grande e contagiante sorriso. Maria me apresentou para ela, que foi logo me fazendo sentir à vontade e nos convidou para entrar. Maria contou o que estava acontecendo com sua gatinha e pediu desculpas que não poderia ficar. Dora disse que não tinha problema nenhum e que elas marcariam outro dia para "*botar o papo em dia*".

Dora estava acompanhada de seu filho, João Vitor, que ficou com a gente durante quase toda a conversa, e também de um grande amigo, que nos convidou para a festa que estava tendo na casa da frente depois que a "*entrevista*" acabasse. Aliás, muitos amigos dela sabiam que ela seria "*entrevistada*" naquele dia, porque ela já tinha contado para todo mundo que ela participaria da pesquisa. Dora ficava brincando com eles que iria ficar famosa, que iria aparecer na Globo, coisas assim e dava risada: é uma pessoa muito animada e engraçada!

Sentamos, então, na sala da casa de Dora, que me avisou que havia comprado um "*suquinho gostoso*" para a gente tomar juntas depois. Na sala, havia alguns quadros com fotos de seus filhos quando eram pequenos e um quadro do seu grande ídolo: o cantor Amado Batista, que nos acompanhou em uma parte da conversa, porque Dora colocou seu DVD para que eu visse como ele "*canta lindo*". Ficamos conversando por mais de três horas e foi muito difícil perceber o tempo passando.

Eu não conseguia sentir que conhecia Dora só por um dia: parecia que já a conhecia há muito tempo! Dora contava tudo com ricos detalhes e as cenas eram todas interpretadas por ela, que falava em forma de diálogos: diálogos com outros da cena e, às vezes, com ela mesma. E isso me aproximava muito das cenas contadas por ela, fazendo com que conseguisse imaginar cada momento, visualizar sua casa da infância, que dava pra "*ver as estrelas*", ela escutando rádio na roça enquanto descansava, a madrinha que a maltratava, ela conversando com a vaca, fazendo o parto da sua cunhada, e muitas outras cenas que consigo visualizar tão claramente, que sinto como se tivesse participado de cada uma delas.

Durante a nossa conversa, várias pessoas entravam e saíam da casa de Dora e ela agia muito naturalmente, fazendo a pessoa se sentir à vontade, ao mesmo tempo em que continuava conversando comigo. As pessoas pareciam conhecer a história dela e algumas ficavam sentadas por um tempo ouvindo ela contar. Algumas também comentavam o que ela estava falando. O tempo todo, não senti que estava em São Paulo: parecia que estava em uma

das cidadezinhas que ela contava em suas histórias, com as pessoas fazendo mais parte dos espaços das outras, entrando com tanta naturalidade na casa dela, que sempre ficava com a porta aberta.

Ficamos bastante tempo escutando as músicas que Dora mais gostava e que tiveram um papel tão essencial em sua vida. Elas serviram de trilha sonora das histórias que Dora foi me contando. O meu desafio, agora, é re-narrar a história de sua vida, que ela narrou com detalhes tão ricos, em mais de três horas de conversa.

3.6.1 Entre Ibitiara (BA) e São Paulo: histórias de Dora

Amigo José

Amado Batista

Anda pelas ruas,
Vagarosamente,
E ninguém sabe quem é.
É triste é humilde
Faz canções tão lindas,
É meu amigo José

Homem da favela
Da canção tão triste
Vocês não sabem quem é
Mas o José existe

A poeira e o tempo não lhe envelheceram
Pois vive só de amor
De família pobre
Origem humilde
Só conheceu a dor

Homem da favela
Da canção tão triste
Vocês não sabem quem é
Mas o José existe

* * * *

Foi ao som de Amado Batista que Dora contou parte de sua história. Amado é uma de suas grandes paixões, que ela conheceu através dos "*radinhos a pilha*", durante o trabalho pesado na roça: "*Ê, minha filha, isso ai era no tempo do sofrimento! [...] Tinha um radinho lá, ali eu sentava, digo: 'Mas que esse homem canta tão bem!'. Ali eu ficava: ficava viajando.*

Nossa, como eu viajava!" (Dora). Dora "viajava" imaginando outra vida para ela: cantava e sonhava!

A fã de Amado Batista nasceu em Ibitiara, uma cidadezinha no Estado da Bahia: *"É Nordeste mesmo! Uma situação feia lá. Agora disse que melhorou, que agora tem luz: antes não tinha luz!"* (Dora). Filha de "mãe solteira", Dora e seus cinco irmãos foram criados sozinhos pela mãe, sempre com muita dificuldade: *"Minha mãe sofreu muito pra criar a gente. [...] Meus avós nunca foram de ajudar."* (Dora). Moravam em uma "casinha de sapê" e tinham as estrelas como teto de casa: *"Ia pra casinha da gente: a gente olhava pra cima, via as estrelas."* (Dora). À noite, na hora de dormir, o som que ouviam vinha das barrigas "roncando":

Passava fome! [...] Comia o quê? A rapadura. A gente raspava ela e colocava farinha e comia. [...] E comida, quando a gente achava, ou almoçava ou jantava: tinha que ser só uma refeição. E a gente contava mais assim quando tinha plantação, que era feijão, ai você comia o feijão. Tinha o feijão, mas não tinha o arroz. Tinha o arroz, não tinha o feijão. [...] Então era uma vida muito sofrida! (Dora)

Passavam a maioria dos dias a base de água, rapadura e farinha. Às vezes, ganhavam a rapadura dos padrinhos de batismo de Dora, que já tinham uma "condição melhor de vida" e possuíam um engenho para fazer o processamento da cana de açúcar. Perto do Natal, os padrinhos sempre faziam um "festejo de rezas", com muita comida, e convidavam a família de Dora: *"Você ia lá, você esbanjava!"* (Dora). Era a única vez no ano que podiam comer o que quisessem.

Dora trabalhava em casa, desde os nove anos de idade, cuidando dos irmãos e de outras crianças para as mães conseguirem trabalhar e também fazia a limpeza da casa. Quando as crianças foram crescendo, Dora começou a trabalhar na "rocinha" de sua família: *"Eu ficava ali pra cuidar do rebanho, das crianças. E, depois, eu fui crescendo e fui trabalhar na roça. [...] Vai Dora pra roça!"* (Dora). De vez em quando, também precisavam trabalhar pra fora para ganhar algum "dinheirinho" e conseguirem comprar um pouco de carne uma vez por mês. Como começou a cuidar das crianças com nove anos, Dora precisou parar de estudar: cursou até a terceira série.

Em sua cidade, era difícil conseguirem água: *"Você não tomava banho, porque não tinha água pra tomar banho. Às vezes, você ia numa lagoa, fazia igual cigana: ia lá tomava um banho lamacento mesmo, sem sabão."* (Dora). As pessoas chegavam a ficar com "grudes" de sujeira no corpo, porque nem sempre conseguiam tomar banho na lagoa. Como Dora gostava de "aprontar", ela ia muitas vezes nadar: *"Entrava dentro daquela lagoa perdida por*

ai: ficava limpinha." (Dora). Ela e os irmãos possuíam, no máximo, duas mudas de roupa, uma para o dia-a-dia e outra para sair: *"Dormia, tirava, vestia aquela, pra lavar aquela."* (Dora).

Quando Dora estava com dez, 11 anos de idade, por volta do ano de 1977, a situação estava tão difícil, que sua mãe decidiu ir sozinha para São Paulo, para *"tentar uma vida melhor"*: *"Ali, a minha mãe deixou a gente, jogados. Eu fui morar com a minha madrinha, os outros irmãos também foram morar com as madrinhas."* (Dora). Os irmãos, então, ficaram separados. Dora não ficou com sua madrinha de batismo, que tinha uma situação melhor de vida, mas sim com sua madrinha de crisma, que *"judiou"* muito dela: *"Eu sofri muito na mão da minha madrinha. Minha madrinha me batia muito."* (Dora).

Dora era como *"escrava"* de sua madrinha: trabalhava na *"rocinha"* que ficava no quintal da sua casa, arrancando feijão, cuidava das galinhas, trazia água do poço na cabeça, embaixo de um Sol muito quente e vivia sofrendo humilhações e maus tratos. Ela não podia nem ter amigas, porque quando recebiam visitas de parentes, a madrinha não deixava que ela brincasse com as outras crianças. Ela só conseguia fazer isso, quando a madrinha não estava por perto. Dora não tinha nem roupas que servissem, porque era muito *"magrinha"* e só ganhava roupas às vezes, quando não serviam mais nas filhas da madrinha, mas todas ficavam largas: *"Tinha que levar na costureira pra arrumar. Claro que ela não ia pagar costureira, né?"* (Dora).

A madrinha batia em Dora com *"pau de pinhão"*, que era muito grosso e a machucava inteira: *"Eu apanhava, que ela dizia que eu tava com espírito mau, que eu tava com o capeta no corpo. [...] Nossa, apanhei demais! Sofri demais!"* (Dora). Sofreu tanto, que Dora tinha *"medo de gente"*: sempre que chegava alguém, ia se esconder embaixo da cama. Seus amigos eram pedaços de madeira, com quem conversava, desabafava e fazia de bonecas. Era com eles que ficava horas imaginando uma vida diferente para si:

Eu chorava, eu falava: *"Ai, eu ainda vou ter um marido, vou ter filho."* Primeiro, eu pensava em casar, de véu e grinalda, eu digo: *"Oh, eu vou casar de véu e grinalda!"*. [...] Falava: *"Vou ter meus filhos..."*. Ai pegava um pedaço de madeira, minha filha, botava aqui no braço e ficava embaixo dos pés de árvores conversando sozinha [...] e as galinhas perto de mim: *"Vou ter meus filhos! E vou ter uma casa. Eu não quero uma casa que nem a da minha mãe, que a da minha mãe era casa de sapê, então, eu não quero uma casa assim."* Já a da minha madrinha era bonita: de tijolo, grandona. *"Então, vou ter meus filhos!"*. E ficava eu mesma conversando. (Dora)

Os bichos também faziam companhia para Dora quando ela estava triste e precisava conversar: *"Ia pra roça, começava a conversar com os bichos: era! (risos) Conversava lá*

com os cavalos, com as éguas." (Dora). Quando estava com raiva, desabafava dando socos nas árvores e, às vezes, ficava com as mãos machucadas. Sua principal confidente era uma vaquinha mansa que pertencia ao seu tio:

Eu ia pra lá, começava a chorar, a vaca ficava me lambendo! Eu abraçava a vaca, mas chorava, falando com a vaca o que eu tava sofrendo, contando pra vaca. Falei que a vaca vai resolver muito o meu problema, né? (risos) Mas ela me ouvia! Ela ficava me lambendo, me ouvindo! (Dora)

E assim Dora ia sonhando, junto destes fiéis companheiros, com uma vida melhor para si! Quando se juntava com seus irmãos, o que acontecia só quando tinha alguma festa ou algum velório, também ficavam sonhando juntos com uma vida diferente: com uma vida em São Paulo, perto da mãe. Eles ficavam chorando, porque queriam ficar juntos e também com saudade da mãe, que mesmo *"brava"*, fazia muita falta na vida deles. A mãe sempre escrevia: *"Que não se preocupasse, que um dia a gente ia ficar junto. Que São Paulo era bom, pra quem arrumava serviço. Se não arrumasse serviço, São Paulo não era muito bom. Então, que tudo sempre ia melhorar pra gente."* (Dora). Ela tentava passar uma *"mensagem positiva"* para os filhos.

Quando estavam juntos, aproveitavam para conversar sobre o que cada um estava vivendo com suas respectivas madrinhas e a vontade de mudar para São Paulo, de fugir dos maus tratos só aumentava:

A gente se encontrava, falava assim: *"Quando eu crescer, eu vou pra São Paulo!"*, eles falavam: *"Eu também!"*. A gente juntava os seis e começava a chorar. [...] A gente ia contar a situação que tava em cada casa e falava: *"Eu não tô bem!"*, eles falavam: *"Eu também não!"*. Eu digo: *"Eles te batem?"*, *"Ah, batem!"*. Eu falava: *"Mas é só bater, né? Não se apanha...Dói muito?"*, eles falavam: *"Nossa, eu fico com uns verdes nas pernas!"*. Então, a gente passava um pro outro. (Dora)

Às vezes, planejavam fugir juntos para São Paulo, mas depois pensavam que não daria certo, porque não conheciam ninguém. Dora pensava que São Paulo era um *"paraíso"* e sempre dizia que, quando crescesse, viria para cá para casar com um *"bom marido"*, trabalhar, ter sua casa e uma *"vida feliz"*: *"Sempre eu botava aquilo na cabeça. [...] E trabalhando na roça igual condenada, sofrendo, cuidando de bicho, de criança dos outros, sem ganhar nada. A minha vida era essa!"* (Dora).

Com 12, 13 anos, por volta do ano de 1979, Dora consegue, então, a tão sonhada mudança para São Paulo, mas não por bons motivos: ela teve um problema muito grave nos dois ouvidos e precisou operar com urgência. Uma mosca varejeira colocou ovos em suas orelhas e começou a nascer *"larvas"*: *"Meu ouvido saía bicho. Era bicho desse tamanho que saía e ficava caindo assim."* (Dora). Ninguém sentava perto dela, por causa do cheiro forte

que saía de seus ouvidos. Para sua madrinha, estas "*larvas*" saindo de Dora só confirmavam que ela estava com o "*capeta*" no corpo e isso só aumentou as palmadas.

Quando uma de suas irmãs casou, um rapaz conhecido da família avisou para a mãe de Dora sobre o problema nos ouvidos da filha, dizendo que se ela não fosse buscá-la na Bahia, que ela iria morrer. A mãe trabalhava em "*casa de família*" e sua "*patroa*", que era "*uma pessoa muito boa*", pagou a passagem para ela ir buscar a filha em Ibitiara, para se tratar em São Paulo. Antes de entrarem no ônibus, sua mãe a levou até uma farmácia para o farmacêutico passar pelo menos algum remédio que melhorasse o mau cheiro, porque senão as pessoas não conseguiriam viajar no ônibus com as duas: "*Ele falou assim: 'Olha, leva pra São Paulo urgente. [...] Mas eu não sei não se sua filha não vai ficar ou louca ou morrer.'*" *Minha mãe falou: 'Seja o que Deus quiser! Então, eu vou levar ela!'*" (Dora).

Chegando em São Paulo, a "*patroa*" de sua mãe já havia marcado médico para Dora e ele nem precisou examiná-la para saber que ela precisaria de uma cirurgia urgente, mas disse que não poderia garantir que ela sairia com vida da operação, porque o problema estava muito grave. A mãe deixou que a "*vontade de Deus*" decidisse e autorizou a cirurgia: "*Me operou, mas eu digo: 'Ai meu Deus, tinha que acontecer isso comigo? [...] Eu preferia ter morrido!'. Te juro: eu desejei ter morrido!'*" (Dora). Dora desejou ter morrido pra não ter que viver todo o sofrimento que passou em sua vida depois.

Em São Paulo, ficou morando com a mãe em uma "*favelona*", que hoje já não existe mais, perto da Avenida Cupecê, Zona Sul de São Paulo, onde "*aprontava todas*". E foi conhecer televisão e fogão à gás só aqui em São Paulo! Logo que chegou, queria arrumar amigas pra brincar e também queria trabalhar. Pediu para a tia arrumar um serviço para ela cuidar de crianças, que era o que estava acostumada a fazer desde pequena. Como a tia não conseguiu nenhum serviço para ela, Dora ficava "*catando*" garrafas de vidro nas ruas para vender: "*Porque, aqui, naquele tempo, vendia garrafa e era caro.*" (Dora). Com o "*dinheirinho*" que ganhava, logo pensava em comprar algo para comer: "*Opa, eu vou tirar a barriga da miséria agora!'*" (Dora).

A "*patroa*" da mãe também a "*ajudou muito*" e sempre dava roupas para Dora: "*Eu tava toda feliz!'*" (Dora). Ela queria adotá-la como filha e dizia que, quando morresse, deixaria tudo o que era seu para a Dora, que se animou muito com a idéia, pois era a sua chance de viver em São Paulo e ser criada como "*rica*":

Minha mãe falou: "*Não dou um filho meu!*". Eu falei assim: "*Mãe, mas não é dar! A mulher é rica.*", que ela só tinha uma filha. Ela falou: "*Maria...*", minha mãe chamava Maria, "*Maria, eu vou cuidar dela! Como se você*

fosse...vai ser empregada dela.”, “*Ai, minha filha, eu ser empregada da minha filha?*”. Porque o povo do Norte é assim. (Dora)

Logo Dora já conseguiu amigas para brincar e elas viviam “*aprontando*” juntas: pulando muros, brincando nos córregos “*fedidos*”, brincando de boneca. Elas eram filhas de um japonês que morava por perto e ele não gostava que Dora brincasse com elas: “*A gente brincava escondido, né? As meninas já gostavam de brincar comigo.*” (Dora). Ele tinha preconceito por ela ser da favela e negra: Dora sentia muito preconceito vindo das pessoas aqui em São Paulo!

Por Dora brincar tanto, sua mãe e sua tia a consideravam uma menina “*terrível*” e que só gostava de “*aprontar*” e começaram a ficar preocupadas com o seu futuro em São Paulo, em uma “*favela tão perigosa*” como a que moravam. Achavam que ela poderia se tornar uma “*vagabunda qualquer*”, que poderia se envolver com drogas e concluíram que era melhor mandá-la de volta para a Bahia:

Quando eu era, assim, de 12, 13 anos, o povo dizia que eu ia ser vagabunda. [...] Quando o povo falava: “*Ah, essa vai ser a pior vagabunda!*”, eu falava baixinho pra mim: “*Em nome de Jesus, eu não vou ser vagabunda! Em nome de Jesus, não vou ser vagabunda!*”. [...] Isso é o que eu sempre falava: “*Eu não vou ser vagabunda! Não vou ser!*” e não fui. Graças a Deus, né? Batalho. Se você chegar aqui: “*Dora, é pra gente ir ali!*”, eu digo: “*Vou! A gente derruba a casa e levanta de novo!*”, não tem preguiça comigo. (Dora)

Também sentiam medo de Dora continuar em São Paulo, porque, na época, existiam os “*justiceiros*” nas favelas, que eram policiais que matavam muitos “*bandidos*” e era só acharem que era “*bandido*”, que já chegavam atirando: “*Eles metiam bala, matavam mesmo. Quantas vezes os bandidos nos salvaram, nos jogavam dentro do córrego, porque os caras vinham atirando?*” (Dora). Preocupada, então, com o futuro da filha, a mãe de Dora a manda de volta para Ibitiara, agora, para morar com a sua irmã que já estava casada e morando com a sogra. O sonho de viver em São Paulo durou muito pouco!

No começo, foi difícil a convivência com a sogra de sua irmã, que implicava muito com a Dora e “*inventava algumas coisas*” só para ela apanhar da irmã. E como Dora continuava gostando de “*aprontar*” bastante, ela continuava apanhando: agora, da irmã e, de vez em quando, do cunhado, de quem ela não achava “*certo*” apanhar. O “*aprontar*” dela era: laçar boi “*melhor que os homens*”, montar em cavalo “*bravo*”, brigar com todo mundo e conseguir “*bater até em homem*”. Dora lembra de uma “*surra*” que levou da irmã:

As meninas me enchiam o saco: “*Ih, negro de cabelo liso, vão pensar que é índio!*”, eu digo: “*E daí?*”. Eu peguei, peguei com raiva, cortei o meu cabelo, cortei chanelzinho. Nossa, mas levei uma surra! Eu falei: “*Pois hoje eu não vou dormir em casa não!*”. Fui dormir no cemitério, embaixo dum pé de

árvore. [...] E o cabelo caiu tudo, minha filha! O que ficou, caiu, e nasceu esse pixaim. (Dora)

O cunhado possuía uma "rocinha" e Dora fazia todo o trabalho pesado: cortava lenha de machado, arrancava mandioca, mexia forno pra fazer a farinha, puxava carro de boi pesado. Ela também cuidava da boiada quando o cunhado viajava: "*Nossa, saía da boiada torrando, parecia uma macho!*" (Dora). Suas mãos eram cheias de calos de tanto trabalhar! A roça não era grande e servia mais para manter o sustento da família. Tinham poucos gados, só mesmo o suficiente para ter leite para os filhos. Eles não tinham condições para pagar funcionário, então cuidavam de tudo sozinhos: "*Eu mais meu cunhado: era Deus e nós dois!*" (Dora). Sua irmã era quem fazia a comida e não sofriam mais com a fome como na infância: "*Porque o meu cunhado, depois, com o tempo, graças a Deus, ele foi indo. Na casa do meu cunhado, ai eu pude comer carne, podia comer bolo, comia pão.*" (Dora).

Às vezes, o cunhado viajava para São Paulo e Dora ficava cuidando de tudo sozinha. Além do trabalho na roça, ele também trabalhava como pedreiro e ia viajar para outras cidades para fazer construções. Dora também ia junto e ficavam meses fora: "*Eu ia trabalhar de ajudante de pedreiro. Eu já trabalhei, já fiz massa pra cimento, essas coisas assim. Nossa, pra assentar azulejo, eu trabalhava melhor que um homem. Eu ia, viajava com o meu cunhado, parecia macho mesmo. (risos)*" (Dora).

Apesar de todo trabalho puxado, nunca havia "tempo ruim" para Dora, que estava sempre cantando enquanto trabalhava: "*Eu cantava, minha filha, todo dia!*" (Dora). Seu cunhado tinha um "radinho a pilha" e ela vivia escutando música sertaneja de raiz, como Trio Parada Dura, Tônico e Tinoco e, seu "grande amor", Amado Batista. A irmã tinha "ciúmes" das coisas de seu marido e dizia para Dora que ela só poderia usar o "radinho" se comprasse as pilhas: "*Eu trabalhava igual uma doida na roça pros outros, ai dava dinheiro, comprava as pilhas.*" (Dora).

Dora ouvia estas músicas e "viajava": continuava com seus sonhos de mudar de vida e de voltar para São Paulo para trabalhar e conseguir algo melhor para si. Havia uma conhecida que sempre vinha para cá e trazia as novidades, ficava contando das novelas: "*Eu digo: 'Ah, eu vou! Eu vou!'*" (Dora). E foi escutando "radinho a pilha", em meio a suas "viagens", que um novo sonho surgiu na vida de Dora, um sonho que persiste até hoje e que ela ainda tem esperança de realizar:

Eu lembro que eu tinha um sonho: ser sanfoneira! [...] Meu sonho era tocar! Nossa Senhora! Até hoje eu falo: "*Vocês ainda vão me ver subir no palco tocando sanfona!*". (risos) Eu digo: "*Mas, menina, mas não consigo dinheiro nem pra comprar uma sanfona!*". [...] Às vezes, eu fico até mexendo aqui

(como se estivesse tocando sanfona). [...] Eu falo: "*Eu ainda vou tocar sanfona!*". Mas, minha filha, não sobra dinheiro. (Dora)

O cunhado tinha uma "*sanfoninha*" e, às vezes, recebia para tocar em algumas festas da cidade. Dora também tinha dois primos que sabiam tocar. Ela gostava muito de ir a estas festas, até que, em uma noite, voltando de uma delas, todos os seus sonhos sofreram um abalo: Dora é abusada por um de seus primos e acaba ficando grávida. Ela tinha 18 anos (ano 1985): "*Naquele tempo, não tinha luz: você ia pras festas, a luz era só lá dentro, você saía, era uma escuridão. Ele me pegou ali e aconteceu. A minha família queria que eu abortasse, digo: 'Não! Isso eu não vou fazer, nem que eu dê! Mas abortar não!'*" (Dora). Ela ficou muito chateada com o primo, que acabou arruinando seu sonho de casar de "*véu e grinalda*".

Dora pediu para sua avó materna, que era parteira, fazer seu parto em casa mesmo, porque não queria ir até o hospital: foi um parto muito tranqüilo, sem muitas dores. Quando seu filho completou seis meses de vida, Dora decidiu que era hora de "*tentar a vida*" em São Paulo novamente e sua irmã dizia que ela estava "*louca*": "*Eu digo: 'Ah, eu vou! Eu me viro lá!'*" (Dora). Dora deixou seu filho com a avó dele, que era sua tia e mãe do primo que havia abusado dela: "*Falei: 'Oh, fica pra você! Tchau! Mas eu não vou esquecer, porque queira ou não queira, é o meu filho.'* Cuidaram muito bem! Eu vim pra cá, nunca deixei de mandar as coisas pra ele. Sempre tava lembrando." (Dora). O cunhado de Dora se oferece para trazê-la para São Paulo.

Dora faz, então, sua segunda travessia para São Paulo, em 1986, agora com 19 anos de idade. Ela não queria ficar na casa de sua mãe, como da primeira vez que veio, porque ela estava namorando com um homem que Dora não gostava: "*Isso que eu não conhecia nem o cara, mas eu não gostava. (risos)*" (Dora). Assim, ela vai morar com uma prima, de quem ela gosta muito e que sempre a ajudou. A prima morava perto do Grajaú, Zona Sul de São Paulo e Dora logo sentiu a diferença no tamanho das casas:

Na minha prima mesmo, você dormia, era todo mundo num quarto só! Ela com o marido, tudo! [...] Falei: "*Caramba! Ah não! Eu quero casar e quero ter a minha casa!*", eu sempre falava isso: "*Eu quero ter a minha casa!*". Ela falava: "*Filha, mas aqui é difícil!*". Eu falei: "*Caramba! Então, São Paulo não é que nem o povo fala! Não é tão espaço assim!*". (Dora)

Mas Dora pensava que era só começar a trabalhar que conseguiria tudo o que quisesse, como a sua tão sonhada casa. A prima, então, consegue um serviço para ela trabalhar de empregada doméstica em uma "*casa de família*": a primeira de muitas casas em que Dora trabalhou aqui em São Paulo.

Trabalhava para um casal e a "patroa" começou a sentir "ciúmes" de Dora com seu marido, achando que ela estava "dando em cima" dele: "*Minha filha, eu tô aqui pra trabalhar, não pra pegar marido de ninguém! Nem quando eu era adolescente, eu não fazia isso. Não é agora com 19, 20 anos que eu vou fazer isso!*" (Dora). A "patroa" começa, então, a maltratá-la: fazia algumas comidas e não deixava ela comer, tratava mal, entre outras coisas. Dora não estava mais agüentando os maus tratos e não queria mais continuar trabalhando nesta casa. Liga para sua prima, explica a situação e a prima fala para ela "*pedir as contas*", que ela tentaria conseguir outro serviço para Dora:

Saí. E Deus foi tão...Deus sempre trabalhou bem na minha vida. Cheguei, minha prima falou: "*Ah, eu vou falar com a minha patroa.*". Falou com a patroa dela, arrumou outro pra mim, ali na Gabriele D'Annunzio. [...] Aquela não foi patroa: foi uma mãe! Eu falei pra ela: "*Olha, Dona Neide...*", lembro como hoje, "*Eu não tenho pra onde ir. Tenho família: a minha cunhada falou pro meu irmão que não queria a família dele na casa dela. Então, eu não tenho ninguém.*". Ela falou: "*Não, tem um quarto aí, oh! Fica à vontade! Você é da família!*". (Dora)

Ficou morando, então, no Campo Belo, Zona Sul de São Paulo, junto com sua "patroa" e o marido dela, que era um italiano, Seu Nino, que gostava muito de Dora e a chamava de "*bene*". Eles a tratavam "*como se fosse da família*" e Dora é muito "*agradecida*", até hoje, por eles a terem "*acolhido*" quando ela mais precisou. Dona Neide tinha mal do pânico e, por isso, tinha medo de sair de casa sozinha e Dora era quem fazia companhia para ela:

Então, eu só batia perna com ela. Ela gostava de sair comigo, porque eu sempre fui de brincar, de rir, sabendo onde é o meu lugar. Então, ou seja, nunca fui afoita, de chegar e entrar assim e já...Não, eu sempre soube o meu lugarzinho! Então, ela saía pra tomar chá com as amigas, eu ia, mas eu ficava com as meninas na cozinha. Então, soube sempre...aliás, ainda sei até hoje, respeitar, né? E fui trabalhando. (Dora)

Dora foi pegando cada vez mais "*intimidade*" com a família e gostava muito de trabalhar nesta casa. O tempo foi passando e, quando ela tinha uns 24, 25 anos, por volta do ano de 1991, acabou engravidando novamente, de um colega. Dora estava sem coragem de contar para sua "patroa", preocupada com a reação que ela teria ao saber da notícia, com medo de ser mandada embora. Mas ela foi surpreendida pela reação de Dona Neide, que simplesmente perguntou se ela queria mesmo ter este filho e, como Dora queria, ela disse para ela trabalhar até quando agüentasse e, quando não estivesse mais agüentando, para avisá-la: "*Nossa, pensa uma pessoa te dar...me deu a maior força! O que a minha família não deu, ela deu! Me ajudou muito.*" (Dora).

A "patroa", então, contratou um pessoa para ajudá-la na cozinha, porque era muito trabalho para Dora grávida: *"Essa pessoa que ela arrumou começou a roubar. Vestia as roupas dela, pegava as jóias dela. E eu ali com aquele...Porque olha, eu tenho um defeito: é ser pobre! [...] Mas ser honesta acima de tudo!"* (Dora). A menina ficava usando as roupas e jóias da Dona Neide quando ela não estava e até saía para a rua com elas. Depois, lavava tudo e guardava, sem deixar pistas. Dora não achava isso *"certo"* e resolveu conversar com a menina, que não deu muita importância. Resolveu, então, contar para Dona Neide o que estava acontecendo, para alertá-la: *"E a menina foi: 'Ai, ela é uma mentirosa, ela tá com ciúmes, porque ela tá mais tempo..'. Dona Neide acreditou na menina. [...] Eu fiquei chateada, porque falei: 'Pô, eu quis ser honesta!'."* (Dora). Dona Neide não quis mandar a menina embora.

Dora, muito chateada pela "patroa", que *"era como uma mãe"*, não ter acreditado no que ela contou, ficou chorando sozinha. O genro de Dona Neide, Seu Renato, viu que ela estava chorando e foi perguntar o que estava acontecendo. Como ele era advogado, Dora quis contar para saber se ela tinha agido certo e ele perguntou se ela gostaria de ir embora de lá e ela disse que sim, mas antes queria conversar com a "patroa". Dora pediu para Dona Neide escolher entre ela e a menina: *"Ela falou: 'Eu fico com ela!'."* (Dora). Vendo a situação, Seu Renato convida Dora para trabalhar e morar em sua casa, para cuidar de seu filho pequeno e ela aceita.

Dora sempre havia trabalhado cuidando de crianças em sua cidade e estava acostumada com esse tipo de serviço. Dora sempre teve *"açúcar para crianças"* e, por onde passava, as crianças gostavam de ficar com ela: *"Então, até hoje, as crianças me amam. (risos)"* (Dora). Com o primeiro filho do Seu Renato e Regina, que era filha de Dona Neide, não foi diferente: ele gostava tanto de Dora que dormia quase todas as noites com ela. A *"barriguinha"* de Dora foi crescendo e Regina, sua nova "patroa", logo disse para ela não se preocupar, porque o que pudessem fazer por ela, eles fariam: *"Igual a Dona Neide cuidou de mim, a Regina começou a cuidar."* (Dora).

A menina que *"roubava"* continuou trabalhando na casa de Dona Neide, até que, um dia, toda a família foi fazer uma viagem para Campos do Jordão e veio a confirmação das denúncias de Dora. Como de costume, ela e a babá que trabalhava para a outra filha de Dona Neide, foram viajar também para cuidar das crianças. Antes de saírem, a família pediu para que Dora e esta outra babá fossem até a padaria e, quando elas voltaram, perceberam que tinham mexido em suas malas. Desconfiaram que alguma coisa estava errada, mas esperaram chegar em Campos do Jordão para terem certeza. Todos estavam muito diferentes com elas.

No outro dia, após cuidar das crianças, Dora não agüentou mais a situação e foi perguntar para a família o que estava acontecendo: *"Gente, pode falar logo o que aconteceu. Tem coisa errada! A Regina mandou eu ir na padaria, mexeu na minha bolsa. A Renata mandou a Lúcia ir comigo, e mexeu na bolsa da Lúcia. Tá acontecendo alguma coisa."* (Dora). A Renata, também filha de Dona Neide, *"abriu o jogo"* com Dora, dizendo que havia sumido 500 cruzeiros da carteira de seu pai e que ele estava achando que tinha sido uma delas que pegou: *"Eu? Me sujar com 500 cruzeiros?"* (Dora). Dora disse à família que ela ganhava bem mais do que isso em seu serviço e que nunca iria fazer *"uma coisa dessas"*. Ela logo percebeu quem havia sido a *"ladra"* e disse para o Seu Nino voltar correndo para São Paulo, porque, naquela altura, a menina já devia ter roubado quase tudo da casa deles: *"Minha filha, ele entrou nesse carro e veio. Se ele não tivesse chegado, tinham levado até os móveis dele, tudo. E os 500 cruzeiros tavam na bolsa dela."* (Dora)

A família, então, ficou muito constrangida por não terem acreditado em Dora desde o início e ficaram pedindo desculpas. Seu Renato falou para a família que eles erraram muito ao desconfiarem de Dora e que, se ela quisesse, poderia até processá-los. Mas Dora não queria nada disso: *"Eu digo: 'Deixa isso! Acabou? Acabou! Então, bola pra frente.' Depois disso, a confiança foi total!"* (Dora). E Dora continuou trabalhando na casa da Regina, com sua *"barriguinha"* crescendo cada vez mais.

Quando seu filho, Rodrigo, nasceu, Regina disse que ela poderia continuar morando com eles, mas achava que ela iria sofrer para criá-lo ali, pois seu filho, que era muito apegado à Dora, estava sentindo muito *"ciúmes"* de Rodrigo. Por diversas vezes, ele tentou derrubá-lo de cima da cama e colocou travesseiro no *"rostinho"* dele. Dora estava com medo do filho de Regina acabar machucando seu bebê. Vendo o que acontecia, Regina disse a ela que teriam que contratar alguém para cuidar de Rodrigo: *"Eu arrumei uma pessoa pra cuidar dele, pagava pra pessoa, mas o meu filho começou a sofrer, começou a ficar assado: a pessoa não cuidava direito. Nossa, quando eu vinha pegar o meu filho, eu chorava: sujo, sujo!"* (Dora).

Dora sofria muito ao ver que seu filho não estava sendo bem cuidado e foi conversar com a mulher que contratou para ver se ela poderia melhorar o tratamento, mas nada mudou. Esta mulher cuidava de mais crianças ao mesmo tempo e, quando Dora levava leite para seu filho, ela distribuía para as outras crianças, deixando Rodrigo quase sem leite. Com a situação ficando cada vez mais complicada, Dora diz à Regina que teria que ir embora para cuidar de Rodrigo, pois já não agüentava mais vê-lo sofrer: *"Cuidando do filho dela, deixando o meu."* (Dora). Regina disse para ela tirar uns seis meses de férias, viajar com seu filho para a Bahia e, depois, voltar para trabalhar para ela novamente.

Dora, então, volta para a Bahia com seu filho de dois anos para "*bater umas férias*", depois de vários anos sem ter retornado. Foi para a casa de sua irmã em Ibitiara, onde ficou por quatro meses. Depois, foi morar com seu irmão em Goiás, na fazenda em que ele trabalhava, para ajudar a cunhada que estava grávida de seu terceiro filho. A viagem até Goiás foi um sofrimento, porque Rodrigo ainda era muito pequeno e o calor era muito forte para ele: "*Fui com um caminhoneiro. Nossa, mas eu chorava dentro desse caminhão!*" (Dora).

A fazenda em que o irmão morava e trabalhava ficava bem longe da cidade e só recebiam a visita do dono de 15 em 15 dias. Ele era um "*amor de pessoa*" e logo se interessou por Dora, passando a fazer mais visitas à fazenda. Dora não queria nada com ele, porque era casado: "*Homem casado pra mim é mulher!*" (Dora). Este dono da fazenda também era um "*bom patrão*" para seu irmão: "*Uma pessoa maravilhosa. O meu irmão, hoje, não tá com uma situação boa, porque não quis! [...] Que toda vez que ele fazia aniversário no ano, o homem dava uma cabeça de gado para ele.*" (Dora). Dora ajudava em tudo na roça e continuava cantando enquanto trabalhava: "*Tinha vontade de quebrar milho, sumia pra roça: ia quebrar milho, ficava lá naquela quebrada sozinha, cantando.*" (Dora).

Em uma noite, a cunhada começou a sentir contrações e não havia ninguém na fazenda para levá-la até o hospital, que ficava na cidade. O dono também não estava e, por isso, não tinham nenhum transporte. Sem saber o que fazer, o irmão de Dora foi a cavalo até a estrada para ver se passava alguém para levá-los até o hospital. Enquanto isso, Dora ficou com sua cunhada esperando para ver o que aconteceria. Ela estava muito nervosa e ficava com vontade de "*fazer xixi*" toda hora. A cunhada, então, avisou que o bebê iria nascer e que Dora teria que ser a parteira. Dora, pediu, então, ajuda para suas avós:

Porque a minha avó é parteira. Dizem, que eu mesmo não conheci meu pai, que a minha outra avó também era parteira. Eu digo: "*Ah, então, eu acho que eu vou ser a parteira! [...] Se eu tive duas avós parteiras, porque eu não posso pegar uma criança?*". Ai eu olhei pro céu, falei: "*Ai, Senhor, me ajuda!*", falava assim. Eu falei: "*Ah, eu vou ser parteira!*". Olhei pra cima, falei: "*Oh, se vocês foram parteiras, então estejam comigo aqui agora! Vamos lá!*". (Dora)

Dora se encorajou e foi, com suas avós em mente, trazer seu sobrinho para o mundo! A primeira coisa que fez foi trancar as crianças no quarto para não terem que presenciar a cena: "*Aliás, a cena da nossa vida não era bonita!*" (Dora). Estendeu alguns lençóis no chão e fez a cunhada deitar: "*Fiquei lá sentada, olhando. Eu digo: 'Nossa, mas a coisa é feia!'*" (Dora). No começo, não sabia se tinha que puxar a criança ou deixá-la cair, mas então lembrou do que sua avó fazia e puxou o bebê: era uma menina, que já nasceu chorando!

Dora não sabia o que fazer para a placenta sair e lembrou que sua avó dizia que tinha que passar o "*pézinho*" da criança que ela sairia sozinha e foi isto que Dora fez. O próximo desafio foi lidar com o cordão umbilical do bebê: Dora pegou uma tesoura de cortar crina de cavalo, passou limão para esterilizar e cortou o cordão; depois, pegou um ferrador de marcar boi e queimou a ponta do que sobrou do umbigo para estancar o sangue. Quando o irmão voltou da estrada para dizer que não havia passado nenhum carro, sua filha já estava nascida e pronta para o mundo. E nasce, nesse dia, não só uma criança, mas também uma nova parteira!

No outro dia, levaram a criança ao pediatra da cidade para ver se tudo tinha ocorrido bem e os médicos deram os parabéns para Dora, dizendo que ela era a mais nova "*médica parteira*". E ela passou, então, a ser a parteira da fazenda! Fez o parto de uma égua e de uma vaca, que foram mais sofridos do que o parto de sua cunhada.

Olha, da vaca e da égua, eu sofri mais do que da mulher. [...] A dor! E o choro que ela dá na gente? Nossa! Tivemos que derrubar a vaca, pra deixar ela deitada, pra poder tentar. Mas conseguimos e o bezerro não morreu! Eu digo: "*Danado!*". Ele (dono da fazenda) ficou até feliz e deu o bezerrinho pros meninos do meu irmão. Fizemos da égua, também deu trabalho. A bichinha gritava, eu chorava mais que o bichinho, porque vendo sofrer, né? E a gente que também já sofreu, mas conseguimos! Minha história é grande!
(Dora)

Depois que a criança nasceu, o dono da fazenda, que tinha uma "*caída*" por Dora, pediu para que ela fosse trabalhar dentro da casa dele e ela disse que não daria certo. Mas ele queria, pelo menos, ter um filho com ela, pois sua mulher não conseguia engravidar de jeito nenhum e o sonho dele era ter um filho. Dora se negou a ser "*barriga de aluguel*" de homem casado. Hoje, Dora sabe que ele já têm cinco filhos com sua mulher.

Dora, então, decidiu que já era hora de voltar para São Paulo e passou primeiro em sua cidade, onde ficou mais um tempo morando. O irmão também decidiu voltar com ela para Ibitiara e largou o trabalho na fazenda. Ela foi visitar seu filho mais velho, o Renato, que já estava "*grandinho*" e muito bem cuidado pela tia de Dora. Ele e Rodrigo se deram muito bem. Mas Dora não queria continuar em Ibitiara, pois ainda queria "*tentar*" mais uma vez a vida em São Paulo, agora, com mais experiência e já sabendo as dificuldades da cidade:

A minha irmã falou: "*Não, deixa o Rodrigo comigo e pode ir embora pra São Paulo.*". Eu digo: "*Ah! Já tô mais vivida, já sei mais quebrar a cara em São Paulo.*". Porque São Paulo é ilusão, né, filha? [...] São Paulo é ilusão: você sofre demais! E vim aqui pra São Paulo, deixei o meu filho com dois anos, pra entrar pros três. [...] Chorando, vim igual uma doida chorando dentro do ônibus. (Dora)

Faz, assim, sua terceira travessia para São Paulo e vai morar na casa da mesma prima que a acolheu da última vez, que já arrumou um serviço para Dora em outra "*casa de família*"

e ela nem chegou a procurar Regina, sua *"ex-patroa"*. Começou a trabalhar e a morar na casa de uma senhora, Dona Iolanda, que morava no Morumbi, perto do Real Parque, Zona Sul de São Paulo: *"Uma pessoa maravilhosa também!"* (Dora). Ela gostava muito da Dona Iolanda que, como era *"uma pessoa muito religiosa"*, queria que Dora fizesse primeira comunhão e a matriculou em um colégio de freira. Dora adorava freqüentar o colégio e se dava muito bem com as freiras, que a ensinaram algumas coisas, como escrever o próprio nome.

Na época, Dora tinha muitas amigas que trabalhavam nas casas perto de seu serviço e que moravam em uma favela no Real Parque. Ela vivia saindo com elas para *"farrear"*: *"Então, saía com a turma pra bagunçar: sempre fui bagunceira! [...] Saía, só fazia os outros rirem. [...] Que eu sempre fui de contar piada, gostava de contar piada."* (Dora). As amigas *"gostavam de usar drogas"*, mas Dora nunca gostou de se envolver com isso. Quando as amigas usavam, ela sempre procurava se afastar.

Ficou um bom tempo trabalhando para Dona Iolanda e, depois, reencontrou Regina, que perguntou se ela não queria voltar a trabalhar para ela para cuidar das crianças, que já estavam maiores e também para *"dar uma força"* na limpeza. Dora aceitou e voltou para o antigo serviço, no Campo Belo, Zona Sul de São Paulo. Quando as crianças a viram novamente, ficaram *"apaixonadas"* e muito felizes com sua volta.

Dora continuou tendo muitas amizades e saindo para *"farrear"*, agora, com as mulheres que trabalhavam como empregadas domésticas no mesmo prédio que ela: *"Comecei com a amizade, era só bagunça!"* (Dora). Foi em uma dessas *"farras"* que Dora conheceu seu marido, Inácio: *"Ele é do Nordeste também. Ele é da Paraíba, João Pessoa."* (Dora). Eles estavam na mesma festa e começaram a conversar. No final, Inácio quis acompanhar Dora até sua casa. Disse que trabalhava ali perto e que aproveitaria para pegar um ônibus de lá até sua casa: *"Ele só sabia andar do trabalho pra casa, não sabia andar, por isso que ele queria ir pro serviço."* (Dora). Inácio só estava há um ano em São Paulo e, como era *"analfabeto"*, não conseguia ler os nomes dos ônibus e, por isso, só conhecia o trajeto da sua casa até o serviço e vice-versa. Dora sabia muito bem como era isso, porque cansou de se perder quando se mudou para São Paulo com 19 anos:

Ah, eu cansei de me perder! Quantas vezes eu me perdi? E eu falava: *"Não, me dá no papel!"*. Ai tava marcado direitinho no papel, eu saía. Eu perguntava: *"Moço, você sabe aonde fica essa rua?"*, *"Ai, fia, é em tal lugar"*. Eu saía perguntando. A minha prima sempre falava: *"Pergunta pra polícia e taxista. Nunca pergunta pra..., né? Que tem as pessoas que, às vezes, te ensinam errado!"*. Então, eu sempre perguntava pra essas pessoas. Já ele não, ele não sabia perguntar. Ele tinha vergonha! (Dora)

Acabou que Inácio nem sequer voltou para sua casa naquele dia, porque ele e Dora ficaram a madrugada inteira conversando embaixo de um *"pé de árvore"*. No outro dia, que era um Domingo, Dora havia marcado de encontrar as amigas no Parque Ibirapuera e ele pediu para ir junto. Logo nesse dia, já perguntou para Dora se ela queria namorar com ele, mas Dora estava receosa, pois não confiava muito em *"homens nordestinos"*, porque já tinha vindo do *"Norte"* e conhecia como eram os *"homens de lá"*. Depois, foram se conhecendo cada vez mais e Dora decidiu que era com ele que ela deveria ficar: *"Olhei pro céu e falei: 'Esse vai ser o homem da minha vida! Pra ter os filhos e vamos acabar os anos de vida juntos.'"* (Dora).

Na época, ele morava em um *"quartinho"* na Vila Inglesa, Zona Sul de São Paulo, na mesma rua em que Dora mora atualmente. Inácio trabalhava como segurança de prédio e ganhava muito pouco: ele só tinha duas peças de roupas, não tinha blusas de frio e nem cobertor para se proteger no Inverno. Dora lembra como foi a primeira vez que foi dormir na casa dele: passou frio a noite inteira e teve que dormir com a roupa que estava e seus tênis, porque só tinha um *"lençol fininho"* para os dois se cobrirem. Quando ela contou isso para sua *"patroa"*, ela se ofereceu para comprar um cobertor para Inácio. E, assim, Dora começou a ajudá-lo: deu cobertor, blusa de frio, arrumava seu *"quartinho"*, lavava suas roupas.

Com um mês de namoro, em 1994, Dora engravidou de sua primeira filha com Inácio, a Graciele que, hoje, tem 18 anos. Começaram, então, a morar juntos na Vila Inglesa, onde Inácio já morava e Dora ainda continuou trabalhando por um tempo para a Regina, mesmo sem morar com ela. A *"patroa"* queria até ser madrinha de Graciele. Quando sua filha nasceu, Dora parou de trabalhar para Regina e já deixou outra pessoa trabalhando com ela: *"Que eu nunca fui de sair e deixar a pessoa só. Então, eu deixei. Eu tenho a minha sobrinha com ela."* (Dora).

Dora, enfim, estava realizando seu sonho de achar um *"bom marido"*, mas o começo da vida a dois foi bem sofrido: *"Sofri também! Não vou dizer que eu não sofri! [...] Na época que eu tive a Graciele, ele ficou desempregado, mas eu trabalhava. Ai, como eu parei pra ganhar ela, fiquei os quatro meses em casa, foi um aperto!"* (Dora). Os dois sem trabalhar, com uma filha de quatro meses que não mamava mais no peito: Dora não sabia o que fazer e não tinha nem leite em sua casa para dar para Graciele. Foi, então, conversar com o Ailton, mais conhecido como Tuzinha, que era e é até hoje, o dono do bar que fica em sua rua. Perguntou a ele o que deveria fazer naquela situação:

Ele falou: *"Dora, pega o que você quiser ai! Não se preocupa, quando der você paga!"*. [...] Eu falei: *"Tuza, eu vou pegar. Posso pagar tudo que eu*

preciso? Assim que eu arrumar serviço, eu te pago!", ele falou: *"Pode!".* Peguei, fiz tipo uma compra. Dei leite pra minha filha: enfiei leite de caxinha nela. E falei: *"Oh, Inácio, agora, [...] fica cuidando dela! Deixa comigo!",* que eu sempre fui resolvida, né? Peguei e sai aqui pela José Neves, batendo nas portas: *"Tô com uma filha de quatro meses, tô passando necessidade, preciso trabalhar!".* Achei três casas pra limpar! Eu digo: *"Amém!".* Vim toda feliz! Cheguei lá: *"Inácio, arrumei três casas pra fazer faxina!",* Inácio: *"Sério?",* eu digo: *"Sério! Agora você vai ser a babá dela!".* (Dora)

Dora começou a trabalhar e quando recebeu seu primeiro pagamento, a primeira coisa que fez foi acertar quanto devia para Tuzinha e até hoje é muito agradecida pela ajuda que ele lhe deu. Ele é uma das pessoas que Dora sabe que pode sempre contar e que a ajuda em momentos de necessidade. Dora ficou pagando o aluguel sozinha: *"Eu falei: 'Inácio, agora você também tem que arrumar serviço!'. Pagava tudo e ele não."* (Dora). Mas não estava fácil conseguir emprego, *"ainda mais"* com ele não sabendo ler: *"Falei: 'Tá ferrado! Ainda analfabeto!'. Eu digo: 'Vem aqui! Vamos aprender a escrever. O pouco que eu sei, eu vou passar um pouco pra você.'. E comecei a ensinar ele a escrever o nome dele. Deu muito trabalho: cabeça dura!"* (Dora).

Ela ficava nervosa com Inácio, porque, apesar dele ser um *"amor de pessoa para se conviver"*, ele não era de *"resolver as coisas"* e ela já gostava de correr atrás de tudo: *"Porque eu sou uma pessoa, que eu já passei fome, então, eu gosto de trabalhar, nunca fui de ficar desempregada aqui em São Paulo. [...] Então, a minha vida foi só trabalhar!"* (Dora). O marido, então, voltou a trabalhar, sempre ganhando muito pouco.

Passado alguns anos, em 1997, Dora fica grávida de seu segundo filho com Inácio, João Vitor que, hoje, tem 15 anos. Ela lembra, como se fosse ontem, do dia em que ele nasceu. Os partos de Dora sempre foram muito rápidos e tranquilos, quase sem dores. Quando Graciele nasceu, Dora pagava convênio e queria fazer cesárea, para aproveitar para fazer uma *"redução da barriga"*, mas quando chegou no hospital, tudo foi tão rápido, que Graciele nasceu na cama, de parto normal mesmo. E com João Vitor não foi diferente. Quando ela começou a sentir as contrações, seu marido chamou um colega que jogava bola com ele e que tinha carro para levá-la até o Amparo Maternal, pois já não possuía mais convênio. No hospital, nem deu tempo de chegar na sala de parto e João Vitor já começou a nascer. O médico, com medo de infecções, pediu para a equipe empurrar o bebê para dentro de Dora novamente, até que chegassem à sala de parto:

Ai foi dor! [...] Segurou ele na metade, pra dentro! [...] Eu falei: 'Solta! Deixa ele nascer!'", ela: *"Não, o médico vai me dar bronca."* Eu digo: *"Que dar bronca! Pode deixar que eu pego aqui!".* Ela soltou, e ele nasceu. O médico ainda tava esperando: *"Ai, que não..."*, eu digo: *"Doutor, fui eu que mandei: que é pra sair, não é pra entrar!".* E o médico falou: *"Ai, mãe, mas*

e se pegar infecção?", eu digo: "Que pega nada! Filho de pobre não pega infecção não!". [...] Eu digo: "De pobre, meu filho, nasce é no chão, de coquinho lá, oh!". E ele começou a rir. (Dora)

Quando seus dois filhos nasceram, a mãe de Inácio, que continuava morando na Paraíba, *"dava um jeito"* de vir passar um tempo em São Paulo para verificar se os bebês eram de Inácio mesmo: *"A mãe dele não gosta muito de mim, porque eu sou negra e meu marido é branco."* (Dora). Então, ela ficava conferindo se as crianças nasciam brancas como o pai e os dois nasceram mesmo com a *"pele bem clara"*. Dora até falava para o marido que, se a sogra continuasse com o preconceito, que ela até poderia processá-la. Apesar de tudo a sogra nunca a maltratou e sempre ficava em sua casa, mas *"falava um monte pelas costas"* de Dora, que a tratava muito bem.

Mesmo com todas as dificuldades que passavam, Dora sempre batalhou muito pelos seus filhos, procurando dar a eles uma infância menos sofrida do que a sua: *"Nossa, eu trabalhava, trabalho só pra esses meninos. [...] Uma coisa que eu sempre falei: 'Não vou aceitar que meus filhos passem fome!'"* (Dora). Dora sabia muito bem o que era a fome: conhecia de perto o barulho da barriga vazia que teve que escutar durante toda a sua infância. Em São Paulo, imaginava que nunca passaria tanta dificuldade como passou na roça, mas depois de tantas idas e vindas para cá, sabia bem que isto era apenas uma *"ilusão"*: *"Porque, aqui, se você tiver o dinheiro, você come, se você não tiver o dinheiro, você não come! E lá, ainda tinha uma vantagem que você [...] fazia, você ia na roça!"* (Dora).

Dora, então, corria atrás de tudo que pudesse dar melhores condições de vida aos seus filhos. Quando eles estavam na creche, na época em que a Marta Suplicy era prefeita, ela e outras mães receberam uma ficha de cadastro para o programa municipal Renda Mínima, voltado para famílias em "situação de vulnerabilidade social". Foi nesta ocasião que conheceu Maria Nascimento, que foi quem a indicou para participar da presente pesquisa. Maria também estava com suas filhas matriculadas na mesma creche e começa, assim, uma grande amizade entre as duas, que foram juntas batalhar para ganharem esta renda do governo:

Eu mais Maria sofremos tanto pra fazer o negócio do Renda Mínima. [...] E a gente correu atrás! [...] Fui eu e a Maria pro autódromo de Interlagos. As crianças estudando e a gente lá desesperadas nas filas. [...] Porque a gente ficou três dias lá nas filas, né, filha? Só vinha em casa uma hora da manhã pra dormir. [...] E aquele sufoco. A gente ria, a gente chorava, olha, era um tormento naquelas filas. [...] Eu digo: "Maria, a gente precisa, vamos lá!". Porque eu sempre ganhei pouco! Filha, quem não tem estudo, é só sofrer, né? Eu falei: "Maria do céu!". Mas a gente enfrentou. (Dora)

Enquanto esperavam nas enormes filas, presenciaram muitos atropelamentos, porque algumas mães levavam seus filhos com elas, por não terem aonde deixá-los e, como *"criança*

não fica quieta em um mesmo lugar", muitos eram atropelados. Passaram por muitas dificuldades nesses três dias e chegaram até amanhecer o dia na fila, esperando o *"sistema"* voltar para, enfim, conseguirem fazer o cadastro. Além do cadastro para o programa Renda Mínima, também conseguiram se cadastrar para o programa federal Bolsa Família, também voltado para famílias em *"situação de vulnerabilidade social"*. Dora não conhecia nenhum dos dois programas e passou a ganhar, mensalmente, estes recursos, que eram uma ajuda a mais para sustentar seus filhos. Hoje, já não ganha mais o Bolsa Família, mas continua ganhando 140 reais do programa Renda Mínima.

Antes de ir atrás destas rendas, Dora nunca procurou ajuda na Subprefeitura da Cidade Ademar, porque nem sabia que isso era possível. Em São Paulo, acha que os políticos não ajudam muito e, já no Nordeste, conseguiam algumas coisas em época de eleição: uma de suas irmã até ganhou uma casa de um dos políticos de lá. Aqui tem um deputado que ela procura, que *"sempre ajuda"*: Arnaldo Faria de Sá. Foi uma mulher que mora em sua comunidade que indicou este deputado para Dora, quando o João Vitor era pequeno e estava precisando fazer uma cirurgia de hérnia: *"Eu digo: 'Deixa comigo! Quem tem boca vai a Roma! Tô precisando!'"* (Dora).

Seu escritório fica perto do Jabaquara, Zona Sul de São Paulo e, na época, Dora foi a pé até lá, porque não tinha nem o dinheiro para a condução. Ela, então, foi pedir a ele que conseguisse esta cirurgia para João Vitor e ele escreveu uma carta para o Hospital São Paulo: *"Ele deu uma cirurgia pro João Vitor no Hospital São Paulo!"* (Dora). Quando Dora estava saindo, a secretária do deputado, sabendo que ela não tinha nem condições de pegar um ônibus para voltar pra casa, deu a ela o dinheiro da condução: *"Peguei o dinheiro, olhei: 'E na minha casa que não tem mistura? Não, eu vou voltar a pé e vou comprar o que comer!'. Voltei a pé com a cartinha que ele me deu pra ir no Hospital São Paulo. Cheguei, falei: 'Inácio, vai comprar linguiça!'"* (Dora).

Dora continuava morando de aluguel com sua família na comunidade da Vila Inglesa, sempre com o sonho de ter sua casa própria, mas não sobrava nem dinheiro para comprar *"mistura"*, muito menos para comprar uma casa: *"Caramba! Será que eu não vou ter a minha casa própria?"* (Dora). O que mais fazia era correr atrás de casa: onde ela ouvia que dariam casas, ou que *"invadiram"* terrenos para construir, ela ia para tentar alguma coisa. Até hoje, a batalha por casa continua e faz cinco anos que ela se inscreveu para o programa *"Minha Casa, Minha Vida"*, na Subprefeitura e nada da casa sair. Ela já foi duas vezes pedir para este deputado, o Arnaldo, ver como estava o andamento do seu pedido: ele mandou email para a Prefeitura e eles responderam que mandariam uma assistente social para verificar se Dora

estava mesmo precisando da moradia, mas ela nunca apareceu. E este continua sendo o maior sonho de Dora:

De casa, eu choro (fica mais chorosa), porque eu vou ser sincera com você: que eu tenho vontade de ter uma casa, eu tenho. Se perguntar pra mim o que eu quero nessa vida, é ter minha casa! [...] Essa eu tenho sonho! Às vezes, eu falo: "*Quando eu tiver minha casa, eu vou gritar: 'Minha casa!'*". Às vezes, falam assim: "*Mas tu não tem casa?*", eu digo: "*Não! Eu tenho casa, mas eu tenho que pagar pra morar!*". [...] Comprando minha casa, eu continuo trabalhando. Não me importo de lavar banheiro de ninguém não! [...] Mas é assim mesmo, filha, tá difícil! Até quando eu vou sofrer, eu não sei! Pelo menos, fome eu não tô passando! Tem essa vantagem! Ainda tomo uma cervejinha. (risos) (Dora)

Após anos de luta em São Paulo, em 2004, Dora e sua família foram "*tentar a vida*" em Bragança Paulista, no interior de São Paulo, porque alguns colegas de Inácio conheciam uma mulher de lá, que estava precisando de caseiro. Inácio aceitou o emprego sem consultar Dora, que não gostou nada da idéia, pois teria que pedir transferência da escola das crianças, que já estavam com dez (Graciele) e oito (João Vitor) anos de idade. Ela também achava que não daria certo, porque não conheciam nada da cidade, mas Inácio insistiu, até que: "*Quando eu cheguei um dia do serviço, o caminhão já tava encostado pra gente ir pra Bragança.*" (Dora). Dora não teve outra opção além de seguir o marido.

Chegando em Bragança, foi uma correria para conseguir escola para os filhos: andavam embaixo de Sol quente, "*pior do que o da Bahia*", procurando escolas, porque não sabiam aonde pegavam ônibus na cidade. Os pés de Dora e das crianças eram "*cheios de bolhas*", do tanto que andavam: "*Digo: 'Gente, isso não é lugar de gente não!'. Eu chorava, mas eu chorava. [...] Eu falei: 'Meu, não vai dar certo! Eu não conheço nada aqui!'. Eu só chorava!'*" (Dora). Dora chorava mais ainda, porque passava a maior parte do tempo sozinha, já que Inácio não quis largar seu serviço em São Paulo e ficou trabalhando nos dois: "*Ele ia todo dia, mas era muito cansativo, nossa! Eu falei: 'Meu, não vai dar certo!'*" (Dora). Em São Paulo, Inácio trabalhava como ajudante em uma firma de pratos e panelas no Bom Retiro.

Por conta do dinheiro que gastavam com tantas idas e vindas de Inácio, Dora avisou que ele teria que ficar em São Paulo durante a semana e voltar para Bragança só aos finais de semana. Ele ficava dormindo na casa de um colega em São Paulo. A "*patroa*", que era uma empresária muito rica, vendo o que estava acontecendo com o casal, faz um acordo com uma empresa de ônibus e paga uma mensalidade para Inácio ir e voltar todos os dias, mas mesmo assim era muito cansativo.

Com o tempo, as coisas foram se ajeitando: conseguiu escola para as crianças, a "*patroa*" ensinou aonde podiam pegar o ônibus na cidade, as "*bolhas*" dos pés foram

sumindo, Dora começou a fazer amizade com outros caseiros e foi se acostumando com a vida em Bragança Paulista. O serviço não era difícil, porque sua "*patroa*" só ia para lá de três em três meses e ela só precisava manter tudo arrumado para quando ela chegasse. As crianças tinham permissão para usar a piscina quando a "*patroa*" não estava e essa era a grande diversão deles. Ela chegou até a comprar um carro para a Dora usar nos meses em que ela não estivesse e disse que a ensinaria a dirigir, o que nunca ocorreu e o carro acabou ficando parado na garagem.

Passados seis meses em Bragança, Inácio disse que não estava mais agüentando ficar indo e voltando e que não queria mais continuar por lá. Dora fica muito chateada, pois agora já estava acostumada com a cidade. Como era perto da época das festas de final de ano e logo sua "*patroa*" chegaria, Dora não queria "*deixá-la na mão*" e pediu para o marido ir primeiro para São Paulo, para tentar conseguir uma casa, enquanto ela ajudava a "*patroa*". Inácio conseguiu uma casa com dois quartos, também na Vila Inglesa, no quintal do Seu Cabral, com um aluguel caro, de 500 reais. Dora, então, conseguiu uma mulher para ficar de caseira para sua "*patroa*" e volta para São Paulo pela quarta vez em sua vida.

Ficaram morando no quintal do Seu Cabral por quatro anos, até que a firma em que Inácio trabalhava no Bom Retiro faliu e ele ficou desempregado. Dora continuava trabalhando em "*casas de família*" e o aluguel era muito caro para ela pagar sozinha, então, mudam para uma casinha, para a mesma rua que moraram juntos no começo, na Vila Inglesa, no quintal do Seu Ataíde: "*Uma pessoa maravilhosa, mas a esposa dele, infelizmente, não.*" (Dora). Inácio já havia morado nessa mesma casinha assim que chegou da Paraíba, há muitos anos e conhecia Seu Ataíde e sua mulher, que se tornaram até padrinhos da Graciele.

Esta mulher começou a fazer algumas "*picuinhas*", fazendo intrigas entre Dora e Inácio e Dora sofreu muito com isso: "*Então, sofri passando fome na Bahia, mas eu preferia o sofrimento de lá, porque o que eu sofri aqui.*" (Dora). Depois de dois anos morando neste quintal, Inácio acabou indo embora de casa: "*De repente meu marido saiu de casa. Do nada, foi embora, vai fazer três anos que a gente tá separado. Ele gosta de mim, eu gosto dele.*" (Dora). A filha de Dora também se revoltou contra ela, por conta destas "*picuinhas*" que a mulher fazia e depois de um ano que o pai foi embora de casa, ela foi morar com ele. Dora não consegue entender por que, e sofre muito com o desprezo da filha, porque, antes, sempre foram muito amigas.

Quando Inácio a deixou, Dora mudou com o filho para a casa que mora até hoje, que pertence à mãe de um amigo, que a "*trata como se fosse sua filha*". Outro de seus grandes amigos, o Pedro, foi quem deu a "*maior força*" para ela quando estava no "*fundo do poço*" e a

ajudou a lixar e pintar a casa todinha: "*Nós não somos ninguém sem um vizinho!*" (Dora). E foi graças a estas amizades, que Dora foi se reerguendo aos poucos.

Como Dora sempre foi muito católica, hoje, sua vida é a Igreja e seu trabalho: "*Eu digo: 'É procurar Deus! Eu só tenho ele pra, né?'*" (Dora). Dora vai toda semana na missa e sempre pede orientações ao padre da Igreja, de quem gosta muito. Quando sua filha se revoltou contra ela, foi com ele que Dora foi desabafar: "*Ai, padre, mas eu já sofri...desde a idade de nove anos minha vida é sofrer. Eu tenho que sofrer até agora? Não posso ser feliz?*" (Dora). Ela teve uma vida tão sofrida que, às vezes, deita a cabeça no travesseiro e fica chorando: "*Eu choro: 'Putz, Senhor, mas eu nunca fiz mal a ninguém...'. Porque a minha vida é assim, de brincar, de rir.*" (Dora). Mesmo com todo sofrimento, Dora sempre procurou ser muito alegre com os outros e ajudar naquilo que pudesse.

Dora se considera uma pessoa de "*sorte*", porque todas as suas "*patroas*", menos a primeira de todas, sempre foram "*muito boas*" para ela: "*Me criaram como família!*" (Dora). Mas Dora conhece muitas pessoas que não tiveram a mesma "*sorte*" que ela e que já sofreram muito com suas "*patroas*". Hoje, ela continua trabalhando em "*casa de família*" de segunda à sexta e está há um ano com a nova "*patroa*", que também é uma "*pessoa muito boa*". Ela disse que vai pagar um curso para Dora, porque seu sonho é ser cozinheira profissional. E o sonho de ser sanfoneira ainda persiste e Dora não vê a hora de ter dinheiro para comprar sua tão desejada sanfona.

Há pouco tempo, a esperança de conseguir esse dinheiro se reacendeu, porque, como seu "*patrão*" atual é dono de uma imobiliária, Dora e seu filho trabalharam um dia para ele segurando aquelas setas que indicam as casas que estão para vender. Passaram o dia inteiro na rua, embaixo de Sol quente, segurando aquelas setas pesadas, que machucavam o pescoço, para ganhar 50 reais: "*Menina, que humilhação! [...] Mas, filha, eu falei: 'Só vou, porque eu preciso pagar a minha conta de luz, senão eu não ia! [...] Se eu não precisasse, eu não tava aqui não!'*" (Dora). O sócio de seu "*patrão*", vendo o esforço de Dora, disse a ela que, se eles conseguissem vender uma das casas, que ele daria uma parte do dinheiro para ela. Dora ficou sabendo que uma das casas foi vendida e só está esperando para ver se ele cumpre sua promessa e, quem sabe, assim, consiga finalmente comprar sua sanfona.

E, assim, Dora segue sua vida, que foi cheia de sofrimentos, mas também de sonhos, que persistem desde a época em que os pedaços de madeira e os bichos eram seus únicos amigos e confidentes:

Eu digo: "*Não tem problema não! Sempre carreguei essa cruz, desde pequena, então, se é pra carregar mais um pouco, vamos carregar!*". É

doído, filha, mas eu tô carregando! E tu me vê...tu nunca...eu posso tá nervosa, o que for, você não percebe, porque eu dou aquele sorriso, que você fala: "*Caramba! Essa mulher só anda rindo!*". (risos) É, chorei muito e continuo chorando. [...] Minha vida, filha, só foi sofrimento no Norte, sofrimento aqui, mas também não abaixo a cabeça! Não abaixo! Choro? Choro! Mas com a cabeça erguida! (Dora)

A fã de Amado Batista continua cantando, de "*cabeça erguida*", tocando sua vida como um sanfoneiro toca sua sanfona: com muita dificuldade, mas sempre tentando fazer uma bela música.

3.7 VALDÍVIO

Valdívio tem 41 anos, nasceu em Vitória da Conquista, no Estado da Bahia e, hoje, mora na comunidade Coréia, na região da Cidade Ademar, Zona Sul de São Paulo.



Mapa 6: Localização da cidade de Vitória da Conquista (BA).²⁷

Conheci o Valdívio através de Maria, que é sua esposa e foi quem o indicou para participar do presente estudo. Quando conheci Maria, há dez anos, ela ainda não estava morando com Valdívio. Fui conhecê-lo no primeiro encontro que tive com Maria em sua casa e ele já me conhecia pelo o que ela contava. Valdívio é uma pessoa muito atenciosa, que fala calmamente e está sempre sorrindo.

Nos outros encontros com Maria, ele sempre aparecia e a gente ficava conversando bastante. Ele disse que aceitaria participar da pesquisa, que era só marcar um dia e que tinha muitas "*histórias da roça*" pra me contar. Já foi, inclusive, contando algumas estórias do Pedro Malazarte, que é um personagem dos contos populares brasileiros. Ele adorava estas estórias e disse que me ensinaria algumas no dia da nossa conversa.

Maria estava um pouco preocupada, porque Valdívio costuma beber quase todos os dias e ela queria pensar em uma estratégia para que ele não estivesse muito "*alterado*" no dia que fosse contar sua história para mim. Ela escolheu, então, um dia que ele estaria de folga do serviço, mas que teria que fazer um "*bico*" com seu amigo na parte da manhã, porque, assim, ele ia trabalhar com o amigo e não daria tempo para passar no bar antes da entrevista.

²⁷ Mapa retirado do site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Cidades, Bahia, Vitória da Conquista. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 10.mar.2013

Chega, então, o dia da nossa conversa e eu fui um pouco antes para ficar conversando com a Maria. Quando o Valdívio chegou, ela logo percebeu que ele havia bebido um pouco. Eu estava disposta a voltar outro dia, caso ele quisesse, mas tudo acabou dando certo. No começo, ele parecia mais cansado e com a voz mais enrolada, mas a conversa foi fluindo e acabamos conversando por mais de uma hora, na cozinha da casa de Maria.

Valdívio foi, então, contando sua história, acompanhada de muitas risadas e também de muito choro. Maria ficou no quarto, pois disse que não queria atrapalhar, mas no meio da conversa, ele a chamou para a cozinha, porque queria sua ajuda para contar algumas histórias, pois disse que não sabia "*dialogar*" direito. Maria, então, ficou com a gente e ia ajudando Valdívio a lembrar de algumas coisas.

Depois da conversa, Valdívio começou a me contar diversos "*causos*" da roça e eu perguntei se poderia gravar esta parte também e ele aceitou. Eu havia levado um livro do Luís da Câmara Cascudo²⁸, com alguns contos populares brasileiros e li um conto do Pedro Malazarte para ele e para Maria, que riam muito e faziam vários comentários, como: "*Esse Pedro era fogo!*". Depois da leitura, Valdívio ficou contando algumas histórias que lembrava do Pedro Malazarte e eu me senti como uma criança ouvindo fábulas. E, agora, minha tarefa é contar a história deste verdadeiro contador de histórias.

3.7.1 Entre Vitória da Conquista (BA) e São Paulo: histórias de Valdívio

Seis aventuras de Pedro Malazarte

Nordeste

Luís da Câmara Cascudo

VI

Um casal de velhos possuía dois filhos homens, João e Pedro, este era tão astucioso e vadio que o chamavam Pedro Malazarte. [...]

Nas cercanias da casa de Pedro Malazarte morava um homem rico e muito avaro. Vivia enganando toda a gente e sendo detestado por todos os vizinhos. Não pagava ordenado aos seus empregados porque fazia apostas e não era possível cumprir-se uma das condições porque tinham sido escolhidas com intenção de burla. Malazarte ofereceu-se para criado e o homem aceitou.

Se Malazarte ficasse trinta dias sem pedir a conta, seria pago três vezes, e, não o fazendo, nada teria de direito.

O homem mandou Malazarte com mais de duzentas ovelhas para o campo, com ordem de passar por uma garganta de serra muito estreita. As ovelhas recusavam avançar e os empregados anteriores haviam desistido com esse embaraço. Malazarte chegou ao boqueirão,

²⁸ CASCUDO, L. C. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

agarrou uma ovelha, amarrou-a e saiu na frente puxando o animalzinho. As outras acompanharam sem dificuldade.

Não deram rede para Malazarte dormir. "Durma onde quiser", disse-lhe o homem. Pedro, vendo que o casal guardava a comida num armário grande, trepou-se para cima, com as pernas descidas e recusou sair, dizendo ser aquela a sua cama. Como o casal queria comer, ofereceram ao novo empregado o direito de fazer as refeições com eles, marido e mulher, chegando à conclusão de que só iam comer pão e bolachas, o que davam a Pedro quando ele se empregou.

Mandou o dono que Malazarte levasse o carro de bois e o metesse numa sala sem passar pelas portas. Malazarte despedaçou o carro, partiu os bois em quatro e jogou tudo pela janela.

Dias depois o dono da casa foi viajar e recomendou a Pedro que queria encontrar o gado muito bem tratado, rindo-se com o tempo. Quando o homem voltou viu que Malazarte havia cortado os beiços dos bois, vacas, novilhos, touros, deixando-os com os dentes de fora, como se estivessem rindo. Não quis mais conversa. Pagou três vezes e mandou que Pedro Malazarte fosse embora antes que ficasse completamente arruinado.

* * * *

Foram estórias como esta que rechearam a infância e juventude de Valdívio, em Vitória da Conquista, no Estado da Bahia, onde morava com seus pais e irmãos em uma fazenda que pertencia à própria família. Do casamento de seus pais, Valdívio possui um casal de irmãos, que continuam morando na Bahia até hoje. Além deles, também tem irmãos de outros casamentos, tanto do lado do pai, quanto do lado da mãe: "*Mas legítimo mesmo sou eu e mais dois.*" (Valdívio).

Em sua infância, Valdívio gostava de "*aprontar*" e acabava apanhando do pai, ficando muito "*revoltado*" com isso. Sua mãe sempre o defendia e tentava fazer com que o pai se acalmasse. Ele nunca apanhou de sua mãe e sempre foi muito apegado a ela: "*Ela era muito legal assim, nossa!*" (Valdívio). E não era só em casa que Valdívio apanhava: quando pequeno, chegou a frequentar a escola, mas não gostava e não estudou muito, porque apanhavam demais dos professores de "*palmatória*" e tinham muitos castigos rígidos. Como ele gostava de "*aprontar*", sempre sofreu com estes castigos: "*Lá na Bahia, eu estudei pouquinho lá, porque, parece mentira, era um povo cascudo demais assim, cassete, ai eu ficava demais valente! (risos)*" (Valdívio).

Em sua cidade, Valdívio precisou trabalhar pesado, desde cedo, para conseguir o sustento da família. Além de trabalhar na roça de seus pais, também tinha que trabalhar para outros fazendeiros, colhendo feijão, café, entre outras coisas. Para conseguirem algum dinheiro para repartir entre a família, era preciso vender sacos do que colhiam: "*Vendi um saco de café, feijão, laranja, milho, porque nós tínhamos que vender tudo pra poder dividir o*

dinheiro pra poder comprar as coisas." (Valdívio). É com sofrimento que Valdívio lembra do trabalho puxado e da vida difícil que levavam:

Colhia café nas roças afora, saía nos tratores, nos caminhões, entendeu? E cavalo e jegue. No dia a dia, pra ajudar as pessoas. Só que nós sofremos muito, muito, muito! Eu sofri muito! Eu choro, quando eu penso assim, lembrando da vida da gente, nossa Senhora! Ainda hoje, graças a Deus, eu tô feliz! Sofri muito? Sofri! [...] Já lutei muito e tô lutando ainda! Tem coisas que, às vezes, a gente pensa assim: "*Então, ele tá bom! Ele tá feliz!*". Não é feliz, ele tá batalhando pra não ver as coisas que aconteceram lá atrás, entendeu? (Valdívio)

A melhor época do ano era quando havia a colheita do café, em que conseguiam vender mais sacos para ganhar algum dinheiro: a cidade era conhecida por ser grande produtora de café. Havia épocas mais difíceis, com um pouco de seca, mas, na cidade de Valdívio, a seca não tinha tanta origem nas condições climáticas do local: a falta de chuva não era um problema tão grave. A seca tinha origem nas condições sociais, nas condições de vida que levavam: "*Lá é sul da Bahia. Não é tão seco. Tem a época da seca, tem a época boa! [...] É uma seca que eles falam que é seca, porque, às vezes, faltam as coisas, né?*" (Valdívio).

Mas, apesar do sofrimento, da falta de recursos e do trabalho duro, a vida na roça também trouxe muitos momentos felizes, que continuam vivos até hoje nas lembranças de Valdívio, como os banhos de rio, os "*mimos*" da mãe e as inesquecíveis festas de São João, em que acendiam uma fogueira e ficavam em volta brincando de pular corda e de contar estórias. E foram nestas rodas em volta das fogueiras que Valdívio conheceu Pedro Malazarte, Lampião, entre tantos outros personagens dos contos populares de nosso país, que continuam presentes em sua vida até hoje, nas estórias que conta. Era uma "*terra boa de se viver*", mas Valdívio queria outra coisa:

É um sertão que é bom, sabe? É um sertão que tem de tudo, só que a gente não acostuma naquele lugar, entendeu? Assim, [...] nós que acostumamos aqui numa vida melhor, lá é bom, pra eles é bom, não vou dizer que não é bom, que é bom. Mas pra gente mesmo viver é ruim! (Valdívio)

Valdívio queria outra vida para ele, com outro tipo de trabalho. Muitas pessoas de sua cidade vinham "*tentar a vida*" em São Paulo e voltavam falando bem da cidade, como seu cunhado, que já havia ido para São Paulo algumas vezes: "*Ele chegava lá, ele falava assim: 'Nossa, São Paulo é tão bom! Morar em São Paulo...'. É que eu nunca tinha vindo aqui e eu ficava escutando.*" (Valdívio). E o cunhado não trazia somente notícias sobre a vida em São Paulo, ele também trazia alguns tesouros: objetos impossíveis de se conseguir na roça e que ele conseguia comprar. Valdívio fazia encomendas para ele e se "*virava*" para conseguir vender alguns sacos para pagar pelos tesouros trazidos de São Paulo: "*Falei: 'Bastião, compra*

um relógio daquele lá pra mim.'. Eu gostava! [...] Comprei da mão dele: caro! Não sei nem quanto que foi que ele pagou aqui, mas eu sei que ele deu um preço, eu paguei lá." (Valdívio).

Então, quando Valdívio estava com 18 anos, no final da década de 80, ele decidiu que havia chegado a hora de fazer sua travessia para a tão falada São Paulo, que prometia uma vida melhor: *"Eu peguei e falei assim: 'Eu vou em São Paulo!'. A minha mãe falou: 'Mas lá é ruim! Lá em São Paulo é ruim! É outro lugar!'. Eu falei: 'Não, mas todo mundo tenta lá! Vou lá!'"* (Valdívio). A mãe achava que ele não iria se acostumar com a vida em São Paulo e que voltaria em menos de seis meses. Ela não queria que ele fosse de jeito nenhum, mas vendo que o filho não desistiria, pediu para um dos tios de Valdívio ajudá-lo a ir para São Paulo, mas que era para ele voltar depois de um ano.

Começam, então, os preparativos para a tão esperada viagem: *"Eu, quando eu vim de lá pra cá, eu vendi oh: vendi um saco de feijão colhido na roça, um saco de café, eu lembro como hoje. E trabalhei igual um doido, eu falei: 'Eu vou pra São Paulo!'"* (Valdívio). Estava tudo combinado: viria para cá com alguns amigos e ficaria na casa de um tio. A viagem foi longa: três dias com três noites. Chegando na rodoviária, a tão sonhada viagem se tornou um "pesadelo": os amigos se dispersaram e Valdívio ficou perdido sem saber para onde ir. No meio de tanta gente, o desespero foi tomando conta:

Eu fiquei assim: *"Porra, agora eu tô perdido!"*. [...] Eu fiquei pensando assim: *"Eu tô num mundo sem saída."*, eu não conhecia ninguém. [...] Eu falava assim: *"Nunca mais eu vou ver a minha mãe, meu pai, ninguém!"*. Aquilo...eu entrei em pânico. [...] Nossa, foi uma vida cruel! Deus me livre! [...] Por isso que eu sofri tanto aqui, porque, meu, putz, tem hora que eu fico pensando assim: *"Só Deus!"*. [...] Quando eu lembro, meu Deus do céu! Hoje não! Hoje eu sou, eu já sou tranquilo, já sei como é que é a vida. Mas quando eu vim pra cá, oxe, tu é louco! Deus me livre! (Valdívio).

Valdívio ficou chorando na rodoviária, sem saber o que fazer, até que um taxista veio falar com ele para saber o que estava acontecendo. Ele explicou a situação, o taxista pediu alguns de seus "dados" e foi telefonar para a mãe de Valdívio. Enfim, a maior coincidência da vida de Valdívio surge para resgatá-lo: *"Quando ele ligou pra minha mãe, que conversou e tudo, ele falou assim: 'Você é da nossa família! Você é parente nosso!'. [...] Você vê a coincidência! E eu chorei mais ainda de emoção!"* (Valdívio). Ele era tio de Valdívio!

Então, o taxista e recém-descoberto tio o levou para morar com ele no município de Guarulhos, na Grande São Paulo. Os primeiros dias não foram fáceis, pois não conhecia ninguém e achava que não conseguiria se adaptar, mas foi se acostumando aos poucos. Logo no começo, seu tio já conseguiu encaixá-lo para trabalhar em uma metalúrgica em Itaquera,

Zona Leste de São Paulo. Disse que seria um bom trabalho para ele, porque era uma *"firma boa"* e ele aceitou. Valdívio, um *"moleque abestalhado"* de 18 anos, acostumado a trabalhar na roça, que nunca havia visto uma fábrica na vida, começa, então, a trabalhar na metalúrgica, seu primeiro emprego em São Paulo:

Eu trabalhava lá dentro da metalúrgica e fazia um negócio...e eu ficava lá dentro limpando as máquinas e recebendo aquelas águas quentes, fervendo, sabe? É firma, firmão danada! Nossa, eu sofri tanto ali dentro! Deus me livre! [...] Eu aguentei um ano lá dentro, me queimando mesmo, sabe? Eu trabalhava no...os canos vinham, aqueles canões vinham, e eu ficava lá com a "paeta", eles falavam "paeta" lá, dentro de uma caldeira pra poder ir refrescando os canos e aquela tinturona. [...] Eu com a roupa de borracha, eu me queimava todinho assim! (Valdívio)

Apesar das queimaduras e do trabalho pesado, Valdívio conseguiu *"agüentar"* o serviço por um ano: *"Quando eu tava com um ano, eu cheguei neles e falei assim: 'Oh, eu não vou aguentar esse serviço não! Eu não quero mais não! Me manda embora ou então me arruma num outro setor.'* (Valdívio). Valdívio, então, acabou saindo, porque queria ir visitar a mãe na Bahia, pois tinha prometido que voltaria depois de um ano e a saudade já estava *"batendo forte"*.

Antes dele ir viajar, sua irmã veio visitá-lo e ficou chorando muito, pedindo para ele voltar a morar na roça com eles e dizia a ele: *"Não, Valdívio, aqui não vai dar certo pra você não! Eu prefiro que você saia, que você vá embora, que você...Se não quiser, mas isso não vai dar certo aqui não! Você tá perdido aqui!"* (Valdívio). Mas Valdívio dizia a ela que ele estava bem e que era para deixá-lo em São Paulo mesmo, que: *"A vida vai levando assim!"* (Valdívio). Ele volta, então, para Vitória da Conquista, só para uma visita, levando sua irmã, alguns tesouros que conseguiu comprar com o fruto de seu trabalho pesado, e suas experiências de um ano de vida em São Paulo:

Fiquei um ano! Um aninho certinho! Quando eu tava...ela (mãe) falou assim: *"Você trás uma uva pra mim."*. Que lá na Bahia, eles não conhecem o que é uma uva. [...] E eu peguei e comprei um isopor velho aqui, levei as uvas pra ela. Chegaram as uvas fresquinhas! [...] Nossa, a minha mãe ficou tão feliz! Eu levei uma televisão, levei um gravador, que é um somzinho, tipo um gravadorzinho assim. [...] Eu levei pra ela, ela ficou tão feliz! Que não tinha...era tudo radinho de pilha. Ela ficou tão alegre, alegre, alegre! (Valdívio)

Ficou um tempo na Bahia, mas viu que já não conseguia mais levar aquele tipo de vida. Para quem estava lá, podia até ser uma vida boa, mas ele já tinha se acostumado a viver de outro jeito em São Paulo e, por isso, ficava difícil se acostumar novamente com o trabalho na roça:

Fui lá, visitei, tirei férias. E a vida vai andando. Passou um tempinho lá, eu falei assim: *"Não, aqui na Bahia não dá certo de novo não! Tenho que voltar pra trás."* [...] E a gente chega lá, vai pra roça, fica ruim na roça, sabe? Mas eu mesmo, falar uma coisa pra você: na roça lá, Deus me livre, não dá mais certo na roça. O bom mesmo é ter uma vida feliz assim, sei lá! (Valdívio)

Valdívio volta, então, para São Paulo, já com trabalho indicado. Começou a trabalhar como *"ajudante de caminhão"*, que era um serviço que já gostava mais, porque vivia viajando: foi para Goiás, para Campinas, entre outros lugares. Sua função era fazer companhia para os caminhoneiros e tomar conta do caminhão quando parassem durante a viagem: *"Ajudante de caminhão é assim, vamos supor, eu não fazia nada! Que o carreteiro tinha que ter uma pessoa lá dentro, se parasse num canto. Tinha que ter uma pessoa pra tá atenta assim, pra não assaltar, pra não roubar."* (Valdívio). Ficou trabalhando por dois anos neste serviço.

Na época, tinha ido morar com um primo no Jardim São Jorge, Zona Sul de São Paulo, em uma *"casinha"* alugada. Foi neste bairro que conheceu a sua primeira mulher. Ela trabalhava em um *"mercadinho"* em frente da casa dele e Valdívio ia todos os dias até lá para vê-la. Eles, então, começaram a namorar e foram morar juntos. Tiveram duas filhas, que Valdívio gosta muito e ficaram casados por alguns anos.

Em 1991, Valdívio consegue seu primeiro registro na carteira de trabalho como porteiro de um condomínio de prédios no Jardim Marajoara, Zona Sul de São Paulo. Trabalhou por bastante tempo neste lugar e recebeu *"muita ajuda"* de um dos moradores do condomínio, o Raul, que, hoje, tem um restaurante que fica na mesma região dos prédios: *"É, pois é o Raul, o Raul, ele me deu muita força aqui. [...] Eu falo que ele é um pai pra mim."* (Valdívio). Foi Raul quem o incentivou a voltar a estudar e que pagou escola para ele: *"Tive um dia que...que eu sempre fui amigo, né? E ele falou assim: 'Valdívio, você estuda?', eu falei: 'Eu não!', 'Você quer aprender a estudar? Você quer ser feliz?', eu falei: 'Quero!'. Ele pagou a escola pra mim ali no Santa Maria."* (Valdívio).

Estudou por bastante tempo no Santa Maria, que é um colégio particular da região e que tem um projeto social para educação de jovens e adultos no período da noite. Valdívio gostava muito de estudar lá, diferente de quando freqüentava a escola no *"Norte"*: *"Aqui eu estudei! [...] Graças a Deus, o Santa Maria que me ajudou! [...] Eu estudei muitos anos aí! [...] Foi bom demais!"* (Valdívio).

Mas não foi só Raul quem *"deu força"* para Valdívio: Valdívio também o ajudou muito! Além de trabalhar como porteiro deste condomínio de prédios, ele também fazia *"bicos"*, ajudando o Raul em uma pizzaria que ele tinha na época. Lá, ele fazia de tudo:

vendia "*fichinhas de fliperama*" para as crianças e adultos brincarem, limpava os banheiros, a lanchonete.

Então, por isso que eles pegaram confiança em mim. Ele falou assim: "*O baixinho vem, ele faz tudo aí! Deixa ele aí! Faz tudo!*". [...] Fazia tudo! O pessoal chegava e falava assim: "*Faz isso!*", eu não dizia "não". [...] Dando uma forcinha: um empurrando o outro pra ir chegando lá. (Valdívio)

Durante todo este tempo de vida em São Paulo, Valdívio, sempre que podia, ia visitar sua família em Vitória da Conquista. Com o passar dos anos, a situação em sua cidade começou a ficar cada vez mais difícil: com a chegada das máquinas na lavoura, grande parte do serviço que faziam passou a ser feito por estas máquinas e muitos ficaram sem emprego. Com a falta de trabalho, a maioria de seus sobrinhos está dispersa pelo "*mundo a fora*", em busca de uma vida melhor:

Tá difícil! Muito difícil! [...] Por quê? Porque lá no nosso sertão da Bahia, não tem lugar pra eles trabalharem mais. Que a maioria é tudo na mordomia: é máquina, é isso, aquilo. Então, não tem...em casa, não tem um serviço pra eles trabalharem. [...] Porque tem muita máquina! Tem muitos maquinários que ajudam os fazendeiros, mas, pra trabalhar mesmo, às vezes, você fica parado em casa, não tem nada o que fazer. [...] Hoje em dia, tem as máquinas. Colhe o feijão e seca o feijão. Então, tá acabando o serviço pra gente. (Valdívio)

Apesar da situação difícil em sua cidade, Valdívio sempre gostava de voltar para lá para "*matar a saudade*", até que, em 1999, Valdívio, sem saber, foi visitar sua tão querida mãe pela última vez. Como sempre, foi aquela festa, sua mãe cozinhou um monte de coisas para ele comer e foi uma alegria! Quando ele voltou para São Paulo, foi avisado pelo "*patrão*" que sua mãe tinha falecido enquanto cochilava em uma poltrona. Valdívio não conseguiu se conformar, pois tinha acabado de vê-la bem, com saúde e ficou muito triste. Ele nem pôde ir ao velório dela, pois tinha acabado de voltar de viagem. Ainda hoje, chora muito ao lembrar da mãe, de quem sente muita saudade: "*A Bahia era muito bom, pra mim acabou! Acabou a Bahia! [...] Quando a minha mãe era viva, oxe!*" (Valdívio). Após o falecimento da mãe, não queria mais voltar para a Bahia e ficou por um bom tempo sem ir visitar sua família.

Depois de trabalhar como porteiro do condomínio no Jardim Marajoara, Valdívio precisou sair, pois se separou da mulher e deixou tudo que tinha para ela. Ele, então, foi de mudança para outra cidade: Jundiáí, no interior de São Paulo, onde conseguiu um emprego como caseiro de um sítio, que ficava em um condomínio fechado. Decidiu se mudar para "*resfriar a cabeça*". Gostava muito do lugar e do trabalho, mas também sofreu bastante por lá, porque ficava sozinho. Ele tinha medo do lugar que era "*antigo*" e os guardas do condomínio

brincavam de assustá-lo de vez em quando: "*Nossa, lembro de muitas coisas que faz medo na gente.*" (Valdívio).

Ficou trabalhando como caseiro por três anos, até que o dono do sítio disse que ele teria que arrumar uma mulher para ficar morando e trabalhando com ele ali e Valdívio disse que arrumaria, mas resolveu voltar para São Paulo, novamente com serviço indicado: "*Já vim com tudo indicado, de serviço. Nunca fiquei parado! [...] Eu entrei numa construtora, nós fazendo um prédio, uma obra bem grandona.*" (Valdívio). Valdívio nunca havia trabalhado em construção, mas conseguiu este emprego para construir um prédio na Santa Catarina, Zona Sul de São Paulo. Ficou trabalhando por dois anos na obra.

Em São Paulo, nunca ficou muito tempo "*parado*", sem serviço, porque logo que saía de um, já buscava por outro:

Nunca fiquei um mês desempregado! Nem...às vezes nem seguro desemprego, às vezes nem peguei. [...] Tinha contato, emprego. [...] É sempre alguém que indica e, às vezes, você procura assim, sem ser conhecido, as pessoas dão dica! [...] Sempre tinha emprego! Então, às vezes, a gente pensa assim, o cara pegar seguro desemprego: esse negócio atrapalha a vida da gente. É melhor você ficar: sai de um, entra em outro. (Valdívio)

E a única vez que ficou desempregado, que foi por menos de um mês, ficou cravada na memória de Valdívio como um momento de grande sofrimento. De repente, pela primeira vez, ele se viu sem emprego e sem dinheiro nem sequer para comprar comida:

É, teve umas coisas difíceis do meu lado já! Já! [...] Eu já passei uma vida comigo...como que eu vou falar pra você? Eu vou falar pra gente assim: [...] eu chegava em casa, na minha casinha, eu tomava água com sal e não tinha nada de comer. O pessoal falava assim: "*Quer comer?*", eu falava: "*Não quero! Eu tenho comida em casa!*". É mentira! Passei uns 15 dias assim. [...] Chegava em casa, tomava um pouquinho de água com sal e ia dormir. [...] Não, eu, pra não dar o braço a torcer pros outros, eu ficava agüentando sozinho meu coração. [...] E o pessoal perguntava: "*Tá bem?*", "*Tô! Tô feliz!*", sabe? Se eu fosse precisar, eles iam dizer: "*Não, tô ajudando ele...*". Não sei se eu tô certo ou se eu tô errado, sabe? Então, eu dizia assim: "*Pra mim tá tudo bom! Eu não preciso de nada!*". [...] É o que eu tô dizendo, eu, às vezes, não peço, não quero falar que eu tava precisando de nada. (Valdívio)

Valdívio não queria falar para os outros que estava naquele sofrimento e agüentou, por 15 dias, a base de água e sal! Nem na roça Valdívio havia passado fome e, pela primeira vez, sentiu o que era não ter nada nem para comer: "*A gente comia tudo que tinha na roça. Agora, aqui eu sofri um pouquinho! Sofri! Tô falando pra você mesmo, de coração. Sofri um pouquinho!*" (Valdívio). Depois, foi se "*levantando*" aos poucos, conseguiu: "*Um emprego, consegui ela (Maria, sua atual esposa.) e tomei um rumo na vida. (começa a chorar)*" (Valdívio).

Começou a trabalhar novamente como porteiro e foi através do serviço que conheceu Maria Nascimento, sua atual mulher e quem o indicou para participar da presente pesquisa. Ela trabalhava em "*casa de família*" em um dos prédios da região. Enquanto ele trabalhava, ia conversar com ela nos intervalos e, então, começaram a namorar: "*Ela é tudo na minha vida, ela me dá conselho, ela luta por mim, eu luto por ela, conversa.*" (Valdívio). Depois, Valdívio foi morar na casa de Maria, na comunidade Coréia, que fica na região da Cidade Ademar, Zona Sul de São Paulo, que já era perto da onde ele trabalhava. Eles estão morando juntos há mais de seis anos.

Morando com Maria, tudo começou a melhorar na vida de Valdívio, pois ela sempre "*deu muita força*" para ele. Valdívio nunca mais precisou passar todo aquele sofrimento que teve por 15 dias antes de conhecê-la. Foi Maria quem o incentivou a voltar a visitar sua cidade e ele conseguiu ir ver sua família, depois de mais de dez anos sem voltar, em 2011. E, assim como antigamente, foi aquela festa com a sua chegada!

Hoje, continua trabalhando como porteiro, com registro na carteira, em um prédio da Vila Mascote, Zona Sul de São Paulo, onde já trabalha há oito anos. Gosta do seu serviço, porque já está acostumado desde 1991 com o trabalho em portaria, que, para ele, é um trabalho muito bom: "*Você já tá naquele esqueminha assim, você já sabe como é que são as coisas. E é bom, não é ruim, é gostoso!*" (Valdívio).

Além do trabalho como porteiro, Valdívio também faz "*bico*" como pedreiro e pintor em suas folgas, com um amigo, Djavan, que conheceu nos bares que frequenta: que ele chama de "*farmácias*". Em São Paulo, Valdívio sempre gostou de frequentar estas "*farmácias*" e vai quase todos os dias ao bar, o que deixa Maria, sua esposa, muito "*preocupada e nervosa*". Foi nos bares que Valdívio conheceu a maioria de seus grandes amigos, como o Carioca, que é um taxista que mora na Chácara Flora, Zona Sul de São Paulo e de quem Valdívio gosta muito: "*Ele é um cara de bom padrão. [...] Esse cara é um pai meu!*" (Valdívio). Os dois vivem andando juntos, um "*cuidando*" do outro.

Valdívio prefere frequentar os bares que não ficam dentro da comunidade, porque não gosta de "*muvuca*" e, por isso, vai mais nos bares que ficam perto dos bairros um pouco mais abastados, no entorno da Coréia. Não conhece quase ninguém da favela por conta disso, mas conhece todo mundo dos "*bairros de cima*". Maria fala que ele gosta de ficar em "*bares de pessoas que tem grana*": "*Eu falo: 'O que adianta, Valdívio?'. Os caras tudo têm dinheiro, aí ele paga uma rodada, daí depois ele também tem que pagar. E vai dinheiro. E aqueles lá de cima são caros. Nossa Senhora!*" (Maria Nascimento).

E é no bar que Valdívio pode fazer aquilo que mais gostava de fazer na roça, que é jogar conversa fora, contar estórias: *"Porque você vai puxando conversa, com um, com outro..."* (Valdívio). Ele gosta de ir por causa disso: *"Porque tem os amigos, fico conversando."* (Valdívio). Na roça, não costumava freqüentar bares, que nem existiam: eram só pequenos *"salões"* que vendiam bebida e também havia algumas pessoas que passavam nas roças, vendendo bebida, com um burro carregando um *"barril de pinga"*. As pessoas levavam garrafas para encherem de bebida com uma mangueira.

Após anos de luta em São Paulo, com todas as dificuldades que Valdívio enfrentou, ele acha que a cidade é *"boa para se viver o dia-a-dia"*, mesmo sendo muito *"agitada"*, mas que a pessoa precisa *"saber viver"* aqui, aproveitando as oportunidades: *"Você tendo carinho, você sabendo...dando um 'bom dia' pra São Paulo, aqui é gostoso!"* (Valdívio). Hoje, ele se considera uma pessoa feliz, que batalhou muito para não ter que viver as mesmas condições que vivia na Bahia: *"Então, e vivo uma vida feliz. Por que feliz? Porque eu trabalho, luto, arranco do...sabe? Trabalho e vou atrás daqui e acolá."* (Valdívio).

E sua vida, mesmo longe das rodas de conversa aquecidas pelas fogueiras na roça, continua recheada das estórias que ele tanto ouviu e que, hoje, conta como um presente que trouxe consigo para São Paulo: *"Eu gosto de contar estória!"* (Valdívio). Lampião, Pedro Malazarte e tantos outros se mudaram com ele para São Paulo e trazem um "gostinho" da vida na roça para quem vive nesta cidade tão *"agitada"*. Aqui estão algumas destas estórias que Valdívio gosta tanto de contar:

Lampião:

Na época do Lampião era assim, você tinha que acender um lampiãozinho nas casas e sair. A Maria Bonita fazendo os biscoitinhos lá com as farofinhas pra gente comer, pra poder substituir a vida. A vida deles dois: o Lampião e a Maria Bonita. [...] Ai saía o Lampião, ele saía no mato, na ribanceira, nas matas, nas cachoeiras pra poder salvar a vida dos outros, fazendo as coisas pra Maria Bonita. E ela em casa. Só que ela com a espingarda do mesmo jeito, que eles andam com a espingarda assim (pendurada no corpo). Vida sofrida! Sumia nas serras, nos meios dos matos, caçando, lutando. [...] Um cangaceiro! [...] É bravo, ele é brabo, oxe! Lampião, oxe, se mexer com ele, minha filha! [...] Eles lutaram, batalharam muito, muitos anos pra salvar a gente: salvar a gente no mundo. Isso é salvação da gente, dos índios, de nós seres-humanos no Brasil, o Lampião que salvou. [...] O Lampião, ele vivia cangaceiro, vinha no bicho pra poder matar os que tavam vivos e sapecava pra cima. Chegou uma hora, o Brasil tomou de conta. (Valdívio)

Pedro Malazarte:

Que nem o Pedro Malazarte. O Pedro Malazarte já foi outro bicho doido também! (risos) Ele andava com uma espingarda aqui, outra aqui, outra acolá. Foi na época do Lampião, o Lampião já tinha falecido! É uma história

tão grande...eu sei contar isso ai um pouco. Só que você tem que tá lendo e relembrando na mente pra poder ver. [...] Pedro Malazarte: disse que o Pedro, uma época chegou, né? Isso é história contada sem ler assim. Ele era empregado de uma fazenda. Fazendona bonita, só que ele não gostava da patroa. Ele gostava do patrão. O patrão dele era tudo pra ele. Ai ele cuidava do gado, da boiada. E ele não gostava da velha. A velha morreu e ele chegou lá no meio da Chapada, cortou os beijos das vacas, do gado todinho. Desceu e o velho chorando, o patrão dele. Ele cortou todos os beijos na noitada lá, cortou os beijos do gado. (risos) Eles ficaram só com os dentes do lado de fora assim. (risos) E ele falou: "*Ô rei, oh, tá vendo, oh? Oh lá pra você ver, oh. Até o gado tá sorrindo que a sua velha morreu!*". (risos) O gado tudo sorrindo! Que ele não gostava da velha. (risos) (Valdívio)

E eu tive a oportunidade de sentir esse "gostinho de roça", ouvindo estas estórias de Valdívio, que já não eram mais aquecidas pelas chamas das fogueiras, mas sim pelas chamas de suas lembranças. Conheci um verdadeiro contador de estórias!

Capítulo IV. O QUE SALTA AOS OLHOS

As narrativas de vida dos participantes do presente estudo são muito ricas: cheias de pequenos detalhes possíveis de desencadear grandes reflexões, discussões, questionamentos, inquietações. Através delas, foi possível apreender a singularidade de cada vida, de cada história, de cada participante e que, agora, está guardada nas páginas desta dissertação. As narrativas também possibilitaram a percepção de muitas semelhanças entre as histórias de vida dos participantes, sendo que algumas saltam mais aos olhos do que outras. Neste capítulo, algumas destas semelhanças serão discutidas também como pequenos retalhos, que poderiam ter sido costurados de maneiras diferentes. Há, portanto, alguns aspectos muito importantes das narrativas que não serão diretamente tratados neste estudo, como a questão da religiosidade, as questões de gênero, entre tantas outras que aparecem com bastante intensidade nas histórias. As narrativas estão aí abertas e à disposição para outros possíveis olhares, outras reflexões, outras compreensões.

4.1 Entre a "roça" e a "cidade grande": diferentes imagens e vivências

A dicotomia entre a "roça" e a "cidade grande" aparece constantemente nas narrativas de vida dos participantes do presente estudo. Há imagens distintas associadas a estes dois lugares, que são mais do que apenas lugares: são também formas de viver. As distinções são perceptíveis até mesmo pelas palavras empregadas para designar cada um deles, que vão sofrendo alterações conforme o caminhar de suas vidas. Alguns organizam suas narrativas fazendo comparações entre a vida que tiveram na "roça", a vida que imaginavam que teriam na "cidade grande" e a vida que realmente encontraram em São Paulo. Assim, as imagens e palavras associadas à "cidade grande" e também à "roça" são diferentes antes e depois da migração para cá. Muitas vezes, há ambigüidades nas falas sobre estes dois lugares, fazendo com que imagens distintas e até contraditórias acabem convivendo lado a lado nas narrativas.

4.1.1 "É Nordeste mesmo! Uma situação feia lá."

“minha terrinha” “Norte” “terra da gente” “rocinha”
 “sítio” “pedacinho” “situação feia” “sertão bom” “Inferno”
 “sofrido” “saudade” “brincadeiras” “trabalho pesado”

“*cidadezinha pacata*” “*vila sofrida*” “*liberdade*” “*fome*”
 “*sossegado*” “*casa grande*” “*judiar*” “*interiorzinho*”
 “*festa de São João*” “*tempo do sofrimento*” “*casa de sapê*” “*seca*”

Nas narrativas, os relatos dos participantes sobre a vida na “*roça*” são muito ricos: cheio de cenas descritas com tantos detalhes, que são capazes de fazer o interlocutor viajar com eles. As palavras acima aparecem nestas histórias que contam sobre a “*roça*” e no modo como se referem a ela. Através destas palavras, é possível perceber que há distintas imagens sobre suas terras de origem, que são, muitas vezes, ambíguas entre si, e que vão se modificando no decorrer de suas vidas, conforme as experiências que vão vivendo.

Há também algumas diferenças entre as vivências de cada um dos participantes em suas terras de origem e, por isso, também nas imagens que carregam da “*roça*”: alguns lembram com mais saudade, outros com mais sofrimento. Apesar destas diferenças, há também muitas semelhanças, sendo a maior delas a situação de pobreza, de denegação de direitos, que é comum a todos: convivem desde cedo com a falta de recursos, com condições de vida de extrema precariedade, com a fome, com o “*trabalho pesado*”, com a sujeição a trabalhos injustos, com a discriminação, com o rebaixamento, com a falta de dinheiro, de direitos, com educação escolar precária e também com a falta de oportunidade de estudar: “*Então, era uma vida muito sofrida!*” (Dora). A vida na “*roça*” era a “*batalha*” diária pela sobrevivência frente a situações com nenhuma proteção social.

A “*roça*”, como será visto mais adiante, é muito lembrada nas narrativas dos participantes a partir do trabalho na terra. Alguns possuíam terra própria para plantar, como “*sítio*”, “*fazenda*” ou uma “*rocinha*” nos fundos da casa. Outros moravam e trabalhavam em fazendas de outras pessoas: ou recebiam um pedaço de terra em que podiam plantar o que quisessem e, em troca, trabalhavam também nas plantações do fazendeiro, ou não possuíam nenhum pedaço de terra e trabalhavam na fazenda em troca de moradia e alguns “*sacos*” de alimentos, que nem sempre eram suficientes para garantir a subsistência da família. Assim, enquanto alguns conseguiam comer o que plantassem, outros sobreviviam à base de poucos tipos de alimentos.

As condições de moradia também eram diferentes entre os participantes. Todos apontam, em suas narrativas, que as casas do “*Norte*”, apesar de ter pouco conforto e móveis, eram muito grandes. Apesar do tamanho, as condições de moradia de muitos participantes

eram precárias: Dora morava em uma "*casinha de sapê*", em que dava para ver as estrelas, porque não havia partes do teto, Maria dormia em "*colchões de palha*" que juntavam muitas pulgas. Não havia luz também na maioria das casas e a água era escassa, havendo períodos de seca. Alguns possuíam mais condições para armazenar alimentos para quando estas secas chegassem, mas outros não, pois nem possuíam terras próprias para plantar.

Ao lembrarem de suas terras, são poucos os relatos sobre estes períodos de seca. Valdívio aponta, então, que nem sempre havia secas causadas por mudanças climáticas, mas que chamavam de seca os períodos em que faltavam as coisas. E, pelas narrativas, fica claro que estas faltas não vinham da natureza, mas sim das situações de desigualdade e exploração que viviam. Havia alimentos, casas com boas condições, água, mas não para eles. Os participantes do presente estudo, portanto, já eram explorados e desprotegidos em suas terras de origem. Como apontado por Guillen (2001), a experiência de desenraizamento, que se conforma à experiência de exclusão social, muitas vezes já está presente no próprio local de origem do migrante. Já em suas terras, restavam a eles espaços e trabalhos à margem, sem nenhuma proteção social: restava, assim, a luta diária pela sobrevivência.

Mas mesmo com condições de existência tão precárias, a "vida" conseguia vencer a "sobrevida" em alguns preciosos momentos, que recordam com saudades: as brincadeiras com as bonecas de milho, o trato com os animais, os banhos de rio e cachoeira, as estórias contadas em volta das fogueiras nas festas de São João, o preparo de alimentos com as próprias mãos, a felicidade de conseguir ler e escrever pela primeira vez. E foram muitos os aprendizados que tiveram na "*roça*" e que guardam como verdadeiros tesouros: "*Então, é assim: tinha o lado difícil, que era esse sofrido, mas em compensação, aprendi o que um ser humano acho que precisa pra enfrentar a vida e cuidar da família!*" (Nilda).

Porém, estes momentos não eram suficientes para diminuir as privações em que viviam: a "sobrevida" e os sofrimentos acabavam sendo mais fortes, assim como a vontade de mudar de vida. E esta é uma das maiores semelhanças entre as narrativas dos participantes: todos queriam - às vezes, por diferentes motivos - ter uma "*vida melhor*" e acreditavam que era possível haver mudanças, mesmo que ínfimas. A migração para a "*cidade grande*" já começa na "*roça*", frente a estas condições tão precárias de vida e nestes sonhos de ter uma "*vida melhor*", menos sofrida, com menos privações, com menos insegurança e instabilidade. A migração aparece inserida em suas esperanças de que a "vida" pode vencer a "sobrevida" e as imagens que os participantes têm sobre a "*cidade grande*" começam a nascer, então, na "*roça*".

4.1.2 "Nossa, eu achava que era um paraíso!"

“cidade de cinema” “vida feliz” “Céu”
 “mais fácil” “viver bem” “cidadona” “espaço”
 “vida melhor” “paraíso” “casa de cidade”
 “crescer” “cidade grande” “dinheiro” “sonho”

Estas são algumas das tantas imagens que aparecem nas narrativas dos participantes ao se referirem como pensavam que era a vida nas grandes cidades, como São Paulo, antes de migrarem para cá. A *"cidade grande"* aparece como o local em que é possível *"crescer"* a partir do trabalho; em que tudo é *"mais fácil"* de se conseguir; em que dá para ganhar muito dinheiro, tanto para voltar com *"alguma coisinha"* para o *"Norte"*, como para ajudar os familiares que ficaram por lá; em que há casas espaçosas e bonitas para todos; em que, enfim, há uma *"vida melhor"*, uma *"vida feliz"*, sem as mesmas privações e sofrimentos da *"roça"*. A *"cidade grande"* aparece, então, como uma saída, uma possibilidade de melhorar de vida, de sair da miséria, da submissão, do *"trabalho pesado"* da vida no campo e de fugir dos maus tratamentos sofridos por alguns dos participantes: uma chance de poder conduzir a própria vida, sem ser conduzido por ela!

Há, assim, uma imagem de progresso associada à *"cidade grande"*: um progresso capaz de combater a pobreza e o *"atraso"* que tanto envergonha o *"país do futuro"* (TELLES, 2001), como já foi discutido anteriormente, no capítulo inicial deste trabalho. São Paulo surge, então, como a *"terra das oportunidades"*, com a promessa de crescimento para a vida de seus moradores. E, já que a imagem difundida é a de que há oportunidades iguais para todos, bastaria a pessoa querer e batalhar, que ela conseguiria *"chegar lá"*, *"subir de vida"*, *"crescer"*, *"dar certo"*. Cavalcanti e Guillen (2001) mencionam um estudo realizado entre os anos de 1995 a 1997, com pernambucanos que migraram para São Paulo e que traziam, antes da migração, imagens desta cidade como o *"Sul Maravilha"*, a *"cidade que não pode parar"*, a *"capital do trabalho"*: todas ligadas ao progresso. No presente estudo, Maria Nascimento, por exemplo, sonhava com Brasília, que era, para ela, uma *"cidade de cinema"*:

Eu tenho um tio, irmão do meu pai lá, que já tinha viajado pra lá. E ele falou que lá era uma cidade que a pessoa ia, arrumava trabalho e crescia. Ai eu falei, na minha cabeça...eu não comentei...eu falava: *"Eu tenho que ir! Se eu conseguir entrar em contato com o meu tio, eu vou pra lá! Se ele conseguiu,*

eu também tenho...Como eu trabalho aqui, também eu posso trabalhar lá.”, entendeu? (Maria Nascimento)

Na "roça", muitos traziam notícias sobre as "cidades grandes", principalmente sobre São Paulo, que ajudavam a construir estas imagens de progresso: falavam sobre a facilidade de conseguir trabalho e de ganhar dinheiro, contavam até sobre as novelas que passavam na televisão e de como era um lugar bom para viver. Além destas notícias, muitos traziam "conquistas" de São Paulo: voltavam para a "roça" trazendo alguns tesouros que só poderiam ser comprados na "cidade grande", como televisão, rádios mais modernos, gravadores, entre outros produtos. As pessoas da "roça", às vezes, faziam encomendas a estes viajantes para que também pudessem ter acesso a estes tesouros da modernidade. Valdívio, por exemplo, encomendou um relógio de São Paulo para seu cunhado e trabalhou muito para conseguir pagá-lo:

[...] eu mandei ele comprar um relógio pra mim, um relógio "citis quartos", aqueles...um amarelinho! Falei: "*Bastião, compra um relógio daquele lá pra mim. Pode comprar quando chegar.*", bem assim! Eu gostava! [...] Ele comprou o relógio pra mim, o relógio "citis quartos", amarelão, bonitinho. Comprei da mão dele: caro! Não sei nem quanto que foi que ele pagou aqui, mas eu sei que ele deu um preço, eu paguei lá. Vendi um saco de café, feijão, laranja, milho, porque nós tínhamos que vender tudo pra poder dividir o dinheiro pra poder comprar as coisas. Eu sei que foi bom demais! Foi muito dez! (Valdívio)

Quer produto que mais caracterize a "cidade grande" e o progresso do que um relógio? Junto com o relógio vinha também o tempo da "cidade grande": um tempo contado em segundos, com uma vida cheia de horas marcadas, de horários para entrar e sair do trabalho, de compromissos...vidas controladas pelos ponteiros. O tempo "dentro" do relógio não correspondia ao tempo das atividades diárias da "roça", muito mais controladas pelos ciclos da natureza, como tão bem descreve Mello (1988, p. 44):

[...] a própria noção do tempo e sua medida é diversa da nossa. [...] Os relógios não tinham uso, não tinham utilidade. Há o tempo do corpo e de suas necessidades de alimentação e repouso que recorta um tempo no interior do dia, um tempo, por assim dizer, biológico. Estes recortes, na roça, subordinam-se muito mais claramente ao tempo contido no percurso diário do sol, que não deixa nunca de anunciar o dia de labuta e a noite de descanso. (MELLO, 1988, p. 44)

Mas nem todas as imagens passadas sobre São Paulo eram boas: alguns falavam que era um lugar perigoso, em que as pessoas matavam umas às outras e até as escadas rolantes se transformavam em perigo: "*As pessoas falavam assim: 'Oh, lá em São Paulo tem um negócio que engole pé!'*" (Nilda). Outros já falavam que São Paulo era "ruim", porque era "outro lugar", como a mãe de Valdívio que não queria que ele viesse para cá. Havia também aqueles

que falavam que São Paulo só era bom para quem arrumasse serviço, como a mãe de Dora, nas cartas que mandava para os filhos, ou aqueles que falavam que já foi bom em uma época, mas que agora não "*prestava*" mais, como alguns conhecidos de Leandro. Neste último caso, vale lembrar que Leandro é o mais novo dos participantes, com 23 anos de idade, e fez sua travessia para a São Paulo de agora, com todas aquelas mudanças no mercado de trabalho, que já foram discutidas no início do presente estudo.

Além das imagens sobre a "*cidade grande*", há também os sonhos que os participantes carregam com eles: nas narrativas, principalmente nas das mulheres, o verbo "*sonhar*" apareceu diversas vezes e seus sonhos pareciam orientar, em alguns momentos, os caminhos das histórias que contavam. Sonhos de mudar de cidade, de ter uma vida melhor, de aprender a ler, de ter casa própria, de casar, de construir uma família e até de ser sanfoneira: "*Eu sonhava sair, eu sonhava crescer, eu sonhava...*" (Maria Nascimento). O casamento, para as mulheres, parecia ser visto como uma das saídas possíveis para melhorar de vida, o que nem sempre acontecia. Há o sonho de "*casar de véu e grinalda*", de ter um "*bom marido*" e que o marido consiga tirá-las da vida de sofrimento e, inclusive, para a Maria e para a Nilda, casar foi sinônimo de vir para São Paulo, pois foram seus maridos, que já trabalhavam aqui, que as trouxeram.

Vêm, então, para São Paulo, carregando todas estas imagens, sonhos e expectativas. Vêm "*tentar a vida*": essa foi uma das expressões que todos os participantes utilizaram repetidas vezes nas narrativas. E o que poderia ser "*tentar a vida*"? A "vida", em si, não parece ser algo garantido em suas trajetórias: tiveram que batalhar diariamente para mantê-la diante do imperativo da sobrevivência. A "vida", portanto, não é dada, é batalhada. "*Tentar a vida*" talvez seja uma forma mesmo de tentar, enfim, vivê-la e não somente sobrevivê-la. A vinda para a "*cidade grande*", com todas as suas promessas de progresso, de melhores condições, parece ser a possibilidade de poder mesmo viver, de poder ter alguma segurança, já que sua sobrevivência estaria garantida. Os sonhos dos participantes, na maioria das vezes, referem-se a esta segurança, que permitiria viver, escolher, ter mais controle sobre os rumos de suas histórias:

Então, pastei, sonhei em crescer e chegar lá em cima...não crescer no alto, mas ter uma casa, sabe? Meu sonho era esse: ter uma casa. Ter um dinheiro que eu pudesse sair e falar: "*Hoje eu quero comer esse prato que eu nunca comi!*", sabe? O meu sonho era esse, não era ficar rico! Meu sonho era esse: ter a minha casinha! (Maria Nascimento)

O sonho da casa própria, que surgiu com muita intensidade nas narrativas, principalmente nas das mulheres, parece condizer também com o sonho de ter mais

segurança, de ter um espaço próprio, de ser proprietário de algo e, quem sabe, dessa maneira, poder ser "proprietário de si mesmo", viver, querer e escolher. E é, então, com a promessa e com a esperança de uma "vida" que vêm para cá.

4.1.3 "*São Paulo é ilusão: você sofre demais!*"

“mixaria” *“preso”* *“separado”* *“vida cruel”*
 “aluguel” *“canto”* *“ilusão”* *“apertado”*
 “agitada” *“quebrada”* *“quartinho”* *“correria”*
 “encalçamento” *“barraco”* *“limitada”* *“favelona”*

As imagens sobre São Paulo começam a mudar assim que chegam à tão esperada "*cidade grande*". A vinda para cá não deixa a pobreza para trás, ela vem junto, tanto nas condições que os participantes encontram para viver, morar e trabalhar em São Paulo, como em seus corpos, constantemente associados, na cidade, ao "atraso da pobreza", sendo discriminados. A "*vida feliz*", agora, é "*vida cruel*". A "*cidade de cinema*", agora, são as "*quebradas*", a "*favelona*". O dinheiro que tanto ganhariam através do trabalho, agora, é uma "*mixaria*", que os deixa "*apertados*". As "*casas de cidade*", espaçosas e bonitas, agora, são "*barracos*", "*quartinhos*", "*um cômodo só*", "*aquela coisa limitada*": não há espaço nas casas, não há espaço para eles. A "terra das oportunidades", agora, é "*ilusão*". Maria Nascimento descreve bem estes contrastes:

Quando eu chego, atravesssei São Paulo inteira: cidades bonitas, prédios bonitos, tal, blá, blá, blá. Ai, quando cheguei no Jabaquara, pegamos ônibus pra descer até a Vila Clara. E foi entrando nas quebradas, entrando nas quebradas. Quando entrou numas quebradas, ele foi descendo escada, descendo escada, descendo escada...ele morava assim, lá no fim do buraco, no último barraco, onde eu morava. [...] E eu já tinha a ilusão na cabeça de viver bem. (Maria Nascimento)

Começa, então, a percepção das tantas diferenças entre o que esperavam encontrar em São Paulo e o que realmente encontraram: é uma nova cidade que se apresenta, que é, ao mesmo tempo, diferente da "*roça*" e também das imagens que os participantes carregavam sobre a "*cidade grande*". Estas diferenças já são sentidas, por alguns, assim que chegam na rodoviária: ônibus vindo e indo de/para todos os cantos do país, pessoas com pressa, "*correndo*", esbarrando em todos, sem perceberem a presença umas das outras. Há também

imprevistos, como no caso de Valdívio, que acabou se perdendo dos amigos e ficou sem saber para onde ir em meio a tanta gente e tanta agitação: o "*sonho*" logo se transformou em "*pesadelo*". Nilda, ao chegar aqui, estranhou toda essa "*agitação*" e logo recebeu, do marido, sua primeira lição sobre São Paulo: "*Eu falei: 'Nossa, aqui é assim sempre?'. E ele falava assim pra mim: 'Vai acostumando!'. E eu fui acostumando...'*" (Nilda).

O "*acostumar*": outro verbo que apareceu tantas vezes nas narrativas, principalmente quando os participantes relembavam sobre o começo de suas vidas aqui em São Paulo. Um "*acostumar*" que nada tinha de paralisia, mas que exigiu um constante inventar formas possíveis. Na cidade, era preciso se "*acostumar*" com a "*favela*", que muitos não sabiam que existia antes de vir pra cá; com as casas pequenas e de estrutura precária; com as ruas movimentadas; com o trabalho em fábrica; com as "*comidas congeladas*"; com a falta de conhecidos; com o pagamento de aluguel para morar. Era preciso se "*acostumar*", enfim, não só com a vida na "*cidade grande*", mas também com uma situação que já era há muito tempo conhecida por eles e que, aqui, ganhou novas formas: a situação de pobreza, de denegação de direitos, de desigualdade social. Continuaram sofrendo, então, com a "seca social": a "seca" nas oportunidades, a "seca" nos trabalhos com proteção e estabilidade. "Seca", esta, que nada tem de "natural" e que, como já foi discutido anteriormente, foi construída socialmente no decorrer da história social de nosso país.

Em São Paulo, a falta de dinheiro traz problemas mais concretos, já que não há como viver na cidade sem ele: é preciso comprar comida, pagar para morar, pagar pelo transporte público, pagar as contas que vencem no final do mês. Não ter dinheiro os aproxima mais concretamente daqueles que já se encontram em uma situação de desfiliação (CASTEL, 1997): traz a possibilidade real de poder ficar sem comida, sem casa, sem, enfim, os mínimos que permitiriam a sobrevivência. Nas narrativas, muitas vezes, o dar a "*volta por cima*" se refere a ter conquistado, depois de duras "*batalhas*", algumas destas condições básicas de existência e a não estar em uma situação de extrema pobreza como tantos outros que vivem nesta cidade: "*Tô nesse cantinho aqui, é pequeno, mas dá pra você dormir: você não tá embaixo da ponte, você não tá no meio da rua.*" (Maria Nascimento).

Alguns, no começo de suas vidas em São Paulo, pensaram em voltar para suas terras, mas como voltar de "*mãos vazias*" da "terra das oportunidades"? Se o que é propagado é que há oportunidades iguais para todos, como dizer aos outros que ficaram na "*roça*", que não haviam conseguido bons trabalhos, que não haviam conseguido dinheiro, que não haviam conseguido moradia, que não haviam conseguido uma "*vida feliz*"? Se tudo é visto (e propagado) como "*mais fácil*" de se conseguir na "*cidade grande*", o problema por não

"crescer" e por continuar na miséria parece ser só culpa do indivíduo: *"Porque vim pra cá pra chegar lá com a mão limpa também, né? Ai vão dizer: 'Oxe, o cara tava fazendo o que em São Paulo que não arrumou nada?'. Mas também, em cinco meses, você não arruma nada não. Só uma mixaria mesmo!"* (Leandro).

Muitos acabam se culpando, em alguns momentos, por não terem conseguido "crescer" na "cidade grande", associando este "fracasso" a somente situações pessoais de suas vidas. Maria diz que não conseguiu o que queria conseguir em São Paulo, mas que muitos conseguem, mas ela teve um casamento conturbado e, por isso, foi mais difícil conseguir. Nilda diz que nada melhorava em sua vida, porque ainda sentia muita mágoa do pai por conta dos maus-tratos que sofreu: *"Nada, nada, nada tinha progresso na minha vida, porque isso não deixava, isso atrapalhava tudo!"* (Nilda).

O progresso parece ser compreendido como algo que somente cabe ao indivíduo conseguir, não importando as condições sociais em que se encontra. Estas diferentes situações pessoais vividas por cada um destes participantes fazem parte de suas histórias e, com certeza, tiveram influências no "desenrolar" de suas vidas, mas não só isso: há diversos contextos históricos, sociais, políticos que acabam ficando "mascarados" por trás desta lógica individualizante, como voltará a ser discutido mais adiante.

Frente a estas novas/velhas privações que passam/continuam a viver na "cidade grande", modificam-se também algumas imagens que possuíam sobre a "roça", agora, comparada à vida em São Paulo: *"Então, sofri passando fome na Bahia, mas eu preferia o sofrimento de lá, porque o que eu sofri aqui..."* (Dora). Começam a aparecer, nas narrativas de alguns participantes, as "vantagens" de se viver na "roça" e, agora, é ela que aparece como um lugar mais fácil de se conseguir, pelo menos, os mínimos da sobrevivência.

Lá não precisa de dinheiro para comer, pois a pessoa pode plantar: *"Porque, aqui, se você tiver o dinheiro, você come, se você não tiver o dinheiro, você não come! E lá, ainda tinha uma vantagem que você [...] fazia, você ia na roça!"* (Dora). Lá não precisa pagar para morar, pois a pessoa pode construir: *"Lá o cabra mesmo constrói. E aqui não! Aqui você acha que vai ficar numa boa e vai ficar mais apertado ainda!"* (Leandro). Lá não é preciso viver sem "espaço", porque as casas são grandes: *"Porque, lá no Norte, por mais que você paste, mas as casas são grandes."* (Maria Nascimento).

Há, nestas comparações, muitas ambigüidades: imagens distintas sobre a "roça" e, às vezes, também contraditórias, passam a conviver lado a lado. Não só sobre a "roça", como também sobre a "cidade grande", ainda persistindo algumas imagens de progresso, mesmo

depois de terem passado por trabalhos precários, por muitas situações de falta de dinheiro, por, enfim, muitas privações:

Ah, aqui é...por umas partes, aqui é bom, porque aqui você consegue alguma coisa, você trabalha e tem seu dinheiro no bolso. Lá não, lá é complicado. Você trabalha pra você mesmo, daí se você conseguir tirar, que nem vender algum saco pra ficar com dinheiro no bolso, você fica, e se não for, ninguém vai dar dinheiro pra ninguém não! Porque, lá, a gente trabalha pra nós mesmos. Na terra mesmo! Agora, aqui não, aqui você vai trabalhar pros outros. Todo mês você tem aquele dinheirinho e lá não, lá você tem vezes que você passava sem nenhum centavo no bolso! Lá é complicado! Tem umas partes, né? Tem umas partes que são boas também! (Leandro)

Não, aqui é bom! É agitado, é um lugar assim, sabe? Muito agitado assim, mas é gostoso de você viver no dia-a-dia. Você sabendo viver também, né? Você tendo carinho, você sabendo... dando um "bom dia" pra São Paulo, aqui é gostoso! Muito bom São Paulo! (Valdívio)

O progresso da "*cidade grande*" não eliminou, como prometido, o "atraso da pobreza" (TELLES, 2001). O progresso era outro e sua promessa de "crescimento" não era igual para todos, como na música de Chico Science, chamada "A Cidade": "*A cidade não pára. A cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce.*". Mas ainda achavam que era só começar a trabalhar que tudo iria melhorar: "*Ah, achava que você começava a trabalhar logo e que você conseguia tudo, né?*" (Dora). Com o trabalho na "*cidade grande*", talvez pudessem, enfim, ter alguma segurança, conseguir a tão sonhada casa própria, guardar algum dinheiro, "*subir de vida*". O trabalho é visto, então, como uma possível passagem para o progresso prometido pela "terra das oportunidades". Mello (1988) aponta para esta "virtude redentora" do trabalho em seu estudo com mulheres migrantes vivendo em São Paulo:

Transformado em virtude redentora, porta de passagem da pobreza para a riqueza, ou para a segurança que a riqueza encerra, justifica ambas, mascara a divisão e o conflito porque escamoteia, no jogo do vir-a-ter pelo esforço e pelo trabalho, a verdade evidente de que os longos anos de trabalho nem mesmo libertaram-nas da ansiedade pelo dia seguinte. [...] Desse modo, a resposta que oferecem à desesperança que ameaça apossar-se delas é ainda o trabalho. Numa sociedade onde a abundância e a escassez convivem lado a lado, as mulheres não podem fugir ao desejo latente de que um dia, quem sabe, como tantas vezes lhe sussurrou a poderosa mentira, o trabalho possa forçar barreiras intransponíveis da abundância. (MELLO, 1988, p. 183)

A questão do trabalho, que aparece como central nas narrativas, será discutida no próximo eixo de análise deste capítulo.

4.1.4 Entre a "*roça*" e a "*cidade grande*": nem lá, nem cá

Mas não há só privações e relações de exploração na vida dos participantes na "*cidade grande*", há também criações de outros espaços, de outras formas de se relacionar, que acabam configurando outras São Paulo: "*Contudo, na metrópole não se pode suprimir os espaços qualitativos porque sem eles não há vida.*" (SEABRA, 2000, p. 17). Assim, os participantes acabam fazendo uma "bricolagem" entre a "*roça*" e a "*cidade grande*" e trazem muitos elementos da vida de lá para cá, como por exemplo Valdívio, que continua contando suas histórias sobre Pedro Malazarte e Lampião, agora, não mais em volta das fogueiras, mas nos bares que frequenta na cidade.

Os participantes parecem ficar, então, em um espaço entre a "*roça*" e a "*cidade grande*". Aqui não é mais como pensavam e, quando voltam, a "*roça*" também não é mais a mesma: "*E a gente chega lá, vai pra roça, fica ruim na roça, sabe? Mas eu mesmo, falar uma coisa pra você: na roça lá, Deus me livre, não dá mais certo na roça. O bom mesmo é ter uma vida feliz assim, sei lá!*" (Valdívio). Parece haver, portanto, várias "*roças*" e várias São Paulo, com diferentes vivências e condições de vida, que criam espaços e formas de viver distintas. Há, sim, uma hierarquia entre espaços, fazendo com que reste a estes migrantes "pobres", como já foi discutido, espaços periféricos, à margem da cidade e também a imagem estigmatizada de que são pessoas "passivas", que nada criam e nada resistem.

4.2 "*Então, a minha vida foi só trabalhar!*": a questão do trabalho

O trabalho aparece como central nas narrativas dos participantes: ele é o que os mantêm vivos, o que permite a sobrevivência. Alguns chegam a contar sua história de vida a partir de suas trajetórias de trabalho. Trajetórias, estas, cheias de instabilidade, de insegurança, de exploração. A situação de denegação de direitos na qual vivem acaba fazendo com que tenham que se submeter a muitas relações precárias de trabalho para conseguirem garantir os mínimos de sua sobrevivência.

Ao se lembrarem da vida na "*roça*" muitos a recordam a partir do trabalho: o "*trabalho pesado*" é associado, por quase todos os participantes, ao trabalho na "*roça*", de "*foice e enxada na mão*". O trabalho pesado começa desde cedo, já que todos precisam trabalhar para manter a sobrevivência de sua família: "[...] *tem que aprender tudo! Pra comer tem que saber fazer as coisas. Ficar parado não dá não!*" (Leandro). Ao relatarem suas vidas na "*roça*" fica difícil, em muitos momentos, enxergá-los como crianças, já que contam sobre trabalhos difíceis que tinham que desempenhar, que exigiam muita força: "*Então, eu tinha*

que achar força de algum lugar! E eu conseguia fazer!" (Nilda). Mello (1988) sobre o trabalho infantil:

Nem sempre as tarefas são leves ou compatíveis com as suas forças. Porém, mesmo que as tarefas estejam além do seu alcance, nem a pouca idade, nem a fragilidade lhes servem de desculpa. Melhor aprenderem a fazer do que serem repreendidas com aspereza e maltratadas.. [...] Rigorosa ou não, a labuta é imposta a corpos e mentes infantis, exigindo que amadureçam rápido, a dura maturidade gerada pela dura necessidade. Aprendem que têm que contar apenas com seus pés e mãos para ganhar a vida e aprendem a sentir, no côncavo do corpo pequenino, a arbitrariedade do mundo adulto, onde são atiradas sem escolha e sem saída. (MELLO, 1988, p. 158)

Os trabalhos na "roça" aparecem detalhadamente em grande parte das narrativas, que acabavam ensinando passo a passo como eram as plantações, as colheitas, o trabalho na Casa de Farinha, a fabricação caseira de alguns alimentos. As condições de trabalho não são as mesmas para todos os participantes, já que alguns possuíam "roça" própria, enquanto outros precisavam trabalhar em grandes fazendas em troca de moradia e um pouco de alimento, como Maria. Há situações de extrema exploração vivida por alguns dos participantes, que lembram - se é que não são - a servidão, como em algumas fazendas em que Maria trabalhou.

Ela e sua família trabalhavam todos os dias, plantando, colhendo, fazendo farinha, pegando algodão somente em troca de moradia e alguns "sacos" de alimento. A divisão destes "sacos" era injusta e, muitas vezes, a comida faltava. Não havia nenhuma proteção e eles ficavam "nas mãos" dos patrões, que poderiam expulsá-los de sua moradia quando quisessem: eram, portanto, propriedade destes patrões. Dora também viveu situações que lembram a servidão, quando viveu com sua madrinha: "*Nossa, eu era escrava da minha madrinha!*" (Dora). Dora trabalhava para ela sem receber nada e ainda sofria maus-tratos.

A falta de opções de serviço na "roça" também foi apontada por alguns participantes: "*Porque lá, você trabalha de roça só, porque outro serviço sem ser a roça, você não tem não! Não consegue!*" (Leandro). Leandro, que é o mais novo entre os participantes já viveu uma situação diferente na "roça" do que os outros, já que, hoje em dia, com a chegada das máquinas na lavoura, não há mesmo muitas opções de serviço. Valdívio também fala sobre isso ao contar que seus sobrinhos estão deixando a "roça" porque não encontram mais o que fazer:

Tá difícil! Muito difícil! [...] Por quê? Porque lá no nosso sertão da Bahia, não tem lugar pra eles trabalharem mais. Que a maioria é tudo na mordomia: é máquina, é isso, aquilo. Então, não tem...em casa, não tem um serviço pra eles trabalharem. [...] Porque tem muita máquina! Tem muitos maquinários que ajudam os fazendeiros, mas, pra trabalhar mesmo, às vezes, você fica parado em casa, não tem nada o que fazer. [...] Hoje em dia, tem as

máquinas. Colhe o feijão e seca o feijão. Então, tá acabando o serviço pra nós. (Valdívio)

O trabalho na *"roça"* é necessário para garantir que sobrevivam e, mesmo com todo o *"trabalho pesado"*, alguns chegaram a passar fome, como Dora, que vivia a base de *"água, rapadura e farinha"*. Era, então, preciso trabalhar sob quaisquer condições, sem nenhuma proteção. Trabalhavam para comer e comiam pra poderem trabalhar: *"Você pegava, quebrava o coco e você não ralava, você comia os pedaços com pedaços de rapadura. Meu pai falava que você ia ficar forte pra você trabalhar."* (Maria Nascimento).

Vêm, então, para São Paulo com a esperança que, enfim, encontrariam melhores condições de vida e de trabalho. Mas, na cidade, a precariedade e falta de proteção no trabalho continuam. Todas as participantes mulheres começam a trabalhar como empregadas domésticas na *"cidade grande"*: *"O trabalho em casa de família não é fácil! [...] Porque existe patrão de tudo quanto é jeito!"* (Nilda). Por não haver regulamentação de suas relações de trabalho, não tinham a proteção das leis trabalhistas e ficavam, novamente, "nas mãos" dos patrões. Algumas acabam morando nas casas em que trabalham, como Maria nas outras cidades em que morou antes de migrar para São Paulo. Dora também já morou em muitas *"casas de família"* e as relações com os patrões eram sempre carregadas de ambigüidades: alguns diziam que ela era como parte da família, mas desconfiaram dela quando sumiu um dinheiro.

Outros tipos de serviço também aparecem nas narrativas, como o emprego em uma metalúrgica que Valdívio conseguiu logo que chegou a São Paulo. Não possuía condições seguras de trabalho e disse que só "agüentou" por um ano. Também aparecem os trabalhos como porteiro, seguranças, guardas de rua, catadora de garrafas de vidro, babá, cozinheira. Alguns destes trabalhos eram registrados e há muitas diferenças entre eles, como a experiência que Valdívio e Leandro tiveram do trabalho com "carteira assinada", por serem de épocas diferentes.

Valdívio lembra com carinho do primeiro registro que teve em sua carteira de trabalho como porteiro, no ano de 1991. Já Leandro não tem boas lembranças de seu primeiro trabalho registrado em São Paulo, no ano de 2007, pois mesmo tendo a proteção das leis trabalhistas, ele não recebia o salário todo mês e os patrões não pagavam o que haviam prometido, o que mostra a desregulamentação das próprias relações formais de trabalho tão comuns nos dias de hoje. Assim, hoje, mesmo os empregos estáveis, formais não trazem a mesma segurança que traziam em outras épocas, gerando situações de grande instabilidade mesmo com a "carteira assinada".

Nilda também já trabalhou com a carteira de trabalho assinada, quando era cozinheira do Centro Social Esperança, que fica na comunidade Coréia. Este é um dos serviços lembrados por ela com saudades, já que, apesar do trabalho puxado, havia cooperação entre a equipe, com reuniões, em que todos pareciam ter voz. Ela também gostava de trabalhar cozinhando para as crianças, que se apegaram muito a ela e a seu "*caldinho*". Precisou sair quando sua filha mais velha faleceu e ela entrou em "*depressão*" e não estava mais conseguindo trabalhar. Conseguiu entrar para o INSS, porque estava protegida pelas leis trabalhistas, podendo viver este momento de maior dificuldade sem as instabilidades do trabalho informal.

Fora estes casos, todos os outros serviços não possuíam proteção social assegurada pelo Estado, o que os deixavam constantemente na instabilidade. Alguns contam sobre as dificuldades enfrentadas nestes trabalhos e sobre como não podem reclamar, pois se não ficam sem ganhar dinheiro, como no caso de Leandro no serviço de guarda de uma das ruas da região da Cidade Ademar: nem todos os moradores pagam pelo seu serviço, nem todos pagam a mesma quantia e nem todos pagam no mesmo dia. Se reclamar também acaba perdendo parte de seu salário.

Na cidade, a maioria dos participantes acaba associando que não conseguiram bons serviços, pois não tinham estudo. Há a idéia de que somente a partir do estudo é possível ser "*alguém*" na vida. Assim, esta explicação que é tão propagada nos discursos de "qualificação para o trabalho", acaba neutralizando as condições sociais, históricas, econômicas e políticas, criando a visão de que a dificuldade de conseguir bons trabalhos só está no indivíduo, que não é "qualificado". Alguns acabam voltando a estudar em São Paulo por conta disto.

Muitos participantes contam sobre situações de muita dificuldade que viveram quando ficaram desempregados, precisando inventar diversas táticas para conseguirem sobreviver em São Paulo. Há diferenças também nesta procura por ajuda nestes momentos: quando Valdívio ficou desempregado por 15 dias, preferiu não pedir ajuda para ninguém e ficou tomando somente água com sal durante todos estes dias. Ele disse que não queria contar para ninguém as dificuldades pelas quais estava passando e não queria aceitar nenhuma ajuda. Pode-se pensar, a respeito disto, que há diferenças entre os homens e as mulheres na busca por ajuda nos momentos difíceis, sendo que, socialmente, o homem acaba sendo visto como aquele que é o provedor, sendo humilhante para ele ter que pedir ajuda, pois isso parece ser considerado um fracasso pessoal na realização de seu papel como "homem" na sociedade.

A partir das narrativas, constatou-se a presença de diversas situações de instabilidade e insegurança gerada pelos trabalhos precários que encontram tanto na "*roça*", quanto na

"cidade grande". Os trabalhos não são os mesmos, mas há algo em comum na maioria deles: a exploração e falta de proteção, que os deixam "nas mãos" dos patrões, sem muitas opções de escolha já que precisam lutar pela sobrevivência. Assim, a privação de direitos acaba levando à inserção em trabalhos precários, que não os protegem e que geram muitas situações de instabilidade, o que faz com que tenham que buscar outras maneiras de lutar pela sobrevivência e, quem sabe, assegurar alguns de seus direitos.

4.3 "Eu vou ter que me virar!": táticas e redes sociais

*Todo caminho da gente é resvaloso. Mas,
também, cair não prejudica demais - a
gente levanta, a gente sobe, a gente volta!*
Guimarães Rosa

Caminhos "resvalosos", que fazem deslizar, escorregar, cair, tropeçar, errar o passo: são caminhos como estes que aparecem nas trajetórias de vida dos participantes do presente estudo. Trajetórias com constantes "cair" e "levantar": *"Fui lutando, fui lutando, quase caindo e levantando."* (Maria Nascimento). Ao ler suas narrativas, a sensação de paralisia, de passividade e de estagnação não é o que chama atenção, mas sim os movimentos: aqueles difíceis, que têm que ir abrindo caminhos, encontrando saídas, desviando dos obstáculos, criando *astúcias* (CERTEAU, 2008), inventando maneiras de "se virar", de "correr atrás", de "dar a volta por cima", de "tentar a vida".

Através destas narrativas, eles mostram o quanto precisaram "lutar", "batalhar" por melhores condições de vida e por um mínimo de segurança em suas trajetórias. A luta é constante, pois se não lutassem, não estariam aqui contando suas histórias. A luta é necessária em meio a tantas privações, tantas explorações, tantos sofrimentos: *"A gente sobreviveu, entendeu? Mas é luta!"* (Maria Nascimento). Há a luta pela sobrevivência e também pelos sonhos, que parecem inalcançáveis frente às condições em que vivem, mas que não deixam de guiar os caminhos de suas vidas.

Assim, sem a garantia de propriedade social (CASTEL, 1998) pelo Estado, os participantes precisaram inventar táticas cotidianas para conseguirem garantir, pelo menos, suas condições básicas de existência e, quem sabe, assegurar alguns de seus direitos. As buscas pelas redes sociais geralmente aparecem como importantes táticas utilizadas por eles na criação de caminhos possíveis. São muitas as redes acessadas e muitas também as maneiras de buscá-las. Algumas são formadas por pessoas que criam laços de confiança entre si e que dão suportes umas às outras em momentos de dificuldade. Outras se configuram como "lugares físicos", como por exemplo, instituições, serviços sociais filantrópicos, locais de

convivência, creches, escolas, Igrejas, entre outros que também são procurados pelos participantes.

É surpreendente a quantidade de redes que aparecem em suas narrativas, sendo possível visualizar toda uma "teia" de relações que, tantas vezes, fica invisível no espaço público, nos registros oficiais ou para quem os vê "de fora", sem aproximação. Algumas destas redes se repetem entre os participantes, já que moram na mesma região e, por isso, têm acesso a alguns serviços e espaços em comum. Mas nem sempre procuram estas redes pelos mesmos motivos e nem chegam a elas pelos mesmos meios. São também através de algumas destas redes que os participantes acabam criando laços de amizade, que permitem que ocupem outras posições sem ser as de "trabalhadores" ou "não-trabalhadores", que já ocupam na maior parte de seus dias. Neste estudo, todas as pessoas que foram indicadas por Maria faziam parte desta "teia" de relações que ela foi criando a partir do acesso a diferentes redes sociais.

Pretende-se, então, a partir de agora, identificar estas redes sociais que apareceram nas narrativas dos participantes, o que faz parte de um dos objetivos do presente estudo. Quais redes os participantes procuram? Quais os motivos destas procuras? Quais necessidades buscam suprir? E como os equipamentos públicos comparecem nestas buscas? Assim, identificar estas redes, estes caminhos que vão criando em busca de melhores condições de vida, pode contribuir, como será visto mais adiante, para se pensar em possíveis políticas públicas que alcancem, de fato, esta população, assegurando seus direitos.

A família, assim como em outros estudos sobre redes sociais e migração (DORNELAS, 2001), aparece como uma das importantes redes de apoio. A maioria dos participantes já possuía familiares morando em São Paulo antes de migrar para cá: Leandro tinha suas irmãs; Dora tinha sua mãe, um irmão e alguns primos; Valdívio tinha um tio, que, inclusive, conheceu por acaso logo que chegou na rodoviária. Já Maria e Nilda possuíam somente familiares de seus maridos que já moravam em São Paulo. E são estes parentes - primos, tios, cunhados, irmãos - que os ajudaram a se instalar na cidade, oferecendo moradia, conseguindo serviços, ensinando como não se perder nas ruas e mostrando até como cozinhar "*comidas congeladas*" ou como temperar o arroz, que era diferente do modo como preparavam os alimentos em suas cidades de origem.

Antes mesmo da mudança para São Paulo, há familiares que já levavam novidades sobre a "*cidade grande*" para a "*roça*" e que até ajudavam com a preparação da viagem. Assim, a migração dos participantes ocorreu através destas "teias" de relações familiares. E eles, após a mudança para São Paulo, também se tornam importantes referências para aqueles da família que continuaram na "*roça*": alguns familiares se mudam para São Paulo e ficam em

suas casas até conseguirem um local para morar, outros vêm passar algum tempo só para visitar. Passam, então, a ocupar a mesma posição de seus parentes que os receberam nos primeiros momentos da vida na "*cidade grande*".

As redes familiares aparecem também como uma das principais formas de conseguir serviços: Leandro conseguiu seu atual trabalho com um de seus primos, Valdívio conseguiu seu primeiro trabalho em São Paulo, em uma metalúrgica, através de seu tio, Dora conseguiu seus primeiros serviços em "*casas de família*" através de uma prima. Nas outras cidades em que Maria morou antes de vir para São Paulo, também conseguiu serviço com a ajuda de seus familiares. Há também amigos que indicam alguns trabalhos, como foi o caso dos serviços como caseiros tanto de Dora quanto de Valdívio: "*É sempre alguém que indica e, às vezes, você procura assim, sem ser conhecido, as pessoas dão dicas!*" (Valdívio). Outras táticas também são criadas para se conseguir trabalho em momentos de maior necessidade, como Maria que, sempre que fica sem serviço, vai para a porta de um colégio em que uma conhecida trabalha para saber se alguma mãe está precisando de empregada doméstica, ou como Dora que, uma vez, quando estava desempregada, foi batendo de porta em porta oferecendo faxina. Muitas são, então, as formas que precisam inventar para conseguirem sobreviver na "*cidade grande*".

Assim, na cidade, outras redes passam a ser acessadas, que extrapolam os laços familiares, como as redes de vizinhança nas comunidades em que moram: "*Nós não somos ninguém sem um vizinho!*" (Dora). Nas histórias que alguns participantes contam, os vizinhos estão presentes em muitas das cenas, principalmente nos momentos de maior dificuldade: acompanhando as primeiras saídas pela cidade, ajudando a cuidar de seus filhos, consertando o telhado da casa que desabou com a chuva, levando para o hospital quando o filho ia nascer, indicando outras redes de apoio. Durante as conversas que tive com os participantes, também era freqüente a presença destes vizinhos, que entravam nas casas e ficavam conversando, passavam na porta cumprimentando, convidavam para festas. Na primeira vez que fui na casa de Maria, quando ficamos por um bom tempo conversando em cima da laje, as casas que ela me apontava tinham nomes: "*Ali mora a Socorro. Ali mora a Nilda. Ali mora a Nena.*" (Maria Nascimento). Ela contava também algumas situações que já havia vivido junto com cada uma e as dificuldades que enfrentaram juntas.

Muitas destas dificuldades enfrentadas pelos vizinhos são parecidas, como por exemplo as condições precárias de moradia que, hoje em dia, já não constituem um problema tão grave quanto antes, já que as casas, agora, são de alvenaria e mais resistentes. Mas, antes, as casas de madeira - os "*barracos*" - não traziam segurança nenhuma e são muitas as

situações que contam em suas narrativas sobre tragédias que ocorriam nestas moradias, como o esgoto que estourou no meio da casa da cunhada de Maria e dos diversos ratos que tinham na casa; e também como a forte chuva que fez cair uma árvore no telhado da casa de Nilda e que inundou tudo. Ao contar sobre como a casa e eles foram se reerguendo após a tragédia, os vizinhos estão sempre presentes. Logo no outro dia já começou o mutirão na comunidade, com a ajuda de muitos para reconstruir o que havia sido destruído pela chuva.

Nas situações de desemprego ou também de alguma dificuldade familiar, são os vizinhos que aparecem para saber o que a família está precisando, havendo uma rede de solidariedade entre eles: "*A gente sempre se comove com a necessidade do outro, sempre se comove!*" (Nilda). Foi a partir destas redes de solidariedade que, há algum tempo atrás, os moradores da comunidade Coréia tentaram formar um grupo de Associação de Moradores, de Amigos do Bairro. Havia reuniões de moradores e alguns tinham algumas funções dentro da comunidade, como Dona Maria, que, segundo Nilda, era a "*presidente*" do bairro. Ela era a responsável por saber o que cada morador estava precisando e por indicar em quais lugares eles poderiam conseguir o que queriam. Para Nilda, este era um projeto muito bom que existia na comunidade, mas que não teve continuidade.

Projetos como este parecem ampliar a compreensão dos problemas enfrentados pela comunidade: nele, as dificuldades e necessidades tinham a possibilidade de não serem vistas como questões individuais, mas sim como questões da comunidade, do grupo, que podia inventar formas de enfrentar este problema em conjunto. Uma coisa é uma pessoa enfrentar com a família a situação de desemprego, a instabilidade dos trabalhos, os baixos salários, as condições precárias de moradia, a falta de vagas nas creches para deixar as crianças. Outra coisa é discutir estas dificuldades e privações em uma reunião comunitária e perceber que são questões comuns a todos da comunidade, ajudando a quebrar, assim, a lógica individualista que culpabiliza somente o indivíduo pela situação em que se encontra. E fica a questão: por serem uma forma de enfrentamento em grupo, projetos como este poderiam ser, então, um passo na luta por direitos? Na comunidade Coréia, o projeto durou pouco tempo, mas já ficou guardado na memória de alguns moradores como uma possibilidade.

Foi através deste projeto, das indicações de Dona Maria, que Nilda conseguiu creche para os seus filhos e, assim, pôde trabalhar pois tinha aonde deixá-los. Quando morava em Diadema, só havia creches particulares e, por isso, não teve a oportunidade de trabalhar por lá. Assim, a creche aparece nas narrativas das mulheres como uma importante rede também, que representa mais do que apenas o local onde deixam os filhos: ela permitiu que trabalhassem, trazendo alguma segurança em suas vidas. Foi a creche que também ajudou na criação dos

filhos e em alguns momentos de dificuldade, como a creche das filhas de Maria que mandava uma cesta de alimentos para elas todos os finais de semana. Além disso, quando Maria precisava trabalhar até mais tarde, as crianças ficavam na casa da mãe da dona da creche até ela chegar.

As vagas nas creches, que deveriam ser um direito assegurado pelo Estado, não vêm com facilidade, foi preciso batalhar muito por elas, "*correr atrás*". Nem sempre as creches eram do governo: os filhos de Nilda frequentavam a Creche Imaculado Coração de Maria, que é uma obra social ligada ao Colégio Emilie de Villeneuve, um dos colégios particulares da região. As filhas de Maria frequentaram a creche Lar da Bênção Divina, que também é uma obra social que, hoje, possui parceria com a Prefeitura. O direito que deveria ser assegurado, acaba tendo que ser batalhado, conquistado a partir de táticas astuciosas. Se não havia creche da Prefeitura, outras possibilidades precisavam ser vasculhadas.

Foi também através da creche que Maria e Dora conheceram o Renda Mínima, um programa municipal de transferência de renda, do qual nunca haviam escutado falar. Receberam a ficha de cadastro na creche e precisaram, mais uma vez, batalhar muito para conquistar este direito. Foi durante esta batalha que as duas se conheceram. Para conseguirem se cadastrar, enfrentaram filas e mais filas, muitas condições adversas. De novo, o direito não era assegurado, era batalhado: uma batalha que ia eliminando algumas pessoas pelo "cansaço". Dora conta que muitas mães desistiram de conseguir esta renda de tanta dificuldade que encontraram no caminho. E foi através do programa Renda Mínima que, depois, também conheceram e se cadastraram para o programa Bolsa Família, um programa federal de transferência de renda. Apesar de participarem destes programas, nenhuma das duas frequentam o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e só vão a este serviço, quando são chamadas para fazer a atualização do cadastro, o que nunca é realizado no mesmo endereço.

Nas narrativas, aliás, quase nenhum serviço do governo aparece e, quando surge, foi acessado por meio de outras redes sociais ou de forma mais individualizada, como no caso de Dora, que vai em busca de um deputado da região, que foi indicado por uma de suas vizinhas. Dora o procurou para que ele pudesse ajudá-la a conseguir uma cirurgia para seu filho. Ela diz, então, que foi este político que deu uma cirurgia para seu filho no Hospital São Paulo - um hospital público. Qual é a noção de público aqui? Nesta relação mais "personalizada" com a política, o direito vira favor. Depois, Dora o procurou novamente para saber como estava a situação de seu cadastro no programa do governo "Minha Casa, Minha Vida", no qual já está inscrita há cinco anos e ainda não teve nenhuma notícia. O deputado mandou um email para

saber como estava a situação do cadastro de Dora no programa e responderam dizendo que ela iria receber a visita de uma assistente social do governo para saber se realmente estava precisando de uma casa: há 5 anos nunca recebeu nenhuma visita. Como não consegue a sua tão sonhada casa a partir dos programas do governo, também precisa inventar outras táticas para batalhar pela casa própria. Assim, quando descobre que algum terreno foi "*invadido*", sempre vai conferir se não há algum espaço para ela.

Enquanto os equipamentos públicos quase não são acessados pelos participantes - e, mesmo quando são, nem sempre garantem direitos -, os serviços filantrópicos, por outro lado, são muito procurados, principalmente os ligados a algumas religiões. Um destes serviços é o Centro Social Dr. Bezerra de Menezes, que é vinculado a um Centro Espírita que fica na região. Maria e Nilda procuraram este serviço em momentos de dificuldade. Nilda o conheceu a partir das indicações de Dona Maria e o procurou quando estava desempregada. Ficou ganhando cesta básica por algum tempo. Maria já buscou o Centro por motivos diferentes, logo depois que o marido desapareceu e após ter procurado por ele em todos os lugares e de todas as formas possíveis. Ela chegou até a ir atrás de programas de televisão em busca do marido, como o programa do Ratinho e também o da Ana Maria Braga, nos quais entregou uma carta contando sobre a situação que estava vivendo.

Após todas estas tentativas não darem certo, Maria se viu sem o marido, tendo que cuidar sozinha das filhas, com um salário de 150 reais e ainda pagando aluguel de 250 reais. Foi então que procurou o Centro Social Dr. Bezerra de Menezes, mas não para pedir cesta básica como Nilda, e sim para fazer tratamento psicológico, pois disse que só chorava e tinha "*medo de morrer*" e que, por isso, não conseguia trabalhar direito. Diz que ficou com uma "*depressão*" muito forte e quis procurar uma psicóloga. A "*depressão*" era um impeditivo real ao trabalho: como não trabalhar quando é preciso pagar aluguel e cuidar dos filhos, sem nenhuma propriedade social que garanta segurança? A procura por Psicologia parece surgir, no caso, como uma tática para conseguir continuar a viver, a batalhar, mas ainda dentro de uma lógica individualizante: os problemas vividos por Maria vinham das condições sociais que estava vivendo que acabaram sendo transformadas em questões individuais.

É interessante notar também que Maria não foi ao posto de saúde procurar por este tratamento psicológico, assim como Nilda, que também procurou por serviços de Psicologia após o falecimento da filha, mas não no posto de saúde. Ela fez tratamento na ABPS - Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama, que fica na Vila Mariana, Zona Sul de São Paulo. A "*depressão*" de Nilda era, no caso, "*permitida*", diferente da de Maria. Isso porque, na época, Nilda trabalhava com carteira assinada no Centro Social Esperança e

possuía as proteções advindas do emprego formal. Ela ficou sem trabalhar por um ano, mas não sem receber, já que pôde entrar, durante este período, no INSS: ela possuía, assim, o direito de sofrer, de se cuidar, diferente de Maria, que não possuía nenhuma proteção social.

Este Centro Social Esperança também aparece como uma das importantes redes da comunidade Coréia. Ele foi fundado pelo padre da Igreja local, em parceria com as "irmãs azuis", e foi criado para atender as necessidades das mães da comunidade que, muitas vezes, não tinham aonde deixar seus filhos para conseguirem ir trabalhar. As escolas, por não serem em período integral, não permitiam que muitas destas mães trabalhassem, pois tinham que cuidar de seus filhos ou, quando trabalhavam, precisavam encontrar caminhos para não deixá-los sozinhos. Antes, na comunidade, havia o projeto das "mães leiteiras", também em parceria com a Igreja. Eram mulheres que cuidavam de várias crianças para que as mães pudessem trabalhar. Após anos deste projeto, a Igreja compra, então, uma casa para atender um maior número de crianças no contra-turno escolar. Surge, assim, o Centro Social Esperança, que foi idealizado e nomeado pela comunidade. Dentro deste projeto, em determinada época, o padre, que era italiano, também era responsável por fazer o *"apadrinhamento à distância"* das crianças, que recebiam doações de diversos países da Europa.

Este Centro Social acabava "cobrindo", então, algumas das lacunas deixadas pelas políticas públicas: não havia ensino integral, não havia vagas nas creches para todas as crianças, não havia projetos do governo como este perto da comunidade. Ele se torna, assim, importante referência para os moradores da Coréia e não só como um local para deixar as crianças enquanto trabalham, mas também como uma rede de apoio nos momentos de dificuldade: *"Até então, mesmo que você trabalhasse, tendo um salário pouco, que não dá pra você comprar de tudo, se você for lá, eles te ajudam."* (Maria Nascimento). Maria, uma vez, ficou desempregada e começou a ficar sem alimentos em casa. Foi, então, em busca deste Centro Social para pedir uma cesta básica e foi quando conheceu Nilda, que era a cozinheira deste projeto na época e que preparou a sua cesta.

Maria achava que este Centro era uma parceria da Igreja com a Prefeitura, mas Nilda, que trabalhou nele durante oito anos, aponta somente para a parceria entre a Igreja, as "irmãs azuis" e a comunidade. Maria, então, por achar que era um projeto também da Prefeitura, justifica da seguinte maneira a sua procura por este Centro: *"[...] eu tava indo num lugar que a Prefeitura ajuda. Até então, coisa que vem da Prefeitura também é dos impostos que a gente tá pagando, entendeu?"* (Maria Nascimento). E fica a questão: seria esta uma possível construção da noção de direitos?

A Igreja da comunidade, responsável pelo Centro Social Esperança, aparece também como uma importante rede social de apoio para os moradores. Foi ela que ajudou Maria a construir seu "*cantinho*" em cima da casa da cunhada. Maria também foi pedir apoio ao padre quando seu marido desapareceu. Hoje, são suas filhas que freqüentam esta Igreja e participam do grupo de jovens. Outras Igrejas também aparecem como redes sociais de apoio para outros participantes do presente estudo, como Dora que freqüenta uma perto da sua casa e que sempre pede apoio ao padre. É também através da Igreja que se formam grupos de amizade, que se ajudam em momentos de maior dificuldade e que participam de atividades de lazer juntos, como as festas promovidas pelas Igrejas.

A Igreja não é o único local de convivência que aparece nas narrativas: os bares também se mostram como importantes redes sociais, principalmente na narrativa de Valdívio, que os chama de "*farmácias*". Quais "remédios" existem nestes lugares? Valdívio, ao falar sobre os bares, não fala somente sobre o "beber": há mais nestes lugares do que apenas estes "remédios" para as "dores da alma". Há, principalmente, relações entre pessoas, conversas, trocas de experiência: poderosos "remédios" na "*cidade grande*", que tanto tende a afastar seus moradores uns dos outros. Valdívio conheceu seus grandes amigos através dos bares, que gosta de freqüentar para "*jogar conversa fora*", contar estórias da "*roça*" e também para encontrar estes amigos. É no bar que Valdívio encontra seu lazer e seu descanso do trabalho. Foi no bar também que conheceu seu parceiro de "*bicos*". É com ele que Valdívio trabalha como pedreiro durante suas folgas do emprego como porteiro de prédio.

Mas o bar não apareceu somente na narrativa de Valdívio: Dora também procurou o bar da rua em que mora quando ela e seu marido estavam desempregados, com uma filha pequena, sem dinheiro para comprar nem sequer uma caixa de leite. Dora foi perguntar ao dono do bar o que ela poderia fazer e ele disse que ela poderia pegar tudo o que estava precisando e pagar depois. Assim, o bar também aparece como importante rede nos momentos de maior necessidade, criando laços de confiança e de solidariedade.

Há, ainda, redes que são formadas a partir do trabalho dos participantes e que criam laços de amizade. Leandro, por trabalhar como guarda de uma das ruas da região, conhece quase todas as empregadas domésticas que trabalham nas casas do bairro; também tem contato com outros guardas da região que se reúnem na rua, muitas vezes, durante o serviço, para conversar e jogar carta. A maioria destes guardas, segundo Leandro, também vieram do Nordeste. Dora, quando morava na casa de suas "patroas", também mantinha uma rede de amizade com as outras empregadas domésticas que trabalhavam no mesmo prédio ou nas casas da região. Era com elas que vivia seus momentos de lazer e que podia, enfim, sair da

posição de somente "trabalhadora", que é ocupada constantemente quando se mora no serviço. Quando trabalhou como caseira em Bragança Paulista, também havia uma rede de amizades com outros caseiros e empregadas domésticas das outras casas.

Outro local na "*cidade grande*" que aparece nas narrativas de alguns dos participantes é a escola. A escola aparece como uma busca por maior qualificação para o trabalho, mas também como um local de troca de experiências. Nilda e Valdívio cursaram o supletivo no mesmo lugar, o Colégio Santa Maria, uma escola particular da região que possui um projeto social de educação de adultos de baixa renda. É interessante notar, novamente, que não procuraram por escolas públicas, sendo que há várias na região.

Por que os equipamentos públicos quase não aparecem nas redes sociais procuradas pelos participantes? No presente estudo, esta questão não foi feita diretamente a eles e, por isso, as indagações a seguir nada têm de conclusivas, mas são disparadoras de discussões. Antes de tudo, é preciso pensar no que procuram e no que é oferecido a eles: favores ou direitos?

Nas narrativas dos participantes, é possível perceber como, muitas vezes, questões sociais, de desenvolvimento histórico e político são transformadas em questões individuais. A pobreza, tantas vezes, aparece naturalizada como um "defeito" pessoal: "*Meu único defeito é ser pobre!*" (Dora). Todos os estigmas ligados a pobreza, que foram discutidos no capítulo inicial deste estudo, acompanham as trajetórias de vida dos participantes e são muitas as situações relatadas por eles em que sofreram discriminações por serem "pobres". Precisam, então, a todo momento ficar mostrando que são trabalhadores honestos, que não são "vagabundos", que não são "ladrões", entre tantos outros estigmas que precisam combater diariamente. Muitas vezes também, durante as narrativas, as condições sociais, que geram tantas situações de exploração, de privação, de violação de direitos básicos, acabam sendo vistas como "castigos divinos", como uma "cruz" que precisam carregar, como um "destino" que foi traçado para eles.

A situação de denegação de direitos acaba atingindo subjetivamente estas pessoas, destituindo-as das formas de reivindicar seus direitos: afinal, como pode haver direitos dentro dessa lógica tão individualizante, em que a pobreza é naturalizada? Assim, aos "pobres", como já foi discutido, parece restar os favores e não os direitos. Talvez, por isso, o que se ofereça mais nestes serviços procurados por eles é o "favor", a "caridade". Mas mesmo dentro desta naturalização da pobreza, há algumas situações que aparecem nas narrativas dos participantes em que é possível identificar alguma noção da idéia de direitos.

Nilda, por exemplo, diz que, hoje em dia, sabe que não precisa ficar provando a todo momento que é uma pessoa "*honestas e trabalhadeira*". Hoje, após ter sofrido muitos preconceitos em São Paulo por ter "*vindo de fora*", diz que percebeu que são "*pessoas dignas*", que merecem respeito. Nilda é a única entre os participantes que possui uma situação de menos insegurança em sua vida, já que é proprietária de sua própria casa, assim, ela acaba tendo mais opções de escolha e já não aceita mais qualquer tipo de trabalho. A partir deste exemplo, é possível pensar como uma situação de maior estabilidade pode contribuir para uma maior percepção de direitos. A propriedade social que não foi garantida, no Brasil, a todos os indivíduos, seria esta segurança, que asseguraria e possibilitaria a reivindicação de direitos.

Muitos acabam procurando nas redes sociais estas seguranças, na tentativa, quem sabe, de "juntar pedaços" (SATO, 2010) e, assim, conseguir alguns de seus direitos. Estas redes acabam cobrindo algumas lacunas do Estado. Como, então, possibilitar que estas procuras, estas buscas sejam transformadas na "linguagem pública dos direitos"? Há buscas, há começos, há lutas, que nem sempre conseguem passar para uma reivindicação pública por direitos, ficando individualizada, tantas vezes, na lógica do "favor".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nordestino sim, Nordestinado não

Patativa do Assaré

Nunca diga nordestino
Que Deus lhe deu um destino
Causador do padecer
Nunca diga que é o pecado
Que lhe deixa fracassado
Sem condições de viver

Não guarde no pensamento
Que estamos no sofrimento
É pagando o que devemos
A Providência Divina
Não nos deu a triste sina
De sofrer o que sofremos

Deus o autor da criação
Nos dotou com a razão
Bem livres de preconceitos
Mas os ingratos da terra
Com opressão e com guerra
Negam os nossos direitos

Não é Deus quem nos castiga
Nem é a seca que obriga
Sofrermos dura sentença
Não somos nordestinados
Nós somos injustiçados
Tratados com indiferença

Sofremos em nossa vida
Uma batalha renhida
Do irmão contra o irmão
Nós somos injustiçados
Nordestinos explorados
Mas nordestinados não

Há muita gente que chora
Vagando de estrada afora
Sem terra, sem lar, sem pão
Crianças esfarrapadas
Famintas, escaveiradas
Morrendo de inanição

Sofre o neto, o filho e o pai
Para onde o pobre vai
Sempre encontra o mesmo mal
Esta miséria campeia
Desde a cidade à aldeia
Do Sertão à capital

[...] Mas não é o Pai Celeste
Que faz sair do Nordeste
Legiões de retirantes
Os grandes mártírios seus
Não é permissão de Deus
É culpa dos governantes

Já sabemos muito bem
De onde nasce e de onde vem
A raiz do grande mal
Vem da situação crítica
Desigualdade política
Econômica e social

Somente a fraternidade
Nos traz a felicidade
Precisamos dar as mãos
Para que vaidade e orgulho
Guerra, questão e barulho
Dos irmãos contra os irmãos

Jesus Cristo, o Salvador
Pregou a paz e o amor
Na santa doutrina sua
O direito do banguero
É o direito do trapeiro
Que apanha os trapos na rua

Uma vez que o conformismo
Faz crescer o egoísmo
E a injustiça aumentar
Em favor do bem comum
É dever de cada um
Pelos direitos lutar

Por isso vamos lutar
Nós vamos reivindicar
O direito e a liberdade
Procurando em cada irmão
Justiça, paz e união
Amor e fraternidade

Somente o amor é capaz
E dentro de um país faz
Um só povo bem unido
Um povo que gozará
Porque assim já não há
Opressor nem oprimido

Termino, aqui, esta travessia com talvez mais perguntas do que quando a iniciei: ainda bem, afinal, são estas perguntas, estes questionamentos, estas inquietações que nos fazem caminhar em busca de...respostas? Não! Apenas de mais perguntas, mais questionamentos e mais inquietações. O que aprendi de mais valioso com os participantes desta pesquisa é a continuar. Seria preciso, então, modificar o início deste parágrafo: Continuo, aqui, esta travessia... Travessia, esta, que fiz na companhia de muitos e que me levou a tantos lugares diferentes: à Esperança, à Mata Grande, à Ibitiara, à Vitória da Conquista, à Crateús e também a outras São Paulo, a outras épocas, a outras condições de existência. Agora, as histórias dos participantes também se tornaram minhas histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMANN, K. *Mercado de trabalho invisível: a articulação entre o trabalho no mercado informal, o emprego e o desemprego na trajetória de trabalhadores*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007

ALMEIDA, R.; D'ANDREA, T. Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 68, p. 94-106, 2004.

ANDRADA, C. F. Etnografias em Psicologia Social: um ensaio sobre método. *IX Reunião de Antropologia do MERCOSUL*, Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.sistemasmart.com.br/ram/arquivos/9_6_2011_20_39_48.pdf>. Acesso em 10 fev, 2013.

ARENDT, H. Epílogo. In: KOHN, J. (Org.). *A Promessa da Política*. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

ARENDT, H. Ação. In: _____. *A condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ÁVILLA-TOSCANO, J. H. Redes sociales, generación de apoyo social ante la pobreza y calidad de vida. *Revista Iberoamericana de Psicología: Ciencia y Tecnología*, Bogotá, v. 2, n. 2, p. 65-73, 2009.

BARBOSA, F. C. A ritualização do pertencimento: o "paraíba" e seus espaços. *Revista Travessia*, São Paulo, n. 38, p. 23-26, 2000.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. (1936). In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios/obras escolhidas*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221, 1985.

BESSELAAR, J. V. Cidade e Roça. In: _____. *As palavras têm a sua história*. Braga: Edições APPACDM, 1994.

BOSI, E. A Pesquisa em Memória Social. *Psicologia-USP*, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 277-284, 1993.

BOSI, E. História de Velhos. In: _____. *Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. Sugestões para um jovem pesquisador. In: _____. *O tempo vivo da memória: Ensaio de psicologia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, E. O que é desenraizamento. In: _____. *O tempo vivo da memória: Ensaio de psicologia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, P. Compreender. In: _____. *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social. *Guia de Orientações Técnicas para o Centro de Referência de Assistência Social*. Versão Preliminar. Brasília, 2006.

CASCUDO, L. C. Seis aventuras de Pedro Malazarte. In: _____. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

CASTEL, R. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à “desfiliação”. *Cadernos CRH*, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, 1997.

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAVALCANTI, H.; GUILLEN, I. Atravessando fronteiras: movimentos migratórios na história do Brasil. *Revista Imaginário-USP*, São Paulo, n. 7, p. 35-68, 2001.

CERTEAU, M. Artes do Fazer. In: _____. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2008.

DORNELAS, S. M. Redes sociais na migração: questionamentos a partir da Pastoral. *Revista Travessia*, São Paulo, n. 40, p. 5-10, 2001.

DRAIBE, S. M. As Políticas sociais e o neoliberalismo. *Cadernos de Formação*. Fundação Nativo da Natividade/Editora Linhas Gerais, n.1, 1995.

DUARTE, R. S.; FUSCO, W. Migração e emprego precário em dois contextos distintos: São Paulo e Toritama. *Caderno CRH*, Salvador, v. 21, n. 53, p. 337- 347, 2008.

FARINA, A. S.; NEVES, T. F. S. Formas de lidar com o desemprego: possibilidades e limites de um projeto de atuação em psicologia social do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 21-36, 2007.

GEERTZ, C. Uma descrição densa - por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____ *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, S. C. Nas redes do comércio de retalhos. *Revista Travessia*, São Paulo, n. 40, p. 33-37, 2001.

GONÇALVES FILHO, J. M. A memória da casa e a memória dos outros. *Revista Travessia*, São Paulo, n. 32, p. 17-24, 1998.

GONÇALVES FILHO, J. M. *A Observação Participante e o Diário de Campo* (experiência e narrativa). Trabalho não publicado. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

GONÇALVES FILHO, J. M. Humilhação social: humilhação política. In: SOUZA, B. P. (Org.). *Orientação à queixa escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

GUILLEN, I. C. M. Seca e migração no nordeste: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. Texto para discussão. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, n.11, 2001.

GUSMÃO, D.S.; JOBIM E SOUZA, S. História, memória e narrativas: a revelação do “quem” nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários. *Psicologia & Sociedade*, v. 22, n. 2, p. 288-298, 2010.

HÖFLING, E. M. Estado e políticas (públicas) sociais. *Cadernos Cedes*, Campinas, Ano XXI, n. 55, p. 30-41, 2001.

JARDIM, F. A. A. Considerações Finais - Entre o desalento e a invenção. In: _____. *Entre desalento e invenção: experiências de desemprego e desenraizamento em São Paulo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

KOWARICK, L. *Trabalho e Vadiagem: A origem do trabalho livre no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

KURZ, R. Barbárie, migração e guerras de ordenamento mundial. In: SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES (Ed.). *Travessias na De\$ordem Global*, Fórum Social das Migrações, Porto Alegre. São Paulo: Paulinas, 2005.

LAFER, C. A reconstrução dos direitos humanos: a contribuição de Hannah Arendt. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 11, n. 30, p. 55-65, 1997.

LAFER, C. Experiência, ação e narrativa: reflexões sobre um curso de Hannah Arendt. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 289-304, 2007.

MARQUES, E. C. L. *Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo*. 2007. Tese (Livre Docência). - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

MARTINS, J. S. O falso problema da exclusão e o problema social da inclusão marginal. In: _____. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, p. 25-38, 1997.

MARTINS, J. S. O problema das migrações no limiar do terceiro milênio. In: SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES (Eds.). *O Fenômeno Migratório no limiar do terceiro milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARTINS, J. S. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social* – Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 10, n.1, p. 1-8, 1998a.

MATTOSO, J. E. L. Trabalho sob fogo cruzado. *Perspectiva*, São Paulo, v. 8, n.1, p. 13-21, 1994.

MELLO, S. L. *Trabalho e Sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo*. São Paulo: Ática, 1988

MELLO, S. L. Classes Populares, Família e Preconceito. *Psicologia-USP*, São Paulo, v. 3, n.1/2, p. 123-130, 1992.

MELLO, S. L. Famílias das Classes Populares: Tradição e Mudança. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. IV, n.1, p. 21-27, 1994.

NARDI, H. C. A propriedade social como suporte da existência: a crise do individualismo moderno e os modos de subjetivação contemporâneos. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 1, n.15, p. 37-56, 2003.

PATTO, M. H. S. Para ler as entrevistas. In: _____. (Org.). *A Cidadania negada: políticas públicas e formas de viver*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

PÓVOA NETO, H. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual. Novos desafios para a análise. *Experimental*, São Paulo, v. 2, p. 11-24, 1997.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. M. (Org.). *Experimentos com história de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.

RAMOS, G. Um cinturão. In: _____. *Infância*. Rio de Janeiro: Record/Martins, 1976.

SATO, L. Juntando pedaços. In: PATTO, M. H. S. (Org.) *A Cidadania negada: políticas públicas e formas de viver*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

SATO, L.; OLIVEIRA, F. Compreender a gestão a partir do cotidiano de trabalho. *Aletheia (ULBRA)*, Canoas, v. 27, p. 188-197, 2008.

SATO, L.; SOUZA, M. R. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 29-47, 2001.

SEABRA, O. C. L. Urbanização: bairro e vida de bairro. *Revista Travessia*, São Paulo, n. 38, p. 11-17, 2000 .

SENNETT, R. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

SORRE, M. Migrações e mobilidade no ecúmeno. In: MEGALE, J. F. *Max Sorre – Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Editora Ática, 1984.

SPINK, P. K. Pesquisa de Campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003.

SPINK, P. K. O Pesquisador Conversador no Cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 20, n. spe, p. 70-77, 2008.

TELLES, V. S. *Pobreza e Cidadania*. São Paulo: Editora 34, 2001.

VAINER, C. *Trabalho, Espaço e Estado: Questionando a Questão Migratória*. Rio de Janeiro: PUR (UFRJ), 1984.

VAINER, C. Estado e Migrações no Brasil. Anotações para uma história políticas migratórias. *Revista Travessia*, São Paulo, v. 36, p. 15-32, 2000.

WEIL, S. O desenraizamento. In: _____. *O enraizamento*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Roteiro de conversa

Sobre o participante

- Nome, idade, bairro onde mora, contato
- Em qual cidade/Estado você nasceu?

Sobre seu processo de migração

- Você poderia contar um pouco sobre como foi esse processo de mudança da sua terra natal para cá? (quando veio; se já havia algum conhecido morando por aqui; se veio sozinho ou com quem veio; por quais razões se mudou para São Paulo; etc)
- Quais expectativas tinha em relação a São Paulo? Como imaginava que era a vida aqui?
- Você lembra qual foi a sua primeira impressão sobre a cidade? Poderia contá-la?

Sobre sua terra natal

- Você poderia contar um pouco sobre como era viver na sua cidade? Quais lembranças você tem dela?
- Ainda mantém algum tipo de contato com a sua terra natal? Que contato?
- Há muita diferença entre a vida em sua terra natal e a vida na cidade de São Paulo? Quais são as maiores diferenças, em sua opinião?

Sobre a vida em São Paulo

- E como foram os primeiros anos de moradia aqui em São Paulo? Você poderia contar um pouco sobre como era a cidade quando se mudou para cá?
- Para onde se mudou primeiro? Mudou muito de bairro desde que veio para São Paulo?
- Há quanto tempo vive neste bairro? Poderia contar um pouco sobre como é viver aqui?
- Quais locais costuma frequentar no seu bairro? (Igreja, serviços públicos, entre outras redes sociais)
- Quais são suas impressões sobre a cidade de São Paulo e qual é o seu sonho para a cidade ou para o seu bairro?
- No que costumava trabalhar? Poderia contar um pouco sobre sua trajetória de trabalho?

APÊNDICE II

Carta de Apresentação

A pesquisa de Mestrado intitulada *(Bem) Vindo a São Paulo: narrativas de migrantes incluídos marginalmente e a criação de astúcias ao enfrentar a situação de pobreza*, pretende estudar o fenômeno social das migrações na cidade de São Paulo, a partir de narrativas de migrantes, moradores de um bairro periférico da Zona Sul de São Paulo, sobre seu processo de mudança para esta cidade. Estas narrativas serão colhidas a partir de conversas com interessados em participar da pesquisa, no dia, horário e local mais apropriados para eles.

A partir destas conversas, buscarei compreender os motivos que levaram os participantes da pesquisa a migrarem para São Paulo; as expectativas que tinham em relação a essa cidade e o que realmente encontraram; quais relações mantêm com sua terra natal; como se deu sua inserção à zona urbana; como é a vida em uma cidade grande como São Paulo; identificando quais táticas cotidianas e redes sociais são utilizadas por eles para sobreviver à situação de pobreza e ir em busca de seus direitos. Neste sentido, as narrativas serão analisadas como testemunhos de pessoas que contam, além de sua própria história, aspectos da formação da cidade de São Paulo e da história social de nosso país.

Convido você, por meio desta carta, a participar deste estudo. Em caso de aceite, peço para que você leia e assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esclareço que pretendo divulgar os achados da pesquisa por meio de artigos científicos e comunicações em congressos e eventos científicos, sem a identificação do participante, como colocado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Desde já, agradeço pela sua participação e colaboração.

Atenciosamente,

Luiza Fernandes Ferreira – IP/USP

APÊNDICE III

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, RG n° _____, nascido em ___/___/_____, na cidade de _____, aceito participar voluntariamente da pesquisa de Mestrado intitulada *(Bem) Vindo a São Paulo: narrativas de migrantes incluídos marginalmente e a criação de astúcias ao enfrentar a situação de pobreza*, realizada por Luiza Fernandes Ferreira, sob orientação da Profa. Dra. Leny Sato do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Autorizo o uso dos dados obtidos através de depoimento oral, desde que seja garantido o sigilo que assegure minha privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos nessa atividade.

Terei liberdade de recusar a participação ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade ou prejuízo algum.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

Assinatura do colaborador

Dados do pesquisador

Luiza Fernandes Ferreira

Telefone: (11) 56799769

Celular: (11) 993607990

Email: luizaferreira@uol.com.br